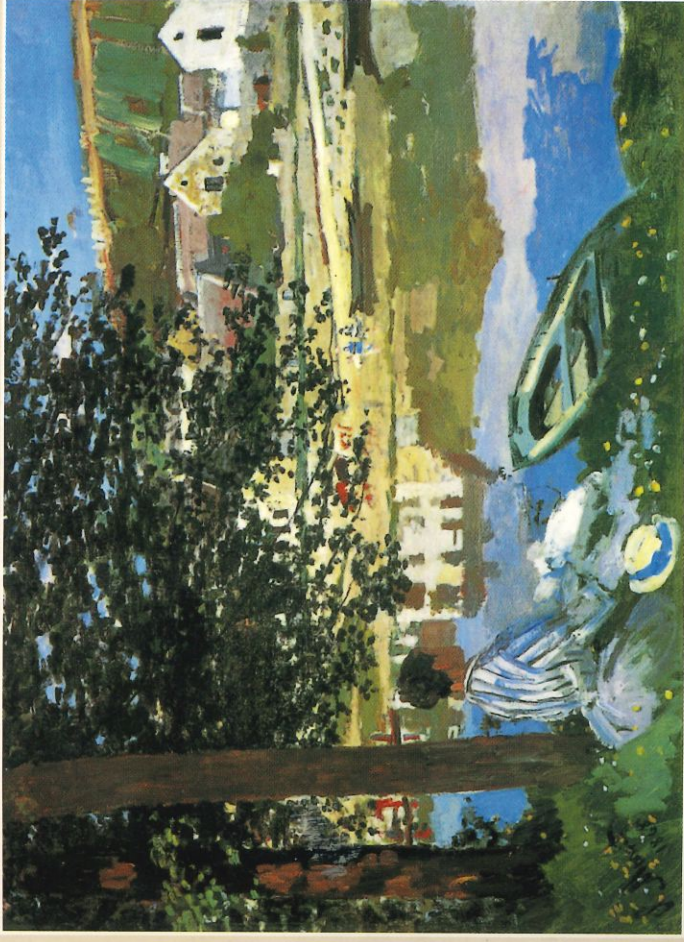


NOTÍCIAS DE LUGAR NENHUM

Ou uma época de tranquilidade

UM ROMANCE UTOPICO



William Morris



Fundação Perseu Abramo
Instituída pelo Diretório Nacional
do Partido dos Trabalhadores em maio de 1996

Diretoria
Luiz Dulci – presidente
Zilah Abramo – vice-presidente
Hamilton Pereira – diretor
Ricardo de Azevedo – diretor

Editora Fundação Perseu Abramo

Coordenação editorial
Flamarion Maués
Assistentes editoriais
Candice Quinelato Baptista
Viviane Akemi Uemura

Revisão
Sandra Brazil
Maurício Balthazar Leal

Capa e projeto gráfico
Hélio de Almeida

Ilustração da capa
Au Bord de l'Eau (1868), de Claude Monet

Editores eletrônicos
Augusto Gomes

Impressão
Gráfica OESP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Morris, William, 1834-1896.
Notícias de Lugar Nenhum : ou uma era de tranqüilidade / William
Morris ; tradução Paulo Cezar Castanheira. – São Paulo : Editora Fundação Perseu
Abramo, 2002. – (Coleção Clássicos do Pensamento Radical)

Título original: News from Nowhere or an epoch of rest

ISBN 85-86469-68-8

1. Libertarianismo 2. Morris, William, 1834-1896 - Crítica e
interpretação 3. Socialismo 4. Utopia I. Título. II. Série.

02-1514

CDD-321.07

Índices para catálogo sistemático:
1. Utopia: Ciência política 321.07

1ª edição: abril de 2002
Tiragem: 2.000 exemplares

Todos os direitos reservados à Editora Fundação Perseu Abramo
Rua Francisco Cruz, 234 – CEP 04117-091 – São Paulo – SP – Brasil
Telefone: (11) 5571-4299 – Fax: (11) 5571-0910

Na Internet: <http://www.fpabramo.org.br> – Correio eletrônico: editora@fpabramo.org.br

Copyright © 2002 by Editora Fundação Perseu Abramo
ISBN 85-86469-68-8

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
Capítulo 1 – DISCUSSÃO E CAMA	21
Capítulo 2 – O BANHO MATINAL	27
Capítulo 3 – A CASA DE HÓSPEDES E O CAFÉ DA MANHÃ	37
Capítulo 4 – O MERCADO À BEIRA DO CAMINHO	49
Capítulo 5 – CRIANÇAS NA ESTRADA	55
Capítulo 6 – COMPRAS	65
Capítulo 7 – TRAFALGAR SQUARE	75
Capítulo 8 – UM VELHO AMIGO	85
Capítulo 9 – SOBRE O AMOR	91
Capítulo 10 – PERGUNTAS E RESPOSTAS	105
Capítulo 11 – SOBRE O GOVERNO	119
Capítulo 12 – SOBRE A FORMA DE VIDA	127
Capítulo 13 – SOBRE A POLÍTICA	135
Capítulo 14 – COMO SE RESOLVEM AS DIVERGÊNCIAS	139
Capítulo 15 – SOBRE A FALTA DE INCENTIVO AO TRABALHO NUMA SOCIEDADE COMUNISTA	147
Capítulo 16 – JANTAR NO SALÃO DO MERCADO DE BLOOMSBURY	157
Capítulo 17 – COMO SE DEU A MUDANÇA	163
Capítulo 18 – O INÍCIO DA NOVA VIDA	191
Capítulo 19 – A VOLTA PARA HAMMERSMITH	199
Capítulo 20 – DE VOLTA À CASA DE HÓSPEDES DE HAMMERSMITH	207
Capítulo 21 – RIO ACIMA	211
Capítulo 22 – HAMPTON COURT E UM APRECIADOR DE TEMPOS PASSADOS	217

Capítulo 23 – O AMANHECER EM RUNNYMEDE	229
Capítulo 24 – A SUBIDA DO TÂMISA – O SEGUNDO DIA	237
Capítulo 25 – O TERCEIRO DIA NO TÂMISA	249
Capítulo 26 – OS OPOSITORES OBSTINADOS	255
Capítulo 27 – O ALTO TÂMISA	263
Capítulo 28 – O RIO PEQUENO	275
Capítulo 29 – A PARADA NO ALTO TÂMISA	281
Capítulo 30 – O FIM DA VIAGEM	289
Capítulo 31 – A VELHA CASA E A NOVA GENTE	297
Capítulo 32 – O COMEÇO DA FESTA – O FIM	305
ÍNDICE REMISSIVO	313

O SOCIALISMO LIBERTÁRIO DE WILLIAM MORRIS

Michael Löwy e Leandro Konder

O que levou William Morris (1834-1896), intelectual refinado, artista notável, de família abastada, súdito da rainha Vitória, a aderir ao movimento socialista? Que convicções foram suficientemente poderosas para que o poeta, romancista, pintor, arquiteto e *designer* ultrapassasse as fronteiras estabelecidas pela ideologia dominante na Inglaterra da segunda metade do século XIX e se solidarizasse ativamente com a massa dos trabalhadores explorados pelo capital?

Sua participação destacada nos principais movimentos voltados para as artes aplicadas e decorativas tinha a ver com sua busca incessante dos caminhos pelos quais a beleza e a qualidade artística pudessem se tornar acessíveis à grande maioria da população. E sua maior dificuldade estava em conviver com uma realidade social que inviabilizava a fruição da arte pelos pobres.

Moviam-no, portanto, dois impulsos fortíssimos conjugados: uma motivação ética e uma motivação estética. E em ambos os movimentos ele se defrontava com abomináveis obstáculos impostos pela sociedade burguesa.

Preocupava-o a possibilidade de que os critérios estabelecidos pela sociedade burguesa lhe impusessem, sem que ele percebesse, estreitamentos em seu ângulo de visão. Insistia em “olhar para as coisas com grandeza e generosidade” (“to look at things bigly and kindly”, dizia ele com sua habitual elegância de estilo).

William Morris foi um grande socialista romântico. Por romantismo deve-se entender algo bem mais amplo e profundo do que uma escola literária do começo do século XIX: trata-se de uma visão de mundo, que se manifesta na poesia, nas artes, na filosofia, na religião,

NOTÍCIAS DE
LUGAR NENHUM

Capítulo 1

DISCUSSÃO E CAMA

Certa noite lá na Liga¹, diz um amigo, houve uma animada discussão informal sobre o que aconteceria no Dia Seguinte ao da Revolução, que terminou finalmente numa declaração vigorosa das diferentes visões entretidas por vários amigos do futuro da nova sociedade completamente desenvolvida.

Diz nosso amigo: Considerando o assunto, a discussão foi tranqüila; pois os presentes, já acostumados aos debates que se seguem às conferências, mesmo que não ouvissem os argumentos uns dos outros (o que não se poderia esperar deles), não tentavam falar todos ao mesmo tempo, como costumam fazer as pessoas na sociedade educada comum quando falam de um assunto que lhes interessa. Quanto ao mais, havia seis pessoas presentes, e conseqüentemente estavam representados seis setores do partido, quatro dos quais tinham fortes opiniões anarquistas divergentes. Um dos setores, disse o nosso amigo, um homem que ele conhece muito bem, sentou-se quase calado no início da discussão, mas finalmente foi atraído para ela e no fim estava berrando muito alto e amaldiçoando, por idiotas, todos os outros; depois disso, houve um período de muito barulho e, em seguida, outro de calma, durante o qual o setor mencionado, depois de dar a todos um boa-noite amistoso, tomou sozinho o caminho de casa, num subúrbio a oeste, usando o meio de transporte que a civilização nos impôs como hábito. Sentado naquele banho de vapor de humanidade apressada e infeliz, um vagão do metrô², ele, como os outros, se deixava cozinhar infeliz enquanto

1. Trata-se da Liga Socialista, fundada em dezembro de 1884 por Morris, Joseph Lane, Edward Aveling, Eleanor Marx, E. Belfort Bax e outros depois da divergência com a Federação Democrática de Hyndman.

2. O Metrô de Londres iniciou operações em 1863. As primeiras linhas usavam trens a vapor que corriam logo abaixo da superfície, criando incômodos problemas de ventilação. Conforme nota da edição de Krishan Kumar (*News from Nowhere*, Cambridge, Cambridge University Press, 1995).

repassava os muitos argumentos excelentes e conclusivos que, apesar de estarem agora na ponta da língua, tinha esquecido durante a discussão acabada havia pouco. Mas já estava acostumado a essa atitude mental, e ela não durou muito, e depois de um breve desconforto, causado pela raiva de si mesmo por ter perdido a paciência (ao que ele também já se tinha acostumado), viu-se refletindo sobre o assunto da discussão, mas ainda descontente e infeliz. “Se ao menos eu pudesse vê-la um dia”, disse para si mesmo, “se ao menos eu pudesse vê-la!”

Formava estas palavras quando o trem parou na sua estação, cinco minutos a pé de sua casa situada à margem do Tâmis, um pouco acima da desgraciosa ponte suspensa. Saiu da estação, ainda descontente e infeliz, murmurando “Ah, se eu pudesse vê-la! Se ao menos eu pudesse vê-la!”, mas ainda tinha andado pouco na direção do rio quando sentiu escorrer de si todo o descontentamento e toda a insatisfação. Era uma linda noite do início do inverno, o ar refrescante depois da sala quente e do vagão fétido. O vento, que agora soprava a um ou dois pontos para o norte em relação ao oeste, havia limpado o céu de nuvens, com exceção de um ou dois flocos que passavam céleres. Havia uma lua a meia altura, e quando o caminhante a viu, embaraçada entre os galhos do alto e velho olmeiro, ele mal conseguiu trazer à lembrança o pobre subúrbio londrino onde estava, e se sentiu num lugar agradável no campo – mais agradável do que o campo distante que tinha conhecido.

Chegou à margem do rio, parou um pouco para ver, por sobre o parapeito baixo, o rio enluarado, descendo quase cheio, rodopiando e brilhando até Chiswick Eyot; não notou nem pensou na feia ponte rio abaixo, exceto quando, por um momento (diz o nosso amigo), ele deu pela falta da fileira de luzes naquela direção. Chegou então a sua casa e entrou; e no momento em que fechou a porta desapareceu toda lembrança daquela lógica e daquela premonição brilhantes que tanto haviam iluminado a recente discussão; e da própria discussão não havia mais lembrança, a não ser uma esperança vaga, que se tinha transformado em prazer, de dias de paz e de tranqüilidade, de limpeza e de risonha boa vontade.

Nessa disposição de ânimo ele se jogou na cama e adormeceu, como era seu costume, em dois minutos; mas (ao contrário do seu costume) acordou pouco depois naquela condição de alerta curiosidade que às vezes surpreende até quem tem o sono mais pesado; condição sob a qual todos os nossos sentidos ficam sobrenaturalmente afiados, enquanto todas as confusões miseráveis em que nos envolvemos, todas as desgraças e perdas de nossas vidas insistem em se lançar adiante para a consideração de nossos sentidos afiados.

Nesse estado ele ficou deitado (diz o nosso amigo) até começar a gostar: até que a história de sua estupidez o divertisse e os problemas à sua frente, que ele agora via com clareza, comesçassem a se organizar para ele como uma história divertida.

Ouviu bater uma hora, depois duas e três; então voltou a dormir. Nosso amigo diz que depois desse sono ele tornou a acordar e depois passou por aventuras tão surpreendentes que, segundo ele, deveriam ser contadas aos nossos companheiros e ao público em geral, e que, portanto, ele se propõe a contar agora. Mas, diz ele, acho que seria melhor se eu a contasse na primeira pessoa, como se houvesse sido eu quem tivesse passado por elas; o que, realmente, será mais fácil e natural para mim, pois eu compreendo os sentimentos e desejos do companheiro de quem estou falando melhor que qualquer pessoa no mundo.

Capítulo 2

O BANHO MATINAL

Bem, acordei e descobri que tinha chutado os lençóis; o que não é de espantar, pois o dia estava quente e o sol brilhava. Pulei da cama, lavei-me e vesti-me rapidamente, mas numa condição de meio sono, como se tivesse dormido por muito tempo e não conseguisse sacudir o peso da sonolência. Com efeito, eu apenas presumi estar no meu quarto; ainda não tinha me certificado se estava.

Depois de vestido, senti o lugar tão quente que saí correndo do quarto e da casa; e minha primeira sensação foi um alívio delicioso causado pelo ar fresco e pela brisa deliciosa; a segunda, pois já estava recuperando a lucidez, simplesmente de maravilha sem medida. Pois era inverno quando eu tinha ido dormir à noite, e agora, como o testemunhavam as árvores à beira do rio, era verão, uma linda e clara manhã, ao que parece do início de junho. Contudo, ali estava o Tâmisia quase cheio e brilhando ao sol, como o tinha visto brilhando ao luar na noite anterior.

Ainda não havia me livrado do sentimento de opressão, e onde quer que eu estivesse quase não tinha consciência do lugar; assim, era normal a minha confusão, apesar do aspecto familiar do Tâmisia. Sentia-me tonto e estranho e, ao lembrar que as pessoas geralmente tomavam um barco e iam nadar no meio do rio, pensei que deveria fazer a mesma coisa. Acho que ainda é muito cedo, disse para mim mesmo, mas tenho certeza de que vou encontrar alguém em Biffin para me levar. Mas não tive de chegar a Biffin, nem mesmo de virar à esquerda naquela direção, pois acabava de ver, naquele instante, que havia um ancoradouro à minha frente, diante de minha casa: de fato, no mesmo lugar em que meu vizinho do lado tinha feito um, apesar de também não se parecer com aquele. Desci até ele e lá, entre os barcos atracados, estava um homem junto aos remos de uma canoa claramente destina-

da a banhistas. Ele acenou para mim e me desejou bom-dia, como se me esperasse, e eu saltei para dentro sem nada falar e ele remou tranquilamente enquanto eu me despia para nadar. Olhei para a água e não pude deixar de observar:

“Como a água está clara hoje!”

“É mesmo?”, disse ele, “não tinha notado. Ela sempre fica mais suja na cheia.”

“Hum, já a vi bem barrenta mesmo na vazante.”

Ele não respondeu, mas me pareceu impressionado; mas, como ele já tinha se alinhado à corrente e eu já estava sem roupas, saltei imediatamente na água. É claro que, ao erguer a cabeça acima da água e olhar na direção da corrente, meus olhos naturalmente procuraram a ponte, e fiquei tão absolutamente assustado com o que vi que me esqueci de nadar e tornei a afundar e, quando voltei à superfície, nadei diretamente para o barco, pois senti que tinha de perguntar algumas coisas ao meu barqueiro, tão desconcertante fora a meia visão que tivera da face do rio, com a água ainda nos olhos, embora já tivesse saído daquela sensação meio de sonho e de vertigem e já estivesse bem acordado e alerta.

Ao subir os degraus que ele havia baixado, tomando a mão que ele estendera para me ajudar, fomos subindo o rio na direção de Chiswick; mas ele logo tomou os remos, fez o barco dar a volta e disse:

“Nadou pouco, amigo; mas talvez a água lhe pareça muito fria nesta manhã, depois da sua viagem. Quer voltar agora para terra, ou prefere descer até Putney antes do café da manhã?”

Ele falou de modo tão diferente do que eu teria esperado de um barqueiro de Hammersmith, que olhei para ele ao responder: “Por favor, mantenha firme o barco que quero olhar em volta.”

“Muito bem”, disse ele, “de manhã aqui fica tão bonito quanto lá perto de Barn Elms; tudo fica muito bonito nesta hora da manhã. Ainda bem que você acordou cedo. Acabou de dar 5 horas.”

Se eu havia ficado pasmo ao olhar para as árvores às margens do rio, não fiquei menos ao ver meu barqueiro, agora que o via com meus olhos e minha cabeça desanuviados. Era um belo jovem, com um ar

amistoso e simpático nos olhos — expressão então absolutamente nova para mim, apesar de eu logo me familiarizar com ela. Quanto ao resto, ele tinha cabelos escuros e a pele morena, era fisicamente forte e bem constituído e, obviamente, estava acostumado a exercitar os músculos, mas sem nada de rústico ou grosseiro, e era muito limpo. Sua roupa não era como as roupas modernas de trabalho que eu conhecia, era como uma fantasia para um quadro da vida no século XIV: feita de um tecido azul-escuro, muito simples, mas com uma trama muito fina e sem uma única mancha. Usava um cinto de couro em volta da cintura, com fivela de aço damasceno finamente trabalhado. Em resumo, parecia um jovem másculo e refinado, brincando de barqueiro para se divertir, e concluí ser este o caso.

Achei que devia conversar; portanto, apontei a margem de Surrey, onde percebi algumas tábuas leves lançadas ao longo da linha da margem, com manivelas na extremidade mais próxima da terra e disse: “O que estão fazendo com essas coisas aqui? Se estivéssemos no Tay, eu diria que seriam usadas para puxar as redes de salmão; mas aqui...”

“Bem”, disse ele, sorrindo, “é exatamente para isso que elas *estão* ali. Onde há salmão sempre haverá redes de salmão, no Tay ou no Tâmis; mas é claro que elas não são usadas o tempo todo; ninguém gosta de salmão *todos* os dias da estação.”

Estava a ponto de dizer “Mas este é o Tâmis?”, mas me calei maravilhado e voltei os olhos para o leste a fim de ver novamente a ponte, e de lá para as margens londrinas do rio; e havia muita coisa para me espantar. Pois, apesar de haver uma ponte cruzando o rio e casas nas margens, como tudo havia mudado desde ontem à noite! A fábrica de sabão, com as chaminés vomitando fumaça, desaparecera; a oficina de engenharia também; a indústria de chumbo, desaparecida; e não se ouvia o som de rebites e martelos que geralmente vinha com o vento do oeste desde as oficinas de Thorneycroft. E a ponte! Talvez eu já houvesse sonhado com esta ponte, mas nunca havia visto uma fora de um manuscrito com iluminuras, pois nem a Ponte Vecchio de Florença lhe chegava aos pés. Era construída de arcos de pedra, esplendidamente maciços, tão graciosos quanto fortes; alta o bastante para deixar

passar facilmente o tráfego do rio. Havia sobre o parapeito pequenos edifícios que imaginei serem lojas, cobertas de cata-ventos e torres pintados em dourado. A pedra denunciava a passagem do tempo, mas não tinha as marcas de fuligem que eu havia me acostumado a ver em qualquer construção londrina de mais de um ano. Em resumo, para mim, uma ponte maravilhosa.

O barqueiro notou meu olhar espantado e disse, como se respondendo ao meu pensamento:

“É realmente uma ponte muito bonita, não é? As pontes rio acima, apesar de bem menores, não são tão graciosas, e as rio abaixo não são mais nobres nem mais imponentes.”

Quase contra minha vontade, vi-me perguntando: “É muito antiga?”

“Não é tão velha”, disse ele, “foi construída, ou pelo menos aberta, em 2003. Antes havia uma ponte de madeira muito sem graça.”

A data me calou a boca, como se fora trancada por um cadeado, pois percebi que algo inexplicável tinha acontecido, e que, se eu o mencionasse, estaria envolvido num jogo de perguntas e respostas sem sentido. Por isso, tentei parecer despreocupado e olhar para as margens do rio, embora só as enxergasse até a ponte e pouco além; digamos, até o antigo local da fábrica de sabão. As duas margens tinham casas muito bonitas alinhadas, baixas e não muito grandes, um pouco afastadas do rio; em sua maioria eram construídas de tijolos e cobertas de telhas e pareciam, acima de tudo, confortáveis, como se fossem, por assim dizer, vivas e simpáticas à vida de quem as habitava. Havia um jardim contínuo à frente delas, que descia até a água, onde as flores nasciam exuberantes, enviando ondas deliciosas do perfume de verão por sobre a correnteza cheia de redemoinhos. Atrás das casas, eu podia ver grandes árvores, plátanos em sua maioria, e olhando rio abaixo se viam as margens até Putney, como se fossem de um lago margeado de florestas, tão compactas eram as árvores; e eu disse em voz alta, mas para mim mesmo: “Ainda bem que não construíram nada no lugar de Barn Elms.”

Enrubesci por causa de minha fatuidade, assim que as palavras me saíram da boca, e meu companheiro me olhou com um meio sorriso

que achei ter entendido; dessa forma, para ocultar minha confusão, eu disse: “Por favor, leve-me para terra; vou tomar o café da manhã.”

Ele assentiu e voltou o barco na direção da terra com um movimento rápido e num minuto estávamos novamente no ancoradouro. Ele saltou do barco e eu o segui; e evidentemente não me espantei quando o vi esperar pela recompensa que vem depois da prestação de algum serviço a um concidadão. Assim, enfiei a mão na algibeira do colete e disse “Quanto?”, ainda com a sensação estranha de talvez estar oferecendo dinheiro a um cavalheiro.

Ele pareceu perturbado e disse: “Quanto? Não sei se estou entendendo o que você está perguntando. Será a maré? Se for, ela está a ponto de virar.”

Enrubesci e disse, gaguejando: “Por favor, não me entenda mal se eu pergunto; não tenho nenhuma intenção de ofender, mas quanto eu tenho de lhe pagar? Veja, sou estrangeiro, não conheço seus costumes – nem suas moedas.”

E dizendo isso tirei um punhado de moedas da algibeira, como se faz num país estrangeiro. E, por falar nisso, vi que a prata se tinha oxidado e tinha a cor de chumbo preto como um fogão.

Ele ainda parecia intrigado, mas não ofendido; olhou para as moedas com alguma curiosidade. Pensei: “Bem afinal ele é um barqueiro, e deve estar calculando o quanto vai cobrar. Ele parece ser tão simpático que não vou me ressentir se ele cobrar um pouco além da conta. Por falar nisso, gostaria de contratá-lo para ser meu guia por um dia ou dois, ele é muito inteligente.”

Nesse ponto, meu novo amigo disse, pensativo:

“Acho que entendo o que você quer dizer. Você acha que eu lhe prestei um serviço; e sente-se obrigado a me dar algo que não devo dar ao meu vizinho, a menos que ele tenha feito alguma coisa especial por mim. Já ouvi falar dessas coisas; mas perdoe-me se lhe digo que acho um costume tortuoso e complicado e não sabemos como fazê-lo. E, veja bem, todo esse trabalho de cruzar o rio, de oferecer às pessoas passeios pela água é o meu *negócio*, que eu faço para qualquer um; assim, receber presentes por esse negócio me parece muito esquisito.

Além disso tudo, se alguém me dá alguma coisa, outra pessoa também poderia dar, e mais outra, e assim por diante; e espero que você não me considere rude quando digo que não saberia onde guardar todos esses presentes de amizade.”

E ele soltou um riso sonoro e alegre, como se achasse engraçada a idéia de ser pago por seu trabalho. Confesso que comecei a temer que o homem fosse louco, apesar de parecer muito são, e fiquei feliz ao me lembrar de que era um bom nadador, pois estávamos à margem de um rio rápido e profundo. Mas ele continuou, em nada parecido com um louco:

“Quanto às suas moedas, elas são curiosas, mas nem são tão antigas; parecem ser todas do reinado de Vitória; pode dá-las a algum museu pobre de acervo. O nosso possui muitas dessas, além de um bom número de outras mais antigas, muitas delas lindas, ao passo que estas do século XIX são horrorosas, não é verdade? Temos uma moeda de Eduardo III, com o rei num navio, pequenos leopardos e flores-de-lis por toda a amurada, um trabalho muito delicado. Veja”, disse com um sorriso meio afetado, “eu gosto de trabalhar o ouro e metais finos; esta fivela é uma de minhas primeiras peças.”

Não há dúvida de que eu parecia relutante, ainda desconfiado quanto à sua sanidade. Ele se interrompeu e disse numa voz afável:

“Mas vejo que o estou aborrecendo, e peço desculpas. Pois, para falar claramente, você é estranho, e deve estar chegando de um lugar muito diferente da Inglaterra. Mas também é evidente que não adianta lhe dar uma dose excessiva de informação sobre este lugar. Seria melhor que você fosse aprendendo aos poucos. Ademais, ficaria muito feliz se você me permitisse ser o seu guia neste nosso mundo novo para você, já que você me encontrou primeiro. Apesar de achar que seria apenas uma gentileza de sua parte, pois qualquer um poderia guiá-lo tão bem, e muitos até mesmo melhor do que eu.”

Não havia nele nada que lembrasse Colney Hatch¹. Além disso, achei que conseguiria me livrar facilmente dele se realmente fosse louco. Então eu disse:

“Uma oferta muito gentil, mas para mim é difícil aceitá-la, a menos que...” – ia dizer, a menos que você me permita pagar-lhe adequadamente; mas, temendo trazer à baila novamente Colney Hatch, mudei a frase para “Acho que o estaria afastando de seu trabalho, ou de sua diversão.”

“Ah, não se preocupe, pois vou ter a oportunidade de ajudar um amigo que gostaria de assumir meu trabalho aqui. Ele é tecelão em Yorkshire, e se cansou das duas atividades entre paredes, a tecelagem e a matemática; e como é um grande amigo meu veio até mim para lhe conseguir algum trabalho a céu aberto. Se você acha que consegue me suportar, por favor aceite-me como seu guia.”

E completou imediatamente: “É verdade que eu prometi ir me encontrar com alguns amigos rio acima para ajudar na colheita de feno, mas só irá começar dentro de uma semana; e, ademais, você poderia vir comigo, e conhecer gente muito boa, além de tomar conhecimento de nossos costumes em Oxfordshire. Não há nada melhor, se você tem a intenção de conhecer o campo.”

Senti-me obrigado a lhe agradecer, fosse o que Deus quisesse; e ele completou, ansioso:

“Então está resolvido. Vou chamar meu amigo, que está morando na Casa de Hóspedes, como você, e se ainda não tiver acordado já passa da hora de estar de pé numa manhã tão bonita de verão.”

Tirou uma corneta do cinto e soprou nela duas notas agudas mas agradáveis; e, imediatamente, da casa que se erguia no local da minha antiga moradia (da qual falarei mais adiante) saiu outro jovem, que veio correndo na nossa direção. Não era tão bem apessoado nem tão forte quanto o meu amigo barqueiro; muito pálido, os cabelos cor-de-areia e menos corpulento; mas não lhe faltava a expressão feliz e amigável que tinha observado no seu amigo. Quando ele se aproximou de nós, sorrindo, vi com prazer que tinha de abandonar a teoria de Colney Hatch para explicar o barqueiro, pois nenhum louco, diante de um homem são, se comportaria como eles. Sua roupa tinha o mesmo corte que a do primeiro, apesar de mais alegre, a capa verde clara com um ramo de flores bordado no peito e o cinto feito de prata filigranada.

1. Asilo para doentes mentais ao norte de Londres.

“Muito bem, Dick, o que vai ser hoje? Vou fazer o meu trabalho ou o seu? Sonhei esta noite que nós dois íamos subir o rio para pescar.”

“Está bem, Bob”, respondeu o meu barqueiro, “você assume o meu lugar e, se você se cansar, o George Brightling está interessado neste trabalho, e ele mora aqui perto. Este estrangeiro gostaria de me entreter, e está me contratando como seu guia pelo nosso campo; é claro que não quero perder essa oportunidade; assim, é melhor você assumir logo o barco. De qualquer forma, não pretendo retomá-lo tão cedo, pois sou esperado nos campos de feno em alguns dias.”

O recém-chegado esfregou as mãos, exultante e, voltando-se para mim, disse numa voz amistosa:

“Amigo, você e meu amigo Dick são afortunados, e vão passar um belo dia juntos, como eu também passarei. Mas é melhor que os dois venham comigo comer alguma coisa, pois, no seu divertimento, é possível que se esqueçam do jantar. Quero crer que você tenha chegado à Casa de Hóspedes depois de eu me recolher ontem à noite?”

Assenti, sem querer entrar em detalhes que não levariam a nada, e dos quais eu próprio já deveria estar duvidando. E fomos os três para a Casa de Hóspedes.

Capítulo 3

A CASA DE HÓSPEDES E O CAFÉ DA MANHÃ

Deixei-me atrasar em relação aos outros para observar a casa, que, como já disse, ficava no mesmo lugar da minha antiga morada.

Era uma construção comprida, dotada de empenas que se afastavam da rua, e janelas altas trabalhadas, fixadas bem baixo na parede à nossa frente. Era uma bela construção de tijolos vermelhos com telhado de chumbo; e, lá no alto, bem acima das janelas, havia um friso com personagens esculpido em barro queimado, muito bem executados e desenhados com uma força e uma sinceridade que ainda não tinha notado no trabalho moderno. Reconheci imediatamente os personagens, que já me eram bem familiares.

Mas perceber tudo isso levou um minuto, pois logo tínhamos entrado e estávamos num salão cujo piso era um mosaico em mármore e cujo teto era feito de vigas aparentes de madeira. Não havia janelas no lado oposto ao do rio, mas arcos mais abaixo que conduziam aos aposentos – além de um deles se via a nesga de um jardim – e acima dos quais havia uma grande parede com uma pintura alegre (creio que um afresco) com os mesmos personagens do friso exterior; tudo naquele lugar era belo, feito de material generosamente maciço e, embora não fosse grande (talvez um pouco menor que Crosby Hall), tinha-se a sensação estimulante de espaço e liberdade que a boa arquitetura sempre oferece a um homem pouco ansioso e habituado a usar os olhos.

Nesse lugar agradável, que eu já sabia ser o saguão da Casa de Hóspedes, três moças iam e vinham. Como eram as primeiras pessoas de seu sexo que eu via nessa manhã agitada, naturalmente eu as observei com atenção, e considerei-as pelo menos tão belas quanto os jardins, a arquitetura e os homens. Quanto à sua indumentária, que exa-

minei atentamente, devo dizer que se vestiam decentemente com tecidos, não cobertas de enfeites; vestiam-se como mulheres, não pareciam estofadas como poltronas, como a maioria das mulheres de nosso tempo. Resumindo, suas roupas lembravam algo entre a roupa da Antiguidade clássica e as formas mais simples da moda do século XIV, embora não fossem imitação de qualquer das duas: os materiais eram leves e alegres, de acordo com a estação. Quanto às mulheres em si, era um prazer vê-las, tão gentis e felizes na expressão do rosto, o corpo bem-formado e bem constituído, muito saudáveis e fortes. Todas eram pelo menos atraentes, mas uma delas era muito bonita, com as feições bem regulares. Vieram até nós alegremente e sem afetar timidez, e as três me apertaram as mãos como se eu fosse um amigo recém-chegado de uma longa viagem, embora notasse que elas olhavam com desaprovação para minhas roupas: eu ainda estava com as roupas que usava na noite anterior, e não se pode dizer que eu seja uma pessoa geralmente bem-vestida.

Uma ou duas palavras de Robert, o tecelão, e elas se agitaram para nos atender, e logo voltaram e nos levaram pela mão até uma mesa no canto mais agradável do saguão, onde o café da manhã estava preparado para nós; e tão logo nos sentamos, uma delas correu até os aposentos mencionados anteriormente e voltou com uma braçada de rosas, muito diferentes em tamanho e em qualidade das rosas que normalmente crescem em Hammersmith, mais pareciam recém-colhidas de um velho jardim no campo. Voltou correndo de lá até a despensa, de onde saiu com um delicado vaso de vidro, onde pôs as flores, e as colocou no centro da mesa. Uma outra, que também tinha saído, voltou com uma folha grande de repolho cheia de morangos, alguns ainda mal-amadurecidos, e disse ao colocá-los à mesa: “Aí estão; antes de me levantar esta manhã ainda pensei em colhê-los; mas quando vi o estranho aqui entrando no seu barco, Dick, acabei me esquecendo; e só consegui chegar lá depois de todos os melros, mas acho que aí ainda há alguns tão bons quanto os melhores que se encontram hoje em Hammersmith.”

Robert deu-lhe uns tapinhas amistosos na cabeça, e nós atacamos o nosso café da manhã, que era muito simples, mas preparado com

muita delicadeza, e servido numa mesa arranjada com muito bom gosto. O pão estava particularmente gostoso, e havia diversos tipos, desde o pão da fazenda, denso, escuro e doce, que eu mais apreciava, até os tubos de crosta de trigo que tinha experimentado em Turim.

Aos primeiros bocados, percebi uma inscrição talhada em dourado no painel da parede, atrás do que poderia ser a mesa principal de um *College* em Oxford, e um nome familiar me forçou a lê-la com atenção. Estava escrito:

Hóspedes e vizinhos, no local deste salão de convidados existiu a sala de conferências dos Socialistas de Hammersmith. Bebam uma taça à sua memória! Maio de 1962.¹

É difícil dizer como me senti ao ler essas palavras, e suponho que meu rosto mostrou o quanto fiquei emocionado, pois os meus dois amigos me olharam, curiosos, e durante algum tempo houve silêncio entre nós.

Nesse momento, o tecelão, que não era tão educado quanto o barqueiro, me disse meio constrangido:

“Hóspede, não sabemos como chamá-lo: seria indiscrição perguntar qual o seu nome?”

“Bem, eu próprio tenho minhas dúvidas quanto a isso; acho que você pode me chamar de *Guest*, um nome de família que vocês já conhecem, e a ele podem, por favor, juntar *William*.”

Dick concordou gentilmente, mas uma sombra de ansiedade passou pelo rosto do tecelão, e ele disse:

“Espero que você não se importe de eu perguntar, mas você poderia nos dizer de onde vem? Tenho muito boas razões para ser muito curioso quanto a essas coisas, razões literárias.”

1. A Casa de Hóspedes está onde ficava a casa de Morris, *Kelmscott House*. Em 21 de novembro de 1890 a seção de Hammersmith – a seção de Morris – da Liga Socialista rompeu oficialmente suas ligações com a Liga devido a problemas com os anarquistas. Adotou o nome de Sociedade Socialista de Hammersmith. Morris foi um membro ativo até o fim da vida. A sede era uma sala pequena ligada à *Kelmscott House*. Desde os seus primórdios como socialista, Morris deixou esta sala à disposição dos companheiros socialistas, para conferências e reuniões. Depois da morte de Morris, a Sociedade Socialista de Hammersmith foi dissolvida. Conforme nota da edição de Krishan Kumar.

Era evidente que Dick o estava chutando sob a mesa; mas ele não se abalou e esperou, ansioso, por minha resposta. Quanto a mim, estava a ponto de dizer Hammersmith, quando me lembrei da confusão a que isso levaria; assim, preferi inventar uma mentira de acordo com a circunstância, protegida por alguma verdade, dizendo então:

“Veja, estive tanto tempo longe da Europa que as coisas hoje me parecem estranhas; mas nasci e fui criado junto à Floresta de Epping; mais exatamente Walthamstow e Woodford.”

“Um lugar muito bonito”, interveio Dick, “um lugar encantador, agora que deixaram crescer as árvores desde que retiraram as casas em 1955.”

Disse o irrepresível tecelão: “Prezado amigo, como você conheceu a floresta algum tempo atrás, será verdade o boato de que no século XIX as árvores eram todas podadas?”

Isso atraiu meu lado arqueológico, voltado para a história natural, e caí na armadilha sem pensar em onde e quando eu estava; portanto comecei, enquanto uma das moças, a mais bonita, que estivera espalhando galhos de lavanda e outras ervas aromáticas pelo chão, aproximou-se para ouvir e ficou atrás de mim com a mão no meu ombro, segurando uma planta que eu chamava de bálsamo: o perfume forte e doce me trouxe à lembrança meus primeiros dias na cozinha-jardim em Woodford, e as ameixas azuis e grandes que cresciam na parede que ficava atrás do canteiro de ervas aromáticas – uma seqüência de lembranças que qualquer menino entende.

Comecei: “Quando eu era menino, e até bem mais tarde, com exceção de um pedaço perto de Queen Elizabeth Lodge, e na parte em torno de High Beech, a floresta era quase toda composta de bétulas podadas e moitas de azevinho. Mas quando a prefeitura de Londres assumiu, há cerca de 20 anos, chegou ao fim o direito de podar e dar forma às árvores, um dos direitos do povo, e se permitiu às árvores crescer livremente. Mas há muitos anos não vejo o lugar, a não ser por uma vez, quando nós, membros da Liga, fomos passeando até High Beech. Fiquei muito chocado ao ver como tudo estava construído e mudado; e outro dia ouvimos contar que os filisteus planejavam transformar tudo em jardins. Mas, se for verdade o que você estava dizen-

do, que pararam de construir e que as árvores agora podem crescer, é uma ótima notícia, só que...”

Nesse ponto, lembrei-me de repente da data em que Dick vivia e parei, muito embaraçado. O tecelão, impaciente, não percebeu a minha confusão e disse depressa, como se tivesse percebido a quebra das boas maneiras: “Mas, por Deus, qual é a sua idade?”

Dick e a moça bonita dispararam a rir, como se a conduta de Robert fosse desculpável por excêntrica; e Dick falou ainda a rir:

“Calma, Bob, não se interroga um hóspede dessa forma. O excesso de erudição está lhe fazendo mal. Você me lembra os incompetentes radicais daquelas novelas idiotas que, de acordo com os autores, pisoteavam as boas maneiras em busca de conhecimento prático. Acho que você confundiu a cabeça de tal forma com matemática e com aqueles livros imbecis sobre economia política (he, he!) que não sabe mais se comportar. Chega, já é tempo de você assumir um trabalho ao ar livre, para limpar as teias de aranha da cabeça.”

O tecelão só riu bem-humorado; a moça foi até ele, acariciou-lhe o rosto e disse, rindo: “Coitado! Mas ele nasceu assim.”

Quanto a mim, estava meio confuso, mas também ri, em parte por causa da companhia, em parte pelo prazer diante da sua alegria e do seu tranqüilo bom humor; e antes que Robert pudesse pronunciar as desculpas que já preparava eu disse: “Mas, amigos” (tinha gostado da palavra), “não me importo de responder a qualquer pergunta, se souber como: podem me perguntar tudo o que quiserem, eu gosto. Eu lhes conto tudo a respeito da Floresta de Epping quando era menino; quanto à minha idade, não sou uma dama e não tenho razão para ocultá-la: já tenho 56.”

A despeito da lição recente sobre boas maneiras, o tecelão não conseguiu evitar um longo “Puxa!” de espanto, e os outros acharam tão engraçada a sua ingenuidade que a alegria se espalhou por todos os rostos, apesar de terem, em nome da cortesia, contido o riso; intrigado, passei os olhos de um para o outro, e finalmente disse:

“Digam-me, por favor, o que há de errado: eu quero aprender com vocês. Podem rir, basta me dizer.”

“Bem, bem, ele é rude, coitado! Mas eu lhe explico o que ele está pensando: ele acha que você está muito velho para sua idade. Mas é claro que não há nada de anormal, pois você esteve viajando; e, fica claro do que você já contou, viajando por países pouco civilizados. Já se disse, e sem dúvida é verdade, que se envelhece mais ligeiro quando se vive entre gente infeliz. Dizem também que o sul da Inglaterra é um ótimo lugar para se ser bonito.” Ela corou e perguntou: “Quantos anos você imagina que eu tenho?”

“Bem, sempre ouvi dizer que uma mulher tem a idade que aparenta, assim, sem intentar ofensa nem agrado, eu diria que você tem 20.”

Ela riu alegremente e disse: “Eu bem que merecia, por tentar arrancar elogios, mas a verdade é que tenho 42”.

Olhei bem para ela e atraí mais uma de suas gargalhadas; eu tinha de olhar, porque não havia em seu rosto uma linha de preocupação; tinha a pele macia como o marfim, as faces cheias e redondas, os lábios vermelhos como as rosas que tinha trazido; os belos braços, que tinha desnudado para trabalhar, eram firmes e bem constituídos desde os ombros até os pulsos. Ela corou um pouco sob meu olhar, embora estivesse claro que ela me tomara por um homem de 80 anos; então, para dissipar a situação, arrematei:

“Bem, mais uma vez o velho adágio estava certo e eu não devia ter-me deixado tentar a lhe fazer uma pergunta mal-educada.”

Ela tornou a rir e disse: “Bem, homens, velhos e jovens, preciso continuar o meu trabalho. Logo vamos estar muito ocupadas aqui e quero terminar ligeiro, pois ontem comecei a ler um livro muito velho e quero continuar a lê-lo hoje de manhã; portanto, até mais ver.”

Acenou para nós e afastou-se pelo salão, levando com ela (como disse Scott) um pouco do sol da nossa mesa.

Quando ela já se fora, Dick falou: “Agora, hóspede, não quer perguntar uma ou duas coisas ao nosso amigo? Acho que é justo que você também tenha a sua chance.”

“Terei muito prazer em respondê-las”, disse o tecelão.

“Se lhe faço algumas perguntas, elas não serão muito severas; mas como sei que você é tecelão gostaria de lhe perguntar sobre

seu trabalho, pois interesse-me – ou melhor, interessava-me – por ele.”

“Lamento, mas acho que não lhe serei de muita utilidade. Só executo o tipo mais mecânico de tecelagem e, na verdade, não sou um bom artesão, ao contrário de Dick. Além de tecer, eu também compo-nho e imprimo, mas não conheço bem a impressão mais fina; sem falar que a arte da impressão está morrendo, junto com a praga da edição de livros, de forma que tive de me voltar para outras coisas que aprecio; também estou escrevendo uma espécie de livro de época sobre a história pacífica e privada do final do século XIX – mais para tentar oferecer um retrato do país antes do início da guerra do que por qualquer outra razão. Foi por isso que lhe fiz aquelas perguntas sobre a Floresta de Epping. Confesso que você me deixou intrigado, apesar de ter achado sua informação muito interessante. Espero que mais tarde possamos conversar um pouco mais, quando o nosso amigo Dick não estiver por perto. Sei que ele me acha irritante e me despreza pela pouca destreza com as mãos: é o que se passa em nossos dias. Pelo que li a respeito do século XIX (e já li bastante), parece-me claro que hoje se está vingando a estupidez daquela época, que desprezava qualquer um que soubesse usar as mãos. Mas, Dick, *ne quid nimis!* Não é necessário exagerar.”

“Ora, ora, e eu não sou o homem mais tolerante do mundo? Não fico feliz quando você desiste de me ensinar matemática, ou a sua nova ciência da estética, e me deixa praticar minha própria estética em ouro e aço, com a forja e o martelo? Mas, vejam, aí vem mais um inquisidor, meu pobre hóspede. Bob, você tem de me ajudar a defendê-lo.”

“Aqui, Boffin”, gritou depois de uma pausa; “estamos aqui, se você insiste!”

Olhei por sobre o ombro e percebi algo que brilhava cintilante à luz do sol que atravessava o salão; voltei-me então e vi uma figura esplêndida saltitando lentamente sobre o piso; um homem cuja capa era copiosa e elegantemente bordada, de modo que a luz do sol se irradiava dele como se estivesse portando uma armadura dourada. O homem era alto, de cabelos escuros e muito belo, e, apesar de sua face

não ser menos gentil do que a dos outros, movia-se com aquela atitude quase imponente que a grande beleza dá a homens e mulheres. Ele se aproximou e sentou-se à mesa sorrindo, esticando as longas pernas e deixando o braço caído sobre a cadeira, naquela atitude elegante que as pessoas altas e bem-proporcionadas assumem sem parecer afetadas. Era um homem que havia atingido o seu apogeu, mas parecia feliz como uma criança que acaba de ganhar um brinquedo novo. Cumprimentou-me, elegante, e disse:

“Vê-se claramente que você é o hóspede de quem Annie me falou, que acabou de chegar de terras muito distantes nas quais nada sabem de nós nem de nosso modo de vida. Espero que você não se importe de responder a algumas perguntas minhas; pois veja...”

Nesse ponto, Dick o interrompeu: “Não, por favor, Boffin! Não agora. É claro que você deseja para o nosso hóspede toda a felicidade e todo o conforto; e como isso seria possível se ele tivesse de responder a todo tipo de pergunta, quando ainda está confuso com os nossos costumes e com as pessoas à sua volta? Não, não: vou levá-lo a um lugar onde ele possa fazer suas próprias perguntas, e vê-las respondidas, ou seja, ao meu bisavô em Bloomsbury; tenho certeza de que nenhum de vocês tem qualquer objeção. Portanto, em vez de cansá-lo com perguntas, você poderia pedir uma carruagem a James Allen, que eu mesmo vou dirigir; e peça ao Jim aquele velho cinzento, pois eu sou muito melhor num barco do que numa carruagem. Vá correndo, velho amigo, e não se preocupe; o nosso hóspede vai se guardar para você e suas histórias.”

Olhei para Dick, pois não podia acreditar que ele falasse com tanta familiaridade, para não dizer rispidez, com um personagem tão digno, pois imaginei que este senhor Boffin, apesar do nome conhecido do personagem de Dickens, deveria ser, no mínimo, um senador dessas estranhas pessoas. Contudo, ele se levantou e disse: “Muito bem, velho remador, seja o que você quiser; hoje não estou muito ocupado; e apesar (com um aceno condescendente de cabeça para mim) de minha conversa com este erudito senhor estar adiada, concordo que ele deva visitar imediatamente seu digno parente. Ademais, é possível que

esteja em melhores condições de responder às minhas perguntas depois de ter as suas respondidas.”

E então ele se virou e saiu do salão.

Quando ele desapareceu, eu perguntei: “Seria errado perguntar quem é o senhor Boffin, cujo nome me faz lembrar as muitas horas felizes que passei lendo Dickens?”²

Dick riu. “É verdade, como também nos faz lembrar. Vejo que você entendeu a alusão. Evidentemente, o seu verdadeiro nome não é Boffin, e sim Henry Johnson; só o chamamos de Boffin para fazer graça, em parte porque ele é lixeiro, e em parte porque ele sempre se veste de forma tão extravagante, cobrindo-se de tanto ouro quanto um barão da Idade Média. E por que não o faria, se isso lhe dá prazer? Só que somos seus amigos e brincamos com ele.”

Silencieei, mas Dick continuou:

“É um ótimo sujeito, e ninguém consegue não gostar dele; mas tem uma fraqueza: passa todo o tempo escrevendo romances reacionários, e tem o maior orgulho de acertar a cor local, como diz ele; e como imagina que você tenha vindo de algum canto esquecido do mundo, onde as pessoas são infelizes e, portanto, interessantes para um contador de histórias, espera tirar algumas informações de você. Ele vai ser muito franco. Só aconselho, para seu próprio bem, que você tome cuidado com ele!”

“Bem, Dick”, disse obstinado o tecelão, “acho os livros dele muito bons.”

“É claro que acha, diz-me com quem andas e dir-te-ei quem és; matemática e antiguidade e romances de época andam mais ou menos juntos. Mas aí vem ele.”

E, com efeito, o Lixeiro de Ouro acenava para nós da porta do salão; então, nós nos levantamos e fomos até a varanda, diante da qual, com um cavalo cinza e forte, esperava-nos uma charrete pronta, que não pude deixar de observar. Era leve e jeitosa, mas não tinha nada

2. Boffin, o lixeiro, aparece no romance *Our Mutual Friend*, de Dickens (1864-5). Conforme nota da edição de Krishan Kuman.

daquela vulgaridade que sempre vi associada às carruagens de nosso tempo, especialmente as “elegantes”; era graciosa e simpática como um vagão da Wessex. Subimos, Dick e eu. As moças, que tinham vindo até a varanda para se despedir de nós, acenaram; o tecelão balançou a cabeça; o lixeiro se curvou como um trovador. Dick sacudiu as rédeas e partimos.

Capítulo 4

O MERCADO À BEIRA DO CAMINHO

Afastamo-nos imediatamente do rio e logo estávamos na estrada principal que atravessa Hammersmith. Mas eu não saberia dizer onde estava se não tivéssemos partido da margem do rio; King Street havia desaparecido e a estrada passava por campos ensolarados e lavouras que mais pareciam jardins. O riacho, que cruzamos imediatamente, estava livre dos esgotos e, ao cruzarmos a bela ponte, vimos suas águas, ainda aumentadas pela cheia, cobertas de barcos coloridos de tamanhos diversos. Havia casas em volta, algumas à margem da estrada, outras no meio do campo, às quais se chegava por veredas aprazíveis, cada uma cercada por um jardim exuberante. Todas eram belas e muito sólidas, mas rústicas e simples, casas de gente do campo; algumas delas eram feitas de tijolos vermelhos, como as que se viam na margem do rio, mas a maioria era de madeira e reboco, tão semelhantes às casas medievais feitas do mesmo material que me senti como se estivesse no século XIV, sensação aumentada pelas roupas das pessoas com quem cruzávamos, que nada tinham de “modernas.” Quase todos vestiam roupas de cores vivas, especialmente as mulheres, tão elegantes, algumas tão belas, que não consegui deixar de chamar a atenção de meu companheiro para este fato. Vi que alguns semblantes eram pensativos, e neles percebi grande nobreza de expressão, mas em nenhuma havia qualquer sinal de infelicidade, e a maioria (cruzamos com muitas pessoas) era franca e abertamente risonha.

Pensei reconhecer a Broadway pela disposição das estradas que ali se cruzavam. No lado norte da estrada havia uma fileira de edifícios e praças, baixos, mas muito bem construídos, fazendo assim um contraste marcante com a simplicidade das casas ao redor; enquanto acima deste edifício mais baixo se elevavam o teto inclinado e coberto de chumbo, os contrafortes e a parte mais alta da parede de um grande

castelo, dotado de um estilo esplêndido e exuberante de arquitetura, de que pouco mais se poderia dizer além de me parecer que reunia as melhores qualidades do gótico do norte da Europa mesclado ao sarraceno e ao bizantino, sem ser cópia de nenhum desses estilos. No outro lado, o lado sul da estrada, havia um edifício octogonal de teto alto, que lembrava o Batistério em Florença mas era cercado por uma cobertura que claramente compunha uma arcada ou claustro; era também delicadamente ornamentado.

Toda essa massa de arquitetura, que tínhamos tão inopinadamente encontrado ao sair dos campos agradáveis, não era apenas linda em si, mas tinha a expressão de tamanha generosidade e abundância de vida que me senti reanimado de uma forma que nunca tinha sentido antes. Ri-me de prazer. Meu amigo pareceu entender e ficou sentado olhando para mim com interesse alegre e afetuoso. Tínhamos parado em meio a várias carroças, em que se encontravam pessoas belas e saudáveis, homens, mulheres e crianças vestindo roupas coloridas, obviamente carroças de mercado, pois estavam cheias de produtos agrícolas extremamente tentadores.

Disse eu: “Não preciso perguntar se isto é um mercado, pois vejo claramente que é; mas que mercado é este, tão esplêndido? E o que é aquele castelo glorioso, e o edifício do lado sul?”

“É apenas nosso mercado de Hammersmith; estou feliz por você ter gostado tanto, pois temos muito orgulho dele. O salão no interior é a nossa câmara de inverno, pois no verão nós nos reunimos nos campos rio abaixo diante de Barn Elms. O edifício à nossa direita é o teatro, espero que você goste.”

“Eu seria um idiota se não gostasse.”

Ele corou um pouco ao dizer: “Também acho muito bom, porque colaborei na sua construção; fiz as grandes portas, que são de bronze damasceno. Talvez as vejamos mais tarde. Mas temos agora de continuar. Hoje não é um dia de muita atividade no mercado; é melhor voltarmos outro dia, aí então você verá mais gente.”

Eu agradei e disse: “São camponeses comuns? Quantas moças lindas entre eles.”

Enquanto falava, percebi o rosto de uma mulher muito bela, alta, de cabelos escuros e pele branca, vestida numa roupa verde-clara em homenagem à estação e ao calor do dia, que sorriu, simpática, para mim, e ainda mais simpática para Dick; parei por um minuto, mas logo continuei:

“Pergunto pois não estou vendo os camponeses que teria esperado ver no mercado; quero dizer, vendendo coisas.”

“Não entendo que tipo de pessoas você esperava ver nem o que você chama de camponeses. Esses são os nossos vizinhos que vivem no vale do Tâmissa. Há lugares nestas ilhas onde o clima é mais rigoroso e chuvoso do que aqui, e lá as pessoas usam roupas mais grosseiras e parecem elas próprias mais duras e castigadas do que nós; eles afirmam ter mais caráter – é o que dizem. Bem, é uma questão de gosto. De qualquer forma, nossas relações com eles são geralmente boas”, completou ele, pensativo.

Eu o ouvi, apesar de meus olhos estarem muito longe, pois a linda moça estava justamente desaparecendo pelo portão com uma grande cesta de ervilhas frescas, e tive aquela sensação de desapontamento quando se vê na rua um rosto interessante ou belo que não se espera ver outra vez; calei-me por um instante. “Quero dizer que não vi uma única pessoa pobre.”

Ele franziu as sobrancelhas, parecendo intrigado, e disse: “Não, naturalmente; se alguém tem a saúde pobre, deve ficar em casa, no máximo passeando no jardim. Mas não conheço ninguém que esteja doente hoje. Por que você esperava ver pessoas doentes na estrada?”

“Não, não, não me refiro a pessoas doentes. Refiro-me a pessoas pobres, entende, pessoas rudes.”

Ele respondeu alegremente: “Não, na verdade não conheço. O fato é que você tem de chegar rapidamente à casa de meu bisavô, pois ele vai lhe entender muito melhor do que eu. Vamos Greylocks!” Ele então sacudiu as rédeas e continuamos nossa viagem para o leste.

Capítulo 5

CRIANÇAS NA ESTRADA

D depois da Broadway, havia menos casas dos dois lados. Logo atravessamos um lindo ribeirão que cruzava uma porção de terreno pontilhado de árvores e, pouco adiante, chegamos ao que poderíamos chamar de outro mercado e sede municipal. Embora não houvesse nada de familiar nos arredores, eu sabia muito bem onde estávamos e não me surpreendi quando meu guia disse simplesmente: “Mercado de Kensington.”

Imediatamente após, chegamos a uma rua curta com casas; ou melhor, uma casa comprida de cada lado do caminho, construídas de madeira e reboco, e com belas arcadas sobre o passeio.

Falou Dick: “Aqui é Kensington propriamente dita. Muita gente vem até aqui por apreciar a o romance do bosque, e os naturalistas estão por toda parte, pois ainda é considerado um lugar selvagem, pelo menos o que sobrou. Não se estende muito para o sul; estende-se daqui para o norte e oeste até Paddington e desce um pouco até Notting Hill; de lá se lança pelo nordeste até Primrose Hill e um pouco adiante; uma faixa muito estreita se estende até Stoke-Newington e Clapton, passando por Kingsland, de onde se espalha pelas colinas acima do pântano de Lea, em frente do qual está, como você sabe, a Floresta de Epping a lhe estender a mão. Esta parte onde acabamos de chegar se chama Jardins de Kensington, embora eu não saiba o porquê do ‘Jardins.’”

Tive muita vontade de dizer: “Bem, *eu sei*”, mas havia tantas coisas que eu desconhecia sobre mim mesmo, apesar do que ele pensava, que achei melhor ficar calado.

A estrada mergulhou até um lindo bosque que se espalhava pelos dois lados, mas muito mais pelo lado norte, onde até os carvalhos e as nogueiras estavam bem crescidos, ao passo que as plantas de cresci-

mento mais rápido (entre as quais os plátanos e sicômoros me pareceram excessivamente numerosos) eram muito grandes e bem tratadas.

Estava muito agradável sob a sombra, pois o dia estava ficando muito quente, e o frescor e a sombra acalmavam de tal forma a minha mente excitada numa condição de prazer onírico que senti que poderia continuar para sempre naquele frescor de bálsamo. Meu companheiro parecia compartilhar os meus sentimentos e deixou o cavalo seguir mais lentamente, enquanto absorvia os perfumes verdes da floresta, entre os quais predominava o de samambaias pisadas à margem da estrada.

Apesar de romântica, essa floresta de Kensington não era solitária. Passamos por muitos grupos, tanto indo como vindo, ou passeando pelas margens do bosque. Havia entre eles muitas crianças, desde 6 e 8 anos até 16 ou 17. Pareceram-me espécimes excepcionais da raça e estavam claramente se divertindo à larga; brincavam ao redor de pequenas barracas fincadas na grama, junto às quais havia pequenas fogueiras sob caldeirões suspensos, à maneira dos ciganos. Dick me explicou que havia casas espalhadas pelo bosque e podíamos realmente ver uma ou duas. Ele me disse que eram geralmente muito pequenas, como as que antigamente se chamavam de cabanas na época em que havia escravos no país, mas eram bastante confortáveis e adaptadas ao bosque.

“Eles devem ter muitos filhos”, disse eu, mostrando os muitos jovens dos dois lados do caminho.

“Ah, esses meninos não moram nestas casas, nas casas do bosque, moram geralmente no campo. Estão sempre organizando grupos e vêm se divertir no bosque por algumas semanas durante o verão, dormindo nas barracas que você está vendo. Nós sempre os incentivamos; é como eles aprendem a fazer as coisas por si sós e observam os animais na floresta; e quanto menos ficarem dentro de casa melhor para eles. Na verdade, muitos adultos vão passar o verão na floresta, mas a maioria vai para florestas maiores, como as de Windsor ou de Dean, ou para as regiões selvagens do norte. Além de todos os outros prazeres, esses acampamentos propiciam um pouco de trabalho duro,

que, lamento ter de dizer, está ficando cada vez mais raro nos últimos 50 anos.”

Ele se interrompeu, depois disse: “Estou lhe dizendo tudo isso porque me parece que, ao falar, devo estar respondendo a alguma pergunta que você tem na cabeça, mesmo que não a tenha feito; mas meu bisavô vai lhe contar muito mais.”

Achei melhor me abrir um pouco, e apenas para manter a conversa disse:

“Bem, os meninos aqui estarão mais animados quando o verão terminar e tiverem de voltar para a escola.”

“Escola? O que significa essa palavra? Não vejo como possa ser aplicada a crianças. Falamos de um cardume de arenques¹ ou de uma escola de pintura, talvez pudéssemos dizer uma escola de meninos no primeiro sentido, mas fora isso”, disse ele rindo, “tenho de confessar minha ignorância.”

Diabos! Pensei comigo, não posso abrir a boca sem criar mais uma complicação. Não quis corrigir a etimologia de meu amigo; achei melhor nada falar das fazendas de meninos que, no meu tempo, eram chamadas de escolas, pois vi claramente que tinham desaparecido; por isso eu disse, meio sem jeito: “Eu estava me referindo a um sistema de educação.”

“Educação?”, perguntou ele pensativo. “Sei latim o bastante para saber que esta palavra deve se originar de *educere*, conduzir para fora; já a ouvi ser usada, mas nunca alguém conseguiu me explicar o que exatamente ela significa.”

Vocês podem imaginar o quanto meus novos amigos caíram no meu conceito depois de ouvir essa confissão franca; então eu disse com todo desprezo: “Bem, educação é um sistema de ensinar à juventude.”

“E por que não também aos velhos?”, indagou com um brilho nos olhos. “Mas posso lhe assegurar que nossas crianças aprendem, passando ou não por um ‘sistema de ensino’. Você não há de encontrar

1. Em inglês, *school* pode significar escola ou cardume (N.T.).

entre nossas crianças uma única, menino ou menina, que não saiba nadar, ou que já não tenha caído de um desses cavalinhos do bosque. Veja, lá está um deles! Todos eles sabem cozinhar, os maiores sabem ceifar, muitos sabem cobrir uma casa e fazer muitas coisas em carpintaria, ou sabem administrar um negócio. Eu lhe asseguro que eles sabem uma porção de coisas.”

“Sim, mas eu me referia à sua educação mental, à formação de suas mentes”, disse eu, traduzindo da melhor maneira minha frase.

“Guest, talvez você não tenha aprendido a fazer coisas como essas que acabei de mencionar; se isso for verdade, não fique com a impressão de que não é preciso habilidade pra fazê-las, ou que não dê muito trabalho à mente. Você teria outra opinião se visse, por exemplo, um rapaz de Dorsetshire cobrindo uma casa. Mas acho que você está se referindo ao saber livresco; isto é muito simples. Já aos 4 anos, a maioria das crianças consegue ler os livros que encontra pela casa; embora eu saiba que nem sempre foi assim. Quanto a escrever, não incentivamos a escrita muito cedo (apesar de eles sempre rabiscarem um pouco), porque eles se habituam a escrever feio; e qual a vantagem de uma letra feia quando se pode imprimir com tanta facilidade. Compreenda que gostamos de belas letras, e muita gente escreve ou manda escrever à mão seus próprios livros, quero dizer, livros de que apenas umas poucas cópias são necessárias: poesias e coisas semelhantes. Entretanto, estou me desviando; mas você vai me desculpar, pois esta questão de escrever me interessa muito, pois sou, eu próprio, um escritor bem razoável.”

“Bem”, disse eu, “e as crianças, depois de aprender a ler e escrever, elas não aprendem outras coisas – línguas, por exemplo?”

“É lógico que aprendem; às vezes, antes mesmo de saber ler, elas já falam francês, que é a língua mais próxima falada do outro lado do mar; e logo aprendem alemão, que é falado em inúmeras comunidades e colégios do continente. São estas as principais línguas que falamos nestas ilhas, junto com o inglês ou galês ou irlandês, que é também uma forma de galês. A meninada aprende muito ligeiro, porque os mais velhos todos as conhecem; além disso, nossos hóspedes de

além-mar trazem os filhos, e os pequenos se juntam e treinam suas línguas uns com os outros.”

“E as línguas antigas?”, perguntei.

“Ah, sim, elas aprendem principalmente o latim e o grego junto com as modernas, isso quando resolvem aprender alguma outra língua além destas últimas.”

“E história, como vocês ensinam a história?”

“Bem, quando uma pessoa sabe ler, é claro que lê o que quiser; sempre há alguém para lhe dizer quais são os melhores livros sobre qualquer assunto, ou explicar o que não entende nos livros que está lendo.”

“Muito bem, e o que mais eles aprendem? Posso supor que nem todos aprendam história?”

“Não, não, alguns não se interessam; de fato, acho que a maioria não aprende. Ouvi meu bisavô dizer que é principalmente nos períodos de agitação, de guerra e confusão que as pessoas se interessam pela história, e você sabe”, disse meu amigo com um sorriso amável, “hoje não somos mais assim. Não, senhor; muita gente estuda os fatos relativos à forma de fazer as coisas e as questões de causa e efeito, se tal estudo aumentar o nosso conhecimento, se for bom; outros, como nosso amigo Bob, passam o tempo com a matemática. Não adianta forçar o gosto das pessoas.”

“Você não vai me dizer que as crianças aprendem todas essas coisas?”

“Depende do que você chama de crianças; e também é preciso lembrar o quanto elas são diferentes. De modo geral, elas não lêem muito, apenas uns livros de histórias, até chegarem aos 15 anos; não encorajamos desde cedo o saber livresco, embora existam crianças que se interessam por livros desde muito cedo, o que, acredito, não é muito bom para elas próprias. Mas não adianta forçar; geralmente esta fase não dura muito e elas se encontram antes de chegar aos 20 anos. Veja, as crianças geralmente gostam de imitar os mais velhos, e quando vêem todo mundo ocupado com atividades prazerosas, como a construção de casas ou a pavimentação de ruas ou jardinagem e ou-

tras coisas semelhantes, é isso que elas vão querer fazer; portanto, não acredito que vamos ter um número excessivo de eruditos.”

O que eu iria dizer? Fiquei sentado e me calei, para evitar mais confusões. Além do mais, estava usando meus olhos com toda a minha capacidade, imaginando, enquanto o cavalo trotava, a hora em que iria ver Londres propriamente dita e como ela seria agora.

Mas meu companheiro não deixou o assunto morrer e continuou, meditativo:

“Não acho que isso lhes faça mal, mesmo que cresçam e se tornem uns eruditos emproados. É muito bom ver pessoas assim felizes por fazer um trabalho pelo qual pouca gente se interessa. E, ademais, esses estudiosos são geralmente gente simpática, muito gentis e dóceis; tão humildes e ao mesmo tempo tão ansiosos para ensinar aos outros tudo o que sabem. É verdade, gosto enormemente dos que conheço.”

Essa conversa me pareceu tão *estranha* que estava a ponto de lhe fazer outra pergunta quando, ao chegarmos ao fim de uma subida, vi à minha esquerda, depois de uma longa descida, um edifício majestoso que eu já conhecia e gritei: “Abadia de Westminster!”

“É mesmo”, disse Dick, “a Abadia de Westminster – o que restou dela.”

“Ora, o que vocês fizeram com ela?”, perguntei, aterrorizado.

“O que *nós* fizemos com ela?”, disse ele. “Nada de mais, apenas limpamos. Mas todo o exterior estava perdido já havia séculos; quanto ao interior, continua belo depois da retirada, feita há mais de cem anos, de todos aqueles horríveis monumentos a idiotas e patifes que, como diz meu bisavô, entulhavam o lugar.”

Avançamos mais um pouco, olhei outra vez para a direita e perguntei, com voz duvidosa: “Veja, as Casas do Parlamento! Elas ainda estão em uso?”

Ele explodiu numa risada, e passou-se algum tempo até que ele se controlasse; então deu-me um tapa nas costas, dizendo:

“Bem que eu o entendo, meu amigo; é inexplicável tê-las deixado de pé, eu sei alguma coisa sobre elas, meu velho parente me deu livros sobre o estranho jogo que ali se praticava. Em uso! Bem, são usadas

como uma espécie de mercado secundário e como depósito de esterco, e para isso elas são muito práticas, pois estão exatamente à beira d’água. Acho que já se pensou em demoli-las, bem no início de nossos dias, mas havia, foi o que me disseram, uma estranha sociedade de antiquários que tinha prestado alguns serviços no passado e se opôs radicalmente à demolição delas, como o fizeram com muitos outros edifícios que a maioria considerava sem valor, uns elefantes brancos; ela era tão enérgica e ofereceu uma justificativa tão boa que acabou fazendo prevalecer o seu ponto de vista; mas quando se leva tudo em conta acho que foi bom, porque os piores dentre esses edifícios velhos e horrorosos podem ser comparados com os belíssimos edifícios novos que construímos hoje em dia. Você vai ver muitos outros nessa parte da cidade; por exemplo, o lugar onde mora meu bisavô e um grande edifício chamado São Paulo. Não lamentamos que se mantenham alguns edifícios sem graça, pois podemos construir noutra lugar, nem ficamos preocupados em achar trabalho prazeroso, pois sempre há trabalho a fazer num edifício novo, sem torná-lo pretensioso. Por exemplo, gosto tanto de espaço *interior*, que por ele eu quase seria quase capaz de sacrificar espaço externo. E, é claro, há a ornamentação, aceitável quando feita em excesso numa casa, mas não nas câmaras ou nos mercados e assim por diante. Meu avô às vezes me diz que não sou bom neste assunto de belas construções; na verdade, acho que as energias da humanidade deveriam ser aplicadas a esse tipo de trabalho, pois nessa direção o trabalho não tem fim, enquanto em muitas outras um limite parece bem possível.”

Capítulo 6

COMPRAS

Enquanto ele falava, saímos do bosque e entramos numa rua curta de casas bem construídas, a que meu companheiro imediatamente deu o nome de Picadilly: a parte inferior delas me pareceu conter lojas, não fosse pelo fato de aparentemente as pessoas ignorarem as artes de vender e comprar. Artigos estavam expostos em suas belas vitrines, como se para tentar as pessoas a entrar, e elas paravam, olhavam para eles, entravam e saíam com pacotes, como se fosse de verdade. Dos dois lados da rua havia uma elegante arcada para proteger os pedestres, como em algumas antigas cidades italianas. A meio caminho da rua havia um enorme edifício, do tipo que imaginei ser uma espécie de centro de alguma coisa, e que também tinha seus edifícios públicos especiais.

Dick falou: “Este é outro mercado, diferente dos anteriores: as lojas de cima são usadas como casas de hóspedes; acontece que pessoas do país inteiro aparecem por aqui de vez em quando, as pessoas se aglomeram pelas ruas, do que você terá prova logo adiante; e há gente que aprecia as multidões, embora não seja o meu caso.”

Não consegui evitar um sorriso ao constatar o quanto dura uma tradição. Aqui estava o fantasma de Londres ainda se afirmando como um centro, um centro intelectual, ao que me parecia. Nada disse, contudo, só lhe pedi para passar bem devagar, pois as coisas nas lojas eram extremamente lindas.

“Este é um mercado excelente para coisas bonitas e está reservado principalmente para coisas mais belas, já que o mercado das Casas do Parlamento, onde se vendem repolhos e nabos, cervejas e os vinhos de menor qualidade, está tão perto.”

Ele então olhou para mim, curioso, dizendo: “Quem sabe você gostaria de fazer umas compras, como eles dizem?”

Olhei para o que conseguia ver das minhas roupas azuis grosseiras, que já tivera muitas oportunidades de comparar com a indumentária alegre dos cidadãos com quem tínhamos encontrado; pensei que se, como parecia provável, eu iria ser mostrado como uma curiosidade para diversão de pessoas tão pouco sisudas, era melhor que eu me parecesse menos com um marinheiro recém-desembarcado. Mas, a despeito de tudo o que havia acontecido, minha mão enfiou-se no meu bolso, onde, para minha tristeza, não havia nada de metal, a não ser duas chaves enferrujadas, e me lembrei de que, durante a nossa conversa no salão em Hammersmith, eu havia tirado o dinheiro do bolso para mostrar à bela Annie, e lá ele ficou. Meu rosto mostrou meu desapontamento, e Dick, olhando para mim, disse num grito:

“Ora, ora, Guest! O que foi agora? Uma vespa?”

“Não, mas acontece que eu esqueci algo lá na casa.”

“Bem, não importa o que você tiver esquecido, você há de encontrar neste mercado, não se preocupe mais com isso.”

Eu já estava novamente alerta e, lembrando os costumes estranhos do país, não queria ouvir outra conferência sobre economia social e moedas eduardianas; assim, disse apenas:

“Minhas roupas – eu não poderia?... Ajude-me, o que se pode fazer por elas?”

Não havia o menor sinal de riso no seu rosto quando disse com gravidade:

“Não pense em roupas novas por enquanto. Meu bisavô é antiquário e ele vai adorar vê-lo assim como está. E, entenda-me, não quero fazer sermão, mas não acho certo que você, ao se tornar igual a todo mundo, roube das pessoas o prazer de estudar a sua indumentária. Você concorda comigo, pois não?”

Não me parecia que era meu dever transformar-me em espantalho entre todas aquelas pessoas amantes da beleza, mas percebi que tinha cruzado com preconceitos inextirpáveis e que não adiantaria discutir com meu novo amigo. Assim, disse apenas: “Com certeza, com certeza.”

“Muito bem, podemos ver o interior dessas lojas: pense no que você gostaria de ver.”

“Poderíamos procurar um cachimbo e fumo?”

“É claro, por que não perguntei logo? Bob vive dizendo que nós, os não-fumantes, somos um bando de egoístas, e acho que ele tem razão. Mas venha comigo: aqui é o lugar certo.”

Em seguida, ele puxou as rédeas e saltou, e eu o segui. Uma mulher muito formosa, esplendidamente vestida de seda estampada, passava lentamente, olhando as vitrines. A ela Dick falou: “Senhorita, poderia lhe pedir para segurar as rédeas de meu cavalo enquanto entramos um pouco?” Ela concordou com um movimento de cabeça e um sorriso gentil e começou a passar a bela mão no pêlo do cavalo.

“Que linda criatura!”, disse eu a Dick ao entrarmos.

“O quê? O velho Greylocks?”, disse com um sorriso brincalhão.

“Não, não! Goldilocks¹ – a dama.”

“E é mesmo. É bom que haja tantas, e assim todo João pode ter sua Maria, caso contrário acho que estaríamos brigando por causa delas.” Neste ponto ele ficou muito sério. “Não digo que não aconteça às vezes. Você sabe, o amor não é muito racional, e a maldade e o egoísmo são mais comuns do que dizem os nossos moralistas.” Continuou, num tom ainda mais sério: “Há não mais que um mês houve uma tragédia entre nós, que ao final custou a vida de dois homens e uma mulher e, por assim dizer, cobriu de sombras a nossa vida. Não me pergunte agora; mais tarde eu lhe conto.”

Já estávamos dentro da loja, que tinha um balcão e prateleiras muito bem arrumadas nas paredes, mas bem parecida com as lojas que eu já conhecia. Dois meninos estavam lá dentro, um rapaz bem moreno de cerca de 12 anos, que estava lendo um livro, e uma moça, talvez um ano mais velha, que também estava lendo atrás do balcão; claramente eram irmãos.

“Bom dia, amiguinhos, meu amigo aqui precisa de um cachimbo e tabaco; poderiam ajudá-lo?”

1. Trocadilho com Goldilocks, Cachinhos Dourados da história infantil, e Greylocks, “cachinhos grisalhos”, o nome do cavalo (N.T.).

“Certamente”, disse a garota com uma atenção um pouco tímida e cheia de graça. O rapaz levantou os olhos e observou atentamente minha roupa estranha, mas logo enrubesceu e voltou a cabeça, como se sentisse não estar se comportando corretamente.

“Caro amigo”, disse a garota com a expressão muito solene de uma menina brincando de lojinha, “que tipo de tabaco você prefere?”

“Latakia”, eu disse com o ar de quem participasse de uma brincadeira com as crianças, imaginando que iria receber um faz-de-conta.

Mas a garota tomou uma cestinha delicada da prateleira ao lado, foi até uma jarra, tirou um punhado de fumo e colocou a cestinha cheia na minha frente, e pude sentir o perfume de um excelente Latakia.

“Mas você não o pesou”, eu disse, “quanto eu vou levar?”

“Eu o aconselho a encher a bolsa, pois você pode se ver em algum lugar onde não se encontra Latakia. Onde está a sua bolsa?”

Mexi nos bolsos e finalmente puxei o pedaço de algodão estampado que faz as vezes de minha bolsa de fumo. Mas a garota olhou com certo de desprezo e disse:

“Caro amigo, posso lhe dar coisa muito melhor do que este trapo de algodão.” Ela atravessou a loja e voltou imediatamente e, ao passar pelo menino, cochichou alguma coisa no seu ouvido. Ele concordou e saiu. A menina mostrou, entre o polegar e indicador, uma bolsa de marroquim vermelho, vivamente bordada, e disse: “Pronto, eu escolhi uma para você, e você deve levá-la; é bonita e guarda muito tabaco.”

Ela começou então a enchê-la de fumo, colocou-a ao meu lado e disse:

“Agora vamos escolher o cachimbo; eu também vou escolher um para você, acabaram de chegar alguns muito bonitos.”

Ela tornou a desaparecer e voltou com um cachimbo dotado de um grande forninho, elaboradamente entalhado em madeira dura, montado em ouro e salpicado de pequenas gemas. Era curto, um brinquedo bonito e alegre como nunca tinha visto igual; parecia ser da espécie mais fina de artesanato japonês, só que melhor.

“Deus meu!”, disse eu ao pôr nele os olhos, “isto é demais para mim, para qualquer um que não o Imperador do Mundo. Além do mais, eu vou perdê-lo: eu sempre perco meus cachimbos.”

A menina pareceu ofendida e disse: “Não gosta dele, amigo?”

“Gosto! É claro que eu gosto.”

“Então, é melhor levá-lo e não se preocupe se perdê-lo. Não tem a menor importância: se você o perder, alguém vai achá-lo e vai usá-lo, e você consegue um novo.”

Tomei-o de sua mão para examiná-lo e, ao fazê-lo, esqueci meus cuidados e disse: “Mas como vou pagar por uma coisa como esta?”

Quando acabei de falar, Dick me pôs a mão no ombro e, ao me voltar, cruzei com a expressão cômica dos seus olhos, que me alertou para mais uma exibição de moralidade comercial extinta; portanto, eu corei e me calei, enquanto a moça simplesmente me olhava com a maior gravidade, como se eu fosse um estrangeiro confundindo as palavras, pois claramente ela não entendera nada do que eu havia dito.

“Muito obrigado”, finalmente eu disse, efusivo, ao pôr o cachimbo no bolso, não sem uma ponta de receio de logo estar diante de um magistrado.

“Nós é que agradecemos”, disse a mocinha, afetando maneiras adultas, o que parecia muito estranho. “É um prazer enorme servir senhores como você; especialmente quando se vê imediatamente que você vem de muito longe, de além-mar.”

“É verdade, querida, sou um grande viajante.”

Ao contar, por pura educação, essa mentira, vi o rapaz voltar com uma bandeja nas mãos, sobre a qual havia um frasco grande e dois lindos cálices. “Amigos”, disse a mocinha (que era quem sempre falava, pois claramente seu irmão era muito tímido), “queiram tomar um cálice por nós, pois não é todo dia que temos clientes como o senhor.”

O rapaz colocou a bandeja no balcão e encheu os longos cálices com um vinho da cor da palha. Bebi com prazer, pois tinha sede por causa do calor do dia e, pensei, ainda estou no mundo e as uvas do Reno ainda não perderam o aroma; pois se algum dia eu bebi um bom Sternberg foi naquela manhã. Decidi perguntar mais tarde a Dick como

se fazia vinho tão bom se já não havia operários para beber a bebida inferior, em vez do vinho excelente que faziam.

“Não bebe conosco, amiguinha?”, eu perguntei.

“Não bebo vinho, prefiro limonada, mas lhes desejo saúde!”

“E eu prefiro refrigerante”, disse o rapazinho.

Bem, bem, os gostos das crianças também não mudaram. Então desejamos bom dia aos dois e saímos.

Para meu desencanto, como num sonho que muda, um velho alto segurava nosso cavalo no lugar da linda mulher. Ele nos explicou que a jovem não tinha podido esperar e que ele havia assumido o seu lugar; piscou para nós e riu ao ver o desapontamento estampado no nosso rosto, e também tivemos que rir com ele.

“Para onde vocês estão indo?”, perguntou ele a Dick.

“Para Bloomsbury.”

“Se vocês quiserem companhia, gostaria de ir com vocês”, disse o velho.

“Muito bem, diga-me onde quer descer e eu paro para você. Vamos embora.”

Partimos mais uma vez; perguntei a Dick se era comum as crianças atenderem às pessoas nos mercados. “Com frequência”, disse ele, “quando não é necessário movimentar coisas pesadas, mas não sempre. Os meninos gostam de brincar de comércio e é bom para eles, porque trabalham com muitas coisas diferentes e aprendem com elas, como são feitas, de onde vêm, e assim por diante. Além disso, é um trabalho tão fácil que qualquer um pode fazer. Dizem que, no início de nossa época, muitas pessoas eram afetadas por uma doença hereditária chamada ócio, por serem os descendentes diretos de pessoas que em períodos difíceis podiam forçar outras pessoas a trabalhar para elas, gente que os livros de história chamavam de senhores de escravos ou de patrões. Pois essas pessoas atacadas de ócio trabalhavam em lojas o tempo *todo*, pois eram incapazes de fazer outra coisa. Acho que, durante algum tempo, elas foram até obrigadas a trabalhar, porque ficavam, especialmente as mulheres, tão feias, e geravam filhos tão feios se não fossem rapidamente tratados, que a vizinhança não os suporta-

va. Entretanto, fico feliz em dizê-lo, tudo isto é passado; a doença foi extinta ou existe em forma tão branda que basta um purgante suave para curá-la. Hoje são chamados de melancólicos ou de deprimidos. Bem estranho, não?”

“É mesmo”, respondi pensativo.

Mas o velho interrompeu:

“E tudo isto é verdade, amigo; eu cheguei a ver algumas dessas mulheres depois de velhas. Mas meu pai conheceu algumas ainda novas; ele disse que elas eram pequenas como meninas: as mãos pareciam aglomerados de espetos, tinham braços finos como gravetos e cinturas finas como ampulhetas, lábios e nariz finos, a pele pálida, e estavam sempre se fazendo de ofendidas com tudo que lhes fosse dito. Não surpreende que tivessem filhos feios, pois ninguém, a não ser os homens iguais a elas, poderia amá-las – coitadas!”

Ele parou e ficou lembrando o passado, depois continuou:

“E sabem, amigos, houve um tempo em que essa doença do ócio causou muita preocupação: durante certo tempo, nós nos impusemos muito trabalho para tentar curar as pessoas doentes. Vocês não leram os livros de medicina que tratavam do assunto?”

“Não”, respondi, pois o velho estava falando comigo.

“Naquele tempo se pensava que era uma nova forma da doença medieval chamada lepra. Parece que era muito contagiosa, pois as pessoas atacadas eram isoladas e atendidas por uma classe especial de doentes que se vestiam de maneira estranha, para serem reconhecidos. Vestiam, entre outras indumentárias, calções de veludo, um material que se chamava de pelúcia até alguns anos atrás.”

Tudo isso me parecia muito interessante e gostaria de ouvir o velho contar mais. Mas Dick ficou incomodado com tanta história antiga; ademais, suspeito que ele queria me guardar tão inocente quanto possível para o bisavô. Então, ele deu uma risada e finalmente disse: “Desculpem-me amigos, mas não consigo evitar. Imaginem uma pessoa que não gosta de trabalhar! É ridículo demais. Até você, meu velho, gosta de trabalhar – às vezes”, disse batendo afetuosamente com o chicote nas ancas do cavalo. “Que doença estranha! Merece o nome de depressão!”

Tornou a rir escandalosamente; um riso exagerado para as suas boas maneiras de sempre; eu ri com ele, para fazer companhia, mas só da boca para fora, pois é claro que *eu* não via nada de engraçado em gente que não gostava de trabalhar.

Capítulo 7

TRAFALGAR SQUARE

E agora mais uma vez eu me ocupava em olhar em torno, pois já estávamos longe do Mercado de Picadilly e entrávamos numa região de casas muito elegantes e ornamentadas, que poderiam ser chamadas de *villas* se fossem feias e pretensiosas, o que estava longe de ser o caso. Cada uma das casas tinha o seu jardim cultivado com muito cuidado, coberto de flores. Os melros cantavam a plenos pulmões entre as árvores dos jardins, em sua maioria frutíferas, com um ou outro loureiro e um grupo ocasional de tílias: havia muitas cerejeiras, carregadas de frutos, e, sempre que passávamos em frente a um jardim, meninos e meninas nos ofereciam cestas de ótimas frutas. Entre todas essas casas e jardins não era possível determinar os locais das antigas ruas, mas me pareceu que as ruas principais eram as mesmas de antigamente.

Logo chegamos a um amplo espaço aberto, ligeiramente inclinado para o sul, em cujo lado ensolarado havia sido plantado um pomar, constituído principalmente de damasqueiros, no meio do qual havia uma estrutura pequena e linda de madeira, pintada e dourada, que me pareceu uma barraca de refrescos. A partir do lado sul do pomar mencionado saía uma longa estrada, manchada pelas sombras de velhas e altas pereiras, ao fim da qual se via a alta torre das Casas do Parlamento, ou Mercado de Esterco.

Fui tomado por uma estranha sensação; fechei os olhos para não ver o sol que brilhava sobre essa terra de jardins e, por um instante, passou por eles o fantasma de outro tempo. Um grande espaço cercado por casas feias e altas, com uma igreja feia num canto e um indescritível edifício cupulado às minhas costas; no leito da rua, dominado por ônibus lotados de espectadores, se comprimia uma multidão excitada e suada. No meio, uma praça com uma fonte, povoada

apenas por alguns homens vestidos de azul e por muitas imagens de bronze singularmente feias (uma no alto de uma coluna muito alta). A praça era vigiada até a beira da rua por quatro fileiras de homens grandes vestidos de azul e, do outro lado, ao sul, viam-se os capacetes de um grupo de soldados a cavalo, mortalmente brancos contra o cinza da fria tarde de novembro¹.

Abri novamente os olhos para o sol, olhei à minha volta e gritei entre as árvores murmurantes e flores perfumadas: "Trafalgar Square!"

"Ela mesma", Dick puxou mais uma vez as rédeas.

"Não me admira que você ache o nome ridículo, mas afinal ninguém tinha de mudar o nome, pois o nome de uma loucura morta não morde. Mesmo assim, eu às vezes penso que poderíamos ter-lhe dado um nome que comemorasse a grande batalha que se lutou aqui mesmo em 1952; aquela sim foi realmente importante, se os historiadores não estiverem mentindo."

"O que eles geralmente fazem, ou pelo menos faziam", falou o velho. "Por exemplo, o que vocês entendem disso, amigos? Li um relato confuso num livro – ai que livro estúpido! – chamado *História social democrática*, de James, de uma luta que aconteceu aqui mais ou menos por volta de 1887 (não sou bom em datas). Algumas pessoas, diz esta história, pretendiam realizar aqui uma câmara distrital ou qualquer coisa semelhante e o governo de Londres, algum conselho ou comissão ou não sei que outra corporação de idiotas bárbaros, caiu de armas na mão sobre esses cidadãos (como eram então chamados). Parece muito ridículo para ser verdade; mas, de acordo com esta versão da história, não houve qualquer consequência, o que é certamente ridículo demais para ser verdade."

"Bem", eu disse, "mas afinal o seu senhor James está certo e é verdade; exceto que não houve luta, apenas pessoas pacíficas e desarmadas atacadas por um bando de rufiões armados com porretes."

1. Referência ao "Domingo Sangrento", 13 de novembro de 1887, quando uma demonstração de massa de trabalhadores, liderada por proeminentes socialistas, Morris entre eles, foi dispersada brutalmente pela polícia londrina em Trafalgar Square. Conforme nota da edição de Krishan Kumar.

"E eles aceitaram pacificamente?", perguntou Dick, com a primeira expressão desagradável que eu vira no seu semblante sempre bem-humorado.

Respondi corando: "Tivemos de aceitar, não havia como evitar."

O velho olhou para mim, interessado, e disse: "Parece que você sabe muito a respeito, amigo! É verdade que nada aconteceu depois?"

"A consequência é que muita gente foi para a prisão."

"Os que davam porretadas?", disse o velho. "Pobres-diabos."

"Não, não, os agredidos."

Retrucou o velho: "Amigo, acho que você andou lendo um monte de mentiras e se deixou enganar com muita facilidade."

"Eu lhe asseguro, tudo o que eu disse é verdade."

"Bem, tenho certeza de que você acredita, amigo", disse o velho com severidade, "mas não consigo ver como você pode ter tanta certeza."

Sem poder explicar, preferi calar-me. Enquanto isso, Dick, que até então estivera sentado e com os sobrolhos franzidos, pensando, falou afinal, gentil e tristemente:

"Como é estranho pensar que houve homens como nós, suponho que dotados de sentimentos e afeições como nós, vivendo neste país lindo e feliz e que podiam mesmo assim fazer coisas tão terríveis."

"É verdade", afirmi num tom didático. "Ainda assim, até mesmo esses dias já eram uma grande melhora em relação a épocas anteriores. Vocês nunca leram a respeito do período medieval, da ferocidade de suas leis criminais, e de como aqueles homens pareciam sentir prazer em torturar seus companheiros? – por todas essas razões eles transformaram seu Deus num carcereiro torturador e nada mais."

"É verdade", falou Dick, "há bons livros sobre esse período, e eu li alguns deles. Mas não consigo ver a melhora do século XIX. Afinal, os povos medievais agiam de acordo com sua consciência, como demonstra a sua observação sobre o Deus deles (que é verdadeira), e eles aceitavam sofrer o que impunham aos outros, ao passo que os do século XIX fingiam ser humanos e, mesmo assim, continuavam a atormentar aqueles a quem tratavam dessa forma, trancando-os em prisões sem

qualquer razão, a não ser pelo fato de serem o que os próprios donos da prisão os forçaram a ser. Oh, é horrível pensar nessas coisas.”

“Mas talvez eles não soubessem como eram as prisões”, disse eu.

Dick estava agitado, quase colérico. “Maior ainda a vergonha, pois eu e você sabemos muito bem, depois de todos esses anos. Olhe, amigo, eles não tinham como desconhecer que, na melhor das hipóteses, uma prisão é uma desgraça para a comunidade, e que as prisões deles eram bem mais avançadas no sentido de serem piores.”

“Mas vocês não têm prisões?”, perguntei.

Ditas estas palavras, imediatamente percebi ter cometido um erro, pois Dick ficou vermelho e franziu a testa, e o velho pareceu surpreso e agoniado; imediatamente Dick falou com raiva, como que mal se contendo:

“Homem! Como você é capaz de fazer uma pergunta dessas? Já não lhe disse que sabemos o que é uma prisão pela evidência incontesteável de livros confiáveis e pela nossa própria imaginação? Não foi você mesmo quem chamou minha atenção para a felicidade das pessoas na estrada? Como elas poderiam ser felizes sabendo que os vizi-nhos estão trancados na prisão, sendo elas obrigadas a suportar esse fato caladas? Se há pessoas na prisão, não é possível escondê-lo do povo, como às vezes é possível ocultar um assassinato; porque um assassinato não é perpetrado de propósito, com uma porção de gente apoiando a sangue-frio o assassino, como acontece com a prisão. Prisões! Oh, não, não, não!”

Parou e começou a se acalmar, e disse numa voz afável: “Mas perdoe-me! Não devo me exaltar dessa forma se não existem prisões: acho que você vai pensar mal de mim, por ter perdido o controle. É claro que, vindo de terras distantes, você não pode saber dessas coisas. E agora acho que o deixei embaraçado.”

De certa forma, ele o havia feito; mas era tão generoso na raiva que gostei ainda mais dele e disse:

“Não, na verdade é tudo culpa da minha estupidez. Vamos mudar de assunto, quero perguntar o que são aqueles edifícios imponentes à nossa esquerda, aparecendo depois daquele bosque de plátanos.”

“Ah, é um edifício antigo, construído antes da metade do século XX e, como você pode ver, tem um estilo bizarro e fantástico, não muito belo; mas há belas coisas lá dentro, principalmente pinturas, algumas muito antigas. É chamada Galeria Nacional; não sei exatamente o que o nome significa, de qualquer forma todo lugar onde se guardem pinturas permanentemente como curiosidades recebe o nome de Galeria Nacional, talvez por causa desta. Há muitas delas pelo país inteiro.”

Não tentei esclarecer a sua dúvida, por achar a tarefa muito difícil; puxei o magnífico cachimbo e comecei a fumar, enquanto o velho cavalo trotava.

“Este cachimbo é um brinquedo muito elaborado. Vocês parecem tão racionais neste país, sua arquitetura é tão boa que eu não consigo entender como vocês criam trivialidades como esta.”

Senti, ao falar, que parecia muita ingratidão da minha parte, depois de ter recebido presente tão maravilhoso; mas Dick não percebeu minha falta de educação.

“Bem, não sei; é mesmo muito bonito, e como ninguém precisa fazer coisas como esta a menos que goste, não sei por que não fazer, já que se gosta. É claro que se há falta de entalhadores todos eles estariam ocupados na arquitetura, como você a chama, e então estes brinquedos (boa palavra) não seriam feitos; mas como existe muita gente capaz de entalhar – na verdade, quase todo mundo –, e como há escassez de trabalho, ou tememos que possa haver, ninguém desencoraja este tipo de artesanato.”

Ele meditou um pouco e pareceu perturbado; mas logo abriu um sorriso: “Afim, você tem de admitir que o cachimbo é realmente muito bonito, com as fadas, sob as árvores, talhadas de forma elegante e agradável – talvez seja um cachimbo muito elaborado, mas é muito bonito.”

“Talvez valioso demais para o uso a que se destina”, completei.

“O que quer dizer isso? Não entendi.”

Estava me preparando para, algo desanimado, tentar fazê-lo entender, quando chegamos aos portões de um grande edifício muito espalhado em que se realizava algum tipo de trabalho. “Que edifício é

este?” perguntei ansioso; pois era um prazer ver, em meio a tanta coisa estranha, alguma coisa que eu já conhecia. “Parece ser uma fábrica.”

“E é, acho que sei o que você quer dizer, é isso mesmo; nós não lhe damos este nome, mas sim o de oficinas grupais; ou seja, lugares onde se reúnem as pessoas que gostam de trabalhar juntas.”

“Suponho que ali se use algum tipo de energia.”

“Não, não. Por que as pessoas se reuniriam para usar energia quando ela está à sua disposição onde vivem, ou bem perto, para grupos de dois ou três? Não, as pessoas se reúnem nessas oficinas grupais para fazer trabalhos manuais para os quais o trabalho de grupos é necessário ou conveniente; esse tipo de trabalho é geralmente muito prazeroso. Nesta, por exemplo, fabricam-se porcelana e vidro – você pode ver lá adiante o alto das chaminés.”

“Mas não estou vendo fumaça saindo das chaminés.”

“Fumaça? Mas por que você veria fumaça?”

Calei-me e ele continuou:

“Lá dentro é muito agradável, apesar de simples como o exterior. Quanto aos trabalhos, bater barro deve ser uma atividade alegre; soprar o vidro já é muito exaustivo, mas há pessoas que o apreciam muito, o que é compreensível: há uma sensação de poder, quando alguém adquire destreza no manuseio do metal fundente. O trabalho agradável não tem fim, pois, por mais que se tome cuidado, um dia ou outro essas coisas acabam se quebrando, portanto sempre há muito trabalho a fazer.”

Continuei calado, meditando.

Encontramos então um grupo de homens que consertava a estrada, o que nos atrasou um pouco; mas achei bom tê-los encontrado, pois tudo que me fora dado ver até agora parecia parte de um festival de verão. E eu queria ver como aquele povo atacava um pouco de trabalho real e necessário. O grupo estivera descansando e acabava de retomar o trabalho quando nos aproximamos; o barulho das picaretas me arrancou do devaneio. Havia cerca de uma dúzia deles, jovens fortes, muito parecidos com um grupo de remadores de Oxford da minha lembrança, e des preocupados com aquele trabalho; as roupas co-

muns estavam cuidadosamente dobradas ao lado da estrada, vigiadas por um garoto de 6 anos que abraçava um mastim enorme, preguiçoso e feliz como se aquele dia de verão tivesse sido feito exclusivamente para ele. Olhei a pilha de roupas e percebi bordados de fios de ouro e seda e imaginei que alguns daqueles operários tinham gosto semelhante ao do Lixeiro de Ouro de Hammersmith. Ao lado deles havia uma cesta na qual se percebiam pedaços de torta e vinho; uma dúzia de moças acompanhavam o trabalho ou os trabalhadores, ambos dignos de serem observados, pois os últimos atacavam energeticamente o piso com suas picaretas e demonstravam grande habilidade no trabalho, rapazes bem constituídos e belos como os que se encontram num lindo dia de verão. Riam e brincavam uns com os outros e com as moças, mas logo o capataz ergueu os olhos e viu que nosso caminho estava bloqueado. Ele então largou a picareta e gritou: “Um momento, companheiros! Nossos amigos precisam passar.” Os outros interromperam imediatamente o trabalho e ajudaram nosso cavalo, facilitando a passagem das rodas por sobre a estrada desfeita. Imediatamente voltaram para o trabalho, como homens engajados numa tarefa prazerosa, parando apenas para nos desejar um sorridente bom dia; o ruído das picaretas recomeçou antes que Greylocks tivesse retomado o trote. Dick se voltou para olhá-los, dizendo:

“Eles estão com sorte: um dia como hoje é perfeito para disputar quem produz mais com a picareta em uma hora; e é claro que aqueles homens conhecem o seu trabalho. Não é apenas uma questão de força; o que você acha, Guest?”

“Não sei, mas, para dizer a verdade, nunca experimentei fazer esse trabalho.”

“Verdade?”, perguntou ele gravemente. “É uma pena; é bom para enrijecer os músculos e eu gosto muito, apesar de ter de admitir que é melhor na segunda semana do que na primeira. Não que eu seja bom nisso: lembro-me de que meus companheiros de trabalho brincavam comigo cantando, ‘Boa remada, remador!’ ou ‘Força nas costas, proeiro!’”

“Não me parece uma brincadeira de bom gosto.”

“Bem, tudo parece brincadeira quando se tem prazer no trabalho e bons amigos alegres à volta; a gente fica feliz.”
Mais uma vez eu fiquei a meditar em silêncio.

Capítulo 8

UM VELHO AMIGO

Entramos num caminho aprazível onde os galhos de grandes plátanos quase se fechavam no alto, mas atrás deles havia casas baixas muito próximas umas das outras.

“Este lugar se chama Long Acre”, falou Dick, “portanto aqui deve ter havido uma plantação de milho. É curioso como os lugares mudam e ainda assim os nomes continuam! Veja como as casas são próximas! E eles ainda continuam a construir!”

“É verdade”, disse o velho, “mas acho que começaram a construir sobre os campos de milho bem antes do século XIX. Ouvi dizer que aqui ficava uma das partes mais populosas da cidade. Mas é aqui que eu desço, companheiros; vou visitar um amigo que vive nos jardins que ficam atrás de Long Acre. Adeus e boa sorte, Guest!”

Ele saltou e se afastou caminhando vigorosamente como um jovem.

“Quantos anos você imagina que aquele nosso amigo tem?”, perguntei a Dick quando o perdemos de vista; pois eu vi que era velho e, ainda assim, seco e forte como uma peça de carvalho antigo; um tipo de velho que eu não estava acostumado a ver.

“Eu diria que uns 90”, respondeu Dick.

“Como o seu povo é longevo!”

“É verdade, já ultrapassamos o limite de 70 anos do velho livro judeu dos provérbios. Mas veja, isso foi escrito para a Síria, um país quente e seco, onde a vida das pessoas é mais agitada do que no nosso clima temperado. Contudo, não acredito que isso seja tão importante, desde que o homem seja sadio e feliz enquanto vivo. Mas agora, Guest, já estamos chegando à morada de meu velho parente e acho melhor você guardar para ele as suas perguntas.”

Concordei, e então viramos para a esquerda, descendo um declive suave em meio a belos jardins de roseiras, plantados no que me pare-

ceu ser o lado da Endell Street. Passamos, e Dick puxou as rédeas no instante em que entramos numa estrada longa e retilínea com algumas casas esparsas acima e abaixo. Apontava a mão para a direita e a esquerda dizendo: “Holborn fica daquele lado, Oxford deste. Isto aqui era uma parte importante da cidade populosa que ficava fora das muralhas do burgo Antigo e Medieval; muitos nobres feudais da Idade Média, dizem, tinham mansões dos dois lados de Holborn. Estou certo de que você se lembra de que a casa do Bispo de Ely foi mencionada em *Ricardo II* de Shakespeare; dela ainda existem algumas ruínas. Mas esta estrada já não tem a mesma importância, depois do desaparecimento da cidade antiga e de tudo mais.”

Continuamos, enquanto eu sorria a pensar como o século XIX, que mereceu tantas palavras grandiosas, nada representava na memória desse homem que lia Shakespeare e não tinha esquecido a Idade Média.

Cruzamos a estrada para entrar numa passagem estreita entre os jardins e saímos numa rua larga, ao lado da qual havia um grandioso edifício muito comprido cujas empenas se afastavam da estrada que, logo vi, era mais um grupo público. À sua frente havia um espaço aberto coberto de vegetação, sem muro nem cerca. Vi por entre as árvores uma arcada bem conhecida – na verdade, meu velho amigo, o Museu Britânico. Perdi o fôlego, entre todas as coisas estranhas que tinha visto; mas calei-me e deixei Dick falar.

“Lá adiante está o Museu Britânico, onde meu bisavô passa a maior parte do tempo; portanto não vou falar muito dele. O edifício à esquerda é o Mercado do Museu, e acho melhor passar por lá um minuto ou dois, pois Greylocks já deve estar esperando o descanso e a refeição de aveia; imagino que você vá ficar com meu parente a maior parte do dia e, para dizer a verdade, há alguém lá com quem eu gostaria de encontrar e ter uma longa conversa.”

Ele corou e suspirou, ao que parece com desprazer; eu não disse nada, e ele guiou o cavalo por sob uma arcada que nos levou até um quadrilátero pavimentado com um grande sicômoro em cada canto e uma linda fonte no centro. Perto da fonte havia algumas barracas de

mercado, cobertas de lona listrada, em torno das quais algumas pessoas, em sua maioria mulheres e crianças, se moviam lentamente, examinando a mercadoria exposta. O térreo do edifício que contornava o quadrilátero era ocupado por uma arcada ou claustro, cuja arquitetura caprichosa mas forte eu não me cansava de admirar. Também aqui algumas pessoas passeavam ou liam, sentadas nos bancos.

Dick me disse, como que pedindo desculpas:

“Aqui, como em todo lugar, há pouca atividade hoje; se fosse sexta-feira estaria lotado de gente alegre, e à tarde geralmente há música em torno da fonte. Contudo, acho que haverá um grupo bem grande na hora da nossa refeição do meio-dia.”

Passamos pelo quadrilátero e sob uma arcada até um belo estábulo no outro lado, onde rapidamente pusemos na cocheira o velho cavalo, feliz com sua refeição, e voltamos pelo mercado. Dick me parecia muito pensativo.

Notei que ninguém conseguia evitar me encarar, o que, considerando as roupas deles e as minhas, era absolutamente normal; mas, sempre que nossos olhos se cruzavam, eles faziam um gesto sorridente de saudação.

Entramos diretamente pelo átrio do museu onde, a não ser pelos parapeitos removidos e pelos galhos sussurrantes das árvores em torno, nada parecia ter mudado; até os pombos voavam em torno do edifício, pousando nos ornamentos do frontão, como já faziam no meu tempo.

Dick parecia mais ausente, mas não se furtou a me dar uma informação arquitetônica:

“É uma antiguidade muito feia, não acha? Muitas pessoas já quiseram demoli-la para reconstruir, e é possível que, se houver realmente escassez de trabalho, ainda o façamos. Mas, como meu bisavô vai lhe dizer, não seria um trabalho simples, pois lá dentro há muitas coleções maravilhosas de todo tipo de antiguidade, além de uma biblioteca enorme, repleta de lindos livros, muitos registros genuínos úteis, textos de trabalhos antigos e assim por diante; a preocupação e a ansiedade envolvidas na mudança de tudo isso salvaram os edifícios.

Ademais, como já comentamos antes, não é mau ter um registro do que nossos antepassados consideravam ser um belo edifício. Pois há nele muito material e trabalho.”

“Vejo que há, e concordo com você. Mas agora é melhor irmos depressa ver seu bisavô.”

De fato, percebia que ele estava matando o tempo.

“Vamos entrar num minuto. Meu parente está velho demais para trabalhar muito no Museu, onde foi por muitos anos o bibliotecário, mas ele passa muito tempo aqui; acho mesmo que ele se vê como mais um dos livros, ou os livros como parte dele mesmo, não sei qual.”

Hesitou mais um pouco, depois se animou, me tomou a mão e, dizendo “então venha comigo!”, levou-me para a porta de uma das antigas moradias oficiais.

Capítulo 9

SOBRE O AMOR

“Então seu bisavô não dá muita importância à beleza das coisas”, disse eu, quando entramos numa casa clássica muito sombria, realmente muito despojada, a não ser por alguns grandes vasos de flores de junho espalhados aqui e ali; mas era muito limpa e bem caiada.

“Não sei”, ele respondeu um tanto ausente. “Ele está ficando velho, pois já passou de 105 anos e não pensa em se mudar. Mas se quisesse ele poderia viver numa casa mais bonita: pode morar onde quiser, como qualquer um. Por aqui, Guest!”

Ele me guiou escada acima e, ao abrir uma porta, entramos numa sala antiga de bom tamanho, simples como o resto da casa, com poucos móveis necessários, muito simples e rústicos, mas firmes e bem entalhados, bem projetados mas toscos. No outro canto da sala, perto da janela, havia uma mesa à qual se sentava um velhinho numa cadeira ampla de carvalho, bem almofadada. Vestia um casaco de Norfolk de sarja azul muito puída, calças do mesmo tecido e meias cinzas de lã. Saltou da cadeira e gritou com voz forte para homem tão idoso: “Bem-vindo, Dick, meu filho; Clara está aqui e vai ficar muito feliz de vê-lo; guarde a alegria no coração.”

“Clara, aqui? Se soubesse eu não teria trazido... quero dizer, eu ia...”

Ele estava gaguejando, confuso, certamente ansioso por não querer me deixar pouco à vontade. Mas, para ajudá-lo, o velho, que de início não havia me visto, avançou até mim dizendo numa voz bondosa:

“Peço que desculpe, pois não tinha notado que Dick, grande o bastante para esconder qualquer um, tinha trazido um amigo. Minhas saudações mais cordiais! Tanto mais que quase espero que você tenha vindo alegrar um velho com notícias de além-mar, pois noto que você veio pelo mar de países distantes.”

Ele me olhou, pensativo, quase ansioso, ao dizer numa voz diferente: “Posso perguntar de onde você vem, já que evidentemente é estrangeiro?”

Respondi com voz ausente: “Eu vivia na Inglaterra e estou de volta; passei a noite de ontem na Casa de Hóspedes de Hammersmith.”

Ele se inclinou, grave, mas me pareceu algo desapontado com a resposta. Quanto a mim, eu o examinava agora com mais atenção do que permitem as boas maneiras, pois seu rosto, apesar de enrugado como uma maçã seca, me parecia familiar; como se já o tivesse visto antes – talvez num espelho, eu me dizia.

“Bem, não importa de onde venha, você agora está entre amigos”, disse o velho. “E vejo que meu neto Dick Hammond está com ar de quem o trouxe até aqui para que eu possa ajudá-lo. É isso, Dick?”

Dick, que parecia cada vez mais distante e continuava a olhar fixamente para a porta, conseguiu dizer: “Bem, é isso, avô: nosso amigo encontrou as coisas muito mudadas e não está entendendo, muito menos eu; por isso eu pensei em trazê-lo para falar com você, pois você sabe mais sobre tudo o que aconteceu nos últimos 200 anos do que qualquer outro. O que foi isso?”

Ele tornou a se virar para a porta. Ouvimos passos lá fora, a porta se abriu e entrou uma jovem muito bela que estacou ao ver Dick e enrubesceu como uma rosa, mas continuou a olhar para ele. Dick olhou-a intensamente e como que ergueu a mão para ela, o rosto tremendo de emoção.

O velho não os deixou muito tempo naquela situação de timidez desconfortável e disse, com o sorriso de velho alegre: “Dick, meu filho, Clara, minha querida, nós os velhos estamos atrapalhando, pois acho que vocês têm muito a dizer um ao outro. Vão para o quarto de Nelson, lá em cima; ele não está lá agora, mas passou o dia cobrindo as paredes de livros medievais; deve estar lindo para os dois e para renovar seu prazer.”

A moça deu a mão a Dick e saiu com ele da sala, olhando diretamente para a frente; mas era fácil ver que seu rubor era de felicidade, não de raiva, pois o amor é muito mais tímido que a ira.

Depois de a porta se fechar atrás deles, o velho se voltou para mim ainda sorridente e disse:

“Francamente, caro hóspede, se você espera que eu ponha a língua a trabalhar, saiba que está me prestando um grande favor. O amor à conversa mora comigo, ou melhor, cresce comigo; e embora seja agradável ver os jovens a jogar com tanta seriedade, como se todo o mundo dependesse de seus beijos (o que às vezes é o caso), penso que minhas histórias do passado não têm muito interesse para eles. Para eles, história se resume à última colheita, ao último bebê, ao último lote de talhas no mercado. Era diferente quando eu era jovem, quando não tínhamos tanta certeza da paz e da abundância contínuas como agora temos. Bem, bem! Sem querer incluí-lo na pergunta, deixe-me perguntar: devo considerá-lo alguém que conhece um pouco de nossos costumes modernos, ou como alguém que vem de algum lugar onde as próprias bases da vida são diferentes das nossas – você sabe alguma coisa, ou nada sabe sobre nós?”

Ao falar, ele me olhava atentamente, com uma interrogação crescente nos olhos; eu respondi em voz baixa:

“De sua vida moderna só sei o que pude observar com meus olhos no caminho de Hammersmith até aqui, e das perguntas que fiz a Richard Hammond, das quais a maior parte ele mal compreendeu.”

O velho sorriu. “Então devo falar-lhe como...”

“A alguém de outro planeta.”

O velho, cujo nome, assim como o do bisneto, era Hammond, sorriu e concordou, ofereceu-me a sua pesada cadeira de carvalho e disse, ao ver meus olhos fixos em sua curiosa entalhadura:

“É verdade, sou muito ligado ao passado, ao *meu* passado. Todo esse mobiliário é de um tempo anterior à minha infância, meu pai mandou fazê-lo; se essas peças tivessem sido feitas nos últimos 50 anos, teriam sido muito mais bem executadas; mas não acredito que teria gostado mais. Naquela época, estávamos praticamente começando; eram tempos estimulantes, as cabeças andavam quentes. Como você vê, eu falo muito; faça perguntas, faça perguntas sobre o que quiser; como *tenho* de falar, faça com que minha conversa lhe seja útil.”

Fiquei calado por um minuto e depois disse, um tanto nervoso: “Perdoe-me se pareço rude; mas estou muito interessado em Richard, pois ele foi tão gentil comigo, um completo estranho, que gostaria de perguntar algo sobre ele.”

“Bem, se ele não fosse ‘gentil’, como você diz, com um completo estranho ele seria considerado estranho, e talvez os outros o evitassem. Mas continue! Não tenha vergonha de perguntar.”

“A linda moça, ele vai se casar com ela?”

“Bem, vai. Ele já foi casado com ela, e posso dizer agora que, com certeza, em breve ele vai se casar com ela mais uma vez.”

“De fato”, eu disse, sem saber exatamente o que ele queria dizer.

“A história é esta, e é muito curta; espero que agora seja uma história feliz: eles viveram juntos por dois anos da primeira vez; os dois eram muito jovens. Então ela pôs na cabeça que estava apaixonada por outra pessoa e abandonou o pobre Dick; digo *pobre* Dick porque ele não encontrou outra pessoa. Mas tudo durou muito pouco, apenas cerca de um ano. Então ela veio a mim, pois estava habituada a discutir seus problemas com o velho, e me perguntou se Dick estava feliz, e assim por diante. Vi o que estava acontecendo e lhe disse que ele estava muito infeliz, que andava muito mal; essa última, na verdade, foi uma mentira. O resto você pode adivinhar. Clara veio hoje para ter uma longa conversa comigo, mas com Dick vai ser muito melhor. De fato, se ele não tivesse aparecido hoje, eu teria de mandar chamá-lo amanhã.”

“Puxa! E eles têm filhos?”

“Dois”, ele respondeu; “estão com uma de minhas filhas, que é com quem Clara passa a maior parte do tempo. Não quis perdê-la de vista, pois tinha certeza de que eles se reconciliariam. Dick, o melhor dentre os bons, realmente fez o possível. Ele não tinha outro amor, ao contrário dela. Eu organizei tudo, como já tinha feito antes com questões semelhantes.”

“Ah! É claro que você preferia manter toda essa questão de divórcio fora dos tribunais, mas acredito que sempre são eles que resolvem essas questões.”

“Então você acredita errado. Sei que antigamente havia loucuras como esses tribunais de divórcio. Mas pense: todos os casos que eram julgados naqueles tribunais eram litígios sobre propriedade; parece-me, caro amigo”, disse ele sorrindo, “que, apesar de vir de outro planeta, você notou pelo aspecto externo do nosso mundo que os litígios sobre propriedade não têm condição de existir em nossos dias.”

De fato, minha viagem de Hammersmith até Bloomsbury e toda aquela vida tranqüila de que tivera tantos sinais, sem falar na minha compra, teriam sido mais que suficientes para eu saber que o “sagrado direito de propriedade” como o conhecíamos já não existia mais. Portanto, fiquei sentado em silêncio enquanto o velho retomava o fio de nossa conversa.

“Muito bem, se já não existem litígios sobre propriedade, o que resta dessas questões para ser resolvido nos tribunais? Imagine um tribunal para impor o cumprimento de um contrato de paixão e sentimento! Se tal coisa fosse necessária como *reductio ad absurdum* da imposição de um contrato, ela poderia cumprir essa função para nós.”

Mais uma vez ele ficou algum tempo calado e então disse: “É preciso que você entenda de uma vez por todas que mudamos essas questões; ou melhor, que mudou nossa forma de vê-las ao mudarmos durante os últimos 200 anos. Não mentimos para nós mesmos, nem acreditamos que se possa ficar livre de todos os problemas que atornentam a relação entre os sexos. Sabemos que temos de enfrentar a infelicidade que vem da confusão que fazem homem e mulher entre a paixão natural, o sentimento e a amizade que, quando tudo vai bem, suavizam a perda das ilusões; mas não somos tão loucos a ponto de empilhar sobre a infelicidade a degradação que vem com as brigas em torno da subsistência, da posição e do poder de tyrannizar os filhos que nasceram do amor ou da luxúria.”

Fez mais uma pausa e continuou:

“A paixão da juventude, que se supõe ser o heroísmo de toda a vida e que apesar de tudo se dissipa em desapontamento; o desejo inexplicável que tem o homem mais maduro de ser tudo na vida de uma mulher, cuja bondade e beleza comuns ele idealizou em perfeição sobre-humana e

tornou o objeto desse desejo; ou, por último, o sonho de um homem forte e ponderado de se tornar o amigo mais íntimo de uma mulher bela e sábia, o tipo de beleza e glória no mundo que amamos tanto, enquanto exultamos no prazer e na exaltação do espírito que acompanham todas essas coisas, nós nos preparamos para suportar a dor que não raramente também chega com elas; lembrando os versos do poeta antigo (cito de memória uma das muitas traduções do século XIX):

Para isso os deuses criaram do homem o dia da dor e do mal
Que para o homem do futuro seria o conto e a balada.¹

Bem, é pouco provável que se contem todas as histórias ou se curem todas as dores.”

Voltou a se calar, e eu não quis interrompê-lo. Finalmente, ele continuou:

“Mas você deve saber que nós, os dessas gerações, somos fortes e saudáveis de corpo e vivemos tranquilos; passamos a vida numa luta razoável com a natureza, exercitando não apenas uma das nossas facetas mas todas elas, extraíndo o maior prazer de toda a vida do mundo. Portanto, para nós é ponto de honra não ser egocêntrico, não imaginar que o mundo vai parar porque alguém está triste; portanto consideramos tolo ou, se preferir, criminoso exagerar essas questões do sentimento e da sensibilidade; não tentamos esticar as tristezas sentimentais assim como não acalentamos as dores físicas e reconhecemos que existem outros prazeres além do amor. Você deve se lembrar também que temos uma vida longa e que, portanto, a beleza do homem e da mulher não é tão passageira como no tempo em que vivíamos sobrecarregados com doenças que provocávamos em nós mesmos. É como nos livramos dessas aflições, de uma forma que talvez parecesse desprezível e pouco heróica aos sentimentais de outros tempos, mas que pensamos ser necessária e humana. Deixamos também de ser comerciantes nas nossas questões de amor e, assim, deixamos de ser *artifi-*

1. Trata-se de uma citação do livro VIII da *Odisséia*, de Homero.

cialmente idiotas. A loucura que nos vem da natureza, a ignorância do homem imaturo ou do velho apanhado numa armadilha são coisas que temos de aceitar e de que não nos envergonhamos, mas ser convencionalmente sensível ou sentimental... Meu amigo, sou velho e talvez desapontado, mas pelo menos acredito que conseguimos pôr fora *algumas* das loucuras do mundo antigo.”

Parou como se esperasse minhas palavras, mas calei-me, então ele continuou:

“Pelo menos não choramos nem mentimos se sofremos com a tirania e os caprichos da natureza ou com nossa própria falta de experiência. Se acontece a separação entre os que juraram nunca se separar, que seja, mas não se necessita do pretexto da união quando a realidade da união já acabou, nem forçamos quem sabe ser incapaz disso a jurar um sentimento imortal que realmente não sente; assim, aquela monstruosidade da luxúria venal deixa de ser possível e também de ser necessária. Não me compreenda mal. Você não me pareceu chocado quando eu disse que não existem mais tribunais para impor contratos de sentimento e paixão, mas os homens são feitos de forma tão curiosa que talvez você fique chocado quando eu lhe disser que também não existe um código de opinião pública em lugar dos tribunais, e que poderia ser tão tirânico e irracional quanto eles. Não digo que as pessoas não julguem, às vezes injustamente, a conduta dos vizinhos. O que digo é que não existe um conjunto invariável de regras convencionais pelo qual se julgam as pessoas; não há leito de Procusto para cortar ou esticar suas mentes e vidas, nem excomunhão hipócrita que as pessoas sejam forçadas a pronunciar, seja pelo hábito impensado, seja pela ameaça velada dos menos interditos quando não sabem controlar a hipocrisia. Está chocado?”

“N-não, não. É tudo tão diferente.”

“De qualquer forma, existe uma coisa que posso garantir: o sentimento que houver é legítimo e geral; não é confinado a pessoas especialmente refinadas. Estou bem certo, como indiquei há pouco, de que não existe mais tanto sofrimento nessas questões, nem para homens nem para mulheres, quanto havia no passado. Perdoe-me por ser pro-

lixo sobre essa questão! Mas você me pediu para ser tratado como alguém de outro planeta.”

“É verdade, eu lhe agradeço muito. Posso agora perguntar sobre a posição das mulheres na sua sociedade?”

Ele deu uma gargalhada muito gostosa para um homem tão entrado na idade.

“Não é por acaso que tenho boa reputação como estudioso dedicado da história. Acho que entendo o movimento de Emancipação Feminina do século XIX, mas duvido que haja outro homem vivo que o conheça.”

Senti-me um pouco irritado por seu comentário.

“Então?”

“Então você há de notar claramente que essa é hoje uma controvérsia morta. Os homens já não têm a oportunidade de tyrannizar as mulheres nem as mulheres, os homens; as duas coisas aconteciam naquele tempo. As mulheres fazem o que fazem melhor e o que gostam de fazer; os homens não ficam enciumados nem ofendidos. É tão comum e natural que quase tenho vergonha de explicar.”

“Ah, e o Legislativo? Elas participam?”

“Acho melhor você esperar uma resposta até entrarmos no tópico da legislação. Também nessa questão pode haver novidades.”

“Está bem, mas e quanto a essa questão das mulheres? Vi na Casa de Hóspedes que as mulheres serviam aos homens. Isso parece um pouco reacionário, não acha?”

“Você acha? Talvez você pense que cuidar da casa seja uma ocupação sem importância, pouco respeitável. Creio que era essa a opinião das mulheres ‘avançadas’ do século XIX. Se for a sua, sugiro que observe uma velha história do folclore norueguês chamada ‘Como o homem cuidou da casa’, ou algo parecido, em que o resultado de tal cuidado foi, depois de várias tribulações, estar o homem pendurado pela ponta de uma corda no meio da chaminé, a vaca pendurada no beiral do telhado, que, como é costume no país, é feito de turfa e se inclinava até quase o chão. Duro para a vaca, na *minha* opinião. É evidente que coisa igual nunca aconteceria a uma pessoa superior como você”, acrescentou com risadinhas.

Fiquei sentado um tanto sem jeito sob essa chacota seca. De fato, a forma como ele tratou essa última pergunta me pareceu um pouco desrespeitosa. E ele continuou:

“Ora, meu amigo, você não sabe que para uma mulher é um grande prazer cuidar bem de uma casa, e fazê-lo de forma que todos na casa se sintam felizes e gratos a ela? E você sabe, todo mundo gosta de ser mandado por uma mulher bonita: é uma das formas mais agradáveis de flerte. Você mesmo não é tão velho a ponto de não se lembrar. Eu me lembro bem.”

E o velho tornou a dar aquela risadinha, que, de repente, se transformou numa sonora gargalhada. Em seguida falou:

“Perdoe-me, não estou rindo de nada que você esteja pensando, mas de uma moda tola do século XIX, comum entre as pessoas ricas que se diziam cultas, de ignorar todos os passos até que o jantar lhes fosse servido, como se se tratasse de coisa muito sem importância para interessar sua grande inteligência. Idiotas inúteis! Ora, eu sou um ‘homem literário’, que é como animais estranhos como nós eram chamados, mas ainda assim sou um cozinheiro bem razoável.”

“E eu também”, retruquei.

“Então, acho que você me entende melhor do que eu esperava, a julgar por suas palavras e seu silêncio.”

“Talvez seja verdade; mas fico espantado com pessoas que põem em prática esse sentido do interesse nas ocupações simples da vida. Quero lhe fazer uma ou duas perguntas acerca disso. Mas quero voltar à posição das mulheres entre vocês. Você estudou a questão da emancipação das mulheres no século XIX: e você não se lembra que elas queriam emancipar a parte mais inteligente de seu sexo do dever de ter filhos?”

O velho ficou muito sério e disse:

“Lembro-me bem dessa loucura sem sentido, resultado, como todas as outras loucuras do período, da pavorosa tirania de classe que então prevalecia. O que pensamos disso hoje?, você há de perguntar. Meu amigo, é muito fácil responder. Que outra resposta seria possível, senão que a maternidade merece de nós todas as honras? Evidente-

mente, é ponto pacífico que as dores naturais e necessárias que a mãe tem de sofrer formam um laço de união entre homem e mulher, um estímulo extra de amor e afeto entre os dois, e que esse fato é universalmente reconhecido. Quanto ao resto, lembre-se de que todos os fardos *artificiais* da maternidade já não existem mais. Uma mãe já não abriga as ansiedades sórdidas quanto ao futuro dos filhos. Eles podem se tornar melhores ou piores, podem desapontar as altas esperanças dela; ansiedades como essas fazem parte da mistura de prazer e dor de que é feita a vida da humanidade. Mas pelo menos ela está livre do medo (que antigamente era quase uma certeza) dos aleijões artificiais que transformavam os filhos em algo menos que homens e mulheres; ela agora sabe que eles hão de viver de acordo com a medida de suas faculdades. No passado, a 'sociedade' ajudava o deus judaico e o 'homem de ciência' da época a impor os pecados do pai aos filhos. Como reverter esse processo, como tirar o ferrão da hereditariedade, tem sido uma das preocupações mais constantes dos nossos pensadores. De forma que a mulher saudável comum (e todas as nossas mulheres são saudáveis e no mínimo atraentes), respeitada como geradora e educadora de filhos, desejada como mulher, amada como companheira, tranqüila quanto ao futuro dos filhos, tem um instinto muito maior para a maternidade do que o escravo ou a mãe do escravo de dias passados jamais poderia ter; ou do que sua irmã das classes superiores, criada numa ignorância afetada dos fatos naturais, educada numa atmosfera mista de puritanismo e lascívia."

"Você fala com veemência, mas acho que você tem razão."

"É mesmo, e vou lhe apontar um sinal de todos os benefícios que obtemos com nossa liberdade. O que você pensa da aparência das pessoas com quem cruzou hoje?"

"Não podia acreditar que houvesse tantas pessoas bonitas num país civilizado."

Ele gritou, velho pássaro que era.

"O quê! Ainda somos civilizados? Muito bem, quanto à nossa estampa, o sangue inglês e dinamarquês que aqui predomina não costumava produzir grande beleza. Mas acho que melhoramos. Conheço

um homem que é dono de grande coleção de retratos impressos a partir de fotografias do século XIX e, ao repassá-los e compará-los com os rostos comuns de nossos dias, não há dúvida quanto à nossa melhora. Ora, há pessoas que não vêem nada de fantástico em ligar diretamente esse aumento de beleza à nossa liberdade e ao nosso bom senso nas questões que estamos a discutir, acreditam que uma criança nascida do amor saudável e natural entre homem e mulher, ainda que transitório, será melhor, sob todos os aspectos, mas especialmente em beleza corporal, do que a que nascia do leito nupcial comercial ou da desesperança da escravidão daquele sistema. Dizem que o prazer gera prazer. O que você acha?"

"Tenho a mesma opinião."

Capítulo 10

PERGUNTAS E RESPOSTAS

“Bem”, falou o velho mexendo-se na cadeira, “continue a perguntar, amigo; gastei muito tempo para responder à sua primeira questão.”

Então eu disse: “Gostaria de ouvir uma ou duas palavras sobre a sua idéia de educação; do que Dick me falou, entendi que vocês deixam as crianças livres e nada lhes ensinam, resumindo, que vocês refinaram de tal forma a educação que agora já não existe mais educação.”

“Então seu entendimento está errado. Mas eu entendo o seu ponto de vista relativo à educação, o de tempos idos, quando a ‘luta pela vida’, como era chamada (ou seja, a luta pela ração do escravo, de um lado, e por uma parcela exagerada de privilégio dos donos de escravos, do outro), restringiu a ‘educação’ para a maioria das pessoas a uma esmola miserável de informação não muito precisa; algo a ser engolido pelo iniciante na arte de viver, quisesse ele ou não, fosse ou não o alimento desejado, e que tinha de ser mastigado e digerido vezes sem conta por pessoas que não estavam interessadas, para ser servido a outras pessoas que também não estavam interessadas.”

Interrompi a raiva crescente do velho com um riso, dizendo: “Bem, *você* não foi educado assim, então é melhor deixar diminuir um pouco a raiva.”

Ele sorriu.

“É verdade, obrigado por corrigir o meu mau humor: sempre me imagino vivendo em alguns dos períodos de que falamos. Mas, dizendo de uma forma mais controlada: esperava-se que as crianças fossem enfiadas na escola numa idade que se convencionou ser a idade certa, quaisquer que fossem suas faculdades e inclinações variáveis e, uma vez lá, que fossem submetidas a algum curso convencional de ‘aprendizado’, com desprezo completo pelos fatos. Meu amigo, você não per-

cebe que esse procedimento faz com que se ignore o fato do *crescimento*, mental ou corporal? Ninguém saía ileso desse moinho e somente conseguiam não ser triturados aqueles que tinham um espírito fortemente rebelde. Felizmente, a maioria das crianças sempre teve esse espírito, ou não acredito que tivéssemos chegado à nossa situação atual. Agora é possível entendê-la. Antigamente, tudo era o resultado da *pobreza*. No século XIX, a sociedade era tão miseravelmente pobre, devido ao roubo sistematizado em que se baseava, que ninguém tinha a possibilidade de uma educação real. A teoria por trás do que chamavam educação estabelecia ser necessário impor um pouco de informação a uma criança, com o uso de tortura se necessário, acompanhado de um monte de disparates inúteis, caso contrário ela seria desinformada pelo resto da vida; a corrida contra a pobreza não permitia mais nada. Mas tudo isso agora é passado; nossa vida já não é uma corrida, e a informação está por aí à disposição de quem se interessar quando suas próprias inclinações o levarem a procurá-la. Como em outras questões, também nessa nós nos enriquecemos: já podemos nos dar o luxo do tempo para crescer.”

“Sim, mas suponhamos que uma criança, um jovem ou um adulto nunca busque a informação, nunca se desenvolva na direção desejável; suponha, por exemplo, que ele se recuse a aprender aritmética ou matemática. Não se pode forçá-lo depois de crescendo; não seria melhor, ou mais correto, forçá-los quando ainda são crianças?”

“Muito bem, você foi forçado a aprender aritmética e matemática?”

“Um pouco”, respondi.

“E qual a sua idade?”

“Digamos, 56.”

“E quanto você sabe hoje de aritmética e de matemática?”, ele perguntou, zombeteiro.

“Sinto muito, mas não me lembro de mais nada.”

Hammond riu baixinho, mas não fez nenhum outro comentário sobre o que eu havia acabado de admitir e, vendo que ele era impossível, preferi mudar de assunto.

Pensei um pouco e disse: “Agora mesmo você estava falando dos lares: pareceu-me semelhante aos costumes de tempos idos; imaginei que vocês teriam preferido uma forma mais pública de vida.”

“Falanstérios, hein? Bem, vivemos como gostamos e geralmente gostamos de viver com determinados companheiros com quem já nos acostumamos. Lembre-se mais uma vez de que a pobreza está extinta e que os falanstérios fourieristas e todos os seus iguais, como era natural no seu tempo, eram apenas um refúgio contra a miséria. Aquela forma de vida só poderia ter sido concebida por gente cercada pela pior forma de pobreza. Mas é preciso entender que, embora lares separados sejam a regra entre nós e haja entre eles alguma diferença de hábitos, nenhuma porta se fecha para uma pessoa de boa índole que aceite viver como os outros moradores. É claro que não é razoável esperar que um homem entre numa casa e peça às pessoas para mudarem seus hábitos para lhe agradar, pois ele pode se mudar e viver como quiser. Mas não vou me estender nesse assunto, pois você vai subir o rio com Dick e descobrir por si mesmo como se resolvem essas questões.”

Depois de uma pausa, eu disse:

“E sobre as suas grandes cidades? Londres, sobre a qual li referências como a moderna Babilônia da civilização, parece ter desaparecido.”

“Bem, bem, talvez hoje ela seja mais parecida com a antiga Babilônia do que a ‘moderna Babilônia’ do século XIX. Desculpe o chiste. Afinal, a população é grande desde aqui até Hammersmith, e você ainda não viu a parte mais populosa da cidade.”

“Então diga-me, para o leste, como é a cidade?”

“Houve época em que se podia montar um bom cavalo e partir diretamente daqui da minha porta a trote por uma hora e meia sem sair de Londres, e a maior parte desse espaço era formado por ‘cortiços’, como eram chamados; ou seja, locais de tortura de homens e mulheres inocentes, ou pior, caldos de cultura para a criação de homens e mulheres em degradação tal que aquela tortura lhes parecesse a vida natural e comum.”

“Sei, sei. Eram mesmo assim; diga-me como são agora. Ainda existem?”

“Nem um centímetro. Mas a lembrança deles ainda mora conosco, o que me faz feliz. Uma vez por ano, em maio, celebramos uma festa solene naquelas comunidades do leste de Londres para comemorar O Fim da Miséria, como é chamada. Nesse dia há música e dança, jogos e festas alegres no local onde havia os piores dos antigos cortiços, cuja memória tradicional nós guardamos. Naquela ocasião é costume as moças mais bonitas virem cantar algumas das antigas canções revolucionárias, que antes eram gemidos dos infelizes desesperados, no local onde todos esses crimes de assassinato de classe foram perpetrados diariamente por tantos anos. Para um homem como eu, que já estudou o passado com tanta diligência, é curioso e tocante ver uma linda moça, vestida com graça, coroada de flores dos campos vizinhos, de pé entre gente feliz, sobre um cômodo onde antes houve um arremedo de casa, um cubículo em que homens e mulheres viviam no meio da sujeira, apertados como sardinhas no barril. Viviam de uma forma só tolerável por quem se degradou abaixo da humanidade. Ouvir aquelas palavras de ameaça e lamentação saindo daqueles lábios belos e doces e ela inocente do significado real do que canta: ouvi-la cantar, por exemplo a “Canção da camisa”¹, de Hood, e pensar que ela não sabe do que trata a poesia que canta: uma tragédia inconcebível para ela e para os ouvintes. Pense nisso, se conseguir, e no quanto a vida se tornou gloriosa!”

“De fato, para mim é difícil imaginar”, respondi.

E continuei sentado a observar como seus olhos faiscavam, como uma vida nova parecia brilhar no seu rosto, e pensei como seria possível que na sua idade ele ainda se preocupasse com a felicidade do mundo ou com qualquer coisa além da próxima refeição. E perguntei:

“Diga-me, o que existe agora a leste de Bloomsbury?”

“Apenas algumas casas entre aqui e a parte mais afastada da cidade velha; mas nesta a população é muito densa. A grande preocupação

1. Poema de Thomas Hood publicado na revista *Punch* em 1843. Baseado em um caso real, conta a triste história de uma costureira, posteriormente julgada por furto, que tentava se manter e aos filhos com os sete xelins que recebia semanalmente por longas horas de trabalho exaustivo. Conforme nota da edição de Krishan Kumar.

de nossos maiores, quando da primeira erradicação dos cortiços, não foi a demolição rápida das casas que formavam o que no fim do século XIX era conhecido como a área comercial da cidade, que passou a ser conhecido mais tarde como *Swindling Kens*². Essas casas, apesar de se distribuírem densamente no terreno, eram muito espaçosas, bem sólidas e limpas, pois não haviam sido construídas para moradia, mas sim como cassinos; as pessoas pobres deslocadas dos cortiços ocuparam essas casas e lá moraram até que se pudesse pensar em algo melhor para elas; os edifícios foram sendo demolidos tão lentamente que as pessoas se habituaram a morar ocupando mais densamente o solo do que em outros lugares; portanto, ela ainda é uma das áreas mais populosas de Londres ou talvez de todas estas ilhas. Mas lá é muito agradável, em parte por causa do esplendor da arquitetura, que é maior do que se vê em outras partes. Entretanto, a reunião de tal multidão, se pode realmente ser assim chamada, não vai além da rua chamada *Aldgate*, um nome que você talvez já tenha ouvido. Além dela as casas se espalham afastadas pelos campos, que são muito bonitos, especialmente nas proximidades do rio *Lea* (onde o velho *Isaak Walton* pescava)³, perto de lugares como *Stratford* ou *Old Ford*, nomes que você com certeza nunca ouviu, apesar de os romanos terem ocupado a região por algum tempo.”

“Nunca ouviu!”, pensei. Como era estranho que eu, um dos últimos a ver os estertores da beleza dos campos em torno do rio *Lea*, fosse o mesmo a ouvir a respeito da volta da beleza.

Hammond continuou:

“Quando se desce ao *Tâmisa* chega-se às *Docas*, que são instalações do século XIX, ainda hoje em uso, embora já não sejam tão compactas como já foram, pois incentivamos a descentralização, e há muito tempo renunciamos a ser o mercado do mundo. Em torno das *Docas* há muitas casas que, entretanto, não são geralmente habitadas permanentemente; quero dizer, os usuários vêm e vão, pois o lugar é bai-

2. Antros de vigaristas. *Kens* são locais de prostituição, bebedeira e jogatina (N.T.).

3. *Izaak Walton* foi o autor de *The Compleat Angler* (O Pescador Consumado) de 1653, a bíblia do pescador. Conforme nota da edição de Krishan Kumar.

xo e pantanoso demais para permitir uma moradia agradável. Além das Docas, em direção ao leste e à terra onde tudo é um pasto plano, que outrora foi um pântano, com um ou outro jardim, há umas poucas residências permanentes: apenas barracões para os homens que vão tratar dos grandes rebanhos que pastam por ali. Mas com os animais e os homens, os telhados vermelhos e as grandes pilhas de feno, é bom um dia montar um cavalo manso e passear por lá numa tarde ensolarada de outono, ver o rio e os navios que passam para cima e para baixo, seguir até Shooter's Hill e as terras altas de Kent, depois voltar para o verde mar dos pântanos de Essex, sob a grande cúpula azul do céu enquanto o sol esparge sua luz de paz por todo o espaço. Existe um lugar chamado Canning's Town, e mais além, Silvertown, onde os campos são extremamente aprazíveis, e toda aquela área era coberta de cortiços, dos piores."

Aqueles nomes doíam nos meus ouvidos, mas eu não lhe podia explicar. Então eu disse: "E como é ao sul do rio?"

"É muito parecido com a terra em volta de Hammersmith. Voltando para o norte, a terra é alta e há uma cidade graciosa e bem construída chamada Hampstead, que é um bom marco a limitar a cidade daquele lado. Lá se encontra também a extremidade noroeste da floresta que vocês atravessaram."

Sorri. "Sobre o que já foi Londres, isso basta. Diga-me agora alguma coisa sobre as outras cidades do país."

"Como sabemos, aqueles lugares grandes e sujos que um dia foram os centros industriais desapareceram, assim como o deserto de cimento e tijolos que foi Londres; mas como eram apenas centros industriais e não serviam a outro propósito que não o jogo do mercado, deixaram menos sinais de sua existência do que Londres. As grandes mudanças na forma de usar a força mecânica facilitaram seu desaparecimento e elas se acabariam de uma forma ou de outra, mesmo que nossos hábitos não tivessem sofrido mudança tão grande: sendo o que eram, nenhum sacrifício seria grande demais para nos livrarmos dos 'distritos industriais', como eram chamados. Quanto ao resto, todo o carvão ou mineral de que precisamos é extraído e enviado para onde é

necessário com o mínimo de sujeira, confusão e perturbação da vida das pessoas. Do que lemos da condição daqueles distritos no século XIX, somos tentados a acreditar que os homens eram atormentados e desgraçados por maldade premeditada de quem os controlava, mas não se tratava disso; assim como a deseducação de que falávamos há pouco, tal condição era o resultado da pobreza assustadora em que viviam. Eram obrigados a suportar tudo e até a fingir que gostavam, ao passo que hoje tratamos as coisas racionalmente e nos recusamos a ficar jungidos ao que não queremos fazer."

Confesso que não fiquei triste ao interromper com uma pergunta a glorificação da época em que ele vivia.

"E as cidades menores? Imagino que tenham desaparecido por completo."

"Não, não, não foi o que aconteceu. Pelo contrário, pouco foi destruído, embora muita coisa tenha sido reconstruída nas pequenas cidades. Os subúrbios, quando existiam, fundiram-se com o campo, e os centros tiveram aumentado o espaço vital, mas ainda existem cidades com suas ruas, praças e mercados; assim, é nessas cidades que temos uma idéia de como eram as cidades de outrora – quero dizer, como eram as melhores dentre elas."

"Como Oxford, por exemplo."

"É verdade, acho que Oxford era bela até mesmo no século XIX. Hoje ela ainda é interessante por ter preservado uma grande massa de edifícios pré-comerciais e é um lugar lindo, apesar de muitas outras cidades se terem tornado quase tão belas."

"Posso perguntar, de passagem, se ela ainda é um lugar de saber?"

Ele sorriu.

"Ainda? Bem, ela reverteu a algumas de suas melhores tradições, daí você já pode imaginar o quanto ela se afastou das condições do século XIX. Hoje lá se busca o verdadeiro saber, o que se cultiva pelo próprio saber – resumindo, a Arte do Saber – e não o saber comercial do passado. Talvez você não saiba que Oxford e sua irmã menos interessante, Cambridge, se tornaram absolutamente comerciais. As duas (especialmente Oxford) eram os locais de incubação de uma classe

peculiar de parasitas que se chamavam os eruditos; eram de fato muito cínicos, assim como o eram as classes educadas daquela época, mas seu cinismo era exagerado para que pudessem ser considerados sábios e mundanos. As classes médias ricas (pois elas não tinham qualquer relação com as classes trabalhadoras) as tratavam com a tolerância que beirava o desprezo com que o barão medieval tratava o seu bobo, embora se deva dizer que eles não eram, nem de longe, interessantes como os antigos bobos; eram na verdade os *chatos* da sociedade. Eram ridicularizados e desprezados – e pagos, o que era o seu objetivo inicial.”

“Meu Deus!”, pensei, “como é grande a capacidade da história de reverter julgamentos contemporâneos. Com certeza, apenas os piores eram ruins assim. Mas tenho de admitir que eram em sua maioria pedantes e que *eram* comerciais.” Falei mais para mim do que para Hammond: “Bem, como poderiam ser melhores do que a época que os fez?”

“É verdade, mas suas pretensões eram maiores.”

“Eram?”, perguntei, sorrindo.

“Você me leva de um lado para outro”, disse ele sorrindo. “Permita-me dizer apenas que eram uma resposta pobre para as aspirações da Oxford da Idade Média bárbara.”

“Está bem.”

“Além disso, o que estou dizendo deles é verdade, em termos gerais. Mas continue a perguntar!”

“Você me falou de Londres, dos distritos industriais e das pequenas cidades: e as vilas?”

“Você deve saber que, pelo final do século XIX, as vilas estavam quase completamente destruídas, com exceção das que se tornaram meros apêndices de distritos industriais ou das que se transformaram em pequenos distritos industriais. As casas se deterioraram e se transformaram em ruínas; as árvores foram cortadas por causa do punhado de xelins que renderiam; a arquitetura tornou-se inexpressiva e horrorosa. Havia escassez de mão-de-obra, mas, apesar disso, os salários caíam. Perderam-se todas as pequenas artes da vida no campo

que compunham os pequenos prazeres das pessoas nas vilas. A produção do campo que passava pelas mãos dos agricultores não chegava à sua boca. Uma pobreza incrível e avarenta reinou sobre os campos, que, apesar da economia difícil e descuidada da época, eram muito generosos. Você sabia de tudo isso?”

“Ouvi dizer que era assim mesmo. Mas o que veio depois?”

“A mudança se deu bem no início de nossa época e foi estranhamente rápida. As pessoas procuraram, em bandos, as vilas no campo e, por assim dizer, lançaram-se sobre a terra livre como a fera sobre sua presa. Em muito pouco tempo as aldeias da Inglaterra estavam mais populosas do que jamais tinham sido desde o século XIV e continuavam a crescer. Evidentemente, essa mudança para o campo foi um problema difícil de tratar e teria criado grande miséria se as pessoas ainda estivessem presas ao monopólio de classe. Mas as coisas logo se ajustaram. As pessoas descobriram ao que se ajustavam e desistiram de tentar se adaptar a ocupações em que, por força, fracassariam. A cidade invadiu o campo, mas os invasores, assim como os invasores guerreiros de outro tempo, cederam à influência do ambiente e se transformaram em gente do campo. E quando se tornaram mais numerosos do que a gente da cidade, influenciaram estes últimos; assim a diferença entre cidade e campo se reduziu cada vez mais. De fato, foi esse mundo do campo vivificado pelo pensamento e pela vivacidade do povo da cidade que produziu essa vida feliz e descuidada mas agitada de que você acabou de ter o primeiro gosto. Repito, muitos erros aconteceram, mas tivemos tempo de corrigi-los. Muita coisa ficou para ser feita pelos homens da minha juventude. As idéias cruas da primeira metade do século XX, quando os homens ainda eram oprimidos pela idéia de pobreza e não buscavam os pequenos prazeres da vida diária, prejudicaram grande parte do que a era comercial nos tinha deixado em termos de beleza externa. Tenho de admitir que só depois de muito tempo os homens se recuperaram dos males que haviam infligido a si próprios até mesmo depois de se tornarem livres. Mas, por mais lenta que fosse, a recuperação aconteceu; e quanto mais você nos vê mais você se convence de que somos felizes. Vivemos em meio à beleza sem

medo de sermos considerados efeminados, trabalhamos muito mas gostamos do nosso trabalho. O que mais se pode pedir da vida?”

Fez uma pausa como se buscasse palavras para expressar o que pensava. Depois continuou:

“É como estamos hoje. A Inglaterra já foi um país de clareiras entre florestas e terras incultas, por onde se espalhavam algumas cidades, fortalezas dos exércitos feudais, mercados para o povo e pontos de reunião de artesãos. Depois, tornou-se um país de fábricas enormes e sujas e de locais de jogatina ainda mais sujos, cercados por fazendas maltratadas e miseráveis, saqueadas pelos senhores das fábricas. Hoje é um jardim onde nada se perde e nada se estraga, com as casas, os barracões e as oficinas necessários espalhados por todo o país, todos bem construídos, limpos e belos. Pois seria para nós motivo de grande vergonha permitir que a fabricação de bens, mesmo em grande escala, trouxesse consigo até mesmo a aparência de desolação e miséria. Ora, meu amigo, as donas de casa de que falávamos há pouco nos ensinaram mais que isso.”

“Esse lado de sua mudança certamente foi para melhor. Mas, embora eu espere vê-las em breve, diga-me numa ou duas palavras como são essas vilas para que eu me prepare.”

“Talvez você já tenha visto algum quadro representando de forma aceitável como eram essas vilas no final do século XIX. Existem muitos.”

“Já vi vários desses retratos.”

“Muito bem, nossas vilas são parecidas com as melhores entre elas, nas quais a igreja ou a câmara dos moradores é o principal edifício. Basta notar que nelas não há sinais de pobreza, nada do pitoresco arruinado, o que, na minha opinião, serve apenas para mascarar a incompetência do artista no desenho arquitetônico. Coisas assim são desagradáveis, mesmo quando não são sinais de miséria. Como os medievais, gostamos de tudo que é bem construído e limpo, ordenado e claro, como sempre o fazem as pessoas que têm o sentido do poder da arquitetura, porque então elas sabem que terão o que querem e que não hão de tolerar absurdos nas suas relações com a Natureza.”

“Além dessas vilas, existem casas isoladas?”

“Há muitas; de fato, com exceção das terras incultas, das florestas e entre as dunas (como Hindhead no Surrey), é difícil não ver uma casa; onde são esparsas, as casas são geralmente grandes e mais parecem velhos colégios do que casas comuns. Isso é feito em prol da sociedade, já que muitas pessoas moram nessas casas, pois os moradores do campo nem sempre são agricultores, embora todos vez por outra participem desse tipo de trabalho. A vida nessas grandes casas no campo é sempre muito aprazível, especialmente porque algumas das pessoas mais estudiosas de nosso tempo nelas vivem, e nelas se encontra uma grande variedade de mentes e humores que ilumina e agita a sociedade nesses lugares.”

“Tudo isso me surpreende muito, pois tenho a impressão de que o país é bastante populoso.”

“Certamente, a população é quase igual à que havia no final de século XIX; nós apenas melhoramos a sua distribuição. É claro que também ajudamos a aumentar a população de outros países – países que nos queriam e nos chamaram.”

Perguntei: “Uma coisa não combina com o nome de ‘jardim’ que você dá ao país. Você falou de florestas e terras incultas e eu próprio vi um pedaço da floresta de Middlesex e Essex. Por que manter essas coisas num jardim? E mantê-las não é um desperdício?”

“Meu amigo, gostamos desses pedaços de natureza selvagem e temos condições de mantê-los; quanto às florestas, precisamos de muita madeira e acho que nossos filhos e os filhos de nossos filhos continuarão a ter a mesma necessidade. Quanto a ser a terra um jardim, já ouvi dizer que antigamente havia moitas e pedras nos jardins, e, embora eu talvez não goste das artificiais, eu lhe asseguro que algumas das pedras naturais de nossos jardins merecem ser vistas. Vá até o norte neste verão e observe os jardins de Cumberland e de Westmoreland, nos quais, por falar nisso, você vai ver carneiros pastando e, portanto, eles não são tão improdutivos como você pensa; nem, na *minha* opinião, improdutivos como os terrenos destinados à produção de frutas fora da estação. Vá e observe as trilhas dos carneiros no alto das encostas entre Ingleborough e Pen-y-gwent, e depois me diga se você acha que

estamos desperdiçando terra quando deixamos de cobri-la de fábricas de coisas que ninguém deseja, o principal negócio do século XIX.”

“Vou tentar chegar até lá”, disse eu.

“Não será preciso tentar muito”, ele respondeu.

Capítulo 11

SOBRE O GOVERNO

“Agora”, disse eu, “cheguei ao ponto em que tenho que lhe fazer perguntas que, creio, serão áridas para suas respostas e difíceis para suas explicações; mas já há algum tempo eu tinha percebido que, querendo ou não, terei de fazê-las. Que tipo de governo é o seu? O republicanismo finalmente triunfou? Ou vocês chegaram à simples ditadura, que alguns no século XIX profetizavam ser o resultado último da democracia? Essa última pergunta parece razoável, pois vocês transformaram o Parlamento em mercado de esterco. Ou onde vocês instalaram o seu Parlamento atual?”

O velho respondeu ao meu sorriso com uma sonora gargalhada.

“Bem, esterco não é a pior forma de corrupção; dele vem a fertilidade, ao passo que apenas a penúria resultou da outra espécie, cujos maiores praticantes aquelas paredes abrigavam. Ora, caro amigo, vou lhe dizer que nosso parlamento atual dificilmente poderia se reunir num único lugar, porque todo o povo é o nosso parlamento.”

“Não entendo.”

“Não, creio que não. Mas agora tenho de chocá-lo ao dizer que já não temos coisa nenhuma que você, vindo de outro planeta, possa chamar governo.”

“Não estou tão chocado quanto você poderia pensar, pois conheço alguma coisa a respeito de governos. Mas, diga-me, como vocês administram esse estado de coisas e como chegaram a ele?”

“É verdade que foram necessários alguns arranjos em nossos negócios, sobre os quais logo você vai ter condições de perguntar; também é verdade que nem sempre todo mundo concorda com os detalhes desses arranjos; mas, mais do que isso, é verdade que homem algum necessita de um sistema elaborado de governo, com exército, marinha e polícia para forçá-lo a aceitar a vontade da maioria de seus

iguais, assim como não precisa de coisa semelhante para lhe explicar que sua cabeça e uma parede de pedras não podem ocupar o mesmo espaço no mesmo instante. Quer mais alguma explicação?”

“Quero, é claro.”

O Velho Hammond se instalou confortavelmente na sua cadeira com um ar de prazer que me deixou alarmado e me fez temer uma assustadora preleção científica, portanto suspirei e esperei.

“Acredito que você conheça bem o processo de governo nos infelizes tempos pretéritos.”

“Conheço.”

HAMMOND O que era o governo naqueles dias? Seria realmente um Parlamento ou parte de um?

EU Não.

H Não é verdade que o Parlamento era, de um lado, um comitê de segurança implantado para garantir que os interesses das Classes Mais Altas não fossem prejudicados e, de outro, um disfarce que desse ao povo a ilusão de participar da gestão de seus próprios interesses?

E A história parece confirmá-lo.

H Até que ponto as pessoas cuidavam dos próprios interesses?

E Creio, pelo que ouvi, que o povo às vezes forçava o Parlamento a criar leis que legalizassem algumas mudanças já estabelecidas.

H Alguma coisa mais?

E Acho que não. Pelo que sei, se o povo fizesse qualquer tentativa de enfrentar a *causa* de seus problemas, a lei intervinha e declarava ser ela uma sedição, uma revolta ou outra coisa semelhante, e matava e torturava os líderes dessas tentativas.

H Então, se o Parlamento não era o governo, muito menos o povo, o que era então o governo?

E Você poderia me dizer?

H Penso não estar muito longe da verdade ao dizer que o governo eram os tribunais apoiados pelo Executivo, que manipulava a força bruta que o povo lhe permitia usar para seus próprios objetivos; quero dizer, exército, marinha e polícia.

E Qualquer pessoa racional só pode pensar que você está certo.

H E quanto a esses tribunais? Eram lugares onde os assuntos eram tratados com equidade, de acordo com as idéias da época? A um homem pobre se permitia o acesso a eles para defender sua pessoa e sua propriedade?

E É sabido que até mesmo os ricos encaravam uma ação como um desastre, mesmo que ganhassem o caso; quanto aos pobres, considerava-se um milagre de justiça e bondade quando um pobre que tivesse caído nas garras da lei conseguia evitar a prisão ou a completa ruína.

H Parece então, meu filho, que o governo dos tribunais e da polícia, que era o governo real do século XIX, não era um sucesso nem mesmo para o povo da época, que vivia sob um sistema de classes que proclamava serem igualdade e pobreza a lei de Deus e a força que mantinha o mundo unido.

E De fato, parece verdade.

H E agora, que tudo isso mudou e que os “direitos de propriedade”, que permitem que se agarre uma coisa e se grite para os vizinhos: “Isto não é seu!” – agora que tudo isso desapareceu de forma tão completa que já não é possível nem ironizar tal absurdo, esse tipo de governo seria possível?

E É impossível.

H Felizmente é. E esse governo poderia atender a outro fim que não a proteção dos ricos contra os pobres, dos fortes contra os fracos?

E Ouvi dizer que o dever do governo era defender os cidadãos contra o ataque de outros países.

H Era o que se dizia; mas seria possível alguém acreditar nisso? Por exemplo: o governo inglês defendia o cidadão inglês contra os franceses?

E Era o que se dizia.

H Nesse caso, se os franceses tivessem invadido e conquistado a Inglaterra, os operários ingleses não viveriam bem sob eles?

E (Rindo) Pelo que sei, os operários ingleses já sofriam bastante sob seus senhores ingleses, que tiravam para si próprios o máximo dos meios de subsistência dos operários.

H Mas, como conquistadores, os franceses não teriam tirado ainda mais dos operários ingleses?

E Não acredito, pois nesse caso os operários ingleses morreriam de inanição, e então essa conquista teria arruinado os franceses, como se os cavalos e os bois ingleses tivessem morrido de desnutrição. Assim, de uma forma ou de outra, os *operários* ingleses não ficariam pior depois da conquista: os senhores franceses não conseguiriam arrancar deles nada além do que os ingleses arrancavam.

H É verdade; e podemos admitir que as alegações do governo de que defendia os pobres (ou seja, os úteis) contra outros países nada significavam. Mas isso é natural, pois já vimos que era função do governo proteger os ricos contra os pobres. Mas o governo não defendia os ricos contra outras nações?

E Não me lembro de ter ouvido que os ricos precisavam de defesa, pois se dizia que, mesmo quando duas nações estavam em guerra, os ricos de cada uma delas faziam negócios com os da outra como se tudo fosse normal, chegando mesmo a vender armas com as quais seus compatriotas seriam mortos.

H Em resumo, enquanto o chamado governo de proteção da propriedade pelos tribunais representava a destruição da riqueza, essa defesa dos cidadãos de um país contra os de outro por meio da guerra ou da ameaça de guerra significava praticamente a mesma coisa.

E Não posso negá-lo.

H Portanto o governo existia apenas para destruir a propriedade.

E É o que parece. Ainda assim...

H Ainda assim, o quê?

E Havia muitos ricos naqueles tempos.

H Você percebe as conseqüências desse fato?

E Creio que sim. Mas diga-me quais eram.

H Se o governo normalmente destruía a propriedade, o país não devia ser pobre?

E Certamente que sim.

H Mesmo assim, no meio dessa pobreza, as pessoas em nome das quais o governo existia insistiam em ser ricas a todo custo?

E É isso mesmo.

H O que acontece quando um país é pobre e algumas pessoas insistem em ser ricas à custa dos outros?

E Pobreza insuportável para os outros. Toda essa miséria era então causada pelo governo destrutivo de que estamos falando?

H Não seria correto afirmá-lo. O próprio governo era o resultado necessário da tirania irresponsável e sem objetivos daquela época; não passava de um instrumento da tirania. Hoje a tirania chegou ao fim e já não precisamos desse instrumento; não poderíamos usá-lo pois somos livres. Portanto, no sentido que você atribui à palavra, não temos governo. Você entende?

E Entendo. Mas ainda quero perguntar como vocês conseguem gerir os seus negócios sendo homens livres.

H Pode perguntar; ao seu dispor, de todo coração.

Capítulo 12

SOBRE A FORMA DE VIDA

“Bem”, eu disse, “acerca daqueles ‘arranjos’ que você disse terem tomado o lugar do governo, poderia me falar deles?”

“Amigo, embora tenhamos simplificado nossa vida em relação ao que era e atirado fora muitas convenções e falsas necessidades que eram razão de tantos problemas para os nossos antepassados, ainda assim a nossa vida é muito complexa para que eu possa lhe contar com palavras e em detalhe a forma como é organizada; você vai ter de aprender vivendo entre nós. Na verdade, é mais fácil falar sobre o que não fazemos do que sobre o que realmente fazemos.”

“Então?”, eu disse.

“É melhor dizer assim: vivemos há pelo menos 150 anos, pouco mais ou pouco menos, dessa maneira, e vem se formando em nós uma tradição ou hábito de vida, e esse hábito se tornou o de geralmente agir visando o melhor. Para nós é fácil viver sem roubarmos uns dos outros. Seria fácil viver em luta e roubando-nos uns aos outros, mas seria mais difícil do que evitar a luta e o roubo. Em resumo, esta é a base da nossa vida e da nossa felicidade.”

“Ao passo que antigamente o difícil era viver sem luta e roubo. Não é o que você quer dizer, ao me mostrar o lado negativo das suas boas condições?”

“É verdade, era tão difícil que quem habitualmente tratava com respeito os vizinhos era celebrado como um santo ou um herói e tratado com grande reverência.”

“Enquanto ainda viviam?”, perguntei.

“Não, depois de mortos.”

“Mas, quanto aos dias de hoje, você não pretende me convencer de que ninguém transgride esse hábito de boa vizinhança, não é?”

“É claro que não. Mas quando acontecem, todos, inclusive os transgressores, avaliam as transgressões pelo que são: erros cometidos

por amigos, não ações habituais de pessoas movidas pelo ódio à sociedade.”

“Entendo”, disse eu, “você quer dizer que não existem as classes ‘criminosas’?”

“Como poderíamos tê-las, se já não existe uma classe rica para gerar inimigos do Estado por meio da injustiça do Estado?”

“Pensei ter entendido de algo que você disse há pouco que vocês aboliram o direito civil. É verdade, literalmente?”

“Ele próprio se aboliu, amigo. Como disse antes, os tribunais civis eram mantidos para a defesa da propriedade privada, pois ninguém jamais acreditou ser possível fazer as pessoas agirem honestamente umas com as outras por meio da força bruta. Com a abolição da propriedade privada, todas as leis e todos os crimes legais que ela havia criado naturalmente deixaram de existir. ‘Não roubarás’ teve de se transformar em ‘trabalharás para seres feliz’. Há necessidade de impor esse mandamento pela violência?”

“Muito bem, concordo com você; mas e quanto aos crimes de violência? Sua ocorrência (e você admite que eles ainda ocorrem) não tornaria necessária uma lei penal?”

“No sentido que você dá à palavra, também não temos um direito penal. Examinemos com mais detalhe essa questão para ver de onde vêm os crimes de violência. A grande maioria desses crimes no passado eram o resultado das leis de propriedade privada, que impediam a satisfação dos desejos naturais a todos, menos a alguns privilegiados, e da visível coerção imposta por essas leis. Todas essas causas de crimes violentos já não existem. Por outro lado, muitos atos de violência eram resultado de perversões artificiais das paixões sexuais, que provocam o ciúme e os sofrimentos semelhantes. Hoje, quando você os examina com cuidado, percebe que o que jazia oculto em todos eles era a idéia (criada pelo direito) de que a mulher era propriedade do homem, fosse ele o marido, o pai, o irmão ou o que fosse. Essa idéia desapareceu com a idéia da propriedade privada, assim como desapareceram algumas loucuras sobre a ‘ruína’ da mulher que buscasse a satisfação de seus desejos naturais de alguma forma ilegal, o que

naturalmente era uma convenção provocada pelas leis da propriedade privada.

“Outra causa semelhante de crimes de violência era a tirania familiar, que já foi objeto de tantos romances e histórias do passado e que, mais uma vez, era o resultado das leis de propriedade privada. Naturalmente nada disso existe mais, pois as famílias não são mais unidas por força da coerção, legal ou social, mas por amor e afeição mútuos, e todos são livres para ir e vir como desejarem. Ademais, nossos padrões de honra e de respeito público são muito diferentes dos antigos: o sucesso na superação dos vizinhos é agora uma estrada para a fama que se fechou, esperemos que para sempre. Cada um é livre para exercer suas faculdades especiais ao máximo, e todos o encorajam a fazê-lo. É assim que nos livramos da inveja ameaçadora, que os poetas compararam ao ódio, certamente por boas razões; infelicidade e ressentimento eram causados por ela, que geralmente conduzia à violência os homens mais irritáveis e apaixonados; ou seja, os homens mais ativos e enérgicos.”

Eu ri e disse:

“Então agora você retira o que acabou de admitir e diz que não há violência entre vocês?”

“Não, não retiro nada: como lhe disse, essas coisas sempre acontecem. O sangue quente às vezes erra. Um homem ataca outro homem e o atacado reage, e o resultado pode ser, no caso mais grave, um homicídio. Mas e então? Devemos os vizinhos tornar tudo ainda pior? Devemos ter tão pouca consideração uns com os outros a ponto de pensar que o morto nos convoca a vingá-lo, quando sabemos que se tivesse apenas sido ferido ele gostaria e seria capaz de, com a cabeça fria, pesar todas as circunstâncias e perdoar quem o feriu? Ou a morte do assassino há de trazer de volta à vida o assassinado e curar a infelicidade causada por sua morte?”

“Está bem, mas considere: não se deve garantir a segurança da sociedade por alguma forma de castigo?”

“Muito bem, amigo”, disse o velho, exultante, “você tocou no ponto fundamental. O castigo de que os homens falavam com tanta sabe-

doria e sobre o qual agiam com tanta loucura, o que era ele se não uma expressão de medo? E medo eles tinham de ter, pois eles – os senhores da sociedade – viviam como um bando armado num país hostil. Mas nós que vivemos entre amigos nada precisamos temer nem punir. Se, por medo de um raro assassinato ocasional, de um golpe violento ocasional, cometêssemos um assassinato legal e solene, só poderíamos ser uma sociedade de covardes ferozes. Não concorda, amigo?”

“Concordo, quando vejo as coisas desse ponto de vista.”

“Ainda assim você deve compreender que, quando se comete uma violência, esperamos do transgressor todas as medidas de reparação possíveis, e ele mesmo o deseja. Mas você acredita que a destruição ou a lesão grave de um homem, tomado momentaneamente pela ira ou pela loucura, seria uma reparação aceitável pela comunidade? Com certeza não vai passar de mais prejuízo para ela.”

“Mas suponhamos que um homem seja habitualmente violento, aquele que mata um homem por ano, por exemplo?”

“Isso nós não conhecemos. Numa sociedade onde não haja castigo a evitar, ou lei a ser vencida, o remorso será a consequência da transgressão.”

“E episódios menores de violência, como vocês os enfrentam? Pois até agora só falamos das grandes tragédias, não é verdade?”

“Se o transgressor não for doente ou louco (nesse caso ele deve ser recolhido até ser curada a sua doença ou loucura), é claro que arrependimento e humilhação devem ser o resultado da transgressão, e a sociedade em geral torna isso bem claro para ele no caso de ele se mostrar insensível; sempre haverá algum tipo de reconciliação, pelo menos um reconhecimento franco de arrependimento e humilhação. Será tão difícil dizer ‘perdão, vizinho’? Bem, às vezes é difícil – e fica por aí.”

“E você acha que isso basta?”

“Acho, e ademais é tudo o que podemos fazer. Se, além disso, torturamos o homem, transformamos seu arrependimento em raiva, e a humilhação que ele iria sentir por sua transgressão é engolida e transformada na esperança de vingança contra nossa agressão a ele. Tendo

pago a pena legal, não será difícil para ele seguir o conselho ‘vai e peca novamente’. Por que, então, cometer tal loucura? Lembre-se de que Jesus havia perdoado um pecador antes de dizer ‘vai e não peques mais’. Sem falar que numa sociedade de iguais não se encontra quem assuma o papel de carcereiro ou de torturador, mas muitos agem como enfermeiras ou médicos.”

“Então, você considera o crime apenas uma doença espasmódica, que não exige um corpo de leis criminais para enfrentá-lo?”

“Isso mesmo, e uma vez que, como já lhe disse, somos em geral um povo sadio, não temos tanto problema com *essa* doença.”

“Ou seja, vocês não têm um direito civil nem um direito criminal. Mas existem leis de mercado, alguma regulamentação das trocas de mercadorias? Certamente há trocas, mesmo que não haja propriedade.”

“Não existe um intercâmbio individual evidente, como você pôde observar hoje de manhã quando foi às compras, mas é claro que existem regulamentações dos mercados que variam de acordo com as circunstâncias e são orientadas pelo costume. Mas são questões de concordância geral, que ninguém nem sonha em contrariar, e assim não existem provisões para sua imposição; portanto, não lhes dou o nome de leis. No direito, seja ele criminal ou civil, a execução se segue ao julgamento, e alguém tem de sofrer. Quando se vê um juiz no seu tribunal, vê-se claramente através dele, como se fosse feito de vidro, o policial que aprisiona e o soldado pronto a matar alguém. Tais loucuras compõem um mercado muito agradável, você não acha?”

“Certamente”, respondi, “isso significa transformar o mercado num campo de batalha, em que muita gente sofre como se estivesse num campo real, com balas e baionetas. E do que vi suponho para que seu comércio, grande ou pequeno, é conduzido de uma forma que o transforma numa ocupação prazerosa.”

“Correto, amigo. Embora haja tantos, de fato a grande maioria dentre nós, que se sentiriam infelizes se não tivessem de fazer coisas, coisas que se tornam lindas sob suas mãos, muitos, como as donas de casa de que falávamos, cujo prazer está na organização e na administração, para usar palavras importantes; ou seja, gente que gosta de

unir coisas e de evitar o desperdício, vendo para que nada fique sem uso. Essas pessoas são absolutamente felizes no seu trabalho, principalmente porque lidam com fatos reais, não são simples contadores que percorrem os balcões para avaliar sua cota de participação privilegiada no trabalho de gente útil, que era o trabalho dos comerciantes de dias passados. Bem, qual a próxima pergunta?”

Capítulo 13

SOBRE A POLÍTICA

Eu perguntei: “Como vocês praticam a política?”

Hammond respondeu sorrindo: “Estou feliz por você ter feito a *mim* essa pergunta. Estou quase certo de que qualquer outro lhe teria pedido para se explicar, ou tentar se explicar, até você se cansar de perguntar. De fato, acredito que seja o único homem na Inglaterra a entender o que você quer saber, e como sei minha resposta será breve: estamos muito bem no que se refere à política – porque não temos política. Se você um dia escrever um livro sobre esta nossa conversa, coloque isso num capítulo específico, conforme o modelo de ‘Cobras da Islândia’ do velho Horrebow.”¹.

“Está bem.”

1. O capítulo 72 do livro *História Natural da Islândia* (1758), de Niels Horrebow, se resume a uma única frase: “Não se encontram cobras de qualquer espécie em toda a ilha.” Conforme nota da edição de Krishan Kumar.

Capítulo 14

COMO SE RESOLVEM
AS DIVERGÊNCIAS

Disse eu: “E as relações com as nações estrangeiras?”

“Não pretendo fingir desconhecer o que você quer dizer, mas afirmo que todo o sistema de nações rivais e em luta que representou papel tão importante no ‘governo’ do mundo da civilização desapareceu junto com a desigualdade entre homem e homem na sociedade.”

“E isso não tornou o mundo mais monótono?”

“Por quê?”, retrucou o velho.

“A obliteração da variedade nacional.”

“Bobagem”, respondeu ele, um pouco irritado. “Cruze o mar e veja. Há muita variedade: a paisagem, a arquitetura, a dieta, o lazer são todos diferentes. Os homens e as mulheres são diferentes na aparência e nos hábitos de pensar; os costumes são muito mais variáveis do que no período comercial. Como seria possível aumentar a variedade ou afastar o tédio forçando certas famílias ou tribos, geralmente heterogêneas e em conflito umas com as outras, a se reunir em grupos artificiais e mecânicos chamados de nações, e estimulando seu patriotismo – ou seja, seus preconceitos idiotas e invejosos?”

“Bem, não sei dizer”, respondi.

“Exato, você entende facilmente que, agora que estamos livres dessa loucura, se tornou claro para nós que, exatamente por causa dessa diversidade, as diferentes raças de sangue são úteis e simpáticas umas às outras, sem ter a menor necessidade de roubar umas das outras: estamos engajados na mesma empresa, tirando o máximo da vida. E eu lhe digo que quando surgem as brigas e as desavenças raramente envolvem pessoas de raças diferentes e, conseqüentemente, como nelas há menos irracionalidade, elas se resolvem mais ligeiro.”

“Bem, mas e com relação às questões políticas, aquelas diferenças de opinião que surgem dentro da comunidade. Você afirma que elas não existem?”

“Não, de forma nenhuma”, disse ele, algo irritado, “mas digo que as diferenças de opinião sobre questões reais e concretas não precisam cristalizar, e entre nós não cristalizam, as pessoas em partidos permanentemente hostis entre si, cada um com sua teoria diferente sobre como construir o universo e o progresso do tempo. Não era esse o significado da política?”

“Hum, bem, não tenho tanta certeza.”

“Veja você, amigo: eles apenas *fingiam* essa séria diferença de opinião, pois se ela tivesse realmente existido eles não teriam podido conduzir os assuntos do dia-a-dia; não poderiam ter comido juntos, comprado e vendido juntos, jogado juntos, nem juntos enganado outras pessoas, mas teriam brigado toda vez que se encontrassem, o que não lhes atendia os interesses. O jogo dos senhores da política era seduzir ou forçar o público a pagar o custo de uma vida luxuosa e excitante para pequenos grupos de pessoas ambiciosas, e o *simulacro* de sérias diferenças de opinião, traído por todas as ações de suas vidas, era excelente para tal fim. O que tem tudo isso a ver conosco?”

“Espero que nada. Mas temo que... Em resumo, já me afirmaram que o conflito político era o resultado direto da natureza humana.”

“Natureza humana! Que natureza humana? A natureza humana dos mendigos, dos escravos, dos donos de escravos, ou a natureza humana dos homens livres e ricos? Qual delas? Diga-me!”

“Bem, acredito que, conforme as circunstâncias, havia uma diferença entre as ações das pessoas ligadas aos mesmos assuntos.”

“É o que eu imaginava. De qualquer forma, a experiência mostra que isso é verdade. Entre nós, nossas diferenças referem-se principalmente a questões de negócios e de acontecimentos passageiros, tal como entre eles, mas não dividem os homens de modo permanente. Em geral, o resultado imediato mostra qual opinião sobre determinado assunto é a correta; é um fato, não uma especulação. Por exemplo, é claramente difícil criar um partido baseado na questão se a colheita

do feno em tal distrito deveria se iniciar nesta semana ou na próxima, quando todos concordam que ela deve começar, o mais tardar, na semana que se segue à próxima, e quando qualquer um pode ir até o campo verificar se as sementes já estão no ponto de colheita.”

“E suponho que essas questões, graves ou simples, se resolvam pela vontade da maioria.”

“Evidentemente, de que outra forma poderíamos resolvê-las? Veja, em questões estritamente pessoais que não envolvam o bem-estar da comunidade – como um homem deve se vestir, o que ele deve comer ou beber, o que deve escrever ou ler e assim por diante – não existe diferença de opinião, e cada um faz o que quer. Mas quando a questão implica o interesse comum de toda a comunidade e o fazer ou não fazer alguma coisa afeta toda essa comunidade, a maioria decide, a menos que a minoria pegasse em armas para mostrar pela força ser a maioria efetiva ou verdadeira. Mas numa sociedade de homens livres e iguais isso é pouco provável; porque, numa comunidade assim, a maioria aparente é a verdadeira maioria e os outros, como já mencionei antes, estão bem conscientes disso para impor uma obstrução obstinada, especialmente se tiveram tempo suficiente para expor o seu lado da questão.”

“E como isso se realiza?”, perguntei.

“Bem, consideremos uma de nossas unidades administrativas, a comuna, ou o distrito ou uma paróquia (os três nomes ainda existem, indicando uma pequena diferença real entre elas, embora em tempos idos essa diferença fosse grande). Nesse distrito, alguns moradores acreditam que algo deva ser feito ou desfeito: uma nova prefeitura, a demolição de casas insatisfatórias, ou uma ponte de pedra para substituir outra feia de ferro são alguns exemplos do que pode ser feito ou desfeito. Bem, na próxima reunião de vizinhos, ou Câmara, como a chamamos conforme a língua dos tempos anteriores à burocracia, um vizinho propõe a mudança e se todos concordam termina a discussão, exceto por alguns detalhes. Da mesma forma, se ninguém apóia o proponente, a questão é arquivada por algum tempo, o que é raro entre homens razoáveis, pois o proponente já teria discutido a questão com

outros antes da reunião da Câmara. Mas suponhamos que a questão seja proposta e secundada, se alguns dos vizinhos não concordam, se acham que a horrorosa ponte de ferro ainda pode servir durante mais algum tempo e não querem se ocupar da construção de uma nova naquele momento, não se contam cabeças naquela sessão, mas a discussão é adiada para a próxima Câmara e, nesse meio tempo, os argumentos pró e contra voam para todos os lados, alguns são impressos, e assim todos sabem do que se trata. Quando a Câmara se reúne novamente, a questão é normalmente discutida e votada pela contagem de mãos levantadas. Se a votação for muito apertada, a discussão é adiada para aprofundar a discussão; se a diferença for ampla, pergunta-se à minoria se ela aceita a opinião da maioria, o que geralmente, ou melhor, sempre, ela faz. Mas, se a minoria recusar-se a aceitar, marca-se uma terceira discussão, quando, se a minoria não tiver crescido perceptivelmente, ela sempre cede, embora eu creia que exista uma regra meio esquecida segundo a qual eles ainda poderiam levar a questão adiante. Mas o que sempre ocorre é que eles se convencem, não por ser errada a sua opinião, mas por lhes faltar força para convencer a comunidade a aceitá-la.”

“Muito bem”, eu disse, “mas o que acontece se as divisões ainda continuam apertadas?”

“Por uma questão de princípio e de acordo com a regra válida para esses casos, o problema prescreve e a maioria, se estreita, tem de aceitar o *status quo*. Mas eu lhe digo que, na verdade, a minoria raramente impõe essa regra, mas geralmente cede amigavelmente.”

“Mas você percebe que em tudo isso existe algo muito parecido com a democracia, e eu acreditava que a democracia estava moribunda já há muitos anos.”

Os olhos do velho brilharam. “Eu lhe garanto que nossos métodos têm esse problema. Mas o que se há de fazer? Ninguém entre nós se queixa de que as coisas nunca se resolvem como gostaria por ele estar preso nos dentes da comunidade, quando é evidente que tal indulgência não pode ser oferecida a todos. O que se há de fazer?”

“Não sei.”

“Só consigo imaginar essas alternativas ao nosso método. Primeira, que devemos escolher ou criar uma classe de pessoas superiores, capazes de julgar todas as questões sem consultar os vizinhos; resumindo, teríamos o que antigamente se chamava de aristocracia do intelecto. Ou, segunda, que para preservar a liberdade da vontade individual voltássemos a um sistema de propriedade privada, de escravos e de donos de escravos. O que você pensa desses dois expedientes?”

“Bem, existe uma terceira possibilidade – a saber, que todo homem fosse completamente independente de todos os outros e assim se abolisse a tirania da sociedade”, respondi.

Ele me olhou durante alguns segundos e explodiu numa gostosa gargalhada; confesso que eu também ri. Quando se recuperou, olhou para mim e disse: “É verdade, concordo com você – e concordamos todos.”

“Claro, e além disso o sistema não oprime a minoria; considere, por exemplo, essa questão da ponte: ninguém é obrigado a trabalhar nela se não concorda com a sua construção. Pelo menos eu suponho que não.”

Ele sorriu, dizendo: “Bem pensado, mesmo que do ponto de vista do nativo de outro planeta. Se um homem da minoria se sente realmente prejudicado, ele pode se aliviar ao não participar da construção da ponte. Mas, caro amigo, isso não é uma boa cura para a ferida provocada pela ‘tirania da maioria’ na nossa sociedade, pois todo trabalho realizado ou é benéfico ou é prejudicial a todos os membros da sociedade. Um homem é beneficiado pela construção, se ela for boa, e prejudicado se não for, participando ou não do trabalho. Ao mesmo tempo ele beneficia os construtores com a sua participação, qualquer que seja ela. De fato, não vejo salvação para ele, senão o prazer de dizer ‘eu avisei’, caso a construção seja um erro que o prejudique; se ela for benéfica, ele terá de sofrer em silêncio. Uma tirania terrível, a do nosso comunismo, não é verdade? No passado, sempre se procurou prevenir as pessoas contra essa infelicidade, quando se via uma pessoa contente e bem alimentada para mil famintos na miséria. Ao passo que, no nosso caso, engordamos e apreciamos tal tirania; para dizer a verdade,

uma tirania que não se vê no melhor microscópio. Não tema, amigo; não estaremos criando problemas quando chamamos nossa paz, fartura e felicidade por nomes insultuosos cujo significado já esquecemos!”

Ele parou por um minuto, pensativo, depois se agitou e disse: “Há mais perguntas, caro hóspede? A manhã termina ligeira em meio à minha garrulice.”

Capítulo 15

SOBRE A FALTA DE INCENTIVO AO TRABALHO NUMA SOCIEDADE COMUNISTA

“É verdade”, disse eu. “Estava esperando que Dick e Clara aparecessem a qualquer momento; ainda há tempo para eu fazer uma ou duas perguntas antes que eles cheguem?”

“Vamos tentar, caro amigo, vamos tentar. Pois, quanto mais perguntas você faz, mais feliz eu fico; de qualquer forma, se os dois chegarem e me encontrarem no meio de uma resposta, terão de se sentar e fingir que ouvem até eu chegar ao final. Mas eles não vão se importar, ficarão felizes de se sentar lado a lado, cômicos da proximidade um do outro.”

Sorri e disse: “Bem, continuarei falando sem lhes dar atenção quando entrarem. Eis o que quero lhe perguntar – a saber, como se faz as pessoas trabalharem se não há recompensa pelo trabalho, e, especialmente, como vocês conseguem fazer com que trabalhem exaustivamente?”

“Não há recompensa pelo trabalho? A recompensa pelo trabalho é a *vida*. Não basta?”

“Mas não há recompensa por um trabalho especialmente bom”, repliquei.

“Recompensa copiosa: a recompensa da criação. O salário que Deus se paga, como se diria em tempos idos. Se você pretende ser remunerado pelo prazer de criar, que é o significado da excelência no trabalho, vamos ouvir em seguida falar de cobrar pela geração de um filho.”

“Bem, mas um homem do século XIX diria que existe um desejo natural de procriar, assim como existe um desejo natural de não trabalhar.”

“Sei, conheço bem essa velha asneira, absolutamente falsa; de fato sem o menor significado para nós. Fourier, a quem todos ridicularizaram, entendeu melhor essa questão.”

“E por que ela nada significa para vocês?”

“Porque ela implica ser todo trabalho um sofrimento, e nós nunca pensamos assim, tanto que, como você deve ter observado, apesar de não nos faltar riqueza, há um medo crescente de que um dia nos falte trabalho. É um prazer que tememos perder, não um sofrimento.”

“É verdade, eu o observei, e queria também lhe perguntar a respeito. Mas, antes, o que você verdadeiramente quer dizer quando afirma existir prazer no trabalho entre vocês?”

“Apenas isso, que hoje *todo* trabalho é prazeroso, seja por causa da esperança de ganho em honra e riqueza com que se executa o trabalho, o que gera uma excitação prazerosa mesmo quando o trabalho em si não o é, ou talvez porque o trabalho se transformou num *hábito* prazeroso, como acontece no que você chama de trabalho mecânico, e, finalmente (e a maior parte do nosso trabalho pertence a essa categoria), porque existe no próprio trabalho um prazer sensível consciente, ou seja, ele é executado por artistas.”

“Entendo. Você poderia então me explicar como vocês chegaram a essa feliz condição? Pois, para falar claramente, essa mudança das condições do mundo antigo me parece muito maior e mais importante do que todas as outras mudanças de que você me falou, como crime, política, propriedade e casamento.”

“Nisso você tem razão. De fato, você poderia dizer que foi essa mudança que tornou todas as outras possíveis. Qual o objetivo da Revolução? Certamente o de tornar as pessoas felizes. Tendo a Revolução provocado a mudança prevista, como se poderia evitar a contrarrevolução a menos que todos fossem felizes? Pode-se esperar paz e estabilidade da infelicidade? Comparativamente, colher uvas ou figos de espinheiros seria uma expectativa razoável. E a felicidade é impossível sem um dia de trabalho feliz.”

“Verdadeiro, sem dúvida”, assenti, pois me parecia que o velho já começava um sermão. “Mas, responda-me, como vocês chegaram a essa felicidade?”

“Evitando simplesmente a coerção artificial, e oferecendo a cada um a liberdade de fazer o que fizesse melhor, orientados pelo conheci-

mento dos artigos de que realmente necessitamos. Mas tenho de admitir que chegar a esse conhecimento foi um processo lento e doloroso.”

“Continue, dê mais detalhes; quero explicações mais completas. Este assunto me interessa muito.”

“Vou fazê-lo, mas, para tanto, preciso cansá-lo falando sobre o passado. O contraste é necessário para essa explicação. Você se importa?”

“Não, não”, respondi.

Ele se acomodou na cadeira, preparando-se para uma longa conversa: “Do que ouvimos e lemos fica claro que na última era da civilização os homens caíram num círculo vicioso na questão da produção de bens. Haviam chegado a uma maravilhosa facilidade de produção e, para aproveitar ao máximo aquela facilidade, eles criaram (ou deixaram crescer) um elaborado sistema de compra e venda chamado Mercado Mundial; esse Mercado, uma vez ativo, forçou-os, precisando ou não, a produzir quantidades cada vez maiores de bens. De forma que, apesar de (evidentemente) já não poderem mais se libertar da tarefa de produzir as necessidades reais, criaram uma série sem fim de necessidades falsas ou artificiais, que se tornaram, sob a lei de ferro do já mencionado Mercado Mundial, tão importantes para eles quanto as necessidades reais de manutenção da vida. Por tudo isso, eles se sobrecarregaram com uma massa prodigiosa de trabalho apenas para manter operando o perverso sistema.”

“Certo, e depois?”

“Então, como se tinham forçado a avançar cambaleando sob esse peso horrível de produção desnecessária, tornou-se impossível para eles ver o trabalho e seus resultados de qualquer outro ponto de vista que não aquele, a saber, o esforço incessante para despender a menor quantidade possível de trabalho na produção de qualquer artigo, produzindo, ainda assim e ao mesmo tempo, a maior quantidade de artigos possível. A esse ‘barateamento da produção’, como foi chamado, tudo foi sacrificado: a felicidade do operário no trabalho, o conforto mais elementar e a saúde, o alimento, roupas, moradia, lazer, divertimento, educação; em resumo, toda a sua vida não valia um grão de areia comparada à necessidade absoluta de ‘produção barata’ de coi-

sas, grande parte das quais nem mereciam ser produzidas. Não, alguém nos diz e temos de acreditar, tal o peso da evidência, apesar de muitos dentre nosso povo mal *conseguirem* acreditar que até mesmo os homens mais ricos e poderosos, os senhores dos pobres-diabos já mencionados, se submeteram a viver entre visões, sons e cheiros que o homem por natureza abomina e dos quais foge, para que suas riquezas pudessem aumentar essa loucura suprema. Toda a comunidade foi lançada nas presas de um monstro faminto, a ‘produção barata’ imposta pelo Mercado Mundial.”

“Céus! Mas o que aconteceu? A inteligência dos homens e a facilidade de produção não encontraram finalmente a saída desse caos? Eles não se ajustaram ao Mercado Mundial para depois imaginar meios para se aliviarem do peso terrível do trabalho extra?”

Ele sorriu amargamente. “E eles chegaram a tentar? Não sei. Você conhece o velho adágio segundo o qual o besouro se acostuma a viver no meio das fezes; aquelas pessoas podem ou não ter gostado de fezes, mas com certeza viviam em meio a elas.”

Sua avaliação da vida durante o século XIX quase me deixou sem fôlego, e eu disse, baixinho: “Mas e as máquinas que faziam o trabalho?”

“Ei! O que você quer dizer? Máquinas para fazer o trabalho? É claro que foram inventadas para economizar ‘mão-de-obra’ (ou, de forma mais simples, a vida dos homens) numa tarefa para permitir que fosse expandida – eu diria desperdiçada – em outra tarefa, com toda certeza também inútil. Meu amigo, todas aquelas máquinas para baratear o trabalho resultaram simplesmente no aumento da carga de trabalho. O apetite do Mercado Mundial tanto mais crescia quanto mais saciado; os países dentro do ‘círculo da civilização’ (ou seja, miséria organizada) se empanturraram com os abortos do mercado, e força e fraude foram amplamente usadas para ‘abrir’ países fora daquela paliçada. ‘Abertura’ é um processo estranho para quem lê a profissão de fé dos homens daquele período e não entende a prática; talvez ela nos mostre o pior do grande vício do século XIX, o uso do jargão e da hipocrisia para fugir à responsabilidade pela ferocidade

vicária. Quando o Mercado Mundial civilizado cobiçava um país ainda livre de suas garras, inventava-se um pretexto transparente: a supressão de uma escravidão diferente e nem tão cruel quanto a do comércio, a imposição de uma religião que já não atraía a fé de quem a impunha, o ‘resgate’ de algum louco desesperado ou homicida cujas maldades o meteram em apuros entre os nativos daquele país ‘bárbaro’ – qualquer pedaço de pau com que castigar o cachorro. Encontrava-se então algum aventureiro corajoso, ignorante e sem princípios (o que não era difícil nos dias da competição), que era mandado para ‘criar um mercado’ pela quebra de todas as sociedades tradicionais que houvesse no pobre país, e pela destruição de todo prazer ou lazer que lá se pudesse encontrar. Impunham-se aos nativos produtos de que não necessitavam, deles recebendo produtos naturais ‘em troca’, como se chamava essa nova forma de roubo, criando assim ‘novas necessidades’ a serem atendidas, que imporiam forçosamente àquele povo infeliz e desamparado (que passaria a viver pelos padrões dos novos senhores) a venda de si próprios à escravidão do trabalho sem razão para poderem comprar as nulidades da ‘civilização’.”

O velho apontou o museu.

“Ah, já li livros e artigos ali que contavam as estranhas histórias dos negócios da civilização (ou miséria organizada) com os não-civilizados; desde os tempos em que o governo britânico enviou cobertores deliberadamente infectados com varíola como presentes para as tribos inconvenientes de peles-vermelhas, até quando a África foi infestada por um sujeito chamado Stanley¹, que...”

Interrompi.

“Desculpe-me, mas como você bem sabe, nosso tempo é curto e eu gostaria que nossa conversa não se desviasse da linha mais reta possível; quero perguntar imediatamente a respeito desses produtos feitos para o Mercado Mundial: qual a sua qualidade; essas pessoas eram

1. Jonh Rowlands, depois chamado Sir Henry Morton Stanley (1841-1904), jornalista e explorador britânico. Foi enviado pelo jornal *New York Herald* para procurar na África o missionário escocês David Livingstone. Posteriormente, fundou o Estado independente do Congo, a serviço do rei Leopoldo II da Bélgica.

muito competentes na produção, imagino que seus produtos fossem bem-feitos.”

“Qualidade!”, retrucou rispidamente o velho, irritado por ter sido interrompido no meio da história. “Como se poderia dar atenção a ninharias como a qualidade dos produtos vendidos? Os melhores ficavam um pouco abaixo da média, os piores eram meras imitações dos produtos necessários, que ninguém aceitaria se tivesse acesso a qualquer outra coisa. Era comum na época ouvir dizer que os produtos eram feitos para vender, não para usar; um chiste que você, vindo de outro planeta, poderia entender, mas não o meu povo.”

“O quê! Então nada era bem-feito?”

“É claro que havia uma classe de produtos feita com extremo cuidado: o tipo de máquinas que se usavam para produzir coisas. Essas eram geralmente peças perfeitas, admiravelmente adaptadas ao fim em vista. Assim, pode-se afirmar, sem medo de errar, que a grande conquista do século XIX foi a fabricação de máquinas que eram maravilhas de invenção, habilidade e paciência e que eram usadas para produzir uma quantidade enorme de imitações sem valor. Na verdade, os proprietários das máquinas não concebiam nada do que elas faziam como produto, apenas como um meio de auto-enriquecimento. Evidentemente, o único teste da utilidade dos produtos era a existência de compradores, sábios ou idiotas, não interessava.”

“E as pessoas se submetiam a isso?”

“Durante algum tempo”, respondeu ele.

“E então?”

“Então veio a reversão”, continuou, sorrindo, “e o século XIX se viu como o homem que perdeu a roupa quando tomava banho e tem de andar nu pela cidade.”

“Você tem realmente uma visão amarga do pobre século XIX.”

“Naturalmente, pois sei muito sobre ele.”

Ficou calado por um momento e depois retomou: “Existem tradições – não, histórias reais – sobre tudo isso na nossa família. Meu avô foi uma das vítimas. Se você tem conhecimento, há de entender o que

ele sofreu quando eu lhe digo que ele era naqueles dias um artista de qualidade, um homem de gênio e um revolucionário.”

“Creio que entendo. Mas, ao que parece, hoje vocês mudaram tudo isso.”

“É verdade. Os artigos que fazemos são feitos por serem necessários; os homens os fazem para uso dos vizinhos como se fosse para seu próprio uso, não para um vago mercado de que nada sabem e sobre o qual não têm qualquer controle. Como não se compra nem se vende, seria insanidade fazer coisas na esperança de que sejam desejadas, pois já não existem os que podem ser compelidos a comprá-las. E assim tudo o que é feito é bom e perfeitamente adaptado ao seu objetivo. Tudo o que é feito é para ser usado, portanto não se fazem artigos inferiores. Ademais, como já disse, hoje sabemos o que queremos, portanto não fazemos mais do que precisamos; e, como não somos forçados a produzir uma enorme quantidade de coisas inúteis, temos tempo e recursos para dedicar ao prazer de produzi-las. Todo trabalho cansativo para ser feito à mão é feito por máquinas muito aperfeiçoadas e todo trabalho manual prazeroso é feito sem as máquinas. Não há dificuldade em encontrar o trabalho que se ajusta às inclinações de alguém, e assim homem nenhum é sacrificado às necessidades de outro. De tempos em tempos, quando achamos que certo trabalho é desagradável ou problemático, nós o abandonamos e ficamos sem a coisa produzida por ele. Ora, é evidente que você percebe que sob tais circunstâncias todo trabalho que fazemos é um exercício de corpo e mente mais ou menos agradável de ser feito; assim, em vez de evitar o trabalho, todos o procuram e, como a cada geração as pessoas mais se capacitam, ficou tão fácil fazê-lo que parece que menos é feito, embora talvez se produza mais. Suponho que isso explique o medo, que acabei de sugerir, de uma possível escassez de trabalho, que você talvez já tenha notado e que é um sentimento que cresce há já bastante tempo.”

“Mas você acredita ser possível haver uma fome de trabalho?”

“Não, não acredito e vou lhe dizer por quê: cada um tem interesse em tornar seu próprio trabalho cada vez mais agradável, o que naturalmente tende a elevar o padrão de excelência, pois ninguém gosta de

fazer um trabalho de que não se orgulhe, e também a produzir com mais deliberação. Também existe um grande número de coisas que podem ser tratadas como obras de arte, o que gera empregos para uma multidão de pessoas capacitadas. Além disso, se a arte é inesgotável, a ciência também o é; embora já não seja apenas uma ocupação inocente que mereça o tempo de um homem inteligente, como já foi considerada, ainda assim existem, creio, muitas pessoas que se excitam pela vitória sobre as dificuldades, e a ela se dedicam mais do que a qualquer outra coisa. Ademais, à medida que se imprime cada vez mais prazer ao trabalho, acredito que vamos descobrir novas formas de trabalho para produzir bens desejáveis que deixaram de ser produzidos por não poderem ser feitos com prazer. De mais a mais, creio que apenas nas partes da Europa que são mais adiantadas do que o resto do mundo existe esse medo de falta de trabalho. As terras que foram antes colônias da Grã-Bretanha, especialmente na América – acima de tudo aquela parte que constituiu os Estados Unidos – já são e ainda não de ser por muito tempo uma de nossas grandes reservas. Pois aquelas terras, principalmente a parte setentrional da América, sofreram tanto toda a força dos últimos dias de civilização e se transformaram em lugares tão horríveis de se viver, que estão hoje muito atrasadas em tudo o que torna gostosa a vida. De fato, pode-se dizer que por quase cem anos o povo do norte da América está engajado em criar gradualmente uma boa moradia a partir de um depósito de lixo e ainda há muito a fazer, especialmente num país tão grande.”

“Muito bem”, eu disse, “fico muito feliz de saber que vocês têm pela frente uma perspectiva tão grande de felicidade. Mas gostaria de fazer mais umas poucas perguntas antes de terminar por hoje.”

Capítulo 16

JANTAR NO SALÃO DO MERCADO DE BLOOMSBURY

Enquanto eu falava, ouvi passos perto da porta; o trinco se abriu e os dois amantes entraram, tão belos que não se tinha sentimento de vergonha de observá-los em seu amor sem disfarces; parecia que o mundo todo os amava. Quanto ao velho Hammond, ele os olhava como um artista que acaba de pintar um quadro quase tão perfeito quanto imaginava ao iniciá-lo, e sua felicidade era absoluta. Disse ele:

“Sentem-se, sentem-se, jovens, em silêncio. Nosso hóspede ainda tem algumas perguntas a me fazer.”

“Eu sabia”, disse Dick; “vocês só estão aqui juntos há três horas e meia, não se pode esperar que se conte em três horas e meia a história de dois séculos. Sem falar que, com toda certeza, vocês ainda entraram nos reinos da geografia e do artesanato.”

“E quanto ao barulho, caro avô”, disse Clara, “vocês logo serão perturbados pelo barulho da sineta chamando para o jantar, que imagino há de ser como música para nosso hóspede, que só comeu pela manhã e deve ter tido um dia muito cansativo ontem.”

“Já que você lembrou, começo realmente a sentir fome, mas estou me alimentando das maravilhas de todo esse tempo passado; realmente, é a verdade absoluta”, disse eu, vendo o seu sorriso, tão lindo!

Mas nesse instante veio de alguma alta torre a doce música de sinos de prata, que soou aos meus ouvidos desacostumados como o canto do primeiro melro da primavera, e me trouxe à memória um bando de lembranças, algumas de tempos bons, outras de tempos ruins, mas todas elas doces como os prazeres simples.

“Chega de perguntas antes do jantar”, determinou Clara, que tomou minha mão como uma criança afetuosa e me tirou da sala para a

escada até o adro do museu, deixando os dois Hammonds nos seguirem como quisessem.

Entramos no mercado que eu havia visto antes, acompanhados de uma pequena fila de pessoas elegantemente vestidas¹. Entramos no claustro e chegamos a uma porta ricamente moldada e entalhada, onde uma linda jovem de cabelos negros deu a cada um de nós um lindo buquê de flores de verão, e entramos num salão muito maior do que o da Casa de Hóspedes de Hammersmith, de arquitetura mais elaborada e talvez ainda mais bela. Era difícil desviar os olhos dos quadros nas paredes (pois me pareceu grosseiro olhar todo o tempo para Clara, apesar de ela o merecer). Percebi imediatamente que tratavam de estranhos mitos e imaginações de antigamente, só conhecidos de uns poucos no mundo de ontem, e quando os dois Hammonds se sentaram à nossa frente eu disse para o velho, mostrando o friso:

“Estranho ver esses personagens aqui!”

“Por quê?”, ele perguntou. “Não vejo razão para a sua surpresa; todo o mundo conhece essas histórias; são histórias graciosas e simpáticas, não muito trágicas, como condiz com um lugar onde as pessoas vêm principalmente para comer, beber e se divertir, e ainda assim cheias de aventuras.”

Sorri e disse: “Não esperava encontrar imagens de ‘Os Sete Cisnes’, de ‘O Rei da Montanha Dourada’ ou de ‘O Fiel Henrique’ e de outras histórias da infância do mundo reunidas por Jacob Grimm, que mal eram lembradas já no seu tempo. Imaginava que vocês já as teriam esquecido.”

O velho sorriu e nada disse, mas Dick ficou vermelho e protestou:

“O que, hóspede? Eu as considero muito bonitas, não só as figuras, mas também as histórias; quando éramos crianças sonhávamos que elas aconteciam em todos os bosques, nas curvas de todos os rios; qualquer casa no campo era para nós a Casa do Rei do País das Fadas. Você se lembra, Clara?”

1. Quero dizer elegante como um desenho persa; o que é diferente de uma rica senhora “elegante” que sai pela manhã. Essa eu considero *afetada* (Nota do Autor).

“Sim”, disse ela, e tive a impressão de que uma nuvem cobriu seu belo rosto. Ia falar com ela sobre isso, mas as belas garçonetes se aproximaram sorrindo e falando docemente como os pássaros do junco das margens dos rios e começaram a nos servir o jantar. Aqui, assim como na refeição da manhã, tudo foi deliciosamente preparado e servido por mãos interessadas, mas não havia excessos, nem de quantidade nem de gula; tudo era simples, apesar de excelente, e sabíamos, com certeza, que não se tratava de um banquete, apenas de uma refeição comum. Os copos, as cerâmicas e os pratos pareciam muito belos aos meus olhos acostumados ao estudo da arte medieval, mas um freqüentador dos clubes do século XIX os teria considerado grosseiros e mal acabados; a cerâmica tinha um verniz de chumbo, apesar de magnificamente ornamentada; a porcelana se resumia a uma ou outra peça oriental. Os copos, apesar de elegantes e nobres e de formas muito variadas, tinham bolhas e textura mais grosseira do que os artigos comerciais do século XIX. A mobília e os adereços do salão combinavam com as mesas e as cadeiras, belos na forma e muito ornamentados, mas sem o acabamento comercial dos marceneiros de nossa época. Havia em todas as coisas uma ausência notável de tudo a que o século XIX dá o nome de “conforto” – a inconveniência volumosa –, e assim, mesmo sem considerar a excitação daquele dia, nunca antes jantei com tanto prazer.

Quando terminamos de comer, com uma garrafa de ótimo Bordeaux à nossa frente, Clara voltou à questão das figuras, como se elas a tivessem perturbado.

Olhou para elas e disse: “Como se explica que, apesar de se interessarem muito pela nossa vida, ainda assim quando resolvem escrever um poema ou pintar um quadro as pessoas raramente tratam da vida moderna ou, quando o fazem, tomam todo o cuidado para mostrá-la diferente do que é? Será que não somos bons o bastante para nos representarmos? Por que os tempos terríveis do passado nos parecem tão interessantes, na poesia e na pintura?”

O velho Hammond sorriu. “Sempre foi assim, e acho que sempre será, apesar de não saber como explicá-lo. É verdade que no século

XIX, quando havia tão pouca arte e tanta conversa sobre arte, surgiu a teoria de que a arte e a literatura imaginativa deveriam tratar da vida contemporânea; mas tal nunca foi feito, pois quando tentava tratar, o autor tomava todo o cuidado para (como Clara acabou de sugerir) disfarçar, exagerar ou idealizar e, de uma forma ou de outra, torná-la estranha; e assim, apesar de toda a verossimilhança, ele poderia estar falando do tempo dos faraós.”

“Bem”, interveio Dick, “é natural que se goste dessas estranhas coisas, como quando éramos crianças e fingíamos ser fulano de tal neste ou naquele lugar. É o que fazem aqueles quadros e poesias; e por que não deveriam?”

“Você acabou de descobrir, Dick”, completou o velho Hammond. “É a nossa porção infantil que produz as obras da imaginação. Quando somos crianças o tempo passa tão lento que parece que temos tempo para tudo.”

Ele suspirou, sorriu e continuou: “Vamos pelo menos aproveitar a volta da nossa juventude. Bebo aos dias de hoje!”

“À segunda infância”, eu disse, baixinho, e depois corei à minha dupla falta de educação, e esperei que ele não tivesse ouvido. Mas ele ouviu e disse:

“Por que não? Quanto a mim, espero que ela dure muito e que o próximo período de humanidade, sábia e infeliz, se tiver de acontecer, nos leve rapidamente para uma terceira infância, se, na verdade, este já não for a terceira. Enquanto isso, amigo, saiba que somos felizes demais, tanto individual como coletivamente, para nos preocupar com o que virá no futuro.”

“Bem”, disse Clara, “gostaria que fôssemos interessantes o bastante para merecermos ser cantados e pintados.”

Dick lhe respondeu com palavras de amante, impossíveis de serem escritas, e depois ficamos um pouquinho sentados, calados.

Capítulo 17

COMO SE DEU A MUDANÇA

F inalmente Dick rompeu o silêncio e disse: “Guest, perdoe este tédio depois do jantar. O que você gostaria de fazer? Vamos buscar Greylocks e trotar de volta a Hammersmith? Ou você gostaria de vir conosco ouvir alguns galeses cantar num salão aqui perto? Ou de vir comigo até a City para ver alguns edifícios maravilhosos – o que vai ser?”

“Muito bem, como sou estrangeiro, vou deixar que vocês escolham por mim.”

Na verdade, naquele instante eu não tinha o menor desejo de ser “entretido”; também senti que o velho, com todo o seu conhecimento do passado e da quase simpatia invertida provocada pelo seu ódio ativo por ele, fosse como um cobertor a me proteger do frio desse mundo novo, onde eu estava sendo, de certa forma, desnudado de todos os pensamentos e formas de agir habituais. Tão cedo eu não iria querer me separar dele. Ele veio imediatamente em meu socorro, dizendo:

“Um momento, Dick, não se esqueça de que além de você e de nosso hóspede há mais alguém a ser consultado, eu. Não vou perder o prazer da sua companhia, especialmente quando é evidente que ele ainda tem coisas a me perguntar. Portanto, vá ver os seus galeses, mas antes traga até este canto mais uma garrafa de vinho e pode ir embora assim que quiser; depois venha para levar de volta o nosso hóspede para o oeste, mas não se apresse.”

Dick concordou com um sorriso, e logo o velho e eu estávamos a sós no grande salão, o sol da tarde cintilando no vinho vermelho em nossos altos cálices. Então Hammond falou:

“Há alguma coisa que lhe pareça particularmente estranha na nossa forma de viver, agora que você já ouviu falar tanto e viu um pouco dela?”

“Eu diria que o mais intrigante para mim é como se chegou a ela.”

“É natural, considerando o quanto foi grande a mudança. Seria difícil contar toda a história, talvez impossível: conhecimento, insatisfação, traição, desapontamento, ruína, miséria, desespero. Os que trabalharam em prol da mudança por perceberem antes dos outros o futuro passaram por todas essas fases de sofrimento e, sem dúvida, durante todo o tempo a maioria dos homens tudo via sem saber o que estava acontecendo, a pensar que era tudo natural, como o alvorecer e o entardecer; e, na verdade, era.”

“Diga-me uma coisa, se puder. A mudança, a ‘revolução’, como era chamada, chegou pacificamente?”

“Pacífica? Qual a paz possível entre os infelizes do século XIX? Foi uma guerra do início ao fim, uma guerra cruel, até que a esperança e o prazer lhe dessem fim.”

“Guerra de verdade, com armas?”, perguntei, “ou greves, *lockouts* e fome de que ouvimos falar?”

“Os dois, os dois. De fato, a história do terrível período de transição da escravidão comercial até a liberdade pode ser assim resumido: quando surgiu a esperança de realizar uma vida comunitária para todos os homens, já no final do século XIX, o poder das classes médias, que eram então os tiranos da sociedade, era tão enorme e esmagador que, para todos os homens, até mesmo para aqueles que tinham, apesar de si próprios e contra a razão, concebido aquela esperança, ela não passava de um sonho. Tanto era esse o caso que alguns daqueles homens mais esclarecidos, então chamados socialistas, embora soubessem bem e até o afirmassem em público que a única condição razoável de sociedade era o comunismo puro (como o que você vê hoje), ainda assim evitavam o que lhes parecia ser a tarefa ingrata de pregar a concretização daquele sonho feliz. Olhando hoje para trás, podemos ver que a grande força motriz da mudança foi o desejo de liberdade e de igualdade, semelhante talvez à paixão irracional do amante, um mal do coração que rejeitava com ódio a vida solitária e sem sentido dos homens educados e ricos daquele tempo; frases, caro amigo, que hoje perderam o sentido, pois estamos muito distantes dos fatos que elas representam.

“Bem, aqueles homens, embora cômicos desse sentimento, não acreditavam nele como meio de provocar a mudança. O que não é de admirar, pois à sua volta eles viam a massa enorme das classes oprimidas tão sobrecarregadas com a miséria de suas vidas e assoberbadas pelo egoísmo da miséria que não podiam conceber um meio de fugir dela, a não ser o meio comum sugerido pelo sistema de escravidão em que viviam, que não passava de uma chance remota de sair do meio dos oprimidos e subir até a classe opressora.

“Eles sabiam portanto que o único objetivo racional dos que sonhavam melhorar o mundo era uma condição de igualdade; na sua impaciência e no seu desespero eles se convenceram de que se conseguissem, por qualquer meio lícito ou ilícito, alterar a máquina de produção e administração da propriedade de forma que as ‘classes inferiores’ (esse era o horrível termo que se usava) tivessem uma ligeira melhora de condição, elas se ajustariam a essa maquinaria e a usariam para melhorar mais e mais sua própria condição, até que finalmente se chegasse à igualdade prática (ele gostavam muito da palavra ‘prática’), porque ‘os ricos’ seriam forçados a pagar mais para manter ‘os pobres’ numa condição tolerável, e a condição de rico perderia o valor e desapareceria gradualmente. Está entendendo?”

“Em parte, mas continue.”

O velho Hammond continuou: “Então, se está me entendendo, você há de perceber que isso não era absolutamente irracional; mas ‘na prática’ foi um fracasso.”

“Como assim?”

“Porque seria necessário que criassem esse maquinário pessoas que não sabiam o que queriam que as máquinas fizessem. Se as massas oprimidas desenvolvessem esse esquema de melhoramento, elas o fariam para obter a melhoria das rações de escravo, o máximo que conseguissem. E se essas classes fossem realmente incapazes de ser tocadas por aquele instinto que produz a paixão pela liberdade e igualdade de que já falei, aconteceria o seguinte: uma parte das classes trabalhadoras se aproximaria das condições dos moderadamente ricos, mas abaixo dela ficaria uma grande classe de escravos miserá-

veis, cuja escravidão teria sido muito mais desesperada do que a escravidão anterior.”

“E o que impediu que isso acontecesse?”, perguntei.

“Mas é lógico, exatamente o instinto de liberdade que mencionei. É verdade que a classe escrava não podia conceber a felicidade de uma vida livre. Mesmo assim, compreenderam que eram oprimidos por seus senhores e imaginaram poder viver sem eles, apesar de não terem uma noção clara de como e, assim, embora não pudessem sonhar com a felicidade e a paz do homem livre, eles buscaram a guerra que uma vaga esperança lhes dizia que traria aquela paz.”

“Você poderia explicar com mais detalhe o que realmente aconteceu?”, perguntei, pois ele me parecia muito vago.

“Posso. Pôs-se em movimento parcial, de forma muito lenta, o maquinário da vida para uso de pessoas que não tinham idéia de sua utilidade, e que na época era conhecido como socialismo de Estado. Mas ele não funcionou bem; os capitalistas sempre resistiram a ele, o que era de esperar, pois esse sistema tendia cada vez mais a alterar o sistema comercial sem oferecer nada eficaz para substituí-lo. O resultado foi confusão crescente, grande sofrimento entre as classes trabalhadoras e, em conseqüência, grande insatisfação. Durante muito tempo as coisas ficaram nesse pé. O poder das classes altas havia diminuído, assim como o seu controle da riqueza, e elas já não tinham tanto poder para impor as coisas como antes. Sob esse ponto de vista, o socialismo de Estado justificou seus resultados. Em compensação, as classes trabalhadoras estavam desorganizadas e ficaram mais pobres, apesar dos ganhos (reais também no longo prazo) que extraíram de seus senhores. Afinal, a situação passou a ser a seguinte: os senhores não podiam reduzir seus escravos à sujeição absoluta, embora não tivessem dificuldades em sufocar algumas revoltas frágeis e parciais. Os trabalhadores forçaram os senhores a lhes oferecerem melhoramentos, reais ou imaginários, de suas condições, mas não podiam forçá-los a lhes dar a liberdade. Finalmente houve a grande explosão. Para que eu possa explicá-la, você tem de entender que houvera grande progresso entre os operários, apesar de pouco ter sido feito para melhorar as condições de vida.”

Fingi inocência e perguntei: “Mas como eles poderiam melhorar a não ser nas condições de vida?”

“No poder de promover um novo estado de coisas em que a vida seria mais farta e fácil de ganhar. Finalmente, depois de um longo período de erros e desastres, eles aprenderam como se aliar. Os trabalhadores estavam agora regularmente organizados para a luta contra seus senhores, uma luta que por mais de meio século havia sido considerada parte inevitável das condições do sistema moderno de trabalho e produção. Essa combinação tinha agora tomado a forma de uma federação de todas, ou de quase todas, as profissões assalariadas reconhecidas, e foi por meio dela que se arrancaram dos senhores aquelas melhorias das condições dos trabalhadores. Embora não se envolvessem nos tumultos, especialmente os que aconteceram nos primeiros anos de organização, essas revoltas não eram parte essencial de sua tática; de fato, já na época de que estou falando eles se tornaram tão fortes que a simples ameaça de ‘greve’ era suficiente para ganhar alguma questão de menor importância, pois eles haviam desistido da tática infantil dos antigos sindicatos de convocarem a greve apenas dos empregados desta ou daquela indústria e de manterem os grevistas por meio do trabalho dos que continuavam a trabalhar. Nessa época eles já possuíam um grande fundo de apoio à greve e tinham condições de parar toda uma indústria durante algum tempo, se fosse necessário.”

“Mas não havia o perigo de gastar mal esse dinheiro – na corrupção, por exemplo?”

O Velho Hammond se mexeu, embaraçado, na cadeira.

“Embora tudo isso tenha acontecido há tanto tempo, ainda sinto a dor da vergonha quando tenho de lhe dizer que era mais que um simples perigo: que essa patifaria aconteceu com freqüência; por causa dela, mais de uma vez toda a combinação pareceu se desmanchar, mas, na época de que estou falando, as coisas pareciam tão ameaçadoras, e para os trabalhadores ficou tão clara a necessidade de enfrentar os problemas crescentes criados pela disputa trabalhista, que as condições da época haviam gerado uma profunda seriedade de todas as pessoas racionais, uma determinação que deixou de lado tudo que não

era essencial e que para homens pensantes era uma indicação da mudança que rapidamente se aproximava; era um elemento perigoso demais para simples traidores e, um a um, eles foram sendo expulsos e se uniram aos reacionários declarados.”

“E aquelas melhorias, quais eram? Ou melhor, qual a sua natureza?”

“Algumas delas, as mais importantes para a vida do homem, foram oferecidas pelos senhores por compulsão direta dos trabalhadores; as novas condições de trabalho assim ganhas foram fixadas apenas pelo costume, não foram impostas por lei, mas, uma vez estabelecidas, os senhores não se atreveram a tentar retomá-las diante do poder crescente dos trabalhadores unidos. Algumas foram passos na direção do socialismo de Estado; as mais importantes podem ser rapidamente resumidas. No final do século XIX levantou-se uma grita para forçar os senhores a empregar seus homens por um número menor de horas por dia: essa grita rapidamente ganhou volume e os senhores tiveram de ceder. Mas ficou claro que, a menos que se aumentasse o salário por hora, isso seria absolutamente inútil, e que os senhores, se não fossem obrigados, reduziriam tal reivindicação à inutilidade. Portanto, depois de uma longa luta, uma nova lei foi aprovada para fixar a remuneração mínima do trabalho nas indústrias mais importantes, lei que teve de ser apoiada por outra que fixava os preços máximos dos principais artigos então considerados necessários para o sustento do trabalhador.”

“Você está se aproximando perigosamente das taxas de assistência social dos romanos e da distribuição de pão para o proletariado”, eu disse, com um sorriso.

“É o que diziam muitos naquela época”, disse secamente o velho, “e sempre foi lugar-comum que haveria miséria no final do Estado socialista, se ele chegasse ao final, o que não aconteceu conosco. Entretanto, não se ficou apenas nessa questão de mínimo e de máximo, que, na verdade, era uma necessidade. O governo passou então a considerar imperativo enfrentar o protesto da classe dominante contra a iminente destruição do comércio (tão desejável quanto a extinção da cólera, que felizmente já aconteceu). E forçou-se a enfrentá-la com uma

medida hostil, a criação de fábricas do governo para produzir os artigos necessários e de mercados para vendê-los. As medidas tomadas resultaram no seguinte: na verdade, elas tinham a natureza dos regulamentos impostos pelo comandante de uma cidade sitiada. Mas, para as classes privilegiadas, quando essas leis foram aprovadas foi como se tivesse chegado o fim do mundo.

“O que não deixava de ser verdade: a difusão das teorias comunistas e a prática parcial do socialismo de Estado tinham inicialmente perturbado e, finalmente, quase paralisado o maravilhoso sistema do comércio sob o qual o velho mundo tão febrilmente vivera e que produzira para uns poucos uma vida de prazeres e para muitos, ou para a maioria, uma vida de miséria: os tempos difíceis, como eram chamados, se repetiam e eram realmente ruins para os assalariados. O ano de 1952 foi um dos piores; os trabalhadores sofreram terrivelmente. As fábricas do governo, parcialmente ineficientes e muito corruptas, foram praticamente destruídas, e uma vasta parcela da população teve de ser alimentada pela ‘caridade’ mal disfarçada.

“Os Trabalhadores Reunidos examinaram a situação com um misto de ansiedade e esperança. Eles já haviam formulado suas exigências, mas, então, por voto solene e universal de todas as sociedades federadas, insistiram no primeiro passo para o atendimento de suas exigências: esse passo era a transferência da administração de todos os recursos naturais do país, bem como do maquinário para processá-los, para os Trabalhadores Reunidos e a conseqüente redução das classes privilegiadas à posição de pensionistas obviamente dependentes da boa vontade dos trabalhadores. Essa ‘Resolução’, como foi chamada, amplamente publicada nos jornais do dia, foi na verdade uma declaração de guerra, e como tal recebida pela classe dominante, que começou então a se preparar para uma defesa firme contra o ‘comunismo feroz e brutal de hoje’, nas suas palavras. E como eles ainda eram, ou pareciam ser, de várias formas, muito poderosos, esperavam mais uma vez reconquistar uma parte, ou talvez a totalidade, do que haviam perdido. Disseram entre eles que foi um erro grave dos vários governos não terem resistido mais cedo e culpavam os liberais

e os radicais (nomes da parte com mais inclinações democráticas das classes dominantes) por terem conduzido o mundo àquela situação por seu pedantismo imprudente e seu sentimentalismo idiota: um certo Gladstone ou Gladstein (provavelmente, a julgar pelo nome, de origem escandinava), um político notável do século XIX, foi sob esse aspecto singularmente condenado. Não preciso mostrar o absurdo de tudo isso. Mas uma tragédia terrível se escondia por trás dessas atitudes do partido reacionário. 'A ambição insaciável das classes inferiores tem de ser reprimida', 'O povo está precisando de uma lição': eram essas as frases sacramentais correntes entre os reacionários, e eram frases agourentas."

O velho parou para examinar meu rosto atento e admirado, depois disse:

"Sei, caro amigo, que estou usando palavras e frases que poucos dentre nós compreenderiam sem uma longa e laboriosa explicação, talvez nem mesmo com ela. Mas como você ainda não está dormindo, e como falo com você como a alguém de outro planeta, gostaria de saber: você compreendeu tudo o que contei até agora?"

"Claro, entendo perfeitamente. Continue, por favor; muito do que você está contando era de conhecimento geral entre nós, quando... quando..."

"Sei, quando você morava no outro planeta. Vamos agora ao rompimento já mencionado.

"Numa ocasião relativamente sem importância, os líderes dos trabalhadores convocaram uma grande manifestação que aconteceria na Trafalgar Square (muitos anos antes havia já muita polêmica sobre as manifestações naquele local). A guarda civil burguesa (a polícia) atacou a manifestação a bordoadas, como era seu costume; muitas pessoas ficaram feridas na confusão, das quais cinco morreram, ou atropeladas até a morte no local ou dos efeitos das porretadas; a manifestação foi dispersada, e cerca de uma centena de manifestantes foi lançada no cárcere. Manifestação semelhante havia recebido o mesmo tratamento num lugar chamado Manchester, que hoje já não existe. Assim começou a 'lição'. Esses acontecimentos levaram o país inteiro à ebulli-

ção; tentou-se organizar uma nova manifestação para protestar contra as autoridades. Uma imensa multidão se reuniu em Trafalgar Square e nas vizinhanças (naquela época, uma região de ruas muito movimentadas), grande demais para ser enfrentada pela polícia armada de cassetetes. Houve muita luta; três ou quatro pessoas morreram e cerca de uma dezena de policiais foram esmagados na refrega e os outros fugiram como puderam. Foi uma vitória para o povo. No dia seguinte toda Londres (lembre-se de como ela era naquele tempo) estava numa agitação fervilhante. Muitos ricos fugiram para o interior; o Executivo reuniu a soldadesca, mas não teve coragem para usá-la, e a polícia não estava em condições de se reunir num só lugar, pois havia revoltas e ameaças de revolta por toda parte. Mas em Manchester, onde as pessoas talvez não fossem corajosas ou tão desesperadas como as de Londres, vários líderes populares foram presos. Em Londres, reuniu-se uma convenção da Federação Unida dos Trabalhadores sob o nome de Comitê para a Segurança Pública, porém, como não tinham um corpo de homens armados e treinados, não tentaram medidas agressivas, apenas cobriram as paredes com cartazes que traziam apelos vagos aos trabalhadores para não se deixarem pisotear. Mas convocaram uma nova manifestação a se reunir em Trafalgar Square uma quinzena depois da anterior.

"Nesse meio-tempo a cidade não se acalmara, os negócios chegaram praticamente ao fim. Os jornais – então, como sempre, até o momento, quase inteiramente nas mãos dos senhores – clamaram ao governo pedindo medidas repressivas. Cidadãos ricos foram recrutados para formar um corpo extra da polícia, como ela armado de cassetetes; muitos desses eram jovens fortes e bem alimentados e tinham muita disposição para a luta, mas o governo não teve coragem de usá-los e contentou-se com a aprovação pelo Parlamento de poderes especiais para a supressão de qualquer revolta e para trazer mais e mais soldados até Londres. Assim se passou a semana que se seguiu à grande manifestação; uma outra quase tão grande aconteceu no domingo, que decorreu pacificamente, pois não enfrentou oposição, e mais uma vez o povo gritou 'vitória'. Mas, na segunda-feira, o povo

acordou com fome. Durante os últimos dias grupos de homens percorriam as ruas em passeata pedindo (ou, quem sabe, exigindo) dinheiro para comprar comida e, talvez por boa vontade, talvez por medo, os ricos lhes deram muito. As autoridades das paróquias (não tenho tempo agora para explicar o significado dessa frase) foram forçadas a dar todas as provisões que tinham às pessoas nas ruas, e o governo, por meio de suas frágeis oficinas nacionais, também alimentou muitos homens famintos. Mas, além de tudo isso, várias padarias e outras lojas de alimentos foram esvaziadas sem grande tumulto. Até aí tudo bem. Mas, na segunda-feira em questão, o Comitê para a Segurança Pública, de um lado com medo de uma pilhagem generalizada e, de outro, encorajado pela atitude hesitante das autoridades, enviou um grupo equipado com carroças e todo o material necessário para limpar duas ou três grandes lojas de alimentos no centro da cidade, deixando nas mãos dos seus administradores papéis em que prometiam pagar o preço devido. Nas partes da cidade em que eram mais fortes, tomaram posse de várias padarias e colocaram homens a trabalhar nelas em benefício do povo, e tudo isso foi feito com pouco ou nenhum tumulto, com a polícia ajudando a manter a ordem no saque às lojas, como o teriam feito no caso de um grande incêndio.

“Mas, diante desse último golpe, os reacionários se alarmaram tanto que decidiram forçar o Executivo à ação. Os jornais do dia seguinte anunciavam todos a fúria do povo assustado e lançaram ameaças contra o povo, o governo e todo mundo de quem se lembraram, ‘a menos que se restaurasse imediatamente a ordem’. Uma delegação de importantes comerciantes foi ao governo e o informou de que, se o Comitê para a Segurança Pública não fosse imediatamente preso, eles próprios iriam organizar um corpo de homens, armá-los e cair sobre os ‘incendiários’, como os chamaram.

“Esses senhores, na companhia de vários editores de jornais, tiveram uma longa entrevista com os chefes do governo e dois ou três militares, os mais aptos na sua arte que o país podia oferecer. A delegação saiu da entrevista, informou uma testemunha ocular, sorridente e satisfeita, e nada mais disse sobre a criação de um exército antipopular,

mas naquela mesma tarde deixou Londres com suas famílias em busca de suas casas no campo e lugares semelhantes.

“No dia seguinte o governo proclamou o estado de sítio em Londres, coisa bem comum entre os governos absolutistas do Continente, mas desconhecida na Inglaterra daqueles tempos. Indicaram o mais jovem e o mais capaz de seus generais para comandar o estado de sítio, um homem que tinha conquistado certa reputação nas guerras infames em que o país havia de tempos em tempos se engajado. Os jornais ficaram extasiados, e os reacionários mais ardorosos se apresentaram todos; homens que, em condições normais, eram forçados a guardar para si ou para seu círculo imediato as suas opiniões começaram a pleitear a destruição de todos os socialistas e das tendências democráticas que, segundo eles, haviam sido tratadas com uma indulgência irracional ao longo dos últimos 60 anos.

“Mas o esperto general evitou ações muito visíveis e, ainda assim, apenas alguns dos jornais menos importantes o atacaram; homens mais sensatos concluíram disso que havia um golpe em andamento. Quanto ao Comitê para a Segurança Pública, independentemente do que pensasse, havia avançado demais para recuar naquele momento, e muitos de seus membros estavam convencidos de que o governo não iria agir. Continuaram a organizar em silêncio as suas fontes de alimentos, que afinal eram pouco mais que migalhas, e, para reagir ao estado de sítio, armaram tantos homens quantos podiam na área onde eram mais fortes, mas desistiram de treiná-los ou de organizá-los, pensando talvez ser impossível transformá-los em soldados treinados no tempo de que dispunham. O esperto general, seus soldados e a polícia observavam todos esses acontecimentos sem a menor intervenção, e as coisas se acalmaram em Londres naquele fim de semana, mas houve revoltas em muitas províncias, que foram abafadas sem dificuldades pelas autoridades. As mais graves aconteceram em Glasgow e Bristol.

“Então chegou o domingo da manifestação, e grandes multidões se encaminharam em procissão para Trafalgar Square, entre eles grande parte do Comitê, cercado por seu grupo de homens de uma forma ou de outra armados. As ruas estavam tranqüilas e em silêncio, apesar

de haver muitos espectadores para ver a passagem da procissão. Não havia polícia em Trafalgar Square, a multidão tranqüilamente tomou posse do lugar e a manifestação teve início. Os homens armados se colocaram em torno do palanque principal, havendo uns poucos espalhados no meio da multidão, mas a grande maioria estava desarmada.

“Muitos acharam que a manifestação transcorreria em paz, mas os membros do Comitê tinham ouvido de várias fontes que algo seria tentado contra eles, mas esses rumores eram vagos e eles não tinham idéia do que os ameaçava, mas logo iriam descobrir.

“Pois, antes que se enchessem as ruas que conduzem a Trafalgar Square, um corpo de soldados entrou na praça vindo da esquina a noroeste e tomou posição diante das casas que se alinhavam a oeste. O povo murmurou ao ver os casacos vermelhos; os homens armados do Comitê ficaram indecisos, sem saber o que fazer e, de fato, esse novo influxo comprimiu de tal forma a multidão que, desorganizados como estavam, ficou quase impossível para eles operar no meio dela. Eles mal haviam absorvido o fato de os inimigos terem chegado, quando uma segunda coluna de soldados saídos das ruas que levam à grande estrada que chega às Casas do Parlamento (ainda existentes e conhecidas como o Mercado de Esterco), e também da margem do Tâmis marchou para a praça, comprimindo a multidão numa massa ainda mais densa, e se distribuiu pelo lado sul. Foi então que os que conseguiram ver o que se passava souberam que tinham caído numa armadilha e imaginaram o que iria acontecer com todos.

“A densa multidão não quis ou não pôde se mover, senão sob a influência do terror que logo lhe seria oferecido. Alguns dos homens armados avançaram ou subiram à base do monumento que ali havia para poder ver a parede oculta de fogo à sua frente; e para a maioria dos homens (e havia muitas mulheres entre eles) pareceu que o fim do mundo havia chegado e que hoje estava muito diferente de ontem. Tão logo os soldados acabaram de se posicionar, disse uma testemunha,

‘um oficial brilhante a cavalo veio trotando do meio das fileiras do sul e leu alguma coisa de um papel que trazia na mão, que muito poucos

ouviram, mas que me disseram ser uma ordem para nos dispersarmos e um aviso de que ele tinha o direito legal de atirar na multidão e de que o faria. A multidão entendeu a ordem como um desafio e dela subiu um urro ameaçador; e depois disso houve relativo silêncio até o oficial ter voltado às suas fileiras. Eu estava no limite da multidão, perto dos soldados, e vi três máquinas pequenas serem trazidas para a frente das fileiras, que eu sabia serem metralhadoras. Gritei para todos se jogarem ao chão que eles iam atirar. Mas ninguém podia fazê-lo, pois a multidão estava muito compacta. Ouvei uma ordem seca e pensei onde eu iria estar em seguida; e então foi como se a terra se abrisse e o inferno tivesse subido até nós. Não adianta tentar descrever a cena que se seguiu. Valas profundas se abriram na multidão; os mortos e os agonizantes cobriram o terreno, e os gritos e gemidos de horror encheram o ar até parecer não haver mais nada no mundo além de assassinato e morte. Os nossos homens armados que ainda não haviam sido feridos gritaram como selvagens e abriram fogo contra os soldados. Um ou dois deles caíram e vi oficiais percorrendo as fileiras de um lado para outro gritando ordens para os soldados atirarem, mas eles receberam as ordens num silêncio sombrio e deixaram cair as armas. Apenas um sargento correu até uma metralhadora e se preparou para atirar, mas um jovem alto, um oficial, correu das fileiras e o puxou pela gola. E os soldados ficaram ali, imóveis diante da multidão horrorizada, quase completamente desarmada (a maioria dos homens armados caíra na primeira salva), que saiu lentamente da praça. Disseram-me mais tarde que os soldados a oeste também atiraram e cumpriram sua parte na matança. Não sei como saí da praça: andei sem sentir o solo sob mim, cheio de raiva, terror e desespero.’

“É o que diz a testemunha. O número de mortos do lado do povo durante o tiroteio de um minuto foi prodigioso; mas não foi fácil saber o número verdadeiro: foi algo entre mil e dois mil. Dos soldados, seis morreram e uma dúzia se feriu.”

Eu o ouvia, tremendo de excitação. Os olhos do velho brilhavam e seu rosto ficou vermelho enquanto ele falava e contava o que sempre

pensei que poderia acontecer. Mesmo assim fiquei espantado por ele se ter emocionado tanto por um simples massacre e disse:

“Que assustador! E suponho que esse massacre pôs um fim à revolução por algum tempo?”

“Não, não, foi o que lhe deu início.”

Encheu seu copo e o meu, levantou-se e gritou: “Beba esse vinho à memória dos que lá morreram, pois muito longa é a lista de tudo o que devemos a eles.”

Bebi, ele se sentou e continuou.

“O massacre de Trafalgar Square desencadeou a guerra civil, embora tenha decorrido um longo período de fermentação e as pessoas não tivessem noção clara da crise de que estavam participando.

“Por mais terrível que fosse o massacre, por mais horrível e pavoroso que fosse o primeiro terror, quando as pessoas pararam para pensar em tudo aquilo seu sentimento foi de raiva, não de medo, embora a organização militar do estado de sítio fosse conduzida sem hesitações pelo jovem general esperto. Pois ainda que a classe dominante sentisse, quando a notícia se espalhou na manhã seguinte, um acesso de horror e medo, o governo e os que o apoiavam sentiram que agora o vinho estava no cálice e só lhes restava bebê-lo. Entretanto, até mesmo os jornais capitalistas mais reacionários, com duas exceções, aturdidos pela violência das notícias, limitaram-se a dar um relato do que havia ocorrido sem tecer comentários. As exceções foram um jornal dito liberal (o governo da época era daquele partido) que, depois de um preâmbulo em que declarava sua simpatia invariável pela causa dos trabalhadores, observou que em tempos de perturbação revolucionária era dever do governo ser justo mas firme, e que a forma mais tolerante de tratar com os pobres enlouquecidos que atacavam as próprias fundações da sociedade (que os tinha feito loucos e pobres) era atirar neles sem hesitação, para que outros não fossem tentados a adotar posições em que poderiam sofrer o mesmo destino. Resumindo, elogiava a ação determinada do governo como o máximo da sabedoria e da bondade humanas e exultava com a inauguração de uma nova era de democracia racional livre dos sonhos tiranos do socialismo.

“A outra exceção foi um jornal considerado um dos opositores mais violentos da democracia, o que ele realmente era, mas seu editor foi corajoso e falou por si e não pelo jornal. Em poucas palavras simples e indignadas, ele conclamou o povo a considerar o valor de uma sociedade cuja defesa exigia o massacre de cidadãos desarmados e o governo a suspender o estado de sítio e julgar por assassinato o general e seus oficiais que atiraram naquelas pessoas. Foi além e declarou que, independentemente de sua opinião com relação às doutrinas dos socialistas, ele se associava ao povo até que o governo expiasse sua atrocidade mostrando estar pronto a ouvir as exigências de homens que sabiam o que queriam e a quem a decrepitude da sociedade havia forçado a impor de uma forma ou de outra suas próprias exigências.

“Evidentemente esse editor foi imediatamente preso pelo poder militar, mas suas palavras cheias de coragem já haviam chegado às mãos do público e produziram tamanho efeito que o governo, depois de alguma vacilação, suspendeu o estado de sítio, apesar de, simultaneamente, ter reforçado e tornado mais opressiva a organização militar. Três elementos do Comitê para a Segurança Pública haviam sido mortos em Trafalgar Square; os restantes voltaram calmamente para o antigo ponto de reunião e esperaram o que iria acontecer. Foram presos na manhã seguinte e teriam sido assassinados no local pelo general se o governo não tivesse medo da responsabilidade de matar pessoas sem julgamento. Falou-se inicialmente em submetê-los a julgamento por uma comissão especial de juízes – ou seja, por um grupo de homens predispostos a condená-los e determinados a tanto. Mas, depois do ataque de calor, o governo agora passava por outro de frio e os prisioneiros foram levados a julgamento pelo júri. Foi outro golpe para o governo, pois, apesar das instruções claras do juiz para levar o júri a considerar os réus culpados, eles foram absolvidos, e o júri acrescentou ao veredicto uma declaração em que condenava a ação da soldadesca, na estranha fraseologia de então, como ‘irrefletida, infeliz e desnecessária’. O Comitê para a Segurança Pública retomou suas sessões e passou a ser um ponto popular de reunião em oposição ao Parlamento. O governo então cedeu completamente e atendeu a to-

das as demandas do povo, embora houvesse uma conspiração bem conhecida de golpe de Estado maquinada entre os líderes das facções opostas nos embates parlamentares. A parte bem intencionada do público exultou e pensou ter passado o perigo de uma guerra civil. A vitória do povo foi celebrada com enormes manifestações, reunidas em parques e em outros locais, em homenagem aos mortos do grande massacre.

“Mas as medidas aprovadas de promoção social, apesar de parecerem ruinosamente revolucionárias às classes dominantes, não foram suficientes para oferecer ao povo alimento e uma vida decente e tiveram de ser suplementadas por resoluções escritas sem valor legal. Embora governo e parlamento ainda controlassem os tribunais, o exército e a ‘sociedade’, o Comitê para a Segurança Pública passou a ser uma força no país, representando as classes produtivas, e se desenvolveu enormemente nos dias que se seguiram à absolvição de seus líderes. Os membros mais antigos tinham pouca capacidade administrativa, embora fossem, com exceção de uns poucos aproveitadores e traidores, homens corajosos, muitos deles dotados de considerável talento em outras áreas. Mas agora que havia chegado o tempo de ação imediata surgiram os homens capazes de transformá-lo numa força em ação; surgiu rapidamente uma nova rede de associações de trabalhadores com o objetivo único de orientar o navio da comunidade para a condição simples do comunismo; e, como eles assumiram na prática o comando da guerra diária do trabalho, logo se tornaram os porta-vozes e intermediários de toda a classe trabalhadora, e os geradores de lucros se viram sem poder diante dessa organização; a menos que seu próprio comitê, o Parlamento, reunisse a coragem de iniciar uma nova guerra civil, atirando contra tudo e contra todos, eles seriam forçados a ceder a todas as exigências dos homens que empregavam e a pagar salários cada vez mais altos por cada vez menos horas de trabalho diário. Ainda assim eles tinham um aliado, a quebra do sistema baseado no Mercado Mundial, que se aproximava rapidamente e que se tornou tão evidente para todos que a classe média, depois do choque momentâneo da condenação do governo pelo grande massacre,

recuou praticamente em massa e passou a exigir que o governo tomasse medidas para pôr um fim à tirania dos líderes socialistas.

“Assim estimulada, a conspiração reacionária explodiu, provavelmente antes do momento propício; mas dessa vez o povo e seus líderes estavam preparados e, antes que os reacionários pudessem agir, tomaram as decisões que julgaram necessárias.

“O governo liberal, apesar de ser maioria, foi vencido pelos conservadores (um conluio de bastidores). Os representantes populares perceberam claramente o que isso significava e, depois de uma tentativa de luta para reverter a situação por meio das divisões da Câmara dos Comuns, protestaram, abandonaram o Parlamento e vieram em grupo até o Comitê para a Segurança Pública, e a guerra civil recomeçou para valer.

“Mesmo assim, a primeira ação não foi de luta. O novo governo conservador estava determinado a agir; ainda assim não reuniu a coragem para impor mais uma vez o estado de sítio, mas enviou soldados e a polícia para prender todos os membros do Comitê para a Segurança Pública. Eles não resistiram, apesar de terem condições para tanto, pois tinham agora um grupo grande de homens absolutamente preparado para ir às últimas conseqüências. Mas resolveram testar primeiro uma nova arma que consideraram mais forte do que a luta nas ruas.

“Os membros do Comitê seguiram tranqüilamente para a prisão, mas deixaram atrás de si sua alma e sua organização. Pois eles já não dependiam de um centro cuidadosamente organizado, com todo tipo de controle, e sim de uma massa enorme de gente absolutamente leal ao movimento, unida pelos inúmeros elos representados por pequenos centros com instruções muito simples. Essas instruções foram então obedecidas.

“Na manhã seguinte, quando os líderes da reação se congratulavam pelo efeito que seria produzido no público pelo relato de sua ação nos jornais, os jornais não apareceram; somente lá para o meio-dia começaram a pingar pelas ruas algumas folhas soltas, parecidas com as gazetas do século XVII, produzidas pela polícia, por soldados, por

gerentes e redatores. Foram ansiosamente agarradas e lidas, mas já então a parte séria das notícias estava ultrapassada, e o povo não precisava mais ser informado do início da Greve Geral. As ferrovias pararam, assim como o telégrafo; carne, peixe e verduras foram abandonados nos mercados, deteriorando nas embalagens; os membros mais enérgicos de milhares de famílias de classe média que dependiam dos trabalhadores para sua próxima refeição despenderam esforços frenéticos para atender às necessidades do dia; fiquei sabendo que havia entre aqueles alguns capazes de desconhecer o medo do que estava por vir e sentir um certo prazer nesse piquenique inesperado – a visão dos dias futuros em que todo trabalho se tornaria prazeroso.

“Assim decorreu o primeiro dia, e, ao cair da noite, o governo estava completamente sem ação. Só havia um recurso para controlar o movimento popular, ou seja, a força bruta; mas não havia contra quem lançar sua força armada nem a polícia: nenhum grupo armado apareceu nas ruas; as sedes da Federação dos Trabalhadores haviam aparentemente se transformado em locais de apoio a trabalhadores desempregados, e ninguém teve coragem de prender pessoas envolvidas nesse tipo de atividade, pois até mesmo naquela noite muitas pessoas respeitáveis apareceram por lá em busca de auxílio e engoliram a caridade dos revolucionários junto com a sua refeição. E, assim, o governo reuniu aqui e ali seus soldados e a polícia e sentou-se para esperar algum manifesto dos ‘rebeldes’, como começaram a ser chamados, que lhe desse uma oportunidade de agir de uma forma ou de outra. Ficaram desapontados. Os jornais abandonaram a luta naquela manhã, e apenas um jornal violentamente reacionário (chamado *Daily Telegraph*) insultou ‘os rebeldes’ em termos violentos por sua loucura e sua ingratidão ao rasgar o ventre da ‘mãe comum’, a nação inglesa, para benefício de alguns poucos agitadores gananciosos e de alguns idiotas iludidos. Por sua vez, os jornais socialistas (dos quais apenas três, representantes de linhas ligeiramente diferentes, eram publicados em Londres) saíram cheios de matéria bem impressa. Foram disputados pelo público, que, evidentemente, assim como o governo, esperava ler neles algum manifesto. Mas não encontraram uma só palavra de referência

ao assunto mais importante. Era como se os editores tivessem esvaziado as gavetas de artigos que poderiam perfeitamente ter sido publicados 40 anos antes sob o título geral de artigos educacionais. A maioria deles eram exposições admiráveis e diretas da doutrina e da prática do socialismo, sem pressa, sem ódio nem palavras duras, e caíram sobre o público com uma espécie de frescor de feriado em meio ao terror e à preocupação do momento; embora os bem-informados compreendessem que o significado desse movimento naquele jogo era apenas um desafio e um símbolo da hostilidade inconciliável contra os senhores da sociedade, e apesar de não serem destinados a qualquer outro fim pelos ‘rebeldes’, ainda assim foram eficazes como ‘artigos educacionais’. Entretanto, outro tipo de educação estava agindo sobre o público com força irresistível, e talvez tenha desanuviado um pouco muitas cabeças.

“Quanto ao governo, ele ficou absolutamente aterrorizado por esse ato de ‘boicote’ (era um termo corrente para representar atos semelhantes de abstenção). Seus conselheiros ficaram completamente indecisos: uma hora sugeriam ceder no momento até terem imaginado outro plano; logo depois, quase mandavam ordem de prisão de todos os comitês de trabalhadores; em seguida, chegavam quase ao ponto de mandar seus jovens generais aceitar qualquer pretexto para outro massacre. Mas quando se lembravam de que os soldados na ‘batalha’ de Trafalgar Square haviam ficado de tal forma intimidados pela manança que executaram que não aceitaram a ordem de uma segunda salva, eles desistiram, sem coragem de comandar outro massacre. Nesse meio-tempo, os prisioneiros, trazidos mais uma vez sob forte escolta de soldados perante os juizes, foram outra vez devolvidos à prisão sem julgamento.

“A greve continuou também naquele dia. Os comitês de trabalhadores foram ampliados e ofereceram auxílio a grande número de pessoas, pois já tinham se organizado para produzir alimentos em quantidade, usando homens de sua confiança. Gente abastada foi obrigada a buscar alimento nesses comitês. Mas aconteceu outra coisa curiosa: um bando de jovens das classes ricas se armou e saiu pelas ruas saqueando, tomando todos os comestíveis e portáteis que queriam nas

lojas que tiveram a coragem de abrir as portas. Executaram essa operação em Oxford Street, então um grande centro comercial com todo tipo de loja. Os governantes estavam naquele momento numa disposição propícia e imaginaram ser aquela uma ótima oportunidade para mostrar imparcialidade na manutenção da ‘ordem’, e mandaram prender os jovens ricos e famintos; estes, entretanto, surpreenderam a polícia resistindo valentemente, de forma que todos, com exceção de três, fugiram. O governo não ganhou a reputação de imparcialidade que esperava, pois esqueceu que os jornais vespertinos não estavam circulando, e o relato da escaramuça se espalhou, mas de forma distorcida: todos pensaram que se tratasse de uma aventura da gente faminta do East End e consideraram muito natural que o governo os prendesse quando e onde pudesse.

“Naquela noite os rebeldes presos foram visitados nas celas por pessoas muito simpáticas e educadas, que vieram lhes mostrar o caminho suicida que vinham percorrendo e o perigo daquelas atitudes extremas para as causas populares. Disse um dos prisioneiros: ‘Foi muito divertido comparar notas resultantes da tentativa do governo de converter a cada um de nós separadamente na prisão e as respostas que demos aos conselhos daquelas pessoas altamente ‘inteligentes e refinadas’ decididas a nos convencer. Um riu; outro contou histórias extraordinárias ao enviado; um terceiro ficou calado; o quarto insultou o espião educado e o mandou calar-se – e foi tudo o que conseguiram tirar de nós.’

“E assim se passou o segundo dia da grande greve. Ficou claro para todas as pessoas pensantes que com o terceiro dia viria uma crise, pois o suspense existente e o terror mal oculto não poderiam durar muito. As classes dominantes e as classes médias não-políticas, que haviam sido sua força e seu apoio real, estavam como carneiros sem pastor; literalmente não sabiam o que fazer.

“Mas uma coisa elas sabiam que teriam de fazer: forçar os ‘rebeldes’ a fazer alguma coisa. E assim, na manhã do terceiro dia da greve, quando os membros do Comitê para a Segurança Pública apareceram mais uma vez diante do magistrado, foram tratados com a maior cor-

tesia; de fato, mais como enviados e embaixadores do que como presos. Resumindo, o magistrado tinha recebido suas ordens e, sem mais que um discurso longo e estúpido que poderia ter sido escrito em tom de zombaria por Dickens, ele libertou os prisioneiros, que voltaram ao seu local de reunião e começaram imediatamente uma sessão. Já era hora, pois nesse terceiro dia a massa estava fermentando. Havia, evidentemente, um grande número de trabalhadores que não estavam organizados de forma nenhuma; homens que haviam se habituado a agir como mandavam seus senhores, ou melhor, como mandava o sistema de que seus senhores também faziam parte. O sistema estava agora caindo aos pedaços e a velha pressão do senhor tinha sido retirada desses pobres homens, e parecia que nada além das simples necessidades e paixões animais poderia controlá-los e que a simples subversão generalizada seria o resultado. Era o que teria acontecido, sem dúvida, se a massa enorme não tivesse sido fermentada em primeiro lugar pela opinião socialista e, em segundo lugar, pelo contato real com socialistas declarados, muitos ou a maioria dos quais eram membros das corporações de trabalhadores mencionadas há pouco.

“Se coisa semelhante houvesse acontecido alguns anos antes, quando os senhores do trabalho ainda eram vistos como os governantes naturais do povo e quando até mesmo os mais pobres e ignorantes entre os homens dependiam deles para viver, apesar de serem tosquiados sem protestos, a completa desarticulação de toda a sociedade seria o resultado. Mas os muitos anos durante os quais os trabalhadores haviam aprendido a desprezar seus senhores acabaram com a dependência, e eles estavam agora começando a confiar (não sem algum perigo, como os acontecimentos iriam provar) nos líderes não-legais que os eventos haviam alçado à ribalta e, embora muitos deles tivessem agora se tornado meras figuras decorativas, seus nomes e suas reputações foram úteis durante a crise como tapa-buracos.

“O efeito da notícia da libertação do comitê deu ao governo tempo para respirar, pois ela foi recebida com enorme alegria pelos trabalhadores e até mesmo os mais abastados viram nela um adiamento da simples destruição que tinham começado a temer, medo que atri-

buíam à fraqueza do governo. No que tange à hora que estavam vivendo, talvez não estivessem muito enganados.

Eu o interrompi para perguntar: “O que você quer dizer? O que o governo poderia ter feito? Sempre acreditei que ele ficaria sem ação numa crise como essa.”

O velho Hammond respondeu: “Evidentemente não duvido de que a longo prazo as coisas teriam se resolvido, como realmente se resolveram. Mas, se tivesse tratado seu exército como um verdadeiro exército e usado seus soldados estrategicamente como o teria feito um general, encarando as pessoas apenas como o inimigo declarado a ser alvejado e dispersado onde quer que aparecesse, o governo teria provavelmente alcançado a vitória naquele dia.”

“Mas os soldados teriam agido dessa forma contra o povo?”, perguntei.

“De tudo o que ouvi, acredito que eles o teriam feito se tivessem encontrado grupos de homens, mesmo que mal armados e mal organizados. Parece também que, antes do massacre de Trafalgar Square, era possível confiar neles para atirar contra uma multidão desarmada, apesar de estarem muito minados pelo socialismo. A razão é que eles tinham pavor do uso por homens aparentemente desarmados de um explosivo chamado dinamite, que, nos dias anteriores a esses acontecimentos, muitos trabalhadores afirmavam em altos brados poder usar, embora ele fosse pouco eficiente como arma de guerra na forma esperada. Evidentemente, os oficiais atiçavam ao máximo o medo dos soldados, de forma que eles pensassem na ocasião estar entrando numa batalha desesperada contra homens realmente armados com armas ainda mais aterradoras porque ocultas. Entretanto, depois do massacre era duvidoso que os soldados regulares atirassem numa multidão desarmada ou mal armada.”

Perguntei: “Os soldados regulares? Então havia outros combatentes contra o povo?”

“Havia. Vamos chegar a isso num minuto.”

“O certo é que você tem que apressar a sua história. O tempo está passando”, eu disse.

“O governo não perdeu tempo em se pôr de acordo com o Comitê para a Segurança Pública, pois não conseguia pensar em nada além de no perigo do momento. Enviaram um representante devidamente autorizado para negociar com aqueles homens, que, de alguma forma, haviam conseguido dominar a mente do povo, enquanto os governantes formais nada controlavam além do próprio corpo. Não será necessário por enquanto entrar nos detalhes da trégua (pois foi o que aconteceu) entre essas duas grandes partes contratantes, o governo do Império da Grã-Bretanha e um punhado de trabalhadores (como eram chamados com desprezo naquele tempo), entre os quais havia pessoas muito capazes, mesmo que ‘quadradas’, embora os mais capazes não estivessem, como já explicado antes, entre os líderes reconhecidos. O resultado foi que todas as reivindicações do povo foram concedidas. Podemos agora ver que a maioria delas não valiam nem a exigência, de um lado, nem a resistência, de outro, mas foram consideradas na época extremamente importantes e representavam, no mínimo, símbolos da revolta contra o miserável sistema de vida que começava a desmoronar. Entretanto, uma exigência era de fundamental importância, e essa o governo tentou por toda força evitar mas, como não estava tratando com idiotas, teve finalmente de ceder. Era o reconhecimento do Comitê para a Segurança Pública e a atribuição de um *status* formal para ele e para todas as associações abrigadas sob suas asas. Isso significou duas coisas: primeiro, a anistia para os ‘rebeldes’, grandes e pequenos, que não podiam mais ser atacados sem um ato claro de guerra civil e, segundo, a continuação da revolução organizada. O governo só ganhou um dos pontos, um nome. O temível título revolucionário foi abandonado, e o corpo e seus membros passaram a ser conhecidos pelo nome respeitável de ‘Conselho de Conciliação e suas representações locais’. Com esse nome, ele se tornou o líder do povo na guerra civil que logo se seguiu.”

Fiquei espantado. “Oh, então a guerra civil continuou, apesar de tudo o que havia acontecido?”

“Sim. Na verdade, foi exatamente esse reconhecimento legal que tornou possível a guerra civil no sentido comum de uma guerra; ela

deixou de ser uma guerra por causa de massacres, de um lado, ou de sofrimento e greves, do outro.”

“E você pode me explicar de que forma se conduziu essa guerra?”

“É claro, temos registros de sobra, cuja essência eu posso resumir em poucas palavras. Como já lhe disse, a base do exército não merecia a confiança dos reacionários, mas o oficialato estava preparado para o que desse e viesse, pois reunia os homens mais estúpidos do país. Independentemente do que fizesse o governo, grande parte das classes médias e altas estava determinada a desencadear uma contra-revolução, pois o comunismo que se avizinhava parecia a elas intolerável. Bandos de jovens, como os saqueadores da grande greve de quem acabei de falar, armaram-se, treinaram e começaram a lutar contra o povo nas ruas por qualquer pretexto e em qualquer oportunidade. O governo nem os ajudou nem os conteve, mas ficou observando, na esperança do que pudesse resultar. Esses ‘amigos da ordem’, como se chamavam, tiveram algum sucesso no início e ficaram mais ousados; conquistaram a ajuda de muitos oficiais do exército regular e, por meio deles, tiveram acesso a todo tipo de munições de guerra. Uma parte de sua tática era guardar as grandes fábricas da época e até mesmo aquartelar-se nelas; durante certo tempo, eles conseguiram controlar toda aquela cidade chamada Manchester, de que falei há pouco. Uma espécie de guerra irregular se desenrolou com sucesso variável por todo o país, até que o governo, que havia tentado inicialmente ignorar o movimento ou tratá-lo como simples casos de tumulto, declarou-se claramente a favor dos ‘amigos da ordem’, incorporou aos seus bandos o que conseguiu reunir do exército regular e fez um esforço desesperado para vencer ‘os rebeldes’, como eram mais uma vez conhecidos e como passaram a chamar a si próprios.

“Mas era tarde demais. Desapareceram de ambos os lados todas as idéias de uma paz baseada na conciliação. No final, só poderia haver ou a escravidão absoluta para todos, exceto os privilegiados, ou um sistema de vida baseado na igualdade e no comunismo. A indolência, a desesperança e a covardia do último século tinham dado lugar ao heroísmo impaciente e sem descanso de um período revolucionário

declarado. Não posso afirmar que o povo daquele tempo tenha tido a visão da vida que temos hoje, mas houve entre as pessoas um instinto geral que fazia prever o essencial desse estilo de vida, e muitos homens viram claramente para além da luta desesperada daquela época a paz que viria a resultar dela. Os homens daquele tempo que se colocaram do lado da liberdade não foram infelizes, apesar de dominados por esperanças e temores e, por vezes, dilacerados por dúvidas e conflitos de dever difíceis de conciliar.”

“Mas como o povo, os revolucionários, conduziram a guerra? Quais os seus elementos de sucesso?”

Fiz essa pergunta porque queria trazer o velho de volta à história definitiva e tirá-lo da disposição sonhadora tão comum aos velhos.

“Bem, não houve falta de organizadores, pois o próprio conflito, numa época em que homens com força de vontade haviam abandonado todas as considerações relativas à rotina da vida diária, desenvolveu entre eles o talento necessário. De tudo o que li ou ouvi, duvido que sem essa terrível guerra civil se teria desenvolvido entre os trabalhadores o talento administrativo necessário. De qualquer forma, ele existia e logo surgiram líderes muito superiores aos dos reacionários. Quanto ao resto, não tiveram dificuldades com o material de seu exército, pois o instinto revolucionário agiu de tal forma sobre o soldado raso que a maior parte, certamente a melhor, dos soldados se uniu às fileiras do povo. Mas o principal elemento de sucesso foi o fato de que sempre que o povo não era coagido ele trabalhava para os rebeldes e não para os reacionários. Para estes últimos o trabalho era escasso fora dos distritos em que eram poderosos, e mesmo nesses eles eram perturbados por levantes constantes; mesmo assim, em todos os casos e em todos os lugares nada conseguiam sem dificuldades, rancor e olhares ressentidos, de forma que não somente seus exércitos se exauriram com as dificuldades que encontravam, mas também os não-combatentes que os apoiavam ficaram de tal forma aterrorizados, carregados de ódio e assoberbados com mil pequenos problemas e irritações que a vida ficou praticamente impossível. Não poucos entre eles morreram realmente de preocupação; muitos se suicidaram. Evidentemen-

te, muitos deles se engajaram ativamente na causa da reação e encontraram na agitação da luta o consolo para seu próprio infortúnio. Finalmente, muitos milhares se renderam aos 'rebeldes' e, à medida que o número destes se tornava conhecido de todos, tornou-se claro que a causa que se considerava perdida era agora triunfante e a causa sem esperança era a da escravidão e do privilégio."

Capítulo 18

O INÍCIO DA NOVA VIDA

“Muito bem”, eu disse, “e assim vocês se livraram de todos os seus problemas. E as pessoas ficaram felizes com a nova ordem de coisas quando ela chegou?”

“As pessoas? Evidentemente elas se alegraram com a paz quando ela chegou, especialmente ao descobrirem, como certamente descobriram, que afinal não viviam tão mal, nem mesmo os ricos. Quanto aos que eram pobres durante a guerra, que durou dois anos, as condições destes vinham melhorando, apesar da guerra, e quando finalmente chegou a paz em muito pouco tempo eles fizeram grandes progressos na direção de uma vida decente. A grande dificuldade foi não terem os que antes eram pobres qualquer idéia do que fossem os prazeres da vida: ou seja, eles não exigiam, nem sabiam exigir, do novo sistema o que lhes bastasse. Talvez tenha sido uma bênção, pois a necessidade de restauração da riqueza destruída durante a guerra forçou-os a trabalhar quase tão duro como antes da Revolução, pois todos os historiadores concordam em que nunca houve uma guerra em que houvesse tanta destruição de produtos e de instrumentos para fazê-los como essa guerra civil.

“Isso me deixa muito surpreso”, disse eu.

“É mesmo? Não sei por quê”, respondeu Hammond.

“É lógico. O partido da ordem considerava sua toda propriedade, e não iria permitir que parte alguma do que era seu passasse para os escravos, caso estes vencessem. Por sua vez, os ‘rebeldes’ estavam lutando exatamente pela posse dessa riqueza, e imagino que, especialmente ao perceberem que estavam ganhando, eles tomariam todo cuidado para destruir tão pouco quanto possível do que logo passaria a ser deles.”

“Entretanto, aconteceu como eu lhe disse. Os membros do partido da ordem, quando se recuperaram da covardia e da surpresa ou, se

você preferir, quando descobriram que estariam arruinados, não importava o que acontecesse, lutaram com grande ferocidade e pouco se importaram com o que faziam, desde que fossem prejudicados os inimigos que haviam destruído os prazeres que a vida lhes oferecia. Quanto aos ‘rebeldes’, já lhe disse que a deflagração da guerra fez com que se desinteressassem de salvar as migalhas de riqueza que então tinham. Era comum ouvir deles: a cair novamente na escravidão é preferível destruir todo o país, com exceção dos homens valentes que sobreviverem.”

Ficou calado, pensando, e depois continuou.

“Quando o conflito realmente se iniciou, viu-se como havia pouca coisa valiosa no velho mundo da escravidão e da desigualdade. Percebe o que isso significa? Nos tempos que você está considerando, e que parece conhecer tão bem, não havia esperança, nada além do trote do cavalo comandado a poder de coleira e chicote; mas no tempo de luta que se seguiu tudo era esperança: ‘os rebeldes’ sentiam-se ao menos suficientemente fortes para reconstruir o mundo a partir do nada – e foi o que fizeram!”

Os olhos do velho brilhavam debaixo dos sobrolhos contraídos. Ele então prosseguiu.

“E, ao final, seus adversários aprenderam pelo menos um pouco sobre a realidade e as tristezas da vida, que eles, quero dizer, a sua classe, desconheciam completamente. Em resumo, os dois combatentes, o trabalhador e o cavaleiro, entre si...”

“Entre si destruíram o comercialismo”, interrompi rapidamente.

“Isso, isso! Foi exatamente isso. Nem ele poderia ter sido destruído de outra forma, a não ser, talvez, pela queda do conjunto da sociedade até as profundezas de uma condição dura como a barbárie, mas desprovida da esperança e dos prazeres da barbárie. O melhor remédio havia de ser, com certeza, o mais eficiente e o mais rápido, não lhe parece?”

“Com toda certeza!”

“O mundo chegava ao segundo nascimento; como isso seria possível sem uma tragédia? Ademais, pense nisso. O espírito dos novos dias, dos nossos dias, seria o do prazer na vida do mundo, o amor

intenso e esperançoso pela própria pele e pela superfície da terra onde mora o homem, semelhante ao amor do homem pela pele suave da mulher amada; este seria o espírito do novo tempo. Todas as outras predisposições haviam se exaurido: a crítica incessante, a curiosidade sem limites sobre os meios e pensamentos do homem, a predisposição dos antigos gregos, para quem ela era não um meio mas um fim, era o passado irrecuperável; já não havia traço dessa predisposição na ciência do século XIX, que, como você sabe, não passava de um apêndice do sistema comercial; e geralmente um apêndice à polícia daquele sistema. Apesar das aparências, ela era limitada e covarde, pois realmente não acreditava em si mesma. Ela foi o resultado, assim como foi o único alívio, da infelicidade do período que tornou a vida tão amarga até mesmo para os ricos e que, como você vê com os próprios olhos, foi varrida pela grande mudança. Mais próximo do nosso modo de encarar a vida foi o espírito da Idade Média, para quem o céu e a vida no outro mundo eram uma realidade muito grande de que a vida na terra era uma parte, a qual eles amavam e adornavam, apesar da condenação das doutrinas ascéticas de sua crença formal.

“Mas esse espírito também passou, com sua crença no céu e no inferno como dois lugares onde se podia viver, e hoje cremos, tanto por palavras como por atos, na vida contínua do mundo dos homens, e acrescentamos cada dia dessa vida comum ao pequeno estoque de dias que acumulamos em nossa simples experiência individual; somos, portanto, felizes. Você se espanta? No passado, os homens foram instruídos a amar o próximo, a crer na religião da humanidade e assim por diante. Mas, quando um homem tinha refinamento e elevação para dar valor a essa idéia, ele era repellido pelo aspecto evidente dos indivíduos que compunham a massa que ele tinha de adorar e só conseguia evitar essa repulsa ao criar uma abstração convencional da humanidade, que tinha pouca relação real ou histórica com a raça, que a seus olhos era dividida em tiranos cegos e escravos apáticos degradados. Mas, agora, onde está a dificuldade de aceitar a religião da humanidade, tornada livre, feliz e cheia de energia por homens e mulheres, geralmente bela de corpo e cercada de belas coisas feitas por

eles e por uma natureza que se aprimora, em vez de se degradar, no contato com ela?”

“Parece ser, ou deveria ser, a verdade”, eu disse, “se o que meus olhos viram for uma indicação da vida que vocês geralmente levam. Você poderia me descrever um pouco do seu progresso depois dos anos de luta?”

“Poderia lhe dizer mais do que permitiria o seu tempo disponível; mas posso pelo menos dar uma indicação de uma das principais dificuldades que tiveram de ser enfrentadas, ou seja, quando os homens começaram a se estabelecer depois da guerra e quando o seu trabalho já havia recuperado a riqueza perdida na destruição da guerra, abateu-se sobre nós um desapontamento, as profecias dos reacionários de tempos passados pareciam prestes a se concretizar e um nível de conforto utilitário parecia resumir o fim de nossas aspirações e de nosso sucesso. A perda da espora da competição em nada tinha influenciado a produção necessária da comunidade, mas ela poderia tornar os homens ociosos por lhes oferecer tempo demais para pensamentos e especulações vazios? Mas, no fim, essa nuvem escura não passou de uma ameaça e se dissipou. É provável, do que já lhe contei antes, que você já tenha adivinhado o remédio para tal desastre; basta lembrar que muitas das coisas então produzidas, artigos para a escravidão dos escravos e artigos apenas para desperdiçar a riqueza ociosa dos ricos, deixaram de ser feitas. Em resumo, o remédio foi a produção do que antes se chamava arte, mas que hoje não tem nome entre nós, por se ter tornado uma parte necessária do trabalho produzido por todos os produtores.”

“O quê?! Os homens encontraram tempo e oportunidade para cultivar as belas artes em meio à luta desesperada pela vida e pela liberdade de que você estava falando?”, perguntei.

“Você não deve acreditar que a nova forma de arte se baseou na memória da arte do passado, embora a guerra civil tenha destruído menos a arte do que outras coisas e apesar de a arte que existira sob as velhas formas ter revivido de forma maravilhosa na parte final da refrega, especialmente a música e a poesia. A arte do prazer no trabalho, como deveria ser chamada, e de que estou lhe falando agora, surgiu de

forma quase espontânea de uma espécie de instinto das pessoas que, livres da obrigação desesperada do trabalho excessivo, doloroso e terrível, faziam agora da melhor forma possível o trabalho a ser feito; faziam-no com a excelência do melhor de sua espécie. E, depois de algum tempo, surgiu nos homens uma ânsia pela beleza, e eles começaram a ornamentar rude e grosseiramente os artigos que faziam e, uma vez que começaram a trabalhar assim, mais eles insistiram na beleza. Tudo isso foi muito auxiliado pela abolição da esqualidez que nossos ancestrais aceitavam tranqüilamente e pela vida no campo, prazerosa mas não estúpida, que passou a ser comum entre nós (como já lhe expliquei). Assim, finalmente e a passos lentos, colocamos prazer no nosso trabalho; depois nos tornamos conscientes do prazer, cultivamo-lo e procuramos ter sempre a nossa cota dele; a partir de então fomos felizes. E que assim seja por eras e eras.”

O velho caiu num estado de sonho, que não me pareceu sem um pouco de melancolia; mas não quis interromper. De repente, ele acordou e disse:

“Bem, caro amigo. Aí estão Dick e Clara para buscá-lo, e chega ao fim a minha conversa, que quero crer que você não há de lamentar. O longo dia chega ao fim e você tem pela frente uma viagem agradável de volta a Hammersmith.”

Capítulo 19

A VOLTA PARA HAMMERSMITH

Nada disse, pois não estava inclinado a ser apenas polido com ele depois de tanta conversa séria, mas gostaria muito de ter continuado a conversa com o velho, que entendia pelo menos um pouco da minha forma de ver a vida, enquanto, para os mais jovens, apesar de toda a sua gentileza, eu era um ser de outro planeta. Entretanto, nada deixei transparecer e sorri amavelmente para os jovens; Dick também sorriu ao dizer: “Bem, amigo, estou contente de revê-lo e de ver que a conversa entre você e meu avô não os levou a um outro mundo. Tive medo, enquanto ouvia os galeses, de que você acabasse por desaparecer, e imaginei meu avô sentado na sala olhando o vazio ao descobrir que estivera falando sozinho.”

Esse discurso me fez sentir mal, pois de repente o quadro da luta sórdida, da tragédia suja e infeliz da vida que consegui abandonar durante algum tempo apareceu diante de meus olhos. Lembrei-me do meu anseio por paz e tranqüilidade no passado e odiei a idéia de voltar àquela vida. Mas o velho deu uma risadinha, dizendo:

“Não se preocupe, Dick. De qualquer forma, não estive pregando no deserto, muito menos falando apenas para este nosso amigo. Quem sabe eu não falei para muita gente? Pois talvez algum dia o nosso hóspede volte para o seu povo e leve uma mensagem nossa que dê frutos para eles e, conseqüentemente, para nós.”

Dick ficou intrigado e disse:

“Muito bem, meu velho, não sei bem o que você quer dizer. Digo apenas que espero que ele não se vá. Pois você notou que ele pertence a uma espécie de homem diferente dos que conhecemos e, de alguma forma, ele nos leva a pensar muitas coisas, e acho que agora, depois de ter falado com ele, parece-me que tenho uma melhor compreensão de Dickens.”

“É verdade”, disse Clara, “e acredito que em alguns meses nós o tornaremos mais jovem, e eu gostaria de ver como ele ficaria sem essas rugas no rosto. Você não acha que ele vai parecer mais jovem depois de algum tempo conosco?”

O velho balançou a cabeça e olhou seriamente para mim, mas não respondeu, e durante um momento ou dois ficamos num silêncio que Clara rompeu:

“Avozinho, aqui há algo de que não gosto, que me perturba, e sinto como se alguma coisa má estivesse na iminência de acontecer. Você ficou falando de tristezas passadas com nosso amigo e reviveu aqueles tempos infelizes, e agora é como se elas estivessem entre nós e nos faltasse algo que nunca teremos.”

O velho sorriu bondosamente e respondeu:

“Se é assim, minha filha, viva no presente e esse sentimento logo há de passar.”

Voltou-se em seguida para mim e perguntou:

“Você se lembra de sentimento semelhante no país de onde você veio?”

Os amantes tinham-se afastado e conversavam baixinho, sem prestar atenção a nós, por isso eu disse, quase sussurrando:

“Lembro-me de quando era um menino feliz num feriado de sol e tinha tudo o que desejava.”

“É isso mesmo”, disse ele. “Você se lembra de que há pouco você ironizou ao afirmar que nós aqui estamos vivendo a segunda infância do mundo. Você verá que é um mundo bom de se viver; nele você há de ser feliz – por algum tempo.”

Mais uma vez eu não gostei da ameaça velada, e começava a me perguntar como havia encontrado pessoas tão curiosas, quando o velho falou: “Meus filhos, levem o seu amigo e cuidem dele com carinho, pois cabe a vocês cuidar bem do seu corpo e tranquilizar a sua mente, uma vez que a sorte dele não foi tão grande quanto a nossa. Adeus, amigo!” E apertou-me calorosamente a mão.

“Adeus, e muito obrigado por tudo o que você me contou. Gostaria de voltar a vê-lo tão logo volte a Londres. Posso?”

“Certamente. Venha – se puder”, respondeu o velho.

“Mas não há de ser tão cedo”, interrompeu a voz amiga de Dick. “Pois, quando chegar a época do feno rio acima, pretendo levá-lo a conhecer o campo entre o feno e a colheita de trigo para ver como vivem nossos amigos do norte. Então vamos trabalhar duro na colheita de trigo – de preferência em Wiltshire, pois ele vai se fortalecer com a vida ao ar livre e hei de ser duro como o aço.”

“Mas você vai me levar com vocês, não é, Dick?”, perguntou Clara, pousando a mão no seu ombro.

“E como não?”, respondeu ele, quase impetuoso. “E você vai para a cama bem cansada toda a noite; e vai ficar linda com o pescoço marrom, assim como as mãos, e você, querida, sob a capa branca como a alfena vai se livrar desses pensamentos estranhos e infelizes. De uma forma ou de outra, uma semana colhendo feno lhe propiciará tudo isso.”

A moça corou, não por timidez, mas de prazer. O velho riu e disse:

“Amigo, tenho certeza de que você vai ser muito bem tratado: não tema que esses dois se ocupem muito de você, pois vão estar tão ocupados um com o outro que você vai se sentir completamente livre, o que, tenho certeza, é o melhor que se pode fazer por um visitante. Não se preocupe, você também não vai se sentir excluído; é exatamente de você que esses pombinhos gostam: um amigo bom e conveniente a quem recorrer para aliviar os êxtases do amor com a amizade comum e forte. Ademais, Dick, e mais do que ele Clara, às vezes aprecia uma conversa, e você sabe que amantes, exceto quando em dificuldades, não falam, balbuciam. Adeus, amigo, e seja feliz!”

Clara lançou os braços em torno do pescoço do velho e o beijou, alegre.

“Você é um amor de velho e pode zombar de mim o quanto quiser. Logo vamos nos ver novamente. Pode estar certo de que faremos nosso amigo feliz, apesar de você ter toda razão.”

Então apertei-lhe a mão e saímos para o claustro e na rua encontramos Greylocks já nos varais a nos esperar. Ele fora bem cuidado, pois um menino de 7 anos tinha nas mãos as rédeas e o encarava com ar solene; atrás dele estava uma garota de 14 tendo à frente a irmãzinha

de 3, enquanto outra garota, cerca de um ano mais velha que o menino, esperava mais atrás. Os três estavam ocupados em comer cerejas e em acariciar Greylocks, que aceitava suas carícias mas levantou as orelhas à chegada de Dick. As meninas se afastaram calmamente e se aconchegaram em Clara. Subimos então à carruagem, e Dick sacudiu as rédeas e partimos imediatamente, no trote sóbrio de Greylocks entre as lindas árvores das ruas de Londres, que enchiam de perfumes o ar fresco da noite, pois o sol já sumia no horizonte.

Tínhamos de viajar lentamente, pois havia muita gente nas ruas fruindo a fresca da noite. Ver tantas pessoas me fez notar ainda mais a sua aparência, e meu gosto, cultivado no cinzento ou marrom sóbrio do século XIX, condenou imediatamente toda a alegria e o brilho daquelas roupas, e isso comentei com Clara. Ela pareceu surpresa e até indignada e disse:

“E então, qual o problema? Eles não estão fazendo nada que seja errado, estão apenas se divertindo nesta noite tão agradável; não há nada a condenar nas suas roupas. Ora, não é tudo tão bonito? Eles não são espalhafatosos.”

E era verdade, pois muitos se vestiam em cores sóbrias apesar de belas, e a harmonia das cores era perfeita e maravilhosa. Concordei:

“É verdade, mas como podem todos se dar o luxo de roupas tão caras? Veja! Ali vai um homem de meia-idade vestindo um cinza sóbrio, mas pode-se ver que a roupa é feita de fina lã e coberta de bordados de seda.”

Clara respondeu:

“É lógico que, se quisesse, ele estaria usando roupas feias, a menos que, ao fazê-lo, sentisse estar ofendendo o gosto dos outros.”

“Mas, por favor, explique-me como ele consegue pagar roupas tão caras?”

Acabara de falar e percebi ter caído no mesmo erro, pois vi os ombros de Dick sacudindo numa risada; mas ele nada disse e me deixou aos cuidados de Clara, que falou:

“Não sei o que você quer dizer. É claro que podemos pagar, caso contrário não o faríamos. Seria muito fácil dizer que gastamos o nosso

trabalho somente com roupas confortáveis, mas não ficamos nisso. Por que você só vê defeitos em nós? Será que você imagina que passamos fome para ter boas roupas? Ou você vê algo errado em quereremos cobrir nossos belos corpos com roupas igualmente belas – como são belas desde o nascimento as peles do veado ou da lontra? Ora, o que há de errado com você?”

Curvei-me diante da tempestade e murmurei sem jeito algumas desculpas. Eu devia saber que pessoas que apreciavam tanto a arquitetura não poderiam ter mau gosto ao se vestir, tanto mais que a forma de suas vestimentas, para não mencionar as cores, era bela e inteligente, velando a forma sem escondê-la nem caricaturá-la.

Clara logo se acalmou e, enquanto atravessávamos a floresta já mencionada, disse para Dick:

“Sabe, Dick, agora que Hammond, o Velho, já viu nosso hóspede vestindo suas roupas extravagantes, acho que devíamos encontrar para ele alguma coisa decente para vestir na nossa viagem de amanhã, especialmente porque, se não o fizermos, vamos ter de responder a todo tipo de pergunta sobre suas roupas e de onde vieram. Além do mais”, continuou irônica, “quando estiver elegantemente vestido, ele não vai ter tanta pressa em nos condenar pela criancice de perder tempo em nos apresentarmos bem uns aos outros.”

“Está certo, Clara”, respondeu Dick, “ele vai receber tudo o que você... que ele quiser. Vou procurar alguma coisa para ele antes que se levante amanhã.”

Capítulo 20

DE VOLTA À CASA DE
HÓSPEDES DE HAMMERSMITH

E assim conversando, viajando calmamente pela noite perfumada, chegamos a Hammersmith e fomos bem recebidos por nossos amigos. Boffin, trajando uma nova vestimenta, deu-me as boas-vindas com fidalguia; o tecelão queria me reter e arrancar de mim o que me dissera o velho Hammond, mas continuou alegre como sempre quando Dick o afastou; Annie me apertou a mão e desejou que meu dia tivesse sido bom – tão gentil que quase lamentei quando nossas mãos se separaram. Para dizer a verdade, gostava mais dela do que de Clara, que me parecia guardar sempre uma atitude defensiva, enquanto Annie era absolutamente franca e parecia sem o menor esforço extrair um prazer honesto de tudo e de todos à sua volta.

Houve uma pequena festa aquela noite, em parte por mim e em parte, suspeito, embora nada tivesse sido dito, pela reconciliação de Dick e Clara. O vinho foi dos melhores, o salão recendia ao rico aroma das flores de verão, e depois da ceia tivemos não apenas música (Annie superou a todos com a doçura e a clareza de sua voz, pelo sentimento e pela interpretação), mas começamos mais tarde a contar histórias e lá ficamos sentados, ouvindo, sem outra luz que não a do luar do verão que atravessava os belos desenhos das janelas, como se estivéssemos naqueles tempos passados em que livros eram escassos e rara a arte da leitura. De fato, posso dizer que, embora meus amigos sempre tivessem algum comentário sobre livros, ainda assim não eram grandes leitores, considerando o refinamento de suas maneiras e o grande lazer de que certamente gozavam. Na verdade, especialmente Dick, toda vez que mencionava um livro, o fazia com o ar de quem tinha realizado um feito notável, dizendo: “Viram? Esse eu realmente li!”

A noite para mim correu muito rápida, pois naquele dia, pela primeira vez na vida, eu fruía minha cota de prazer visual sem qualquer

sentido de incongruência, sem aquele medo da ruína iminente que sempre me tinha perturbado quando estava cercado de belas obras de arte do passado, confundidas com a beleza da natureza do presente, resultado, ambas, de longos séculos de tradição, que levava os homens a criar a arte e a natureza a viver ajustada ao molde da época. Aqui eu desfrutava tudo sem pensar na injustiça nem no trabalho deplorável que estavam incorporados ao meu lazer; a ignorância e a monotonia da vida que propiciavam minha apreciação da história; a tirania e a luta cheia de medo que compunham o meu romance. A única coisa a oprimir meu coração era um medo vago, que aumentava com a aproximação da hora de dormir, do lugar onde eu iria acordar ao amanhecer; mas sufoquei tal sentimento, e fui dormir feliz, e em poucos instantes havia caído num sono sem sonhos.

Capítulo 21

RIO ACIMA

Quando acordei, numa bela manhã ensolarada, saltei da cama ainda sentindo as apreensões da noite anterior, que se esfumaram num instante quando olhei em torno de meu quarto e vi as figuras claras, mas de cores puras, pintadas na parede e os versos escritos logo abaixo e que eu já conhecia bem. Vesti-me a toda pressa, um traje azul pronto à minha espera, tão belo que eu corei ao vê-lo no corpo, excitado com um prazer da expectativa do dia festivo que, se bem lembrado, não sentia desde a meninice, quando voltava ao lar para as férias de verão.

Parecia ser ainda muito cedo, e imaginava encontrar vazio o salão quando entrei vindo do corredor onde se encontrava o meu aposento. Mas logo encontrei Annie, que largou a vassoura e me deu um beijo, acredito que sem outra intenção que não um sinal de amizade, embora ela tenha ruborizado, não por timidez, mas por prazer amistoso; em seguida, retomou a vassoura e continuou a varrer, fazendo com a cabeça sinais para que eu me afastasse e observasse, o que, para dizer a verdade, achei muito divertido, pois havia cinco outras moças a ajudá-la e suas figuras graciosas a fazer o trabalho prazeroso mereciam ser vistas, assim como mereciam ser ouvidos a conversa e os risos que trocavam enquanto varriam cientificamente. Mas Annie logo me dirigiu uma ou duas palavras enquanto avançava para o extremo distante do salão: "Guest, que bom que você tenha se levantado cedo, embora não quiséssemos acordá-lo, pois o nosso Tâmis é um rio adorável às seis e meia de uma manhã de junho e, como seria uma pena que você não o aproveitasse, fui instruída a lhe dar lá fora apenas um copo de leite e um pouco de pão e a colocá-lo na canoa, pois Dick e Clara já estão prontos. Espere um minuto até eu terminar de varrer esta fileira."

Logo ela largou a vassoura, veio, tomou-me a mão e me levou até um terraço acima do rio onde havia uma mesa sob as árvores, sobre a qual meu leite e meu pão formavam uma refeição tão deliciosa quanto as melhores, e onde ela se sentou ao meu lado enquanto eu comia. Em um ou dois minutos chegaram Dick e Clara, esta última muito bela e fresca num vestido claro de seda bordada, que para meus olhos des acostumados era alegre e colorido; Dick também estava elegante vestindo flanela branca com belos bordados. Clara ergueu nas mãos o vestido ao me saudar e disse a rir:

“Veja, amigo! Estamos tão elegantes quanto qualquer um dos que você censurou ontem à noite, mas nossos trajes não farão vergonha ao dia claro nem às flores. Censure-me, portanto!”

Respondi: “Claro que não; vocês dois parecem nascidos diretamente de um dia de verão, e só vou censurá-la quando censurar o dia!”

“Você sabe”, falou Dick, “hoje é um dia especial – quero dizer, todos estes dias são especiais. A colheita do feno é de certa forma mais aprazível do que a do milho por causa da beleza do dia e, na verdade, a menos que tenha trabalhado num campo de feno num dia claro, você não faz idéia do prazer que há nesse trabalho. As mulheres também são muito belas”, disse ele com ar tímido, “e assim, tudo considerado, acho apropriado que o adornemos de maneira simples.”

“As mulheres trabalham vestindo roupas de seda?”, perguntei sorrindo.

Dick já ia me dando uma resposta séria, mas Clara tapou-lhe a boca e disse:

“Não, não, Dick; nada de muita informação, ou vou achar que você se tornou o novo avô. Deixemos que ele descubra por si só, não terá de esperar muito.”

“Isso mesmo”, acrescentou Annie. “A sua descrição pode ser boa demais, e ele talvez fique desapontado quando a cortina se abrir. Não quero que ele se desespere. Mas já é hora de vocês partirem, se quiserem aproveitar a maré e a manhã de sol. Até logo mais, amigo.”

Ela me beijou, no seu jeito franco, e com isso quase me tirou o desejo da expedição; mas eu tinha de superar a esperança, pois era

evidente que mulher tão maravilhosa já teria um amante da mesma idade. Descemos os degraus e entramos numa bela canoa, bastante grande para nos acomodar confortavelmente e à nossa bagagem, e lindamente ornamentada; logo que entramos chegaram Boffin e o tecelão para se despedirem de nós. O primeiro havia ocultado seu esplendor num traje de trabalho, coroadado com um chapéu terminado em leque, que ele tirou para nos acenar com sua grave cortesia espanhola. Então Dick nos empurrou para o meio do rio e se aplicou vigorosamente aos remos, e Hammersmith, com suas nobres árvores e belas casas ribeirinhas, começou a se afastar de nossos olhos.

Enquanto avançávamos, esqueci-me das imagens prometidas dos campos de feno, pois o que me veio à mente foi a imagem de que me lembrava, principalmente a das mulheres atarefadas naquele trabalho, a fila de figuras esqueléticas, magras e de peito chato, feias e sem a graça de rosto e de forma, cobertas por vestidos grosseiros de tecido estampado e horríveis chapéus de sol, a movimentar sem vontade e mecanicamente os ancinhos. Quantas vezes aquela visão havia maculado para mim a beleza de um dia de junho. Sonhava ver os campos ocupados por homens e mulheres dignos da doce abundância do verão, de sua riqueza sem fim de belas vistas e de deliciosos sons e odores. E agora que o mundo se tinha tornado mais velho e mais sábio, eu ia finalmente ver a realização de meu sonho.

Capítulo 22

HAMPTON COURT
E UM APRECIADOR
DE TEMPOS PASSADOS

E assim continuamos, Dick a remar sem esforço e Clara ao meu lado a admirar sua beleza máscula e seu rosto bem-humorado e pensando, imagino, em nada mais. À medida que subíamos o rio, menor se tornava a diferença entre o Tâmis de então e o Tâmis de minha memória, pois, deixando de lado a vulgaridade *cockney*¹ das *villas* filistinas de corretores ricos e outros semelhantes, que em tempos idos maculavam a beleza das margens cobertas de árvores, a primeira visão do campo às margens do Tâmis sempre foi linda e, enquanto deslizávamos entre campos verdejantes de verão, quase senti voltar minha juventude, como se estivesse numa daquelas excursões que tanto apreciava nos dias em que era feliz demais para pensar que em algum lugar pudesse haver alguma imperfeição.

Finalmente chegamos a um trecho do rio onde se via à esquerda uma linda aldeia de casas antigas que chegava até a margem do rio, sobre o qual havia uma ponte; além das casas, os campos ornados de olmos terminavam numa parede de altos salgueiros, enquanto à direita passava o caminho de sirga e um espaço limpo diante de uma fileira de árvores que se erguiam enormes e antigas atrás dos ornamentos de um grande parque, mas estas se afastavam ainda mais do rio ao final do trecho para dar lugar a uma cidadezinha de casas belas e exóticas, algumas novas, outras antigas, dominadas pelas longas paredes e empenas agudas de um grande edifício de tijolos vermelhos, em parte do gótico recente, em parte no estilo da corte de William, o Holandês, mas tão bem matizado pelo sol claro e os belos arredores, inclusive o azul do rio sobre o qual se erguia, que tinha um estranho encanto

1. *Cockney* é um termo que se aplica aos costumes e forma de falar da classe operária em Londres. Morris entretanto o aplica como termo de insulto, para representar a ostentação e o mau gosto da classe rica (N.T.).

mesmo entre os belos edifícios daquele novo tempo feliz. Uma grande onda de perfume, em que se distinguia claramente o da floração de lima, chegou a nós de um jardim oculto, quando Clara se levantou e disse:

“Oh, Dick querido, não poderíamos parar por hoje em Hampton Court, para levar nosso visitante a conhecer o parque e lhe mostrar aquelas casas lindas? Acho que por ter crescido aqui perto você raramente me traz a Hampton Court.”

Dick repousou os remos por um instante e disse:

“Muito bem, Clara, você hoje está com preguiça. Eu não tencionava parar antes de Shepperton para passar a noite; poderíamos parar em Hampton Court, almoçar e seguir viagem ali pelas 5 horas?”

“Pois que assim seja; mas gostaria que nosso hóspede passasse uma ou duas horas no parque.”

“O parque”, falou Dick. “Toda a margem do Tâmis é um parque nesta época do ano; quanto a mim, a qualquer parque da Inglaterra prefiro muito mais me deitar sob um olmo às margens de um campo de trigo com as abelhas zumbindo à minha volta e ouvindo a codorna gritando entre os sulcos do arado. Além do mais...”

“Além do mais”, continuou ela, “você quer chegar logo ao Alto Tâmis e mostrar toda a sua perícia com a foice ao longo de largas faixas de capim.”

Ela o olhou carinhosamente e tive certeza de que, com os olhos da mente, ela o via a mostrar a forma esplêndida de seu apogeu entre os golpes ritmados da segadeira; e olhou para os próprios pés delicados com um meio suspiro, como se comparando sua frágil beleza feminina com a beleza máscula dele, como o fazem as mulheres apaixonadas que não se deixaram estragar pelo sentimentalismo convencional.

Quanto a Dick, ele a olhou com admiração e depois disse:

“Bem, Clara, eu realmente gostaria de chegar lá! Ei! Estamos voltando!” E ele recomeçou a remar e, num instante, estávamos todos parados na margem pedregosa abaixo da ponte que, como vocês podem imaginar, já não era o velho aborto horrroso de ferro, mas uma bela estrutura maciça de carvalho.

Entramos no parque e fomos diretamente para o grande salão, ainda vivo na memória, onde havia mesas preparadas para o jantar e tudo estava organizado como no grande salão da Casa de Hóspedes de Hammersmith. Terminado o almoço, passeamos pelos antigos salões onde se preservavam ainda quadros e tapeçarias, e nada estava muito mudado, exceto que as pessoas que lá encontramos tinham um ar indefinível de estar em casa e à vontade que se comunicou para mim, de forma que tive a sensação de que aquele vetusto lugar me pertencia no melhor sentido da palavra; meu prazer de dias passados pareceu se somar ao de hoje e encheu de alegria a minha alma.

Dick (que, apesar da ironia de Clara, conhecia muito bem o lugar) me contou que os belos salões Tudor, que eu me lembrava terem sido a residência da ralé dos membros da Corte, eram agora intensivamente usados por pessoas que iam e vinham, pois, apesar da beleza da nova arquitetura e de o país todo ter recuperado a beleza, havia ainda uma espécie de tradição de prazer e de beleza ligada àquele conjunto de edifícios, e as pessoas consideravam ir a Hampton Court um passeio de verão tão essencial quanto no tempo em que Londres ainda era suja e infeliz. Entramos em alguns dos quartos que davam para o velho jardim e fomos recebidos pelas pessoas que já lá estavam, que logo começaram a conversar conosco e observavam educadamente com espanto mal disfarçado meu rosto estranho. Além desses visitantes e de alguns residentes do lugar, vimos lá fora nos campos perto do jardim, ao longo da “Água Comprida”, como era chamada, muitas barracas de cores vivas cercadas de homens, mulheres e crianças. Ao que parece, aqueles amantes do prazer gostavam da vida ao ar livre, apesar de todas as suas inconveniências que também se transformavam em prazer.

Deixamos esse velho amigo à hora aprazada e fiz uma tentativa pouco convincente de tomar os remos, mas Dick não concordou, o que não me desagradou, pois assim poderia me ocupar em gozar o belo dia e ruminar meus próprios pensamentos.

Quanto a Dick, o mais correto foi deixar para ele o esforço dos remos, pois ele era forte como um cavalo e apreciava muito qualquer exercício físico. Tivemos alguma dificuldade em fazê-lo parar quando

começou realmente a escurecer e a lua começou a brilhar quando passávamos por Runnymede. Atracamos lá e pusemo-nos a procurar um bom lugar para fincar nossas barracas (tínhamos trazido duas), quando surgiu um velho que nos deu boas-noites e perguntou se já tínhamos abrigo para a noite; ao descobrir que não tínhamos, ele nos convidou a passá-la na sua casa. Como tal convite não nos parecesse desagradável, nós o seguimos e Clara tomou com carinho a sua mão, como costumava fazer com todos os velhos, e fez alguns comentários gerais sobre a beleza do dia. O velho parou e olhou para ela, dizendo: “Então você gosta de dias assim?”

Espantada, ela respondeu: “Gosto, você não?”

“Acho que sim. Pelo menos eu gostava quando era mais jovem; mas hoje eu gostaria que fossem mais frescos.”

Ela nada disse e continuamos, a noite já escura, até que, no sopé de uma colina, chegamos a uma cerca viva com um portão; o velho o destrancou e nos guiou para um jardim, ao fundo do qual se via uma casinha, de que uma das janelas estava amarelada pela luz de uma vela. Era possível ver, mesmo sob a luz difusa da lua e de um resto de brilho no ocidente, que o jardim era muito florido e seu perfume na noite que esfriava era tão doce que parecia ser o coração do encanto de um anoitecer de junho. Paramos instintivamente os três, e Clara soltou um “Oh”, como um pássaro que se põe a cantar.

Parecendo irritado, o velho puxou-lhe a mão e disse:

“O que foi? Aqui não há cachorro; você teria pisado num espinho e machucado o pé?”

“Não, amigo”, respondeu ela. “Mas como é lindo, como é lindo!”

“É claro que é. Mas você gosta tanto assim?”

Ela riu um riso musical, e nós secundamos com nossas vozes roucas: “É claro que gosto, amigo. Você não?”

“Não sei bem se gosto”, respondeu o velho, como se um pouco envergonhado. “Além do mais, ninguém gosta quando as águas sobem e toda Runnymede fica inundada.”

“Pois eu gostaria”, interveio Dick. “Deve ser ótimo velejar na inundação numa bela manhã gelada de janeiro.”

“Você *gostaria*? Bem, não vou discutir com você, amigo. Não vale a pena. Vamos entrar e cear.”

Subimos por um caminho pavimentado entre as roseiras e entramos numa sala muito bonita, revestida de madeira e imaculadamente limpa; mas o seu principal ornamento era uma jovem de cabelos louros e olhos claros, cuja face, mãos e pés desnudos eram bem bronzeados pelo sol. Vestia uma roupa muito leve, claramente por escolha, e não por pobreza, embora fossem esses o primeiros moradores do campo que eu encontrava; pois seu vestido era de seda e ela tinha nos braços braceletes que me pareceram muito valiosos. Ela estava deitada sobre uma pele de carneiro junto à janela, mas levantou-se de um salto logo que entramos, bateu palmas ao nos ver atrás do velho e dançou em torno de nós quando nos viu no centro da sala, tal era o seu prazer com a nossa companhia.

“O quê! A felicidade é assim tão grande, Ellen?”, perguntou o velho.

A moça dançou e lançou os braços em torno dele, dizendo: “Estou feliz, e você também deveria estar, vovô.”

“Muito bem, estou feliz. Amigos, sentem-se por favor.”

Tudo isso me pareceu muito estranho; quero crer que mais estranho ainda para meus amigos, mas Dick aproveitou uma oportunidade em que o velho e sua neta saíram da sala e me disse baixinho:

“Um resmungão; ainda existem alguns. Disseram-me que houve época em que eles eram um problema.”

O velho voltou e sentou-se ao nosso lado com um suspiro profundo, como se quisesse que o notássemos. Mas então entrou a moça com a refeição, e o velho foi esquecido, com toda a nossa fome e por eu estar observando a neta que se movia, bela como um quadro.

Tudo o que comemos e bebemos, apesar de diferente do que nos ofereceram em Londres, estava muito bom, mas o velho olhava triste para o prato principal, onde estavam três lindas percas, e disse:

“Hum, percas! Lamento não ter algo melhor para lhes oferecer, amigos. Houve tempo em que era possível mandar buscar um belo salmão em Londres, mas hoje vivemos o tempo das vacas magras.”

“Mas, se soubesse que eles viriam”, disse a neta rindo, “você poderia ter conseguido um.”

“Foi erro nosso não termos trazido o salmão, amigos”, disse Dick bem-humorado. “Mas se os tempos são magros, o mesmo não se pode dizer dessas percas; aquela do meio devia pesar um quilo quando ainda exibia as listas escuras e as nadadeiras vermelhas para os outros peixinhos do rio. Quanto ao salmão, meu companheiro que vem de outras terras ficou muito surpreso quando lhe disse que há muito salmão em Hammersmith. Nunca ouvi dizer que as coisas tenham ficado piores.”

Ele parecia meio constrangido. E o velho, voltando-se para mim, disse com toda cortesia:

“Bem, senhor, fico feliz em ver um homem de além-mar, mas diga por favor se vocês não vivem melhor no seu país, onde, suponho, todos são mais vivos e animados por não terem abandonado totalmente a concorrência. Li muitos livros de dias passados e, com certeza, eles são mais vivos do que os que se escrevem hoje; todos foram escritos sob as condições da boa concorrência. Se o registro da história não o informasse, aí estão os próprios livros a demonstrá-lo. Há neles um espírito de aventura e sinais da capacidade de extrair o bom do mau que não existe na nossa literatura; acredito que nossos moralistas e historiadores exageraram muito a infelicidade do passado, quando se produziram tão esplêndidas obras de imaginação.”

Clara o ouvia com o olhar agitado, como se excitada e alegre; Dick contraiu os sobrolhos e pareceu ainda mais constrangido, mas nada disse. O velho foi gradualmente abandonando a atitude de desprezo à medida que se deixava animar pelo tema, e falava com ar muito sério. Mas a moça o interrompeu antes que eu pudesse dar a resposta que estava preparando.

“Livros, livros! Sempre os livros, vovô! Quando você vai entender que, afinal, é o mundo em que vivemos que deveria nos interessar, o mundo de que fazemos parte e a que nunca vamos amar demais? Veja!” Ela abriu a janela e nos mostrou as luzes brancas que brilhavam entre as sombras do jardim enluarado, por onde corria a brisa noturna do

verão. “Veja! São esses os nossos livros hoje! – e esses”, ela disse, aproximando-se dos dois amantes e colocando as mãos nos seus ombros, “e o nosso amigo com seu conhecimento e experiência de outras terras – e até você, vovô” (um sorriso se abriu no seu rosto ao dizê-lo), “apesar de toda a rabugice e da saudade dos tempos idos – quando, pelo que sei, velhos incapazes como você morriam de fome, ou tinham de pagar a soldados para roubar do povo pela força seus alimentos, roupas e casas. É isso, esses são nossos livros e, se quisermos mais, não encontramos trabalho nos belos edifícios que erguemos por todo o país (e eu sei que no passado nunca existiu nada igual), nos quais cada homem oferece o que de melhor tem e faz com que suas mãos expressem sua mente e sua alma?”

Fez uma pausa, e não consegui evitar encará-la, nem deixar de pensar que, fosse ela um livro, as figuras seriam lindas. Suas faces bronzeadas coraram; os olhos claros que se destacavam no escuro do rosto olhavam bondosos para todos nós enquanto ela falava. Fez uma pausa e continuou.

“Quanto aos seus livros, eles eram bons numa época em que pessoas inteligentes tinham poucas coisas que lhes dessem prazer e eram obrigadas a suplementar a infelicidade sórdida de suas próprias vidas com a imaginação das vidas de outras pessoas. Mas afirmo categoricamente que, apesar de toda a sua inteligência e vigor e da sua capacidade de contar bem uma história, há neles alguma coisa odiosa. Alguns chegam mesmo a mostrar aqui e ali um pouco de sentimento por aqueles a quem os livros de história dão o nome de ‘pobres’, da infelicidade de cujas vidas temos algumas indicações; mas logo desistem e, perto do fim da história, temos de nos contentar em ver herói e heroína felizes vivendo do sofrimento dos outros numa ilha de felicidade paradisíaca e depois de uma longa série de falsos problemas (pelo menos falsos em sua maioria) criados por eles próprios e ilustrados por deprimentes disparates introspectivos acerca de seus próprios sentimentos e aspirações ou o que mais seja, enquanto, mesmo então, o mundo continuava seu caminho, cavando, costurando, assando e construindo em torno desses animais inúteis.”

“Pronto!”, disse o velho, retomando a rabugice. “Isso é eloquência! Você gosta?”

“Sem dúvida!”, respondi enfaticamente.

“Bem, agora que amainou a tempestade de eloquência, talvez você pudesse responder à minha pergunta, isto é, desde que tal não lhe desagrade”, pediu ele num acesso repentino de cortesia.

“Que pergunta?”, indaguei. Pois devo confessar que a beleza estranha e quase selvagem de Ellen a tinha apagado de minha mente.

“Em primeiro lugar (desculpe-me o interrogatório), existe na terra de onde você vem o tipo de competição de vida que havia em tempos idos?”

“Existe, e é a regra geral.” E me preparei para o tipo de complicações que adviriam dessa resposta.

“Pergunta número dois”, enunciou o infeliz. “Vocês não são geralmente muito mais livres, mais ativos – em outras palavras, mais saudáveis e felizes – em razão disso?”

Sorri. “Você não diria isso se tivesse a mais pálida idéia do que seja a nossa vida. Para mim é como se vocês vivessem aqui num paraíso, comparado à vida no país de onde venho.”

“Paraíso? Então você gosta do paraíso?”, perguntou ele.

“Gosto”, respondi levemente irritado, pois começava a não gostar da sua fórmula.

“Pois eu não tenho certeza de que gosto. Acredito que a vida não possa se resumir a passar o dia sentado numa nuvem úmida a cantar hinos.”

Sua inconseqüência me irritou e eu disse:

“Bem, amigo, para resumir e sem usar metáforas, na terra de onde venho, onde a competição que produziu todas essas obras literárias que você tanto admira ainda é a regra geral, a maioria das pessoas é absolutamente infeliz; aqui, pelo menos ao que me parece, as pessoas são absolutamente felizes.”

“Sem querer ofender, caro amigo, mas permita-me perguntar; você gosta da vida assim, não?”

Sua fórmula, apresentada com tão obstinada persistência, nos fez rir a todos; e até o velho discretamente se juntou às nossas garga-

lhadas. Mas ele ainda não estava derrotado e completou imediatamente.

“De tudo o que conheço, imagino que uma jovem bela como minha querida Ellen seria uma dama, como eram chamadas em tempos idos, e não seria obrigada a vestir esses andrajos de seda que hoje usa, nem a se bronzear ao sol como é forçada a fazer agora. O que você diz disso?”

Neste ponto, Clara, que estivera até então calada, interveio, dizendo: “Bem, não acredito que você tenha esclarecido as coisas, nem que elas precisassem ser esclarecidas. Pois você não vê como ela se veste com tanto gosto de acordo com esse lindo clima? E, quanto ao bronzeado dos campos de feno, espero me bronzear eu própria quando chegarmos um pouco mais adiante rio acima. Veja como minha pele leitosa clama pelo sol!”

E ela ergueu a manga para mostrar o braço junto ao de Ellen, sentada agora ao seu lado. Para dizer a verdade, era até engraçado ver Clara a se apresentar como uma dama da cidade, bem vestida e com sua pele clara como as mais claras. Dick acariciou-lhe timidamente o braço e puxou sua manga, e ela enrubesceu ao seu toque. E o velho insistiu, ainda a rir: “Bem, mas você *gosta*, não é verdade?”

Ellen beijou a nova amiga e nos sentamos todos durante algum tempo em silêncio, então ela começou a cantar e nos encantou com a beleza de sua voz clara; o velho rabugento ficou a olhá-la, amoroso. Os outros jovens também cantaram, então Ellen nos conduziu aos nossos quartos, perfumados e limpos como era o ideal dos antigos poetas pastorais, e o prazer da noite apagou o medo que eu sentira na noite anterior, o de acordar no mundo antigo e infeliz de prazeres perdidos e de esperanças carregadas de medo.

Capítulo 23

O AMANHECER EM RUNNYMEDE

Embora não houvesse ruídos para me acordar, não consegui ficar muito tempo no leito na manhã seguinte, quando o mundo parecia tão alerta e, apesar do velho ranzinza, feliz; portanto levantei-me e descobri que, apesar de ser ainda muito cedo, alguém já tinha se levantado, pois tudo estava limpo e organizado na pequena sala, a mesa já posta para a refeição matinal. Mas naquele instante ninguém estava de pé na casa; assim, saí e, depois de uma ou duas voltas pelo jardim superabundante, andei pelo campo até a margem do rio, onde estava nossa canoa, que me pareceu bem familiar e amistososa. Caminhei um pouco rio acima, observando a neblina que se elevava do rio enquanto o sol não reunia forças para dissipá-la; vi os círculos formados pelo alburnete na água sob os galhos dos salgueiros, onde caíam as miríades de insetos de que se alimentavam; ouvi a grande carpa espadanar aqui e ali a caçar alguma larva distraída e quase me senti de volta ao meu tempo de menino. Voltei então até o barco; fiquei por ali durante um minuto ou dois e retornei pelo campo em direção à casa. Observei agora que havia outras quatro casas quase do mesmo tamanho na encosta que subia do rio. O campo por onde caminhava não estava pronto para a preparação do feno, mas duas fileiras de cercas, uma de cada lado, haviam sido montadas na subida da encosta a pouca distância de mim e, no campo separado pela da esquerda, várias pessoas estavam muito ocupadas preparando o feno da mesma forma simples que se usava quando eu era menino. Meus pés tomaram instintivamente aquela direção, pois queria ver a aparência dos trabalhadores naqueles tempos novos e melhores, e também tinha a esperança de ali ver Ellen. Cheguei à cerca e parei, olhando sobre ela para o campo perto do final de uma longa fila de trabalhadores que espalhavam o feno para secar o orvalho da noite. A maioria eram

mulheres vestidas como Ellen na noite anterior, mas não em seda, e sim com uma lã fina alegremente bordada; os homens vestiam flanela branca bordada em cores brilhantes. Com eles, o campo parecia um enorme canteiro de tulipas. Todos trabalhavam com decisão, bem e sem interrupção, com o barulho alegre de um bando de estorninhos no outono. Meia dúzia deles, homens e mulheres, vieram até onde eu estava, apertaram-me a mão e me saudaram, fizeram algumas perguntas e voltaram para o trabalho desejando-me boa sorte. Para meu desapontamento, Ellen não estava entre eles, mas logo vi uma bela figura sair do campo mais acima e tomar a direção de nossa casa; era Ellen, que trazia uma cesta na mão. Mas, antes que ela chegasse ao portão do jardim, Dick e Clara saíram e, depois de um minuto, vieram na minha direção, deixando Ellen no jardim. Descemos então os três até o barco, conversando, despreocupados. Ficamos ali durante alguns minutos enquanto Dick organizava as coisas lá dentro, pois só levamos para a casa o que pudesse ser estragado pelo orvalho da noite. Em seguida voltamos para a casa, mas, quando chegamos perto do jardim, Dick nos parou, segurando o meu braço, e disse:

“Esperem um momento e vejam.”

Olhei sobre a cerca baixa e vi Ellen a proteger com a mão os olhos contra o sol enquanto olhava para o campo de feno, os cabelos claros a balançar na brisa, os olhos, duas jóias incrustadas no rosto bronzeado, como que retendo ainda o calor do sol.

“Veja, amigo”, observou ele. “Tudo isso não faz lembrar as histórias de Grimm de que falávamos ontem em Bloomsbury? Aqui estamos, dois amantes a passear pelo mundo que chegam a um jardim de fadas e lá no centro a própria fada; imagino o que ela há de fazer por nós.”

Recatada, mas relaxada, Clara perguntou: “E ela é uma boa fada, Dick?”

“É claro! E, de acordo com a história, ela seria ainda melhor se não fosse pelo duende da floresta, o nosso amigo rabugento de ontem à noite.”

Rimos; então eu comentei: “Espero que você tenha notado que eu fiquei fora da história.”

“É verdade. É melhor você se considerar alguém que veste a capa da escuridão, e a tudo vê, ainda que invisível.”

Aquilo tocou meu ponto fraco, o de não saber exatamente a minha posição nesta bela terra nova; assim, para não tornar piores as coisas, calei-me e atravessamos juntos o jardim para entrar na casa. Notei que Clara devia ter realmente sentido o contraste entre si própria, como uma dama da cidade, e este trecho de campo estival que todos admirávamos tanto, pois nessa manhã estava vestida tal como Ellen, com roupas leves e poucas e praticamente descalça, não fosse pelas sandálias finas.

Na sala, o velho nos saudou gentilmente.

“Bem, amigos, então vocês saíram para ver a nudez da terra; acredito que suas ilusões da noite passada se tenham atenuado um pouco à luz da manhã? Vocês ainda gostam, não?”

“Muito”, respondi obstinado. “Este é um dos locais mais bonitos do Baixo Tâmis.”

“Oho! Então você já conhecia o Tâmis?”

Enrubesci, pois percebi que Dick e Clara me olhavam e fiquei sem saber o que dizer. Mas como em conversa anterior com meus amigos de Hammersmith eu já havia mencionado ter conhecido a Floresta de Epping, pensei que uma generalização apressada seria melhor do que uma completa mentira; assim disse:

“Já estive neste país em priscas eras; naquele tempo conheci o Tâmis.”

“Então você já conhecia nosso país de tempos idos”, disse o velho ansioso. “Então, você não acha (sem levar em conta qualquer teoria) que ele mudou muito, e para pior?”

“Certamente não”, respondi. “Acredito mesmo que mudou muito para melhor.”

“Ah, temo que você se tenha deixado influenciar por uma ou outra teoria. Contudo, é evidente que a época em que você passou por aqui é tão próxima aos nossos dias que a deterioração não há de ter sido grande, pois já estaríamos então vivendo nas mesmas condições em que vivemos hoje. Eu me referia a tempos ainda mais antigos.”

“Ou seja”, disse Clara, “você tem *teorias* que explicam a mudança acontecida.”

“Também tenho fatos”, replicou ele. “Vejam. Podem-se ver desta colina quatro casas, inclusive esta. Muito bem, sei por certo que antigamente, mesmo no verão, quando mais densa era a folhagem, podia-se ver do mesmo lugar seis casas muito grandes e excelentes; subindo o rio, jardim se unia a jardim até Windsor, e havia casas grandes em todos os jardins. Ah! A Inglaterra de então era uma terra importante.”

Ele estava começando a me irritar.

“O que você está querendo dizer é que vocês *descocknificaram* e expulsaram os ricos deste lugar e, hoje, todos vivem melhor e mais felizes, não apenas alguns ladrões malditos que eram centros de vulgaridade e de corrupção onde quer que estivessem, e que, assim como fizeram a este lindo rio, destruíram moralmente a beleza do lugar e quase o destruíram fisicamente quando dele foram expulsos.”

Fez-se um silêncio ao fim desta explosão, que não consegui reprimir, ao me lembrar de como sofri com e pela *cocknidade* naquelas mesmas águas de antigamente. Mas enfim o velho falou friamente:

“Meu caro amigo, não sei se entendo o que sejam *cocknificar* ou ricos, ou mesmo ladrões e malditos; ou como somente poucas pessoas pudessem viver felizes e confortavelmente numa terra tão rica. Tudo o que vejo é a sua ira, e a temo; assim, se você não se importar, gostaria de mudar de assunto.”

Isso me pareceu gentil e hospitaleiro de sua parte, considerando a obstinação com que defendia sua teoria, e me apressei a dizer que não estava com raiva, apenas sendo enfático. Ele se curvou gravemente, e pensei que a tempestade tinha passado, quando, de repente, Ellen interveio:

“Vovô, nosso hóspede se retrai por cortesia, mas o que ele está pensando deve ser dito; portanto, como sei bem do que se trata, vou dizê-lo em seu nome pois, como você sabe, aprendi essas coisas com pessoas...”

“Sei bem”, retrucou o velho, “o sábio de Bloomsbury e outros.”

Foi a vez de Dick intervir.

“Ah! Então vocês conhecem meu bisavô Hammond?”

“Conhecemos”, concordou ela, “e outras pessoas que, como diz meu avô, me ensinaram coisas que eu posso resumir assim. Vivemos hoje nesta casinha pequena, não por nos faltar algo mais grandioso para fazer do que o trabalho no campo, mas porque isso nos faz felizes; pois se quiséssemos poderíamos viver numa casa imponente na companhia de gente simpática.”

O velho resmungou:

“É verdade! Como se fosse possível viver entre aqueles presunçosos que me desprezam, todos eles.”

Ela sorriu, bondosa, para ele, mas continuou como se ele nada tivesse dito.

“No passado, quando abundavam aquelas casas enormes de que fala meu avô, nós teríamos certamente vivido num casebre, querendo ou não; e aquele casebre, longe de oferecer tudo de que carecemos, seria vazio e pobre. Não teríamos o que comer, nossas roupas seriam feias, sujas e relaxadas. Você, vovô, trabalhou duro por muitos anos, mas hoje descansa, lê seus livros sem qualquer preocupação e, quanto a mim, trabalho muito quando quero e porque quero e acho que me faz bem, fortalece meus músculos e me torna mais bonita, mais saudável e mais feliz. Mas naqueles dias, vovô, você teria de trabalhar muito, mesmo depois de velho; seria assolado pelo medo constante de ser recolhido a uma espécie de prisão junto com outros velhos famintos e sem distrações. Quanto a mim, tenho 20 anos. Naqueles dias estaria entrando na meia-idade, e em poucos anos estaria feia, magra e louca, atormentada pelas dificuldades e pelos sofrimentos, e ninguém saberia que eu fora jovem e bonita.”

Ela tinha os olhos cheios de lágrimas ao pensar no sofrimento de gente igual a ela própria.

“Não era nisso que você pensava, amigo?”

“Era”, disse eu, comovido. “Isso e mais. Vi com frequência no meu país a terrível mudança de que você acaba de falar, de camponesa jovem e bonita para uma mulher feia, de roupas disformes.”

O velho se sentou, calado, por um momento, mas logo se recuperou e buscou conforto na frase de sempre: “Mas vocês gostam assim, não é?”

“É”, disse Ellen, “amo a vida mais que a morte.”

“É mesmo?”, ele perguntou. “Pois eu prefiro ler belos livros cheios de histórias, como *Feira de vaidades*, de Thackeray. Por que não se escrevem mais livros como aquele? Pergunte ao sábio de Bloomsbury.”

Ao ver Dick enrubescer diante desse insulto e, ao observar o silêncio que caiu sobre a sala, resolvi intervir, dizendo:

“Sou apenas o convidado, amigos; mas sei que vocês querem me mostrar o rio quando está mais belo. Não seria melhor sair imediatamente, pois é certo que hoje será um dia quente?”

Capítulo 24

A SUBIDA DO TÂMISA O SEGUNDO DIA

Não demoraram a aceitar minha sugestão; de fato, o melhor que tínhamos a fazer era sair sem demora, pois já passava das sete da manhã e o dia prometia muito calor. Levantamo-nos e fomos até nosso barco. Ellen estava pensativa e distraída; o velho muito gentil e cortês, como se tentando compensar sua obstinação. Clara me pareceu alegre e natural, apesar de discreta; com certeza, ela não estava triste com a partida e olhava timidamente a todo instante para Ellen e sua beleza selvagem e invulgar. Entramos na canoa e Dick falou, ao assumir seu posto: “Bem, o dia está lindo!” O velho respondeu como sempre: “E você gosta, não é?” Dick empurrou a proa para a água lenta e carregada de plantas. Quando chegamos ao meio do rio voltei-me para acenar a despedida e vi Ellen inclinar-se sobre o velho e lhe acariciar o rosto saudável e vermelho como maçã, e senti um aperto ao pensar que não voltaria a ver a linda moça. Insisti em tomar os remos e remei durante boa parte do dia, o que explica nossa chegada tão tardia ao destino esperado por Dick. Clara estava particularmente afetuosa com Dick, observei do meu posto de remador; mas ele estava franco e alegre como sempre, o que me deixou feliz, pois um homem com o seu temperamento não aceitaria francamente e sem se embarçar tantas carícias se estivesse enfeitiçado pela fada de ontem à noite.

Não preciso me estender sobre os arredores maravilhosos do rio. Observei a ausência, tão lamentada pelo velho, das *villas* de mau gosto; vi também com prazer que as minhas velhas inimigas, as pontes “góticas” de ferro, haviam sido substituídas por belas pontes de madeira ou de pedra. As florestas que cobriam as margens também tinham perdido o ar de capricho característico das reservas de caça e eram agora selvagens e belas, embora as árvores fossem evidentemente bem cuidadas. Para obter informações mais claras, julguei ser me-

lhor fingir desconhecer Eton e Windsor, mas Dick ofereceu o que sabia sobre a primeira enquanto atravessávamos a eclusa em Datchet.

“Mais à frente existem belos edifícios antigos, construídos para serem um colégio ou um lugar de ensino por um dos reis medievais – Eduardo VI, se não me engano” (sorri intimamente da natural imprecisão). “Ele queria que os filhos dos pobres aprendessem aqui o que se sabia naqueles dias, mas, como acontecia nos tempos que você bem conhece, distorceram as boas intenções do fundador. Meu bisavô diz que em vez de ensinarem as coisas aos pobres, eles passaram a nada ensinar aos ricos. Do que ele me conta, entendo que ali se criou um lugar que a ‘aristocracia’ (Você deve saber o que isso significa; eu sei) usava para se livrar da companhia dos filhos homens durante uma boa parte do ano. Tenho certeza de que o velho Hammond poderá lhe dar muita informação sobre o lugar.”

“E como é usado hoje?”

“Bem, os edifícios foram muito castigados pelas últimas gerações de aristocratas, que pareciam nutrir um ódio especial por belos edifícios antigos e pelos registros da história passada, mas ainda é um lugar delicioso. Evidentemente já não o usamos de acordo com as intenções do fundador, pois nossas idéias sobre a educação dos jovens são muito diferentes das de então. Hoje é mais usado como moradia de pessoas que se dedicam ao saber, e as pessoas que moram em volta vêm para cá e aprendem as coisas que desejarem. Há uma grande biblioteca com os melhores livros. Não acredito que o velho rei ficasse desapontado se voltasse à vida e visse o que estamos realizando ali.”

“Bem”, observou Clara, “acho que ele iria sentir falta dos rapazes.”

“Nem sempre, querida”, respondeu Dick, “pois sempre há muitos rapazes por lá, que ali vão para aprender; ademais”, completou sorrindo, “eles aprendem a nadar e a remar. Se pudéssemos, gostaria de parar ali, mas talvez seja melhor parar quando estivermos descendo o rio.”

As eclusas se abriram enquanto falávamos e continuamos a viagem. Dick nada disse a respeito de Windsor até chegarmos ao trecho de Clewes, quando eu descansi os remos (eu era naquele momento o remador) e olhei para cima para perguntar:

“O que é aquele edifício lá no alto?”

“Preferi esperar até você perguntar. Aquele é o Castelo de Windsor; também pretendo deixar para conhecê-lo na volta. Parece lindo daqui, não é? Mas a maior parte dele foi construída durante o período da Degradação e decidimos não demoli-lo, pois já estava pronto, como aconteceu com os prédios do Mercado de Esterco. Você deve saber que este foi o palácio dos reis medievais, que mais tarde foi usado para o mesmo fim pelos falsos reis do Parlamento, como os chama o meu avô.”

“É verdade, eu já sabia”, disse eu. “E qual a sua finalidade hoje?”

“Muitas pessoas moram lá, pois apesar de todos os problemas ainda é um lugar aprazível; lá também se encontra um conjunto bem organizado de diversos tipos de antiguidades que pareceram dignas de ser guardadas – o que nos tempos que você tão bem conhece seria conhecido como um museu.”

Puxei os remos com força através da água, como se quisesse fugir daqueles tempos que conhecia tão bem, e logo estávamos no trecho de Maidenhead, antes tristemente *cocknificado*, e agora tão ameno e aprazível quanto os trechos rio acima.

A manhã avançava, manhã de um dia de verão que era uma jóia; um daqueles dias que, fossem mais comuns nestas ilhas, tornariam indiscutivelmente o nosso o melhor dentre todos os climas. Uma brisa suave soprava do oeste, as poucas nuvens que havia à hora da primeira refeição estavam agora muito altas no céu e, apesar do sol abrasador, não queríamos uma chuva. Mesmo quente como estava o sol, havia uma sensação de frescor no ar, que nos fazia sonhar com o calor da tarde e com o trecho onde o trigo em flor brilhava além da sombra das árvores. Qualquer um, livre do peso de grandes ansiedades, não poderia sentir outra coisa que não a perfeita felicidade, e se muitas ansiedades se ocultavam sob a superfície das coisas, não parecíamos prestes a encontrá-las.

Passamos por vários campos onde se preparava o feno, mas Dick e, especialmente, Clara estavam tão interessados no festival rio acima que não me permitiram grandes observações. Pude notar apenas que

as pessoas nos campos, homens e mulheres, eram fortes e belos e, longe de haver qualquer indicação de sordidez nos seus trajes, pareciam vestidos especialmente para a ocasião – roupas leves, evidentemente, mas muito alegres e cobertas de adornos.

Hoje, assim como ontem, cruzávamos com diversos tipos de embarcação. Eram em sua maioria movidas a remo, como a nossa, ou a vela, do tipo que se usa para velejar nos trechos altos do rio, mas aqui e ali cruzávamos com batelões carregados de feno e outros produtos semelhantes, ou de tijolos, cal, madeira e assemelhados, que passavam sem que eu pudesse ver que tipo de propulsão usavam, apenas um homem ao timão, geralmente acompanhado de um ou dois amigos a conversar e a rir com ele. Ao ver que eu olhava intrigado, Dick explicou:

“É uma de nossas barcas de força; é tão fácil mover veículos de trabalho na água como em terra.”

Entendi perfeitamente que esses “veículos de força” haviam substituído o nosso antigo transporte a vapor, mas nada perguntei sobre eles, pois sabia muito bem que não iria entender como funcionavam e que, se tentasse perguntar, eu fatalmente me trairia, criando complicações impossíveis de explicar; portanto, disse apenas: “Ah, claro. Entendo.”

Descemos a terra em Bisham, onde ainda existiam as ruínas da velha Abadia e da casa elisabetana que lhe foi acrescentada e que ainda estava em boas condições devido aos muitos anos de habitação cuidadosa e apreciativa. Mas a maioria das pessoas do lugar, homens e mulheres, estava no campo naquele dia; assim, só encontramos ali dois velhos e um jovem que havia ficado em casa para se dedicar a um trabalho literário, que imagino ter sido muito interrompido. Ainda assim, não me pareceu que o homem diligente que nos recebeu lamentasse tanto a interrupção. De qualquer forma, ele insistiu muito para que pernoitássemos e só conseguimos sair de lá na fresca da noite.

Entretanto, não nos importamos; as noites eram claras, pois a lua minguante brilhava, e para Dick era indiferente remar ou sentar-se

calmamente no barco, portanto retomamos em boa velocidade a nossa viagem. O sol do fim da tarde brilhava sobre as ruínas de Medmenham, perto da qual se erguia uma pilha irregular de edifícios que Dick nos informou serem uma casa muito aprazível, e ainda se viam muitas outras casas nos campos em frente, sob a colina, pois, ao que parece, a beleza de Hurley levou muita gente a construir e morar ali. O sol já muito baixo nos mostrou Henley pouco alterada em seu aspecto externo em relação à que eu guardava na lembrança. O sol já havia se posto quando passamos pelos lindos trechos de Wargrave e Shiplake, mas logo a lua se ergueu às nossas costas. Gostaria de ter visto com meus próprios olhos qual o sucesso da nova ordem em dar nova forma à confusão generalizada com que o comercialismo havia coberto as margens do rio nas vizinhanças de Reading e Caversham: em tudo havia um perfume delicioso no início da noite para que ainda restasse qualquer lembrança da sordidez negligente da assim chamada manufatura e, em resposta à minha pergunta sobre o tipo de lugar que Reading tinha se tornado, Dick respondeu:

“Ah, é uma cidade muito interessante, à sua maneira; durante os últimos cem anos ela foi em grande parte reconstruída, e há muitas casas, como você pode ver pelas luzes abaixo das colinas ali adiante. De fato, é um dos lugares mais populosos do Tâmsa nesta região. Não desanime, amigo! Estamos quase chegando ao final de nosso trecho de hoje da viagem. Tenho de lhe pedir perdão por não parar em nenhuma das casas aqui ou logo acima, mas um amigo que vive numa casa muito agradável nos campos de Maple-Durham insistiu comigo e com Clara para que viéssemos visitá-lo quando passássemos subindo o rio, e imaginei que você não fosse se importar com essa viagem noturna.”

Eu não carecia de tantas explicações para manter o ânimo, pois estava tão animado quanto seria possível; apesar de a estranheza e a excitação da vida calma e feliz que eu via por toda parte já estarem cedendo um pouco, ainda assim uma alegria profunda, muito diferente da aquiescência lânguida, vinha ocupando seus lugares e eu estava como que renascido.

Paramos pouco depois, num ponto onde eu me lembrava de que o rio fazia uma curva para o norte na direção de uma casa antiga de Blunts, com os vastos campos a se espalharem na margem direita, e a esquerda coberta com uma linha de velhas árvores debruçadas sobre a água. Ao sairmos do barco, eu disse a Dick:

“É para a velha casa que estamos indo?”

“Não”, respondeu ele, “apesar de ela ainda existir numa velhice ainda longe de madura e de ser habitada. Vejo que você conhece bem o Tâmis. Mas meu amigo, Walter Allen, que me convidou a parar aqui, mora numa casa não muito grande que foi construída aqui há pouco, pois esses campos são tão apreciados, especialmente no verão, que com certeza seriam cobertos por uma multidão de tendas. E assim os administradores daqui, a quem isso não agradava, construíram três casas daqui até Caversham e uma muito grande em Basildon, um pouco adiante. Veja, lá estão as luzes da casa de Walter Allen!”

Caminhamos pelo capim dos campos inundados pela luz do luar e logo chegamos à casa, que era baixa e construída em torno de um quadrado suficientemente grande para permitir a entrada de muito sol. Walter Allen, o amigo de Dick, estava encostado ao marco da porta a nos esperar e, sem muitas palavras, nos convidou a entrar. Não havia ali muita gente, pois alguns dos moradores estavam trabalhando o feno ali por perto, e outros, como Walter nos explicou, estavam a passear pelos campos fruindo a noite enluarada. O amigo de Dick aparentava ter uns 40 anos; alto, de cabelos escuros, dono de um olhar bondoso e pensativo; mas, para minha surpresa, havia uma sombra de melancolia no seu rosto, e ele parecia distraído e desatento à nossa conversa apesar dos evidentes esforços para prestar atenção.

Dick o observava e parecia intrigado; finalmente ele disse:

“Mas diga, amigo velho, se há algum problema de que não soubermos quando você nos escreveu, não lhe parece que seria melhor que você nos contasse logo? Caso contrário, vamos pensar que chegamos numa hora ingrata e não somos bem-vindos.”

Walter enrubescceu violentamente e pareceu ter dificuldades em conter as lágrimas, mas finalmente disse:

“É claro que todos aqui estão felizes em vê-los, a você, Dick, e aos seus amigos; mas a verdade é que esta não é a nossa melhor hora, apesar do tempo maravilhoso e de uma colheita gloriosa de feno. Houve aqui uma morte.”

“É uma pena, mas você há de superar, amigo: tais coisas acontecem.”

“Sei bem”, disse Walter, “mas esta foi uma morte violenta e parece provável que pelo menos mais uma venha a ocorrer e agora suspeitamos uns dos outros; para dizer a verdade, esta é a razão para que tão poucos de nós estejam presentes esta noite.”

“Diga-nos o que aconteceu, Walter”, disse Dick, “talvez contá-lo ajude a aliviar essa tristeza.”

“Está bem. Vou contar uma história bem curta, embora pense que ela possa ser contada como uma longa história, como se costumava fazer nos antigos romances. Há aqui uma moça adorável de quem todos gostamos e de quem alguns de nós mais do que gostam; ela naturalmente gostava mais de um de nós do que dos outros. E outro de nós (não vou dizer seu nome) foi ferido pela loucura do amor e se tornou absolutamente desagradável – claro que não por maldade premeditada, até que a moça, que antes gostava muito dele, apesar de não o amar, passou a não gostar. Evidentemente, aqueles de nós que o conheciam melhor, eu entre outros, o aconselhamos a ir embora, pois as coisas estavam azedando para ele a cada dia. Ele não aceitou o nosso conselho (o que penso ser também natural) e, assim, tivemos de ordenar-lhe que se fosse, caso contrário ele ficaria isolado, pois aquele problema o tinha dominado de tal forma que sentimos que *nós* teríamos de ir embora se ele não o fizesse.

“Ele pareceu aceitar o conselho melhor do que esperávamos, até que uma coisa ou outra – creio que uma conversa com a moça e uma discussão acalorada com o amante bem-sucedido – deixou-o completamente louco e ele pegou o machado e atacou o rival quando os dois estavam sós. Na luta, o homem que fora atacado o golpeou e o matou. E agora o assassino está tão agitado que só fala em se matar e, se ele o fizer, temo que a moça acabe por fazer o mesmo. Ficamos tão

impotentes diante dessa tragédia como diante do terremoto do ano atrasado.”

“Que infelicidade!”, disse Dick. “Mas como o homem já morreu e não pode ser trazido de volta à vida e como o assassino não agiu por maldade premeditada, só posso crer que ele vá superar em pouco tempo tal infelicidade. Ademais, morreu o homem certo, não o errado. Por que alguém iria se desesperar para sempre por um simples acidente? E quanto à moça?”

“Toda essa história lhe inspirou horror, mais que pesar. O que você diz sobre o homem é verdade, ou devia ser. Mas, veja, a excitação e o ciúme que foram o prelúdio da tragédia criaram em torno dele um elemento febril e mau, do qual ele parece não conseguir escapar. Contudo, nós o aconselhamos a ir embora; na verdade, a cruzar o mar. Mas ele está em tal estado que não acredito que *possa* ir, a menos que seja *levado* por alguém, e parece-me que essa tarefa vai caber a mim, o que não chega a ser uma promessa de felicidade.”

“Ah, você vai descobrir algum interesse nisso”, disse Dick. “É claro que mais cedo ou mais tarde ele vai encarar toda essa questão de um ponto de vista racional.”

“Muito bem, agora que tirei esse peso da mente, roubando de vocês a tranqüilidade, vamos dar um fim a esse assunto. Você está pensando em levar seu convidado até Oxford?”

“É claro que teremos de passar por lá”, respondeu Dick a sorrir, “pois vamos subir o rio; mas não pensei em parar lá, ou chegaremos atrasados para a colheita do feno. E, assim, Oxford e meu discurso erudito sobre ela, todo ele obtido de segunda mão de meu bisavô, vão ficar para quando voltarmos descendo o rio, de hoje a uma quinzena.”

Isso eu ouvi com grande surpresa, e não consegui evitar pensar que o homem que assassinara o outro não havia sido preso enquanto se determinava se havia ou não matado o rival em legítima defesa. Entretanto, quanto mais pensava no assunto, mais claro ficava que não seria possível esclarecer o caso pelo interrogatório de testemunhas que nada tinham testemunhado além do rancor entre os dois rivais. Pensei também que o remorso por esse homicídio dava razão

ao que me dissera o velho Hammond sobre a forma como esse povo estranho lidava com o que eu aprendera a chamar de crimes. É verdade que o remorso era exagerado, mas estava claro que o assassino assumiu todas as conseqüências do ato, e não esperou que a sociedade o reabilitasse atribuindo-lhe uma punição. Tive certeza, nesse momento, de que a “santidade da vida humana” não é prejudicada pela ausência de masmorras e prisões.

Capítulo 25

O TERCEIRO DIA NO TÂMISA

Ao descermos até o barco na manhã seguinte, Walter, apesar de mais esperançoso do que na noite anterior, parecia pensar que, se não fosse para o exterior, o infeliz homicida poderia pelo menos continuar vivendo sozinho nas proximidades; de qualquer forma, era o que ele se tinha proposto fazer. Para Dick e, por que não dizer, também para mim, esse remédio parecia estranho; foi o que ele disse:

“Amigo Walter, não permita que o homem se afunde na lembrança da tragédia, fazendo-o viver sozinho, o que só aumentará nele a noção de que cometeu um crime, e logo ele poderá realmente se matar.”

Clara discordou:

“Não sei. Se me for permitido dizer o que penso, acho que é melhor que ele sofra agora sua cota de melancolia para logo acordar e ver que ela não era realmente necessária; ele então poderá viver feliz para sempre. Quanto ao suicídio, esse perigo não existe; pois, pelo que você nos diz, ele ama profundamente aquela mulher e, para falar com franqueza, enquanto seu amor não for satisfeito ele não somente vai se agarrar com todas as forças à vida, mas vai extrair o máximo de todos os eventos da sua. Vai, de certa forma, abraçar-se a ela; acho mesmo que está aí a explicação de tragédia tão excessiva.”

Walter ficou pensativo e então disse:

“Talvez você tenha razão; talvez não devêssemos ter tratado com tanta seriedade toda essa questão: mas você compreende, amigo (voltando-se para mim), tais eventos são tão raros que, quando um acontece, é-nos impossível evitar ficar absorvidos por ele. Quanto ao resto, estamos todos inclinados a perdoar ao nosso amigo o sofrimento que nos causou, pois ele o fez por respeito excessivo pela vida e pela felicidade humanas. Bem, já discutimos demais esse assunto; apenas um

último pedido: vocês poderiam levar-me rio acima? Gostaria de ver uma habitação isolada para o infeliz, pois é assim que ele vai viver, e ouvi dizer que há uma que se ajusta perfeitamente à necessidade nas colinas além de Streatley; se vocês me desembarcarem lá, pretendo subir a colina para examiná-la.”

“A casa em questão está vazia?”, perguntei.

“Não”, respondeu ele. “Mas o homem que lá está morando deverá sair quando souber que nós a queremos. Acreditamos que o ar fresco das colinas e a paisagem erma hão de fazer bem ao nosso amigo.”

Clara sorriu, dizendo:

“Mas ele não deve ficar tão longe da amada, pois os dois não deverão ter dificuldades para se encontrar se assim o desejarem – o que, certamente, desejarão.”

Assim conversando, chegamos ao barco e logo estávamos flutuando no rio largo e belo, Dick nos remos a nos levar a toda pressa pela água sem vento daquela manhã de verão, pois ainda não eram 6 horas. Em pouco tempo chegamos à eclusa e, enquanto subíamos sobre a água que entrava, estranhei a presença ali da velha amiga, a comporta do tipo mais simples e mais rural. Assim, perguntei:

“Estava pensando, enquanto passávamos por uma eclusa depois da outra, que vocês, prósperos como são, e especialmente por apreciarem tanto um bom trabalho, já deveriam ter inventado algo para livrá-los dessas canhestras eclusas como meio de subir o rio.”

Dick riu.

“Meu caro amigo, enquanto a água mantiver o hábito teimoso de só correr para baixo, vamos ter de continuar a atravessá-las quando nos voltarmos para a direção oposta à do mar. E não entendo o seu desprazer, pois a eclusa de Maple-Durham me parece um lugar muito bonito.”

Não havia em que discordar da última afirmação, pensei, a olhar os galhos debruçados das grandes árvores, com o sol a atravessar a folhagem, enquanto ouvia o canto de verão do melro que se misturava ao som da água que subia sob nós. E, assim, incapaz de dizer a razão por que as eclusas deveriam desaparecer – o que na verdade eu não desejava –, calei-me. Mas Walter disse:

“Entenda, amigo, não vivemos hoje uma época de invenções. Uma época anterior já fez isso para nós, e hoje nos contentamos em usar as invenções que nos servem, abandonando as outras. Acredito mesmo que há algum tempo (não posso precisar a data) usava-se um maquinário complexo nas eclusas, embora não se tentasse realmente inverter o curso da água. Entretanto, parece-me que o maquinário era muito complicado, e as comportas acionadas por contrapesos atendiam muito bem a todos os objetivos e se reparavam facilmente com materiais do local. É por isso que elas ainda estão aí, como você pode ver.”

“Ademais”, apartou Dick, “esse tipo de comporta é bonito; e não posso evitar o pensamento de que as comportas mecânicas, com seu mecanismo de relojoaria, seriam forçosamente feias e teriam descompuesto a beleza do rio; essa é uma razão suficientemente forte para manter as eclusas que temos. Até breve, velha amiga!”, gritou ele para a eclusa enquanto nos fazia atravessar as comportas abertas com um golpe vigoroso do gancho de bordo. “Muitos anos de vida, e uma velhice renovada para sempre!”

Continuamos a viagem; a água tinha o aspecto familiar que eu conhecia de antes de Pangbourne se ter *cocknificado* completamente. Pangbourne ainda era uma aldeia – ou seja, um pequeno conjunto de belas casas. As faias cobriam a colina que se erguia acima de Basildon, mas os campos planos abaixo delas eram mais populosos do que na minha lembrança, pois havia agora à nossa frente cinco casas grandes criadas para se harmonizarem com o caráter da paisagem. Na margem verde do rio, onde a água se aproxima dos trechos de Goring e Streatley, vimos meia dúzia de moças brincando na grama. Elas nos saudaram ao passarmos, pois viram que éramos viajantes, e paramos para falar com elas. Estavam nadando; vestiam roupas leves, estavam descalças e se preparavam para chegar ao campo no lado de Berkshire onde se havia iniciado a preparação do feno, e passavam o tempo esperando a chegada das pessoas de Berkshire que deviam vir buscá-las. Elas insistiram para que as acompanhássemos até o campo de feno para tomarmos todos juntos a refeição matinal. Mas Dick insistiu na sua teoria de presenciar o início da colheita do feno rio acima, sem estragar o meu

prazer pela experiência antecipada em outro lugar, e elas desistiram, mesmo que a contragosto. Por vingança, elas me encheram de perguntas acerca do país de onde vinha e sobre como era a vida lá, que eu achei muito difíceis de responder; ficou claro que as respostas que eu dei deixaram-nas muito intrigadas. Observei, tanto com essas moças como com todas as pessoas com quem conversei, que, na falta de notícias sérias como as que tivemos em Maple-Durham, as pessoas gostavam de discutir os pequenos detalhes da vida: o tempo, as colheitas, uma nova casa, a fartura ou a carência de tais ou quais passarinhos, e assim por diante; mas não falavam dessas coisas de forma tola ou convencional, mas movidas por um interesse real. Ademais, descobri que as mulheres sabiam tanto sobre tais coisas quanto os homens: conheciam os nomes das flores, sabiam suas qualidades; conheciam o hábitat deste ou daquele pássaro ou peixe, e coisas semelhantes.

É quase estranha a diferença feita por todo esse conhecimento na minha avaliação da vida do campo de então, pois no passado era costume dizer, o que era geralmente verdadeiro, que fora do trabalho diário os camponeses pouco conheciam do país, ou pouco se manifestavam sobre ele. Mas aqui estavam essas pessoas ansiosas por tudo o que se passava nos campos, nas florestas e nas colinas, como se fossem ricaços fugidos da tirania dos tijolos e da argamassa.

Vale a pena mencionar um detalhe: parecia haver muito mais pássaros não predadores, e seus inimigos, os caçadores, pareciam ser também mais comuns. Um milhafre pairou sobre nossas cabeças quando passamos ontem por Medmenham; havia muitas pegadas nas cercas vivas; vi muitos gaviões e talvez um melro; e, agora, no momento em que passávamos sob a bela ponte que substituíra a antiga ponte ferroviária de Basildon, um casal de corvos crocitou acima do barco, ao voar para o alto das colinas. De tudo isso eu concluí que ficaram no passado os dias das reservas de caça, e nada perguntei a Dick sobre elas.

Capítulo 26

OS OPOSITORES OBSTINADOS

Antes de nos despedirmos das moças, vimos dois jovens fortes e uma mulher que desatracavam da margem de Berkshire, e Dick resolveu brincar com as moças e lhes perguntou como era possível não haver ninguém do gênero masculino para atravessar com elas o rio, e onde estavam os barcos. Uma delas respondeu, a mais jovem do grupo: “Ah, eles levaram a chata grande para buscar pedras mais acima no rio.”

“E quem são ‘eles’, linda menina?”, perguntou Dick.

Uma garota mais velha respondeu a rir:

“O melhor é você vê-los. Olhe”, e ela apontou para noroeste, “consegue ver ali uma casa em construção?”

“Estou vendo, e fico muito surpreso por eles não estarem, como nós, na colheita de feno nesta época do ano.”

As moças riram todas e, antes que passasse o riso, o barco atracou e elas subiram, ligeiras, ainda rindo, enquanto os recém-chegados nos desejavam um bom dia. Mas, antes que tornassem a partir, a moça alta falou:

“Perdoem-nos as nossas risadas, queridos amigos, mas tivemos uma discussão amigável com os construtores que ali estão e, como não temos tempo para lhes contar a história, vocês deveriam ir lá para perguntar a eles; eles ficarão felizes em vê-los – desde que vocês não os impeçam de trabalhar.”

Todas tornaram a rir e nos acenaram uma bela despedida, enquanto os barqueiros partiam em direção à outra margem, deixando-nos na nossa margem ao lado do barco.

“Vamos lá visitá-los”, sugeriu Clara. “Quer dizer, se você não tiver pressa de chegar em Streatley, Walter.”

“De forma alguma, qualquer pretexto que me permita gozar um pouco mais da companhia de vocês é bem-vindo.”

E, assim, deixamos o barco atracado naquele local e subimos a encosta suave da colina; mas no caminho, um pouco intrigado, perguntei a Dick:

“Qual a razão de toda aquela risada? Qual foi a graça?”

“Já estou adivinhando”, disse Dick. “As pessoas lá em cima têm um trabalho que lhes interessa e, portanto, não querem participar da preparação do feno, o que não tem a menor importância, pois há muita gente disposta a fazer um trabalho duro e fácil como esse; acontece que, como a preparação do feno é uma espécie de festival, nossas amigas se divertem em espicaçá-los.”

“Entendo, como se, no tempo de Dickens, alguns jovens se envolvessem tanto com o próprio trabalho que esquecessem o Natal.”

“Exatamente”, respondeu ele, “só que essas pessoas não são necessariamente jovens.”

“Mas o que significa um trabalho duro e fácil?”

“Eu disse isso? Quero dizer trabalho que força e endurece os músculos e que o manda prazerosamente cansado para a cama, mas não cansa de outras formas: em resumo, um trabalho que não atormenta. É um trabalho muito agradável quando não se abusa. Mas preste atenção, a boa colheita exige um pouco de prática. Eu sou um bom ceifeiro.”

Com essa conversa chegamos à casa em construção, não muito grande, que ficava no fim de um pomar cercado por um antigo muro de pedra. “Ah, sei”, disse Dick, “lembro-me agora, um belo lugar para uma casa, mas aqui havia uma mísera casa do século XIX. É bom que eles a estejam reconstruindo: toda de pedra, embora não devesse necessariamente ficar nessa parte do país, e eles trabalham bem, embora eu preferisse ter usado pedra não cortada.”

Walter e Clara já estavam conversando com um homem alto vestindo camisa de pedreiro, que aparentava 40 anos, mas devia ser mais velho; ele tinha nas mãos um martelo e um cinzel. Havia ali cerca de 12 homens e duas mulheres trabalhando, vestidas com roupas iguais às dos homens, mas havia também uma linda mulher que não trabalhava, mas estava elegantemente vestida de linho azul, e que se aproximou com um trabalho de tricô. Ela nos deu as boas-vindas e pergun-

tou sorrindo: “Então vocês vieram do rio para ver os opositores obstinados: onde vocês pretendem trabalhar o feno, amigos?”

“Um pouco acima de Oxford”, respondeu Dick; “a colheita lá começa mais tarde. Mas o que você tem em comum com os opositores, linda amiga?”

Ela respondeu com risos: “Eu sou a felizarda que não precisa trabalhar, embora eu às vezes trabalhe como modelo para a senhora Philippa, quando ela precisa. Ela é a nossa escultora-chefe. Venham conhecê-la.”

Ela nos conduziu através da porta da casa inacabada, onde uma mulher miúda trabalhava com martelo e cinzel numa parede próxima. Parecia muito concentrada no que fazia e não se voltou quando entramos, mas uma mulher mais alta, uma bela moça, que trabalhava ao seu lado, interrompeu-se e olhou encantada para Dick e Clara. Nenhum dos outros nos deu atenção.

A moça de azul tocou o ombro da escultora e disse: “Ora, vamos, Philippa, se você engole o trabalho com tanta avidez, logo não haverá mais trabalho a fazer; então, o que vai ser de você?”

A escultora se voltou imediatamente e mostrou um rosto de cerca de 40 anos (pelo menos é o que ela aparentava), e disse, levemente irritada, mas numa voz doce:

“Não diga tolices, Kate, e não me interrompa se puder evitá-lo.” Ela calou-se ao nos ver e continuou com o sorriso de boas-vindas que nunca nos faltou. “Obrigada por virem nos visitar, amigos, mas estou certa de que não me julgarão grosseira por continuar o meu trabalho, especialmente porque estive doente e totalmente incapaz durante os meses de abril e maio; agora, o ar livre, o sol e o trabalho, mais o fato de eu me sentir bem novamente, tornaram um prazer todas as horas que passo aqui; perdoem-me, mas eu preciso continuar.”

Ela voltou ao trabalho num baixo relevo de flores e formas, mas continuou a falar entre os golpes no cinzel: “Vejam, todos nós nesta região sempre consideramos este o melhor local para uma casa, e o lugar esteve por tanto tempo ocupado por uma casa sem valor que nós, os alvencos, decidimos resgatar de uma vez destino e fatalidade

e construir a casa mais bela que se pudesse aqui implantar – e assim – e assim”

Nesse ponto, ela passou apenas a entalhar, mas o contramestre alto apareceu e disse:

“É isso, amigos: por isso ela vai ser toda feita em pedra cortada, pois queremos entalhar uma guirlanda de flores e formas em toda a sua volta; durante todo esse tempo tivemos de enfrentar diversos obstáculos – entre outros a doença de Philippa, e embora pudéssemos tecer nossa guirlanda sem ela...”

“Poderiam mesmo?”, resmungou esta última encarando a parede.

“De qualquer forma, ela é a nossa melhor entalhadora, e seria uma grosseria começar a entalhar sem ela. E assim”, continuou ele, olhando para Dick e para mim, “não poderíamos participar da colheita do feno, não é verdade, amigos? Mas o trabalho está progredindo com tal rapidez que talvez tenhamos uma semana ou dez dias para usar na colheita do trigo; e, então, como vamos trabalhar! Venham até os campos ao norte e a oeste daqui e verão o que são bons ceifeiros, amigos.”

“Viva uma bela bazófia!”, gritou uma voz do alto de um andaime acima de nós. “Nosso contramestre pensa ser aquele um trabalho mais fácil do que assentar uma pedra sobre a outra!”

Esse chiste provocou um riso geral, ao qual se uniu o próprio contramestre; foi quando vimos um rapaz trazer uma mesinha até a sombra da casa de pedra, ali deixando-a para ir buscar o infalível frasco embalado em vime e taças altas, e para onde o contramestre nos levou para sentarmos sobre assentos de pedra, dizendo:

“Bem, amigos, bebamos para que minha bazófia se realize, ou vou pensar que vocês desconfiam de mim! Vocês aí no alto! Desçam para brindar conosco!” Três dos trabalhadores desceram correndo a escada, como o fazem os bons alveneiros; mas os outros não responderam, apenas o engraçadinho (se o pudermos chamar assim), que gritou sem se voltar: “Perdoem-me amigos, por não descer, tenho de continuar. Meu trabalho não é apenas o de superintender, como o daquele senhor; mas vocês, colegas, poderiam mandar um cálice para brindarmos à saúde dos que vão colher o feno.” Evidentemente Philippa não

se desligou do trabalho que adorava, mas a outra entalhadora veio e descobrimos ser ela a filha de Philippa, uma moça alta, de cabelos negros, com rosto de cigana e de maneiras sóbrias. Os outros se reuniram em torno de nós e batemos os cálices, e os homens no alto do andaime se voltaram e beberam à nossa saúde; mas a mulherzinha ocupada junto à porta não quis participar, apenas encolheu os ombros quando sua filha se aproximou e a tocou.

E assim nos despedimos e nos afastamos dos opositores obstinados. Começamos a descer a colina até onde estava o nosso barco e logo ouvimos o bater dos martelos misturado ao zumbido das abelhas e ao canto das cotovias acima das campinas de Basildon.

Capítulo 27

O ALTO TÂMISA

Walter desembarcou na margem de Berkshire, em meio a todas as belezas de Streatley, e nós seguimos nosso caminho até o que antes teria sido o interior distante sob as colinas do White Horse e, embora já não existisse o contraste entre o campo meio *cocknificado* e aquele absolutamente sem sofisticação, cresceu dentro de mim um sentimento de exultação (como geralmente acontecia) à vista das colinas da cadeia de Berkshire, conhecidas e ainda inalteradas.

Paramos em Wallingford para o almoço. Evidentemente, todos os sinais de carência e de pobreza haviam desaparecido das ruas da velha cidade, muitas casas feias demolidas e outras muito belas construídas em seu lugar, mas pareceu-me curioso que a cidade ainda lembrasse a antiga que ainda vivia na minha memória; de fato, ela era agora como a outra deveria ter sido.

Durante o almoço, conhecemos um homem já velho mas muito brilhante e inteligente, que fazia lembrar uma edição mais rústica do velho Hammond. Tinha um conhecimento extraordinário da história antiga da região desde o tempo de Alfredo até os dias das Guerras do Parlamento, das quais muitos eventos tiveram lugar nas vizinhanças de Wallingford. Mas, o que era ainda mais interessante para nós, ele tinha um registro detalhado do período desde a mudança até o estado presente, e nos contou muita coisa sobre ele, especialmente a respeito do êxodo das pessoas da cidade para o campo e sobre a recuperação gradual, pelo povo das cidades, de um lado, e pelo povo do campo, de outro, das artes da vida que os dois haviam perdido; perda essa, ele nos contou, que havia chegado ao ponto de não apenas ser impossível encontrar um ferreiro ou marceneiro numa aldeia ou numa pequena cidade, mas também de as pessoas nesses locais terem desaprendido até mesmo como fazer pão, que chegava por trem a Wallingford junto

com os jornais de Londres, feito de uma forma cuja explicação não compreendi. Ele também nos contou que as pessoas que vinham da cidade aprenderam as artes da agricultura pela observação cuidadosa de como operavam as máquinas, aprendendo com as máquinas a agricultura manual, porque naquele tempo quase tudo que se fazia no campo era feito por máquinas complexas que os trabalhadores usavam sem entender. Em compensação, os mais velhos dentre os trabalhadores começaram a ensinar aos mais jovens um pouco do artesanato, como o uso do serrote e da plaina, a arte do ferreiro, e outras, pois, naquele tempo, os homens já não eram mais capazes de qualquer coisa mais difícil do que – ou melhor, tão difícil quanto – preparar manualmente um cabo de madeira para o ancinho, tornando necessárias máquinas caríssimas, uma equipe especializada de trabalhadores e alguns dias de viagem para se conseguir um trabalho de valor mínimo. Ele nos mostrou, entre outras coisas, a história do conselho de uma cidade que trabalhou duro no desenvolvimento desse tipo de coisas, e o relato do esforço deliberado para chegar ao fundo de problemas que, em tempos anteriores, teriam sido considerados triviais, como, por exemplo, as proporções corretas de álcali e óleo para fazer o sabão, ou a temperatura exata de cozimento do pernil de carneiro – tudo isso, mais a completa ausência de espírito de equipe, que certamente havia existido em época anterior nas assembléias das aldeias, foi divertido sem deixar de ser instrutivo.

Depois da refeição e de um repouso, o velho, cujo nome era Henry Morsom, nos levou até um amplo salão que continha uma grande coleção de artigos industrializados e artesanais desde os últimos dias da era da máquina até aquele dia; ele os examinou conosco e nos deu explicações muito cuidadosas. Tais artigos eram também muito interessantes por mostrarem a transição do trabalho mecânico (que teve seu ponto alto um pouco depois da guerra civil já mencionada) até os primeiros anos do novo período do artesanato. Evidentemente os períodos se imbricavam muito: no início, o artesanato se desenvolveu muito lentamente.

“É preciso lembrar”, disse o velho antiquário, “que o artesanato não foi o resultado do que se chamava então necessidade material: pelo contrário, naquele tempo as máquinas estavam tão desenvolvidas que faziam praticamente todo o trabalho necessário; de fato, muitas pessoas da época e de antes dela pensavam que as máquinas acabariam por superar totalmente o artesanato, o que certamente parecia muito provável. Mas houve outro ponto de vista, muito menos lógico, dominante entre os ricos antes dos dias de liberdade, que não desapareceu imediatamente depois do início da nova era. Essa opinião, que na época parecia muito natural como hoje parece absurda, era a de que, quando o trabalho diário fosse inteiramente feito pelas máquinas, as energias da parte mais inteligente da humanidade seriam liberadas para as formas superiores da arte, da ciência e do estudo da história. Não é estranho que tal aspiração tenha sido esquecida depois de atingida a completa igualdade que hoje reconhecemos como o vínculo de toda sociedade humana feliz?”

Não respondi, mas concordei. Dick ficou pensativo e então disse:

“Estranho, amigo? Não sei. Sempre ouvi de meu velho avô que a única meta das pessoas do tempo anterior ao nosso era evitar o trabalho, ou pelo menos elas pensavam ser esta; portanto o trabalho diário que eram *forçadas* a fazer se parecia mais com trabalho do que aquele que *pareciam* escolher por si mesmas.”

“É verdade”, concordou Morsom. “De qualquer forma, logo eles começaram a ver que estavam errados e que somente os escravos e os donos de escravos poderiam viver apenas do trabalho das máquinas.”

Clara interveio, corando um pouco ao falar:

“O erro em que incorreram não nasceu da vida de escravidão que viviam? Uma vida que encarava tudo, animado ou inanimado, exceto a humanidade – a ‘natureza’ como diziam então as pessoas – como uma coisa e a humanidade como outra coisa diferente. Era natural que as pessoas pensassem dessa forma, que tentassem transformar a ‘natureza’ em escrava, pois eles a viam como algo externo a si próprios.”

“Certamente”, concordou Morsom, “e ficaram desorientados, sem saber o que fazer, até descobrirem que o sentimento de rancor contra

a máquina, que se iniciara antes da Grande Mudança entre pessoas que tinham tempo para pensar nessas coisas, se espalhava imperceptivelmente; até que, enfim, disfarçado como prazer que não deveria ser trabalho, o trabalho que era prazer começou a expulsar o trabalho mecânico, que tinham uma vez esperado no máximo reduzir a limites estreitos mas do qual nunca conseguiram se libertar, e que, ademais, descobriram não poder limitar como queriam.”

“E quando essa revolução começou a se impor?”, perguntei.

“No meio século que se seguiu à Grande Mudança”, respondeu Morsom, “ela começou a ser digna de nota; uma máquina depois da outra era silenciosamente desativada sob o pretexto de que máquinas não produzem obras de arte, e que as obras de arte se tornavam cada vez mais necessárias. Vejam, aqui estão alguns trabalhos daquela época – um artesanato grosseiro e inábil, mas forte e já denotando o prazer da execução.”

“São muito curiosos”, observei, tomando nas mãos uma peça de cerâmica entre os espécimes que o antiquário nos mostrava, “completamente diferente do trabalho de bárbaros ou selvagens, e ainda assim trazem impresso o que se poderia chamar ódio à civilização.”

“É verdade”, disse Morsom, “nela não existe delicadeza: nesse período ela só poderia ser encontrada num homem que fosse praticamente um escravo. Mas hoje, veja”, disse ele, levando-me um pouco adiante, “aprendemos o segredo do artesanato e acrescentamos o refinamento máximo da execução à liberdade de criação e de imaginação.”

Olhei e fiquei extasiado diante da habilidade e da beleza do trabalho de um homem que havia finalmente aprendido a aceitar a vida como um prazer, e a satisfação das necessidades comuns da humanidade e a preparação para elas como um trabalho digno dos melhores da raça. Ponderei em silêncio e, afinal, disse:

“O que há de vir depois?”

O velho riu. “Não sei; vamos descobrir quando acontecer.”

“Enquanto tal não acontece”, disse Dick, “temos ainda a percorrer a jornada de hoje; já para a rua e de lá para o rio! Gostaria de nos acompanhar, amigo? Nosso companheiro está ansioso por suas histórias.”

“Vou com vocês até Oxford. Preciso de um ou dois livros da Biblioteca Bodleian. Imagino que vocês tencionam dormir na velha cidade.”

“Não”, respondeu Dick, “vamos até mais acima; o feno nos espera.”

Morsom anuiu, saímos todos para a rua e entramos no barco um pouco acima da ponte da cidade. Mas, no momento em que Dick ajustava os remos às forquetas, a proa de outra embarcação apareceu sob o arco. Mesmo à primeira vista era uma embarcação alegre – verde clara, pintada com flores muito bem desenhadas. Ao passar sob o arco, uma figura vestida de forma tão elegante e alegre quanto a própria embarcação ergueu-se nela: uma moça esbelta, vestida de seda azul clara que flutuava ao vento sob a ponte. Pensei conhecê-la e, quando ela se voltou para nós e mostrou o lindo rosto, vi com alegria que não era outra senão a fada madrinha do jardim de Runnymede – Ellen.

Paramos para recebê-la. Dick se levantou no barco e gritou amavelmente um bom dia; tentei ser tão amável quanto ele, mas fracassei; Clara acenava delicadamente para ela e Morsom observava com interesse. Quanto a Ellen, o lindo bronzeado de seu rosto ficou mais profundo pelo rubor, quando ela trouxe o seu barco para junto do nosso e disse:

“Vejam, amigos, eu não tinha certeza de que vocês iriam voltar por Runnymede, nem de que, se fizessem por lá o retorno, iriam ali parar; além disso tudo, não estou certa de que estaríamos lá, meu pai e eu, em uma ou duas semanas, pois ele pretende visitar um irmão que vive no norte, e eu não gostaria que ele fosse sem mim. E, assim, ocorreu-me que eu talvez nunca mais os visse e, como a idéia me desagradou, decidi vir procurá-los.”

“Muito bem”, disse Dick. “Estamos certamente muito felizes; mas, quanto a mim e Clara, pode ter certeza de que faríamos questão de visitá-los na volta, e de voltar uma segunda vez se não os encontrássemos na primeira. Mas, caro amigo, aí está você, sozinho no barco, tendo já remado com força e por tanto tempo, assim me parece, você deveria apreciar um alívio desse esforço; sendo assim, acho melhor dividirmos em dois o nosso grupo.”

“Isso mesmo”, completou Ellen, “imaginei que você fosse sugerir exatamente isso, portanto trouxe um leme para o meu barco: quer por favor ajudar-me a instalá-lo?”

Ela foi para a popa do seu barco e empurrou até trazê-la para perto de Dick. Ele se ajoelhou no nosso barco e ela no dela, e os dois se concentraram no trabalho de fixar o leme aos ganchos do barco, pois, como se pode imaginar, não houvera grandes mudanças em coisas simples como a forma de fixar o leme a uma canoa de passeio. Enquanto se uniam concentradas no leme, as duas belas cabeças me pareceram próximas demais e, apesar de ter durado apenas um instante, uma dor me atravessou ao observá-los. Clara, sentada no seu posto, não se voltou para olhar, mas disse sem a menor tensão na voz:

“E como vamos nos dividir? Não seria melhor você passar para o barco de Ellen, Dick, pois, sem querer ofender o nosso visitante, você rema melhor?”

Dick se levantou, colocou a mão no seu ombro e disse:

“Não, não; deixemos Guest mostrar do que é capaz – agora ele já deve estar bem treinado. Ademais, não temos pressa: não vamos muito além de Oxford e, mesmo que a noite nos surpreenda, teremos a lua, que fará da noite nada pior do que um dia escuro.”

“E além disso”, falei, “tenho força para fazer com o barco um pouco mais do que meramente evitar que desça com a corrente.”

Todos riram, como se a minha pilhéria fosse muito engraçada, e me pareceu que o riso de Ellen, mesmo que em meio ao dos outros, era um dos sons mais maravilhosos que eu já ouvira.

Resumindo, bastante entusiasmado, passei para o barco recém-chegado e tomei os remos disposto a me exhibir. Pois – será necessário dizê-lo? – sentia que aquele mundo feliz parecia ainda mais feliz pela presença tão próxima daquela linda moça, embora eu tenha de dizer que, de todas as pessoas que eu havia visto neste mundo renovado, ela me parecia a mais estranha, a mais diferente do que minha imaginação poderia conceber. Clara, por exemplo, linda e alegre como era, não era diferente de outras jovens *muito* simpáticas e sem afetação e as outras moças também pareciam ser nada mais que espécimes aperfei-

coados daqueles mesmos tipos que eu já conhecera de outros tempos. Mas essa moça não só tinha uma beleza muito diferente da de “jovem dama”, mas era também interessante de uma forma estranha, e eu ficava na expectativa do que ela iria dizer ou fazer para me surpreender e me agradar. Não que houvesse qualquer coisa de espantoso no que ela fazia ou dizia, mas tudo era feito de uma forma nova, sempre com aquele interesse e aquele prazer de viver indefiníveis que eu percebia em todos, mas que nela eram mais acentuados e mais encantadores do que em qualquer outra pessoa.

Logo estávamos a caminho atravessando com bom ritmo os trechos do rio entre Bensington e Dorchester. Era agora o meio de uma tarde mais cálida do que quente e sem vento; as nuvens altas e claras, brancas como pérolas, suavizavam o calor do sol, mas deixavam ver aqui e ali grandes manchas de um céu azul claro, parecendo dar-lhe peso e consistência. Resumindo, o sol parecia aquela cúpula de que falam os poetas, não apenas o ar sem limite, mas uma cúpula tão grande e cheia de luz que não se sentia no espírito qualquer opressão. Era uma tarde como aquela em que Tennyson pensava quando falou da terra dos comedores de ópio como o lugar onde era sempre à tarde. Ela se recostou à popa e parecia completamente à vontade. Eu via que ela olhava atentamente todas as coisas, sem deixar que nada lhe escapasse e, ao observá-la, desapareceu de minha mente o sentimento um tanto doloroso de que ela tivesse sido tocada pelo amor do belo e forte Dick e de que esse amor a tivesse levado a nos procurar, pois se tal fosse verdade, ela não estaria tão excitada e feliz nem mesmo diante das cenas tão belas por que passávamos. Durante algum tempo ela falou pouco, mas, finalmente, quando passávamos sob a ponte de Schillingford (reconstruída mais ou menos conforme as linhas antigas), ela me disse para parar o barco para que ela pudesse ver bem a paisagem de sob o arco gracioso. Então ela se voltou para mim e disse:

“Não sei se fico alegre ou triste por ser esta a primeira vez que visito estas paragens. É verdade que é um prazer ver tudo isso pela primeira vez; mas se tivesse a lembrança de um ou dois anos, ela se comporia tão docemente à minha vida, acordada ou em sonho! Estou

muito feliz por Dick ter passado tão lentamente, pelo ócio gostoso que se goza aqui. Como você se sente nesta primeira visita a estas águas?”

Não acredito que ela estivesse me preparando uma armadilha, mas caí nela e disse:

“Minha primeira visita! Esta não é a minha primeira visita, conheço bem estas paragens; posso mesmo dizer que conheço o Tâmis de Hammersmith até Cricklade como a palma da minha mão.”

Percebi a complicação em que estava me metendo, pois seus olhos fixaram os meus com a mesma expressão curiosa que eu já havia observado em Runnymede, a mesma que eu via quando dizia algo que tornava difícil para essas pessoas entenderem minha posição entre elas. Corei e, para tentar disfarçar meu erro, disse: “Não entendo como você não tenha subido até aqui, pois você mora no Tâmis e rema tão bem que isso não lhe teria exigido grande esforço. Sem falar”, disse eu, insinuante, “que qualquer um ficaria muito feliz de poder remar para você.”

Ela riu, claramente não pelo meu cumprimento (como eu sabia que ela não precisaria ter rido por ser tão lugar-comum), mas de alguma coisa que se agitava na sua mente; ela me olhou afavelmente, mas ainda com aquela expressão nos olhos e disse:

“Bem, talvez pareça mesmo estranho, embora eu viva muito ocupada cuidando da casa e de papai e lidando com dois ou três jovens que têm um amor especial por mim e aos quais não posso satisfazer de uma só vez. Mas você, caro amigo, parece-me ainda mais estranho conhecer tão bem o Alto Tâmis do que eu não o conhecer, pois entendi que sua visita à Inglaterra havia sido breve. Mas talvez você queira dizer que leu a respeito e viu o rio nas figuras dos livros? Mas também não acho que isso seja muito provável.”

“É verdade”, respondi. “Além do mais, não li livro algum sobre o Tâmis: uma das pequenas idiotices do meu tempo era ninguém se dispor a escrever um livro decente sobre o que talvez seja o único rio realmente inglês.”

As palavras nem tinham saído de minha boca e percebi ter cometido outro erro e tive raiva de mim mesmo, pois não queria me enredar numa série de mentiras dignas da *Odisséia*. Ellen pareceu entender

e não se aproveitou do meu erro; seu olhar penetrante mudou para outro por pura bondade e ela disse:

“Pois fico feliz de percorrer com você estas águas, já que as conhece tão bem e eu nada conheço acima de Pangbourne, porque quero saber tudo sobre o rio.” Ela fez uma pausa e continuou: “Ainda assim, você deve entender que a parte que conheço, a conheço tão bem quanto você. Não quero que pense que eu desprezo uma coisa tão linda e interessante como o Tâmis.”

Ela disse isso com grande seriedade e com um ar afetuoso que me encheu de prazer, mas percebi que ela estava apenas guardando para mais tarde as suas dúvidas a meu respeito.

Logo chegamos à eclusa de Day, onde Dick e seus dois passageiros nos esperavam. Ele me convidou a ir a terra, como se para me mostrar algo que eu jamais houvesse visto; eu o segui com prazer, Ellen ao meu lado, até Dykes, de que bem me lembrava, e a alta igreja além deles, que ainda era usada para vários misteres pelo povo bom de Dorchester, onde a casa de hóspedes ainda exibia a flor-de-lis que ostentava nos dias em que se vendia e se comprava hospitalidade. Mas desta vez não dei qualquer sinal de já conhecer tudo aquilo: apesar de, ao olharmos do alto da colina de Dykes na direção de Sinodun e seu canal bem cortado, e do montículo gêmeo de Whittenham, eu ter sentido certo desconforto sob o olhar sério e atento de Ellen, que quase arrancou de mim o grito: “Mas como tudo aqui mudou pouco!”

Paramos mais uma vez em Abingdon, que me parecia, assim como Wallingford, antiga e nova ao mesmo tempo, pois havia sido arrancada da degradação do século XIX, mas continuava mesmo assim quase absolutamente inalterada.

O ocaso brilhava no céu quando contornamos Oxford por Osney; paramos por um ou dois minutos ao lado do antigo castelo para desembarcar Henry Morsom. Não preciso dizer que, desde que fossem visíveis do rio, não perdi nenhuma das torres e agulhas daquela cidade antes dominada pelos mestres; os campos em volta que, quando vistos pela última vez me pareciam cada vez mais esqueléticos e mais marcados pela “agitação e a vida intelectual do século XIX”, já não eram inte-

lectuais, mas voltaram a ser tão belos como deveriam ser, e a pequena colina de Hinksey, onde agora se viam duas ou três belas casas de pedra plantadas (uso esta palavra de propósito, pois elas pareciam fazer parte da colina), dominava os rios cheios e os campos, agora cinzentos, não fora pela luz do poente, com as sementes que amadureciam rapidamente.

Tendo desaparecido a ferrovia, e com ela as várias pontes sobre o rio, logo estávamos atravessando a eclusa de Medley para entrar nas amplas águas que irrigam os campos de Port Meadow com sua grande população de gansos em nada reduzida; e me pareceu interessante como o nome e o uso se preservaram desde o período comunitário imperfeito, ao longo do tempo da luta destruidora em nome da propriedade privada e da tirania desta, até chegar à atual paz e felicidade do comunismo integral.

Descemos à terra e fui levado até Godstow para ver as ruínas do antigo convento de freiras, que ainda estavam nas mesmas condições em que eu as conhecera; e do alto da ponte acima do canal próximo pude ver, mesmo à luz mortiça do ocaso, como ficara bela a pequena aldeia com suas casas de pedra; pois tínhamos acabado de chegar à região das pedras, onde todas as casas ou devem ser construídas de pedra, das paredes até o teto, ou devem se transformar em borrões na paisagem.

Ainda continuamos remando além desse ponto, Ellen aos remos do meu barco; passamos uma eclusa um pouco acima, e cerca de cinco quilômetros adiante entramos sob o luar numa cidadezinha onde dormimos numa casa pouco habitada, pois a maior parte de seus moradores estava acampada nos campos de feno.

Capítulo 28

O RIO PEQUENO

Partimos antes das 6 horas na manhã seguinte, pois ainda estávamos a mais de 40 quilômetros do nosso destino, e Dick pretendia estar lá antes do anoitecer. A viagem era aprazível, embora para os que não conhecem o Alto Tâmis a pouco haja para contar. Ellen e eu estávamos juntos novamente no seu barco, embora Dick, a bem da verdade, preferisse que eu fosse para o dele e deixasse as duas moças para remar o brinquedo verde. Contudo, Ellen não concordou, dizendo que eu era a pessoa interessante do grupo. “Depois de ter chegado até aqui, não vou ficar com uma pessoa que pensa todo o tempo em alguém que não eu: nosso amigo é o único que sabe me divertir. É a pura verdade”, ela olhou para mim, “e não apenas algo simpático de se dizer.”

Clara enrubesceu e pareceu muito feliz, pois acho que até então ela receava Ellen. Quanto a mim, senti-me novamente jovem, e estranhas esperanças de minha juventude se misturavam ao prazer de agora; às vezes quase a destruí-lo, outras vezes a transformá-lo em algo semelhante à dor.

Ao percorrermos os trechos mais curtos e sinuosos da correnteza agora mais lenta, Ellen disse: “Como este riozinho me parece simpático, a mim que estou acostumada ao grande rio volumoso; é quase como se não pudéssemos continuar depois do fim de cada trecho. Espero, antes de chegarmos ao abrigo desta noite, chegar à conclusão de que a Inglaterra é um país realmente pequeno, já que chegamos facilmente à cabeceira de seu maior rio.”

“Ele não é grande, mas é lindo.”

“É verdade”, disse ela, “e é difícil acreditar que houve época em que este país tão lindo foi tratado por seu próprio povo como uma terra feia e sem valor, desprovida da beleza delicada que exige prote-

ção, sem que se percebessem a passagem constante das estações, a mudança do tempo e a diversidade de seu solo. Como as pessoas podiam ser tão cruéis consigo próprias?”

“E umas com as outras”, completei. Nesse momento fui repentinamente dominado por uma resolução e disse:

“Querida amiga, quero lhe dizer de uma vez por todas que para mim é mais fácil do que para você imaginar todo aquele passado feio, porque eu próprio fui parte dele. Percebi que você já adivinhou em mim parte dessa história e acho também que você vai acreditar quando eu lhe contar a respeito daquele mundo, não vou mais esconder nada de você.”

Ela ficou durante algum tempo em silêncio, então disse:

“Meu amigo, você me entendeu com toda clareza; para falar a verdade, eu os segui de Runnymede para poder lhe perguntar muitas coisas, e porque vi que você não era um de nós. Tudo isso me fez muito interessada e feliz e quis que você fosse tão feliz quanto fosse possível. Para dizer a verdade, eu vi um risco”, disse ela, corando, “quero dizer, Dick e Clara, pois tenho de lhe dizer, já que vamos ser amigos íntimos, que entre nós, onde há tantas mulheres lindas, eu sempre perturbei desastrosamente os homens. Esta é uma das razões por que vivo sozinha com meu pai naquela casa em Runnymede, o que também não funcionou. Sempre havia visitantes, pois o lugar não é um deserto, que pareciam me achar ainda mais interessante e começavam a inventar para si histórias sobre mim, como sei que aconteceu com você, meu amigo. Bem, vamos esquecer. Esta noite, ou talvez amanhã de manhã, quero lhe propor algo que me agradaria muito e que não lhe trará prejuízo.”

Interrompi, ansioso, dizendo que por ela faria tudo, pois, de fato, apesar da idade e dos sinais já tão claros dos anos (embora aquela sensação de juventude renovada não parecesse apenas uma sensação passageira) – apesar de minha idade, eu dizia, sentia-me muito feliz na companhia daquela linda jovem e estava preparado para receber suas confidências, talvez por mais até do que realmente valessem.

Ela riu, mas me olhou amavelmente.

“Bem, por enquanto vamos deixar as coisas como estão, pois quero ver o lugar que estamos percorrendo. Veja como o rio mudou mais uma vez de característica; ele agora é largo, os trechos são longos e a água corre lenta. Veja, uma ponte!”

Eu lhe disse o nome da ponte enquanto reduzia a velocidade ao colocá-la sobre nossas cabeças e continuamos, passando por uma margem coberta de carvalhos à nossa esquerda, até o rio se estreitar novamente e ficar mais profundo e começarmos a remar entre paredes altas de juncos cuja população de pardais e diferentes pássaros canoros se agitava deliciosamente, piando e cantando enquanto o barco deixava uma esteira que agitava o junco naquela manhã quente e sem vento.

Ela sorria, feliz, e a fruição preguiçosa da nova paisagem parecia aumentar a sua beleza quando ela se inclinava para trás entre as almoçadas, apesar de ela ser tudo menos lânguida; sua preguiça era a preguiça de uma pessoa forte e bem constituída de corpo e mente que descansa porque tem vontade.

“Veja!” Ela se levantou de repente e sem esforço e equilibrou-se graciosa e facilmente: “Veja que bela ponte à nossa frente!”

“Não preciso olhar para ela”, disse eu sem tirar os olhos de sua beleza. “Eu sei qual é; embora em tempos idos ela não tivesse o nome de Ponte Velha.”

Ela me olhou com ternura e disse:

“Como nos damos bem agora que você nada esconde de mim.”

E ela continuou a me olhar, pensativa, até que tivesse de sentar para passarmos sob um dos pequenos arcos que compõem a mais antiga das pontes sobre o Tâmis.

“Que lindos os campos! Não fazia idéia do encanto que é um rio pequeno como este. A pequena escala de tudo, os trechos curtos, a mudança repentina das margens dão uma sensação de que se está em movimento, de que se vai chegar a algo estranho, uma sensação de aventura que eu não tinha em águas largas.”

Olhei deliciado para ela, pois sua voz ao dizer exatamente o que eu pensava era para mim como uma carícia. Ela percebeu meu olhar, as faces enrubesceram sob o bronzeado e ela disse com simplicidade:

“Tenho de lhe contar, amigo, que quando meu pai deixou o Tâmisia neste verão, ele vai me levar para um lugar próximo à muralha romana em Cumberland, portanto, esta minha viagem é o meu adeus ao sul; é claro que de um lado estou feliz e, ainda assim, estou triste. Ontem não tive coragem de contar a Dick que nós praticamente já não moramos às margens do Tâmisia, mas para você tenho de contar.”

Ela parou, pensou um pouco e continuou, sorrindo:

“Não gosto de me mudar de uma casa para outra; ficamos acostumados com todos os detalhes da vida em cada lar; cada um se ajusta de forma tão harmoniosa e feliz à nossa vida que começar de novo é uma espécie de dor. Mas acredito que no país de onde você vem isso seja considerado pequeno e pouco ousado, e talvez você pense mal de mim.”

Ela sorriu carinhosa para mim ao falar, e me apressei a responder:

“É claro que não; mais uma vez você repete exatamente o que penso. Mas não esperava ouvir isso de você. De tudo o que ouvi, pensei que vocês neste país se mudassem de casa com muita frequência.”

“Bem, é claro que as pessoas são livres para ir e vir, mas, a não ser por viagens de prazer, especialmente nas épocas de colheita e do feno, como esta de vocês, não acho que as pessoas se mudem muito. Admito que eu também às vezes prefiro não ficar em casa, como falei agora, e gostaria de percorrer com vocês toda a região ocidental, sem pensar em nada”, concluiu com um sorriso.

“Pois eu vou ter muito em que pensar”, respondi.

Capítulo 29

A PARADA NO ALTO TÂMISA

Logo, num lugar onde o rio contornava um promontório coberto pela campina, paramos para descansar e nos alimentar, e nos instalamos numa bela praia que tinha quase a dignidade de uma colina: as extensas campinas se estendiam à nossa frente e a segadeira já estava ativa no meio do capim. Notei uma coisa em meio à beleza tranqüila dos campos – a saber, havia árvores plantadas aqui e ali, geralmente frutíferas, e não se poupava espaço para uma bela árvore de que eu bem me lembrava e, embora os salgueiros fossem podados (ou amortalhados como se diz naquela parte do país), quem podava não descurava da beleza, quero dizer, eles não eram podados em fileiras, o que destrói a beleza de um quilômetro de terreno, mas numa seqüência cuidadosa de corte que evitava a nudez repentina em algum ponto. Resumindo, os campos por todo lado eram tratados como um jardim criado para o prazer e para a subsistência de todos, como me havia explicado o velho Hammond.

Nessa margem, ou nessa curva do rio, nós fizemos então a nossa refeição do meio-dia; ainda um pouco cedo para o almoço, se fosse importante a hora de uma refeição, mas estávamos ativos desde muito cedo. A fina correnteza do Tâmis serpenteava lá embaixo margeada dos dois lados pela terra que era o jardim que venho descrevendo; a 200 metros de nós havia uma pequena ilha coberta de árvores graciosas; nas encostas a oeste havia uma floresta variada margeando a campina na margem sul do rio; ao norte havia uma extensão de campo que subia gradualmente a partir da margem do rio. A delicada agulha de uma edificação antiga se erguia do meio das árvores a meia distância, cercada por algumas casas cinzentas, enquanto mais próximo de nós, acredito que a menos de 100 metros da água, havia uma casa de pedra bem moderna – um quadrado grande de um andar, composto

por edifícios muito baixos. Não havia jardins entre ele e o rio, nada além de uma fileira de pereiras ainda muito novas e finas e, apesar de não parecer muito ornamentado, tinha uma espécie de elegância natural, como as próprias árvores.

Ficamos ali sentados a olhar toda essa beleza de um doce dia de junho, mais felizes do que alegres; Ellen, sentada ao meu lado, as mãos abraçando um joelho, inclinou-se para o meu lado e disse em voz baixa que Dick e Clara poderiam ter ouvido se não estivessem tão ocupados no seu amor sem palavras: “Amigo, na sua terra as casas dos camponeses eram parecidas com essas?”

“Bem, pelo menos as casas dos ricos não eram; não passavam de borões na paisagem.”

“Acho difícil de entender. Entendo a razão por que os trabalhadores, tão oprimidos, não podiam morar em belas casas, pois para construir belas moradias são necessários tempo, lazer e mentes desanuviadas; entendo por que essas pobres pessoas não podiam ter essas coisas boas e (para nós) necessárias. Mas que os ricos, que tinham o tempo, o ócio e os materiais para construir, não se abrigassem bem, não consigo entender. Sei o que você está querendo me dizer: que as casas deles e todos os seus pertences eram feios e sem graça, exceto o que sobrou do trabalho de nossos antepassados, como aquele que ali vemos; que eles eram... deixe-me ver, qual é a palavra?”

“Vulgares”, disse eu. “Dizíamos que a feiúra e vulgaridade das moradias dos homens ricos eram um reflexo necessário da sordidez e da aridez da vida que impunham aos pobres.”

Ela contraiu os sobrolhos, pensando; voltou então para mim o rosto alegre, como se tivesse entendido a idéia e disse:

“É verdade, amigo, entendo o que você quer dizer. Nós às vezes discutimos esse problema, aqueles de nós que se interessam por tais questões; porque, para dizer a verdade, temos muitos registros do que chamamos arte do tempo anterior à Igualdade de Vida, e não faltam pessoas que afirmam que a condição da sociedade não era a causa de toda aquela feiúra, que elas eram feias na vida deles porque eles gostavam de coisas feias, e que poderiam se cercar de belas coisas se assim

escolhessem, exatamente da mesma forma que um homem, ou um grupo de homens, pode, se assim desejar, fazer coisas mais ou menos belas... Pare! Já sei o que você vai dizer agora.”

“Sabe mesmo?”, perguntei, sorrindo, com o coração a bater acelerado.

“Sei; de uma forma ou de outra, você está me respondendo, está me ensinando, apesar de não ter pronunciado uma palavra. Você estava a ponto de dizer que nos tempos da desigualdade, a condição essencial da vida dos ricos era o fato de não produzirem eles próprios as coisas que usavam como adorno de suas vidas, mas o de serem aqueles que forçavam quem os fabricava a viver uma vida sórdida e miserável, e que a consequência necessária da sordidez e da aridez dessa vida se reproduzia nos adornos da vida dos ricos, e a arte morreu entre os homens. Era isso o que você ia dizer, amigo?”

“Era, era”, respondi olhando, ansioso, para ela, que se levantara e se inclinava sobre a beira da encosta, a brisa a agitar sua roupa leve, uma mão sobre o peito, o outro braço esticado com a mão fervorosamente fechada.

“É verdade”, ela disse, “é verdade! Nós provamos que é verdade!”

Parece-me que, no meio do meu interesse mais que especial nela, de minha admiração por ela, comecei a me perguntar como tudo aquilo iria terminar. Tive um lampejo de medo pelo que poderia acontecer, de ansiedade quanto ao remédio oferecido por esse novo tempo para a falta de alguma coisa escolhida pelo coração. Mas, nesse momento, Dick se levantou e gritou na sua maneira calorosa: “Amiga Ellen, você está brigando com nosso hóspede, insistindo para que conte coisas que ele não pode explicar à nossa ignorância?”

“Nada disso, querido amigo”, respondeu ela. “Tanto não brigava com ele que acredito ter feito dele um grande amigo de si próprio e meu. Não é verdade, querido amigo?” Ela olhou para mim com um sorriso delicioso de confiança por ter sido compreendida.

“É verdade”, concordei.

“Muito bem, digo ademais que ele se explicou muito bem para mim, e agora eu o compreendo completamente.”

“Muito bem”, disse Dick. “A primeira vez que pus os olhos em você, em Runnymede, tive a certeza de que havia algo de maravilhoso na sua inteligência. Não o digo para lhe ser simpático”, disse rapidamente, “mas porque é verdade, e isso me fez querer tornar a vê-la. Mas vamos, já é hora de partir, pois ainda estamos longe e temos de chegar bem antes do pôr-do-sol.”

E, ao dizer isso, tomou a mão de Clara e a conduziu encosta abaixo. Mas Ellen ficou pensativa a olhar para baixo e, quando tomei sua mão para descermos, ela se voltou para mim dizendo:

“Se quisesse, você poderia me contar e esclarecer muitas coisas.”

“É claro”, respondi. “Estou pronto para fazê-lo – e para nada mais, um velho como eu.”

Ela não fez caso da minha amargura, que transpareceu na voz com que falei, e continuou:

“Não é tanto por mim; eu me contento em sonhar com tempos passados e, se não posso imaginá-los, posso imaginar pessoas que viveram neles. Mas às vezes tenho a impressão de que as pessoas aqui desprezam muito a história do passado, prontas a deixá-la nas mãos de pessoas eruditas como Hammond. Quem sabe? Se hoje somos felizes, os tempos podem se alterar; podemos ser picados pelo impulso de mudança e muitas coisas podem parecer maravilhosas demais para que possamos resistir, excitantes demais para que desistamos de buscá-las, se não soubermos que são fases do que já aconteceu antes e, como antes, ruinosas, enganosas e sórdidas.”

Enquanto descíamos a encosta até os barcos, ela disse mais uma vez:

“Não se trata apenas de mim, caro amigo; vou ter filhos, talvez muitos antes do fim; é o que espero. E embora eu não possa evidentemente impor-lhes conhecimentos especiais, ainda assim, amigo, é impossível não pensar que assim como podem se parecer comigo fisicamente, talvez eu possa imprimir neles uma parte do que penso, que é uma parte essencial do que sou, a parte que não se resume aos humores, que podem ser criados por acontecimentos e coisas à minha volta. O que você acha?”

De uma coisa eu estava certo, de que sua beleza e sua bondade e seu interesse combinados me forçavam a pensar da mesma forma que ela, sempre que ela não se colocava completamente aberta para receber meus pensamentos. Disse, o que então era verdade, que eu considerava muito importante, e logo fiquei enfeitiçado pela sua graça ao subir no barquinho e ao estender a mão para mim. E assim continuamos a subir ainda o Tâmis – ou para onde?

Capítulo 30

O FIM DA VIAGEM

C
Continuamos a viagem. Apesar de minha recém-nascida excitação por Ellen e do meu medo crescente da forma como sairia dali, não podia evitar o interesse abundante nas condições do rio e suas margens, tanto mais que ela nunca se cansava da paisagem cambiante, mas examinava detalhadamente as margens floridas e todos os redemoinhos gorgolejantes do rio com o mesmo interesse afetuosos que já fora meu e que eu talvez não tivesse perdido, nem mesmo nessa sociedade estranhamente alterada com todas as suas maravilhas. Ellen parecia se encantar com o meu prazer diante disso ou daquilo ou de alguma manifestação de cuidado no tratamento do rio, o zelo com os belos recantos, o engenho da solução dos problemas de engenharia da água, de forma que, por mais úteis que fossem, os equipamentos eram sempre belos e naturais. Tudo isso me agradava enormemente, e ela, se tinha prazer com o meu prazer, estava também muito intrigada.

“Você parece surpreso”, disse ela assim que acabamos de passar por um moinho¹ que tomava toda a largura do rio exceto o canal reservado ao tráfego, mas que ainda assim era belo como uma catedral gótica. “Parece espantado por ele ser tão belo de se ver.”

“É verdade, de certa forma estou, embora não consiga entender por que não haveria de sê-lo.”

Ela me olhou cheia de uma admiração em que se espreitava um sorriso.

“Ah! Você conhece tudo sobre a história do passado. As pessoas não foram sempre cuidadosas com esse riozinho que acrescenta tanta

1. Eu deveria ter dito que ao longo de todo o Tâmisia havia uma abundância de moinhos usados com diversos fins, nenhum deles feio e muitos deles espantosamente lindos, e os jardins em torno deles eram maravilhas de encanto (Nota do Autor).

beleza à paisagem? Seria tão fácil cuidar deste riozinho. Ah, esqueci”, disse ela, ao olhar nos meus olhos, “nos dias de que falamos, não havia prazer nessas coisas. Mas como se usava o rio no tempo em que você...” Ela ia dizer vivia, mas corrigiu-se a tempo e disse: “nos dias de que você tem conhecimento.”

“Eles descuidavam do rio. Até a primeira metade do século XIX, quando ele ainda era mais ou menos um caminho para o povo do campo, tomava-se algum cuidado com o rio e suas margens e, embora eu não creia que alguém se preocupasse com seu aspecto, o rio era bonito e bem tratado. Mas quando chegaram, todo-poderosas, e evidentemente delas você ouviu falar, as ferrovias passaram a não permitir que os homens do campo usassem os canais, naturais ou artificiais, havendo um grande número destes últimos. Acredito que veremos um deles um pouco mais acima: um dos mais importantes, que foi completamente fechado ao público por uma das ferrovias para forçar as pessoas a enviar suas coisas pela sua via privada, cobrando o máximo que podiam.”

Ellen deu uma gargalhada.

“Bem, isso não está expresso com tal clareza nos nossos livros de história, e vale a pena ser conhecido. Mas o povo de então era, com certeza, um bando de preguiçosos. Nós não somos hoje particularmente belicosos nem exigentes, mas, se qualquer um tentasse contra nós semelhante loucura, nós continuaríamos a usar as vias fluviais, não importa quem o proibisse; certamente isso seria bem simples. Entretanto, lembro-me de outros casos semelhantes de estupidez: quando estive no Reno, há dois anos, me mostraram ruínas de antigos castelos que, pelo que nos contaram, foram construídos com o mesmo fim que as ferrovias. Mas estou interrompendo a história do rio; rogo-lhe que continue.”

“É uma história ao mesmo tempo curta e estúpida. Depois que o rio perdeu seu valor comercial ou prático, ou seja, quando já nada valia para gerar dinheiro...”

“Sei o que significa essa frase estranha. Continue.”

“Bem, foi negligenciado até finalmente se transformar num problema irritante...”

“Sei”, disse Ellen, “assim como as ferrovias e os barões assaltantes, não é?”

“Então transformaram esse problema num negócio improvisado e o transferiram para uma repartição em Londres que, de vez em quando, para mostrar serviço, fazia algum estrago aqui e ali; cortava árvores, o que causava erosão das margens, dragava o rio (onde não era necessário) e atirava o material dragado nos campos, que então ficavam imprestáveis, e coisas semelhantes. Mas geralmente praticava a ‘inatividade magistral’, ou seja, seus funcionários recebiam seus salários e não faziam coisa nenhuma.”

“Recebiam seus salários. Sei que isso significa poderem tomar uma parte extra dos bens de outras pessoas por nada fazerem. Se fosse apenas isso, talvez valesse a pena deixá-los assim, se não houvesse outro meio de mantê-los quietos; mas me parece que, ao serem assim pagos, eles se sentiam obrigados a fazer algo, e esse algo não havia de ser coisa boa, pois”, ela ardia com uma raiva repentina, “toda essa história se baseava em mentira e em falsas pretensões. Não apenas esses guardiães do rio, mas toda a classe dominante sobre quem li.”

“Exatamente. Vocês são muito felizes por se terem livrado da parcimônia da opressão!”

Ela me pareceu ansiosa e perguntou gentilmente:

“Por que você suspira? Por acaso não acredita que isso dure?”

“Para vocês vai durar.”

“E por que não para você? Certamente isso vale para todo mundo e, se o seu país ainda está atrasado, logo ele há de se recuperar. Ou você acredita que deve voltar em pouco tempo? Vou fazer agora a proposta de que falei antes e, talvez, acabar com a sua ansiedade. Eu queria propor que você viesse morar conosco no lugar para onde vamos. Sinto em você um velho amigo e não gostaria de perdê-lo.” Ela sorriu para mim e continuou: “Sabe, suspeito que você esteja nutrindo um falso pesar, como faziam os personagens ridículos dos romances do passado que li uma vez ou outra.”

Eu tinha quase começado a suspeitar de coisa semelhante em mim, mas recusei-me a admiti-lo e, assim, não suspirei mais e continuei a

contar à minha deliciosa companheira todas as pequenas histórias do rio e das terras ribeirinhas que conhecia. E assim o tempo foi passando sem contratemplos, e nós dois (ela remava melhor que eu e era incansável) conseguíamos ficar próximos de Dick, apesar do calor da tarde, e engolíamos distâncias a grande velocidade. Finalmente, passamos sob outra ponte antiga e atravessamos campinas margeadas inicialmente de olmos enormes mesclados com castanheiras mais novas mas muito elegantes e os campos se abriram tanto que às vezes parecia que as árvores só cresciam nas colinas ou em volta das casas, a não ser pelos salgueiros que cresciam às margens e, assim, aquela grande extensão de capim não se interrompia por aqui. Dick parecia muito excitado e a toda hora se levantava dentro do barco para nos mostrar que este campo era de tal ou qual espécie, ou coisas semelhantes; seu entusiasmo pelos campos de feno e pela colheita nos contagiou e remamos com vigor redobrado.

Por fim, ao passarmos por um trecho do rio onde, ao lado da sirga, havia uma margem alta e uma grande massa de juncos sussurrantes à sua frente e, do outro lado, a margem mais alta, vestida de salgueiros que se curvavam sobre a água e coroada de olmos imponentes, vimos figuras brilhantes que pareciam procurar alguma coisa; realmente estavam procurando, e nós, ou seja, Dick e seus companheiros, éramos o que eles procuravam. Dick descansou os remos e seguimos o seu exemplo. Ele deu um grito alegre para as pessoas na margem, que foi ecoado por muitas outras vozes, algumas graves, outras docemente agudas, pois havia cerca de uma dúzia de pessoas, homens, mulheres e crianças. Uma mulher bela e alta, com cabelos pretos ondulados e profundos olhos cinzas, adiantou-se, acenou graciosamente para nós e disse:

“Dick, meu querido, quase tivemos de esperar por você! Qual a sua desculpa pela grosseira falta de pontualidade? Por que não nos fez uma surpresa chegando ontem?”

“Ah”, e Dick fez um movimento quase imperceptível com a cabeça na direção do nosso barco “preferimos subir o rio devagar, pois há muita coisa a ser vista por quem ainda não havia estado aqui antes.”

“É verdade”, concordou a nobre dama, pois nobre é a palavra que se aplica a ela. “Queremos que conheçam muito bem o caminho líquido do leste, pois, a partir de agora, terão de percorrê-lo com frequência. Mas venham imediatamente para a terra, Dick, e vocês, caros amigos; há um vão no meio dos juncos e um bom local de atracação logo depois da curva. Podemos levar suas coisas ou mandar alguém buscá-las.”

“Não, não”, respondeu Dick, “é mais fácil seguir pela água, mesmo que sejam só dois passos. Além do mais, quero levar meu amigo até o local exato. Vamos seguir até o Ford e vocês podem falar conosco da margem enquanto remamos.”

Ele puxou os remos pela água e seguimos, contornando uma curva fechada e subindo um pouco para o norte. Logo vimos à nossa frente um bosque de olmeiros através do qual se via uma casa, embora eu tenha procurado em vão pelas paredes cinzentas que esperava ver ali. Enquanto avançávamos, as pessoas na margem falavam conosco, mesclando suas vozes com o canto do cuco, o pio doce e longo do melro e a nota incessante da codorna que passava pelo capim do campo a ser colhido, de onde chegavam ondas de fragrância do trevo em flor e do capim maduro.

Em alguns minutos já havíamos passado ao lado de um grande redemoinho dentro da correnteza agitada do riacho e encostamos os barcos numa faixa estreita de pedra calcária e pisamos em terra para cair nos braços de nossos amigos do Alto Tâmis, completa a nossa viagem.

Desembarcei-me da multidão alegre, subi a estrada que corria ao lado do rio pouco mais de um metro acima da água e olhei em volta. O rio descia no meio de uma grande campina à minha esquerda, que agora estava cinzenta com o capim maduro; logo a água brilhante desaparecia atrás da curva da margem, mas sobre a campina eu via as empenas de um edifício onde eu sabia haver uma eclusa e que agora parecia abrigar também um moinho. Uma cadeia baixa coberta de florestas limitava o vale do rio a sul e a sudeste, de onde acabávamos de vir, e algumas casas baixas se espalhavam pelo sopé e pelas encostas dos morros. Voltei-me um pouco para a direita e vi, através dos cachos

do pilriteiro e dos longos ramos de roseira, a campina plana que se estendia até muito longe sob o sol da tarde calma, até o limite representado por uma suave linha azul que se poderia chamar de colinas parecidas com pastos de ovelha. À minha frente os galhos de olmo ainda escondiam a maioria das casas que havia nessa moradia humana à beira do rio, mas, à direita da estrada, viam-se aqui e ali alguns edifícios muito simples da cor cinza de pedra.

Lá fiquei em estado de sonho, a esfregar os olhos como se com medo de não estar completamente acordado, quase esperando ver aquele grupo de belos homens e mulheres se transformarem em dois ou três homens pernaltas e de costas curvadas e mulheres feias, exaustas, de olhos vazios, como os que antes trabalharam o solo dessa terra com seus pés grandes e sem esperança, dia após dia, estação após estação, anos a fio. Mas não houve mudança, e meu coração se encheu de alegria ao pensar nessas lindas aldeias cinzentas, desde o rio até o plano e do plano até as colinas, que eu conseguia retratar fielmente na memória, cheias agora dessa gente feliz e amável, que atirara fora uma vida de riquezas para chegar à riqueza da vida.

Capítulo 31

A VELHA CASA E A NOVA GENTE

Enquanto eu observava, Ellen se separou de nossos alegres amigos que ainda estavam na praia e se aproximou de mim. Tomou-me pela mão e disse baixinho: “Leve-me imediatamente até a casa; não precisamos esperar os outros; eu prefiro não esperar.”

Eu ia dizer que não sabia o caminho e que os moradores nos ensinariam, mas, como se independentes da minha vontade, meus pés se moveram ao longo da estrada que já conheciam. O caminho elevado nos levou até um campo limitado de um lado por um remanso do rio; no lado direito se via um grupo de casas pequenas e de celeiros, novos e velhos e, diante de nós, um celeiro de pedra cinzenta e um muro parcialmente coberto de hera, acima do qual se viam alguns telhados. A estrada da aldeia terminava na parte rasa do remanso. Cruzamos a estrada e, mais uma vez independentemente da minha vontade, minha mão levantou o trinco de um portão no muro e vimo-nos diante de um caminho de pedra que levava à velha casa à qual o destino, assumindo a forma de Dick, estranhamente havia me trazido nesse novo mundo de homens. Minha companheira deu um suspiro de feliz satisfação; eu não me espantei, pois o jardim entre o muro e a casa tinha o perfume das flores de verão, e as rosas caíam umas sobre as outras com a abundância deliciosa de jardins pequenos e bem cuidados que afastam de quem os vê qualquer pensamento que não o da beleza. Os melros cantavam a toda força e os pombos arrulhavam no alto do telhado, as gralhas no alto dos olmos mais adiante tagarelavam entre as folhas novas e as andorinhas voavam em torno dos telhados. A própria casa era a guardiã adequada para toda a beleza desse cerne do verão.

Mais uma vez Ellen ecoou meus pensamentos ao dizer:

“Sim, amigo, vim para ver isto, esta velha casa de muitas empenas construída pelo povo simples do campo de tempos há muito passa-

dos; indiferente à agitação das cidades e cortes, ainda é linda em meio a toda a beleza criada nos últimos tempos; não me espanta terem os nossos amigos cuidado tão bem dela e com tanto orgulho. Para mim é como se ela tivesse esperado por esses dias felizes, guardando dentro de si migalhas de felicidade do passado confuso e turbulento.”

Ela me levou para perto da casa e colocou a linda mão bronzeada sobre a parede coberta de líquens como se quisesse abraçá-la e gritou: “Ai de mim! Ai de mim! Como eu amo a terra, as estações, o clima e todas as coisas ligadas a ela e que dela surgiram – como esta surgiu!”

Não consegui responder nem dizer uma só palavra. Sua exultação e seu prazer eram tão fortes e belos, expressos de forma tão completa pela sua beleza tão delicada e, ainda assim, permeada de energia, que qualquer palavra teria sido dispensável. Tive medo de que os outros chegassem e quebrassem o encanto em que ela havia me envolvido, mas ficamos ali, sob a grande empena da casa, e ninguém chegou. Ouvi as vozes alegres a alguma distância e percebi que eles estavam indo para o campo do outro lado da casa e do jardim.

Afastamo-nos um pouco e examinamos a casa: a porta e todas as janelas estavam abertas ao ar fragrante curado pelo sol; das janelas superiores pendiam festões de flores em homenagem ao festival, como se os outros participassem do amor pela velha casa.

“Vamos entrar”, Ellen disse. “Espero que nada a tenha estragado no interior, mas não acredito que isso tenha acontecido. Venha! Logo teremos de nos juntar aos outros. Eles foram para as barracas, pois é claro que haverá tendas montadas para os que preparam o feno. A casa certamente não comportaria nem um décimo das pessoas.”

Ela me conduziu até a porta, murmurando baixinho: “A terra, seu crescimento e sua vida! Se eu pudesse dizer ou mostrar como a amo!”

Entramos e não encontramos viva alma enquanto passávamos de um cômodo para o outro – do pórtico coberto de rosas até os estranhos sótãos entre as madeiras do teto, onde dormiam desde há muito tempo os pastores e agricultores da mansão, mas que agora parecia, pelo tamanho pequeno dos leitos e pela quantidade de coisas descartadas – flores mortas, penas de pássaros, cascas de ovos de es-

torninho, canecas cheias de larvas e coisas do gênero –, habitadas por meninos.

Por toda parte a mobília era escassa, apenas a estritamente necessária e a mais despojada. O amor extravagante pelo ornamento que eu observara nesse povo em outros lugares parecia aqui ter dado lugar ao sentimento de que a própria casa e suas associações eram o ornamento da vida no campo no meio do qual ficara abandonada desde os velhos tempos, e que reornamentá-la seria roubar-lhe o uso como uma peça de beleza natural.

Sentamo-nos finalmente numa sala acima da parede que Ellen havia tocado, ainda coberta de antigas tapeçarias, originalmente sem qualquer valor artístico, mas agora desbotadas em tons de cinza que se harmonizavam tão bem com a calma do lugar e que teriam sido mal substituídas por decoração mais clara e alegre.

Lá sentados, fiz a Ellen algumas perguntas a esmo, mas mal ouvi suas respostas; logo me calei e quase perdi a consciência das coisas, só sabia que estava ali naquela velha sala, os pombos cantando sobre os telhados do celeiro e do pombal diante da janela à minha frente.

Meu pensamento retornou depois do que me pareceu um minuto ou dois, mas que, como em sonhos vívidos, pareceu ter durado uma eternidade, quando vi Ellen sentada, parecendo ainda mais viva, cheia de prazer e desejo, em contraste com a tapeçaria cinza desbotada com seu desenho fútil, que só era suportável por ser tão fraco e apagado.

Ela me olhou com ternura, como se pudesse ver através de mim, e disse:

“Começou mais uma vez o seu contraste incessante entre o passado e este presente. Não é verdade?”

“É verdade. Tentava imaginar você, com sua capacidade e sua inteligência, junto com seu amor pelo prazer e sua impaciência com a restrição irracional, como seria no passado. E mesmo agora, tanto tempo passado desde que chegamos à vitória, meu coração ainda dói ao pensar em toda a vida desperdiçada ao longo de tantos anos.”

“Tantos séculos, tantas eras!”

“É verdade. Muito verdadeiro.” E fiquei novamente em silêncio.

Ela se levantou e disse: “Venha, não posso permitir que você se perca outra vez num sonho. Se temos de perdê-lo, quero que você veja tudo o que for possível antes de voltar.”

“Perder-me? Voltar? Mas eu não vou para o norte com você? O que está dizendo?”

Ela sorriu tristemente e disse: “Ainda não. E não vamos falar disso agora. Mas em que você pensava agora há pouco?”

Respondi com a voz incerta:

“Estava me perguntando: passado e presente? Ela não deveria ter mencionado o contraste entre o presente e o futuro, entre o desespero cego e a esperança?”

“Eu sabia”, disse ela. Então me tomou a mão e disse, excitada:

“Venha, enquanto ainda há tempo! Venha!” Ela me levou para fora da sala e, ao descermos as escadas e sairmos da casa para o jardim por uma porta lateral que se abria de um curioso saguão, ela disse numa voz calma, como se desejasse que eu esquecesse sua agitação repentina: “Venha! Temos de nos juntar aos outros antes que eles venham nos procurar. E permita que eu lhe diga, amigo, que você parece pronto a cair num devaneio sonhador, sem dúvida porque você não está ainda habituado à nossa vida de repouso entremeado de energia, de trabalho que é prazer e de prazer que é trabalho.”

Ela fez uma pausa e, quando saímos para o lindo jardim, ela disse: “Meu amigo, você dizia que tentava adivinhar o que eu teria sido se tivesse vivido nos dias passados de tumulto e opressão. Bem, acredito ter estudado muito bem a história daqueles dias para saber, com certeza, que eu teria sido um dos pobres, pois meu pai, quando trabalhava, era apenas um dos que cuidavam da terra. Bem, eu não o teria suportado; portanto, minha beleza, minha inteligência e minha perspicácia” (ela falou sem qualquer demonstração de falsa modéstia) “teriam de ser vendidas aos homens ricos e minha vida se teria perdido, pois eu conheço bem as coisas para saber que não teria escolha nem poder de vontade sobre a minha vida e que eu nunca teria comprado prazer dos homens ricos, nem mesmo a oportunidade de ação por meio da qual eu poderia ganhar alguma excitação. Eu teria sido destruída e perdida

de uma forma ou de outra, fosse pela miséria fosse pelo luxo. Não é verdade?”

“É verdade”, concordei.

Ela ia dizer mais alguma coisa quando se abriu na cerca um portão que se abria para um campo sombreado por olmos e por ele entrou Dick, que subiu pelo jardim com uma alegria apressada, e logo estava entre nós dois, uma mão no ombro de cada um.

“Muito bem, amigos, imaginei que vocês gostariam de ver a velha casa com calma, sem a companhia de uma multidão. Não é realmente uma jóia de casa dentre as de sua espécie? Mas agora venham, pois está chegando a hora do almoço. Talvez você, Guest, queira nadar um pouco antes de nos sentarmos para o que, imagino, há de ser um longo banquete.”

“Sim, eu gostaria muito.”

Clara veio do campo enquanto ele falava e, com um olhar para Ellen, voltei-me e segui Dick, cheio de dúvidas de que pudesse vê-la outra vez.

Capítulo 32

O COMEÇO DA FESTA – O FIM

Dick me levou imediatamente para uma pequena campina que, como eu tinha visto do jardim, estava coberta de barracas coloridas distribuídas em fileiras ordenadas, em volta das quais se sentavam cerca de 50 ou 60 homens, mulheres e crianças, todos na maior alegria e no maior prazer – por assim dizer, numa disposição de feriado.

“Você deve estar pensando que nossos números não impressionam”, disse Dick, “mas você tem de se lembrar que amanhã teremos mais pessoas, porque nesse trabalho de preparação do feno há espaço para muitas pessoas não habilitadas em atividades do campo, e há muitos que levam uma vida sedentária a quem seria uma crueldade privar do prazer dos campos de feno – geralmente homens de ciência e estudiosos em clausura. Assim, os trabalhadores qualificados e os capatazes da colheita do feno se afastam, querendo ou não, para um bom descanso, o que para eles é muito bom; ou então eles vão para outras regiões, como eu faço. Porque os homens de ciência, os historiadores e os estudiosos não são desejados, a menos que o trabalho de secagem já esteja adiantado, o que só vai ocorrer depois de amanhã.” Assim falando, ele me conduziu para fora do campo por um dique acima da campina próxima ao rio e dali, virando à esquerda numa trilha que cortava o capim pronto para a colheita, grosso e muito alto, e continuou até chegarmos ao rio acima da barragem e do moinho. Nadamos ali deliciosamente, numa lagoa ampla acima da comporta, onde o rio parecia muito mais largo que seu tamanho natural por ter sido contido pela barragem.

“Agora estamos prontos para o almoço”, disse Dick, quando já estávamos vestidos e atravessando o capim. “E, certamente, de todas as refeições alegres do ano, a da colheita do feno é a mais alegre, mais até

mesmo que a festa da colheita do milho, pois nesta o clima já começa a falhar e não se pode evitar o sentimento, que se oculta por trás de toda a alegria, da proximidade dos dias escuros, dos campos mortos e dos jardins vazios, e a primavera ainda está muito longe para ser esperada. É então, no outono, que quase se acredita na morte.”

“Como é estranha a sua fala sobre coisas tão recorrentes e comuns como a seqüência das estações.” Na verdade, aquelas pessoas eram como crianças no trato com tais coisas e tinham um interesse que me parecia exagerado no clima, num belo dia, na noite escura ou enluarada e em coisas semelhantes.

“Estranho? Por que seria estranho ter interesse no ano, em seus ganhos e perdas?”

“Quero dizer, se vocês acompanham o curso do ano como um drama belo e interessante, que me parece ser o que fazem, vocês deveriam apreciar e se interessar pelo inverno, seus problemas e dores, como apreciam este maravilhoso luxo do verão.”

“E não é o que fazemos?”, perguntou ele, caloroso. “Eu apenas não consigo ver esse drama como se estivesse sentado no teatro a ver a peça se desenrolar na minha frente sem que eu dela participe. É difícil para um homem não literário como eu fazer-se entender corretamente, como o faz a nossa querida Ellen; mas quero dizer que sou parte do drama e sinto em mim a dor e o prazer. Ele não é feito para mim, apenas para que eu possa comer, beber e dormir; eu próprio sou parte dele.”

À sua maneira, assim como Ellen à dela, Dick tinha o amor apaixonado pela terra que era comum a muito poucas pessoas nos dias que eu conhecera, dias em que o sentimento dominante entre as pessoas do intelecto era uma espécie de desgosto azedo pelo drama variável do ano, pela vida na terra e suas relações com os homens. De fato, naqueles dias considerava-se poético e imaginativo encarar a vida como algo a ser suportado, não gozado.

Com esses pensamentos eu me distraí até que o riso de Dick me trouxesse de volta aos campos de feno de Oxfordshire. “Uma coisa que me parece estranha é eu ter de suportar o inverno e sua escassez junto

com a abundância do verão. Se eu já não o tivesse vivido antes, teria pensado que seria culpa sua, amigo, que você teria lançado sobre mim um feitiço. Mas isso é apenas um chiste, você não deve levá-lo a sério.”

“Não vou”, respondi. Mesmo assim suas palavras me fizeram sentir certo desconforto.

Desta vez cruzamos o dique e não voltamos para a casa, seguimos por uma trilha que margeava um campo de trigo quase no ponto de florescer. “Então não vamos almoçar na casa nem no jardim? De fato não era o que eu esperava. Então, como as casas são geralmente muito pequenas, onde vamos nos reunir?”

“Você tem razão, as casas de camponeses nesta região são pequenas; há tantas casas antigas e boas que muitas pessoas moram nessas casinhas isoladas. Quanto ao nosso almoço, nossa festa vai acontecer na igreja. Pensando em você, eu gostaria que ela fosse grande e bela como a da antiga cidade romana a oeste, ou a da cidade da floresta ao norte; mesmo assim, ela vai nos acomodar a todos e, apesar de pequena, ela tem a sua beleza.”

Para mim isso era uma novidade, esse almoço na igreja, e me lembrei das festas da cerveja na igreja que havia na Idade Média, mas nada disse, e logo chegamos à estrada que atravessava a aldeia. Dick olhou para cima e para baixo e, ao ver apenas dois grupos a passear à nossa frente, disse: “Parece que estamos um pouco atrasados; todos já foram e, com certeza, eles vão comentar o fato de terem de esperar por você, como o convidado dos convidados, já que você vem de tão longe.”

Enquanto falava, ele apertou o passo, e eu o acompanhei; logo chegamos a uma pequena alameda de limeiras que nos levou diretamente ao adro da igreja, de cuja porta aberta vinha o som de vozes animadas, risos e muita alegria.

“É o lugar mais fresco nesta tarde quente. Venha, eles vão gostar de vê-lo.”

De fato, apesar do banho, eu sentia o dia mais quente e opressivo do que qualquer outro daquela nossa viagem.

Entramos na igreja, que era um edifício pequeno e simples com um corredor lateral separado da nave principal por três amplos arcos

redondos, o espaço do altar, e um transepto muito espaçoso para igreja tão pequena; as janelas eram em sua maioria graciosos exemplos do estilo Oxfordshire do século XIV. Não havia qualquer decoração arquitetônica moderna; parecia que nenhuma havia sido tentada desde que os puritanos cobriram de cal os santos medievais e as histórias nas paredes. Mas ela estava alegremente enfeitada para este festival, com grinaldas de flores de cada arco ao seguinte, e grandes vasos de flores espalhados pelo chão. Sob a janela a oeste havia duas segadeiras cruzadas, as lâminas muito polidas brilhando no meio das flores que as envolviam. Mas o melhor ornamento era o povo, composto de homens e mulheres belos e felizes sentados à mesa que, com faces alegres e cabelos ricos sobre a roupa de festa, pareciam, como diria o poeta persa, um canteiro de tulipas ao sol. Embora a igreja fosse pequena, havia muito espaço, pois uma igreja pequena é uma casa grande, e nesta tarde não fora necessário colocar mesas no transepto, embora certamente elas seriam necessárias no dia seguinte, quando chegassem os sábios de quem Dick havia me falado para dar sua contribuição modesta na preparação do feno.

Fiquei parado na porta com o sorriso de expectativa que tem o homem que espera participar de uma festividade que está decidido a aproveitar. Dick, parado ao meu lado, corria os olhos pelo grupo com um ar que me pareceu de proprietário. À minha frente sentavam-se Clara e Ellen, com um lugar vago para Dick entre elas; as duas estavam sorrindo, mas cada uma se voltava para o vizinho ao lado, com quem conversavam, e nenhuma delas parecia ter-me visto. Olhei para Dick, esperando que ele me levasse à frente, e ele se voltou para mim; mas era estranho, apesar de sorrir alegre como sempre, ele não respondeu ao meu olhar. Não, na verdade ele parecia não ter noção da minha presença, e então notei que ninguém olhava para mim. Senti uma dor me cortar, como se uma tragédia havia muito esperada de repente se realizasse. Dick se moveu um pouco sem uma palavra para mim. Eu estava a menos de três metros das mulheres que, apesar de terem sido minhas companheiras por período tão curto, eu esperava ter tornado realmente minhas amigas. O rosto de Clara voltava-se agora direta-

mente para mim, mas ela parecia não me ver, apesar de eu tentar atrair o seu olhar com o meu. Olhei para Ellen, e ela pareceu *realmente* me reconhecer por um instante, mas imediatamente seu lindo rosto se entristeceu e ela balançou a cabeça com um ar de luto e, no instante seguinte, toda a consciência de minha presença havia desaparecido de seu rosto.

Senti-me solitário e triste, de uma forma que as palavras não descrevem. Esperei mais um minuto, então virei-me e saí da igreja, voltei pela alameda de limeiras até a estrada, enquanto os melros estridentes cantavam dos arbustos à minha volta na tarde quente de junho.

Mais uma vez sem qualquer esforço consciente da vontade eu tomei a direção da velha casa à beira do rio, mas quando virei a esquina que conduzia às ruínas da cruz da aldeia, encontrei uma figura estranhamente contrastante com as pessoas alegres e belas que eu acabara de deixar na igreja. Era um homem que parecia velho, mas que, eu sabia por hábito agora meio esquecido, pouco tinha passado dos 50 anos. O rosto era enrugado e manchado, não sujo; os olhos vazios e lacrimosos; o corpo curvo, as pernas finas, os pés a se arrastar mancando. Suas roupas eram uma mistura de sujeira e andrajos que eu conhecia bem. Ao passar por mim, ele tocou o chapéu, como a me saudar com boa vontade e cortesia, mas também com muito servilismo.

Indizivelmente chocado, passei por ele e corri pela estrada que levava ao rio e à parte baixa da aldeia, mas vi de repente uma nuvem negra que se aproximava de mim, como num pesadelo dos dias da minha infância, e durante algum tempo perdi a consciência de tudo, exceto do fato de estar no escuro, sem saber se estava andando, sentado ou deitado.

Estava deitado na cama, na minha casa da sombria Hammersmith, pensando em tudo o que se passara e tentando imaginar se estava tomado pelo desespero de descobrir que tudo fora um sonho, mas, estranhamente, eu não me via assim desesperado.

Teria sido realmente um sonho? Se assim fosse, por que eu estava tão consciente durante todo o tempo de estar vendo de fora aquela

nova vida, ainda envolvido nos preconceitos, nas ansiedades e na desconfiança deste tempo de dúvida e luta?

Durante todo o tempo, apesar de meus amigos me parecerem tão reais, eu sentia nada ter em comum com eles, como se tivesse certeza de que iriam me rejeitar e dizer, como parecia dizer o último olhar melancólico de Ellen: “Não adianta, você não pode ser um de nós; você é parte tão integral da infelicidade do passado que talvez nossa felicidade fosse apenas tediosa para você. Volte, agora você já nos viu e seus olhos aprenderam que, apesar de todas as máximas infalíveis de seu tempo, ainda se pode esperar um tempo de paz para o mundo, quando a dominação se tiver transformado em companheirismo – mas não antes. Volte e, enquanto viver, você há de ver pessoas forçando outras a viver uma vida que não é sua e sem dar o menor valor às suas próprias; homens que odeiam a vida apesar de temerem a morte. Volte e seja feliz por nos ter visto, por ter acrescentado um pouco de esperança à sua luta. Continue a viver enquanto puder, enfrentando toda dor e toda dificuldade que surgirem, para construir passo a passo o novo dia de amizade, paz e felicidade.”

É verdade! E, se outros puderem ver como eu vi, então talvez o que vi possa ser considerado uma visão, e não um sonho.

ÍNDICE REMISSIVO

- Abadia de Westminster, 62
 Abensour, Miguel, 17n
 Agricultores, 115, 117, 300
 Agricultura, 266
 América, 156
 Amizade, 16, 34, 97, 203, 213, 312
 Amor, 19, 69, 94, 95, 96, 97, 98, 102, 103, 131, 159, 194, 195, 203, 245, 251, 271, 272, 284, 300, 301, 308
 Anarquistas, 13, 15, 16, 18, 23, 41n
 Anticapitalismo romântico, 14
 Antiga Babilônia, 109
 Antiguidade, 47, 89, 241
 Antiguidade clássica, 40
 Aristocracia, 240
 Aristocracia do intelecto, 145
 Aristocratas, 240
 Aritmética, 108
 Arquitetura, 18, 39, 52, 81, 89, 111, 114, 116, 141, 160, 205, 221
 Arte, 9, 11, 114, 156, 162, 174, 196, 210, 266, 267, 284, 285
 Arte da impressão, 45
 Arte da leitura, 209
 Arte de viver, 107, 265
 Arte do Saber, 113
 Arte medieval, 161
 Artes aplicadas e decorativas, 9, 11, 12, 18
 Artes da vida, 265
 Artes de vender e comprar, 67
 Artesanato, 70, 81, 159, 266, 267, 268
 Artesãos, 45, 116
 Artigos industrializados, 266
 Associações de trabalhadores, 180
 Aveling, Edward, 13, 23n
 Barateamento da produção, 151
 Barbárie, 194
 Basílica de São Marco, 11
 Batistério de Florença, 18, 52
 Bax, Belfort, 13, 23n
 Beleza, 9, 11, 46, 68, 93, 97, 98, 102, 103, 111, 115, 197, 210, 214, 215, 219, 220, 221, 222, 226, 227, 234, 239, 243, 253, 268, 271, 277, 279, 283, 284, 287, 292, 299, 300, 301, 302, 309
 Bellamy, Edward, 16
 Biblioteca, 89, 240
 Biblioteca Bodleian, 269
 Bloch, Ernst, 17
 Bloomsbury, 46, 72, 97, 110, 157, 232, 234, 236
 Boa vizinhança, 129
 Burocratismo, 16
 Caber, Etienne, 17
 Câmara dos Comuns, 181
 Câmara dos moradores, 116
 “Canção da camisa”, 110
 Capitalismo, 10, 14, 15
 Capitalismo de Estado, 17
 Carlyle, 10
 Cartéis industriais, 17
 Casamento, 150
 Casas do Parlamento, 62, 67, 77, 176
 Castelo de Windsor, 241
 Catedral de Amiens, 10
 Centros industriais, 112
 Cidades menores, 113
 Ciência, 102, 156, 195, 267, 307
 Ciúme, 246
 Civilização, 23, 141, 151, 152, 153, 156, 268
 Civilização capitalista/industrial moderna, 10
 Civilização do comércio e da indústria competitiva, 11
 Civilização gótica, 10
 Civilização moderna, 11

Classe dominante, 170, 171, 178, 180, 184, 293
 Classe escrava, 168
 Classe rica, 130, 183
 Classes altas, 168
 Classes criminosas, 130
 Classes educadas, 114
 Classes inferiores, 167, 172
 Classes médias, 166, 182, 184
 Classes médias ricas, 114
 Classes oprimidas, 18
 Classes privilegiadas, 171
 Classes produtivas, 180
 Classes superiores, 102
 Classes trabalhadoras, 114, 167, 168
 Código de opinião pública, 99
 Colney Hatch, 34, 35
 Comercialismo, 194, 243
 Comerciante, 98, 134, 174
 Comércio, 72, 133, 153, 170
 Comitê para Segurança Pública, 173, 174, 175, 179, 180, 181, 184, 187
 Comitês de trabalhadores, 183
Commonweal, The, 13, 15
 “Como me tornei um socialista”, 13, 14
 Competição, 153, 196, 226
 Comuna, 143
 Comunismo, 15, 18, 19, 145, 171, 180, 188
 Comunismo integral, 274
 Comunismo puro, 166
 Conciliação, 188
 Concorrência, 224
 Confraria Pré-Rafaelita, 10
 Conselho de Conciliação, 187
 Conspiração reacionária, 181
 Contra-revolução, 18, 150, 188
 Corporações de trabalhadores, 185
 Corrupção, 121, 169, 234
 Cortiços, 109, 110, 111, 112
 Crimes, 110, 130, 133, 150, 247, 251
 Crimes de violência, 130, 131
Daily Telegraph, 182
 Democracia, 19, 144, 178, 179
 Depressão, 73
 Desaparição da política, 19
 Dickens, Charles, 46, 47, 185, 201
 Diferença de opinião, 142, 143
 Diferença entre cidade e campo, 115
 Dinheiro, 33, 68, 169, 174, 292
 Direito civil, 130, 133
 Direito criminal, 133
 Direitos de propriedade, 123
 Distritos industriais, 112, 114
 Ditadura, 121
 Divórcio, 96
 Doença do ócio, 73
 Domingo sangrento, 16, 78n
 Ecologia, 18
 Economia, 14, 115
 Economia política, 43
 Economia social, 68
 Edifícios velhos, 63
 Eduardo III, 34
 Eduardo VI, 240
 Educação, 59, 107, 108, 151, 162, 183, 240
 Educação mental, 60
 Egoísmo, 69, 167
 Engels, Friedrich, 13, 15, 16
 Era da máquina, 266
 Eruditos, 62, 114
 Escassez de mão-de-obra, 114
 Escassez de trabalho, 81, 89, 155
 Escola, 59, 107
 Escravidão, 103, 153, 168, 188, 190, 194, 196
 Escravidão comercial, 18, 166
 Escravidão do trabalho, 153
 Escravos, 57, 102, 107, 142, 145, 167, 168, 195, 196, 267
 Espírito de equipe, 266
 Essex, 112, 117
 Estado burguês, 11
 Estado de sítio, 175, 178, 179, 181
 Estado socialista, 170
 Estados Unidos, 156
 Estética, 9, 14, 45
 Ética, 14
 Executivo, 173, 174

Exército, 121, 122, 180
 Exércitos feudais, 116
 Fabianos, 16
 Fábrica, 31, 32, 82, 116, 118, 171, 188
 Falanstérios, 109
 Falanstérios fourieristas, 109
 Federação Democrática, 12, 13
 Federação dos Trabalhadores, 182
 Federação Unida dos Trabalhadores, 173
Feira de vaidades, 236
 Fine Art Workmen, 11
 Floresta de Epping, 42, 43, 45, 57, 233
 Florestas, 19, 32, 57, 116, 117, 239, 251, 295
 Formas artesanais de produção, 12
 Fourier, Charles, 149
 Fraternidade, 19
 Fumaça, 31, 82
 Futuro pós-capitalista, 11
 Galeria Nacional, 81
 Geografia, 159
 Golpe de Estado, 180
 Governo britânico, 153
 Governo de proteção da propriedade pelos tribunais, 124
 Governo dos tribunais e da polícia, 123
 Governo liberal, 181
 Grã-Bretanha, 156
 Grande massacre, 180
 Grande mudança, 13, 18, 195, 268
 Greve, 166, 169, 183, 184, 188
 Greve Geral, 18, 182
 Grimm, 232
 Guarda civil burguesa, 172
 Guerra, 10, 45, 124, 166, 168, 171, 175, 180, 186, 187, 188, 189, 193, 194, 196
 Guerra civil, 11, 18, 178, 180, 181, 187, 189, 193
 Hammersmith, 29, 40, 41, 41n, 42, 51, 52, 68, 83, 94, 95, 97, 109, 112, 160, 165, 197, 209, 215, 221, 224, 233, 272, 311
 Hipocrisia, 99, 152
 História, 14, 61, 95, 100, 114, 122, 159, 224, 240, 265, 286, 291, 302
 História Antiga, 73
 História natural, 42
História Natural da Islândia, 137
História social democrática, 78
 Hood, Thomas, 110, 110n
 Horrebow, Niels, 137
 Hyndman, 12, 13
 Idade Média, 10, 47, 88, 114, 195, 309
 Idéia de educação, 107
 Idéia de ser pago por seu trabalho, 34
 Idéias socialistas, 15
 Igualdade, 19, 166, 167, 188, 267, 284
 Império da Grã-Bretanha, 187
 Individualismo, 19
 Inglaterra, 9, 13, 16, 34, 44, 94, 115, 116, 123, 137, 175, 220, 234, 272, 277
 Inimigos do Estado, 130
 Injustiça do Estado, 130
 Instinto revolucionário, 189
 Inveja, 131
 Islândia, 11, 137
 Jardins de Kensington, 57
 Jornais socialistas, 182
Justice, 13, 14
 Kumar, Krishan, 23n, 41n, 78n, 110n, 111n, 137n
 Lane, Joseph, 13
 Legislativo, 100
 Lei penal, 130
 Leis criminais, 79, 133
 Leis de mercado, 133
 Leis de propriedade privada, 130, 131
 Leitura de livros, 19
 Leopoldo II, 153n
 Liberais, 10, 171, 178
 Liberdade, 19, 39, 102, 103, 145, 150, 166, 167, 168, 189, 196, 267, 268
 Liberdades individuais, 19
 Líderes, 122, 172, 180, 181, 185, 187, 189
 Liga Socialista, 13, 23, 23n, 41n, 42
 Línguas antigas, 61
 Linvingstone, David, 153n
 Literatura, 162, 224
 Livros, 43, 47, 60, 61, 62, 78, 79, 80, 87, 89, 90, 209, 224, 225, 235, 236, 240, 269, 272

Livros de história, 72, 225, 292
 Livros de medicina, 73
 Livros medievais, 94
 Londres, 19, 112, 175, 182, 219n, 266
Looking Backward, 16
 Löwy, Michael, 10n
 Lucro, 10, 11, 15
 Luta de classes, 13, 16
 Luxúria, 97
 Mais-valia, 12
Manchester, 172, 173
 Manufatura, 243
 Máquina, 18, 152, 154, 155, 167, 177, 266, 268
 Maquinicismo, 12
 Marinha, 19, 121, 122
 Marx, Eleanor, 13
 Marx, Karl, 13, 15, 18
 Marxismo, 11
 Massacre de Trafalgar Square, 18
 Matemática, 35, 43, 45, 61, 108
 Maternidade, 101, 102
 Mercado de Kensington, 57
 Mercado Mundial, 151, 152, 153, 180
 Mercadoria, 10, 14, 89, 133
 Miséria, 11, 109, 115, 116, 125, 145, 152, 153, 166, 167, 170, 171, 303
 Moderna Babilônia, 109
 Modo de produção capitalista, 14
 Moedas, 33, 34, 68
 Monopólio de classe, 115
 Moralistas, 69, 224
 More, Thomas, 17
 Movimento de Emancipação Feminina do século XIX, 100
 Movimento feminista, 19
 Movimento socialista, 9, 14
 Museu Britânico, 88
 Nações estrangeiras, 141
 Não-fumantes, 69
 Naturalistas, 57
 Natureza, 18, 98, 99, 116, 117, 152, 170, 171, 196, 210, 267
 Natureza humana, 142
 Negócio, 33, 60, 121, 124, 125, 142, 153, 173, 293
New York Herald, 153n
Notícias de Lugar Nenhum, 15, 16, 17, 18
O Capital, 13
 O Fim da Miséria, 110
 Obras de arte, 156, 210, 268
 Ócio, 72, 272, 284
 Oficinas grupais, 82
 Operários, 12, 16, 72, 83, 123, 124, 151, 168
 Oportunismo, 16
 Oxford, 82, 88, 113, 114, 246, 259, 269, 273
 Parlamento, 121, 122, 173, 179, 180, 181, 241, 265
 Partido, 23, 142, 172, 178, 193
 Partido reacionário, 172
 Passado pré-capitalista, 10, 11
 Patriotismo, 141
 Patrões, 72
Pedras de Veneza, 10
 Pensamento socialista, 13
 Período comercial, 141
 Período comunitário imperfeito, 274
 Período da Degradação, 241
 Período de transição, 166
 Pessoas pobres, 53, 111
 Pobreza, 108, 109, 113, 115, 124, 125, 223, 265
 Polícia, 19, 78n, 121, 122, 172, 173, 174, 175, 181, 182, 184, 195
 Política, 18, 137, 142, 150
 Ponte Vecchio de Florença, 31
 Posição social da mulher, 19
 Praga da edição de livros, 45
 Prazer no trabalho, 196
 Pré-rafaelitas, 11
 Princípio Esperança, 17
 Prisão, 19, 79, 80, 123, 181, 183, 235, 247
 Procusto, 99
 Produção barata, 151, 152
 Progresso burguês, 11
 Promoção social, 180
 Propriedade, 12, 97, 123, 124, 130, 133, 150, 167, 193

Propriedade coletiva, 12
 Propriedade privada, 130, 145, 274
 Radicais, 43, 172
 Rainha Vitória, 9
 Reacionários, 170, 174, 175, 178, 181, 188, 189, 196
 Rebeldes, 18, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 190, 193, 194
 Recompensa pelo trabalho, 149
 Reinado de Vitória, 34
 Relação entre os sexos, 97
 Relações entre homens e mulheres no comunismo, 19
 Religião da humanidade, 195
 Remorso, 132, 247
 Reno, 71, 292
 Republicanismo, 121
 Reservas de caça, 239, 254
 Restauração reacionária, 11
 Revolução, 13, 23, 166, 178, 187, 193, 268
 Revolução proletária, 11
 Revolução social, 13
 Revolução socialista, 16
 Ricardo II, 88
 Romance utópico-revolucionário, 19
 Romances de época, 47
 Romances góticos, 11
 Romances reacionários, 47
 Romantismo, 9, 10, 10n, 18
 Romantismo restitucionista, 10
 Rosseti, Dante Gabriel, 10
 Rousseau, 10
 Rowlands, John, 153n
 Ruskin, John, 10
 Saber comercial, 113
 Saber livresco, 60, 61
 Salários, 114, 149, 170, 293
 Sayre, Robert, 10n
 Século XIV, 18, 31, 40, 51, 115, 310
 Século XIX, 9, 17, 34, 42, 45, 79, 87, 88, 98, 100, 101, 103, 108, 109, 111, 113, 114, 116, 117, 118, 121, 123, 149, 152, 154, 161, 166, 170, 172, 195, 258, 273, 292
 Século XVII, 181
 Século XVIII, 10
 Século XX, 115
 Segurança da sociedade, 131
 Senhores da política, 142
 Senhores de escravos, 72
 Senhores do trabalho, 185
 Shakespeare, 88
 Shaw, George Bernard, 16
 Sindicatos, 169
 Síria, 87
 Sistema capitalista, 11
 Sistema de classes, 123
 Sistema de compra e venda, 151
 Sistema de ensino, 59
 Sistema de escravidão, 167
 Sistema de propriedade, 15
 Sistema do comércio, 171
 Sistema moderno de trabalho e produção, 169
 Sistema utópico, 17
 Socialismo, 10
 Socialismo de Estado, 16, 168, 170, 171
 Socialistas utópicos, 18
 Sociedade burguesa, 9
 Sociedade de homens livres e iguais, 143
 Sociedade educada, 23
 Sociedade igualitária, 18
 Sociedade socialista, 11
 Sociedade Socialista de Hammersmith, 41n
 Solidariedade, 19
 Sordidez, 242, 243, 284, 285
 Stanley, Henry Morton, 153n
 Suicídio, 251
 Tâmis, 19, 24, 29, 31, 111, 176, 213, 219, 220, 233, 243, 244, 272, 273, 277, 279, 283, 287, 295
 Taxas de assistência social dos romanos, 170
 Tecelagem, 35, 45
 Tennyson, 271
 Teorias comunistas, 171
 Teorias socialistas, 13, 15
 Terras incultas, 116, 117

- Thackeray, 236
The Complete Angler, 111n
 Thompson, E. P., 19
 Tirania, 99, 125, 146, 210
 Tirania da maioria, 145
 Tirania da sociedade, 145
 Tirania de classe, 101
 Tirania familiar, 131
 Tiranos, 195, 274
 Tiranos da sociedade, 166
 Tiranos do socialismo, 178
 Trabalhadores Artistas, 11, 18
 Trabalhadores Reunidos, 171
 Trabalho, 14, 31, 33, 34, 35, 36, 39, 43, 44,
 45, 60, 62, 63, 72, 73, 81, 82, 83, 84, 89,
 90, 110n, 116, 117, 134, 145, 149, 150,
 151, 152, 156, 169, 170, 180, 182, 189,
 196, 197, 205, 210, 214, 215, 225, 232,
 235, 242, 252, 254, 258, 259, 260, 261,
 266, 267, 268, 270, 284, 285, 302, 307,
 308
 Trabalho de grupo, 82
 Trabalho desagradável e sem inteligência, 12
 Trabalho duro, 58, 258
 Trabalho excessivo, 197
 Trabalho extra, 152
 Trabalho mecânico, 150, 266, 268
 Trabalho necessário, 82, 267
 Trabalho prazeroso, 63, 82, 155, 213, 302
 Trabalhos manuais, 82
 Trafalgar Square, 75, 78, 78n, 172, 173, 175,
 176, 178, 179, 183, 186
 Tribunais, 96, 97, 99, 122, 123, 180
 Tribunais civis, 130
 Tribunais de divórcio, 97
Utopia, 17
 Utopia, 17n, 18, 19
 Valores pré-capitalistas, 10
 Verdadeiro saber, 113
Viagem a Icária, 17
 Vontade da maioria, 121, 143
 Vulgaridade, 48, 219, 234, 284
 Vulgaridade industrial/capitalista, 10
 Walton, Izaak, 111, 111n